

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS**

TALITA OLIVEIRA ALMEIDA

**IMAGENS DA ESPANHA CINDIDA: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE MULHERES
NA TRILOGIA DE LA MEMORIA, DE JOSEFINA ALDECOA**

BELO HORIZONTE
2023

Talita Oliveira Almeida

**IMAGENS DA ESPANHA CINDIDA: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE MULHERES
NA TRILOGIA DE LA MEMORIA, DE JOSEFINA ALDECOA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas. Área de concentração: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Professora Dra. Elisa Maria Amorim Vieira

BELO HORIZONTE
2019

Almeida, Talita Oliveira.

A357.Ya-i Imagens da Espanha cindida [manuscrito] : história e memórias de mulheres na Trilogia de la Memoria, de Josefina Aldecoa / Talita Oliveira Almeida. – 2023.

1 recurso online (144 f.) : pdf. Orientadora: Elisa Maria Amorim

Vieira.

Área de concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas. Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

I. Aldecoa, Josefina R., 1926 - 2011. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Ficção espanhola – História e crítica – Teses. 3. Mulheres e literatura – Teses. 4. Espanha – História – Guerra Civil, 1936-1939 – Literatura e a guerra – Teses. 5. Memória na literatura – Teses. I. Vieira, Elisa Amorim, 1962- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 863.62



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *IMAGENS DA ESPANHA CINDIDA: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE DE MULHERES NA TRILOGIA DE LA MEMORIA, DE JOSEFINA ALDECOA*, de autoria da Mestranda TALITA OLIVEIRA ALMEIDA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Elisa Maria Amorim Vieira - FALE/UFMG - Orientadora

Profa. Dra. Laurenny Aparecida Lourenço da Silva - FALE/UFMG

Prof. Dr. Ivan Rodrigues Martin - UNIFESP

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Rodrigues Martin, Usuário Externo**, em 01/12/2023, às 08:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Maria Amorim Vieira, Professora do Magistério Superior**, em 01/12/2023, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laurenny Aparecida Lourenço da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 01/12/2023, às 14:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2851286** e o código CRC **F1A3D59A**.

Referência: Processo nº 23072.267717/2023-96

SEI nº 2851286

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG.

Agradeço ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço, de modo em especial, à professora Elisa Maria Amorim Vieira pela orientação, amizade e pelos incentivos em continuar com a pesquisa.

Agradeço ao Departamento de Psicologia da UFMG, de modo especial, ao Serviço de Psicologia aplicada - SPA, que foram fundamentais na luta por minha saúde mental, meus sinceros agradecimentos ao Dr. Geraldo Alves Lacerda, às profissionais, Maribel, Beatriz e à minha psicóloga Ester.

Agradeço à minha mãe e aos meus amigos que estiveram comigo nos bons e maus momentos ao longo da minha vida acadêmica, Alexandre Miguel, Amanda, Camila Fortunato, Claudiana Gomes, Ícaro, Ingrid, João Pedro, Lorena Cler e Luiz Burieque.

Agradeço, também, aos membros da Banca Examinadora desta dissertação, a professora Laury Aparecida Lourenço da Silva, aos professores Ivan Rodrigues Martin, Marcos Antônio Alexandre e Tarcísio Cordeiro.

Agradeço, por fim, a tantas mulheres que lutaram e lutam todos os dias para a luta pela igualdade, direitos e liberdade dessa sociedade patriarcal.

Lutei pelo bom, pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo.

(Olga Gutmann Benário Prestes, 12 de fevereiro de 1938)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma interpretação da Trilogia da Memória nos romances escritos por Josefina Aldecoa, tomando como análise os fatos históricos ocorridos durante o século XX na luta pelos direitos das mulheres no contexto espanhol e como isso afeta os diferentes pontos de vista das personagens encontradas nos três romances. Para isso, identificamos as representações da memória coletiva e individual da autora e de que modo isso se reflete nas personagens femininas. Ademais, refletimos sobre a imagem da Espanha feita pelas protagonistas em diferentes momentos em que transcorre a trilogia: República, Guerra Civil, Franquismo e Exílio.

Palavras-chave: Mulher; Espanha; Guerra Civil; Exílio.

ABSTRACT

In order to properly comprehend the Trilogy of Memory in the works by Josefina Aldecoa, this paper will examine historical events related to the 20th-century fight for women's rights in the Spanish context and how they impacted the various character points of view in the three books. In order to accomplish this, we recognize the ways in which the female characters reflect the author's individual and collective memory representations. In addition, we consider the portrayal of Spain by the main characters over the three distinct periods of the trilogy—the Republic, the Civil War, Francoism, and Exile.

Keywords: Women; Spain; Civil War; Exile.

RESUMEN

Este trabajo presenta una interpretación de la Trilogía de la Memoria en las novelas escritas por Josefina Aldecoa, analizando los hechos históricos sucedidos durante el siglo XX en la lucha por los derechos de la mujer en el contexto español y cómo esto incide en los diferentes puntos de vista de los personajes que aparecen en las tres novelas. Para eso, identificamos las representaciones de la memoria colectiva e individual de la autora y cómo esta se refleja en los personajes femeninos. Además, se hace una reflexión acerca de la imagen hecha de España por las protagonistas en los diferentes tiempos que transcurre la trilogía: República, Guerra Civil, Franquismo y Exilio.

Palabras-clave: Mujer; España; Guerra Civil; Exilio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DO PASSADO DA MULHER ESPANHOLA.....	16
1.1. A MULHER ESPANHOLA NO SÉCULO XIX.....	16
1.2. SÉCULO XX E GRANDES TRANSFORMAÇÕES PARA A LUTA FEMINISTA.	27
1.3. A HISTÓRIA ESPANHOLA EM HISTORIA DE UNA MAESTRA.....	35
1.4. O CASAMENTO, A CONTEMPLAÇÃO DO REFLEXO NO ESPELHO E A MATERNIDADE.....	48
1.5. SEGUNDA REPÚBLICA ESPANHOLA E AS MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO....	66
1.6. O INÍCIO DE MUDANÇAS: AS SIGNIFICATIVAS CONQUISTAS NOS DIREITOS CIVIS PARA AS MULHERES DURANTE A II REPÚBLICA E O BIÊNIO NEGRO.....	73
1.7. A REVOLUÇÃO DE 1934, A PARTICIPAÇÃO FEMININA E A GUERRA CIVIL ESPAHOLA.....	79
2. AS PROTAGONISTAS DA GUERRA: TESTEMUNHAS FICCIONAIS DO CONTEXTO ESPANHOL NA METADE DO SÉCULO XX.....	90
2.1. JOSEFINA ALDECOA E A MEMÓRIA DE UMA GERAÇÃO.....	90
2.2. A PERSPECTIVA DE UMA CRIANÇA SOBRE A GUERRA.....	92
2.3. AS MULHERES NA GUERRA CIVIL E NO PRIMEIRO FRANQUISMO.....	104
2.4. O EXÍLIO, O REGRESSO E A TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA.....	111
2.5. O EXÍLIO INTERNO DE JOSEFINA ALDECOA.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137

INTRODUÇÃO

É de comum acordo que a história e a literatura convivem desde sempre lado a lado. Enquanto uma busca a relação de fatos e registros escritos e orais, a outra busca através da linguagem o estudo e análise da construção de sentidos e significados elaborados pela leitura e interpretação do leitor. Mesmo se estabelecendo uma distância entre essas duas ciências, há o ponto em que se encontra a verossimilhança dentro do discurso, pois, de fato um texto literário apresenta acontecimentos históricos, já que o autor estava inserido em um momento importante e sendo influenciado por este, acarretando assim, a presença de uma contextualização dentro da obra ficcional.

É por essa razão que os estudiosos da literatura se interessam por esse encontro da história na narrativa, para entender a interpretação do leitor, bem como o ponto de vista do autor ao inserir o real na ficção. Com efeito, temos na narrativa histórica o papel de compreender o presente por meio da representação do passado, pois, tanto para Paul Ricoeur como para George Lukács, o romance histórico cumpre a sua função de restituir esse resgate da memória coletiva e individual da humanidade, por meios poéticos que acabam se transformando em documentos testemunhais e registros históricos. Isto é, segundo a professora e pesquisadora Claudia Caimi, Ricoeur "defende que o tempo da ficção e o tempo da história se cruzam" (CAIMI, 2004, p. 64), ao apresentar a noção de representância, ao dizer "que as construções da história têm a ambição de serem reconstruções que respondem à demanda de um face-a-face" (CAIMI, 2004, p. 64), ou seja, através de romances ficcionais, em que o autor busca em seu enredo dialogar com fatos reais, ao mesmo tempo em que coloca personagens fictícios para nos narrar acontecimentos históricos, sendo assim, o autor busca alcançar a verdade da vida humana por meios poéticos, seja nos romances ficcionais, seja nas autobiografias ficcionais.

É evidente que *a Trilogia da Memória* da escritora espanhola, Josefina Aldecoa, torna-se um importante meio para se compreender através de suas personagens as mudanças que ocorreram durante o início do século XX para as lutas das mulheres. Seus romances foram escritos durante a década de 1990 na Espanha, década em que os espanhóis questionaram a sua memória nacional e viram que um importante fato fora apagado da vida daquela nação. Portanto, a autora volta ao passado de sua família para narrar importantes acontecimentos em seus romances, assim como, nos conta através de suas personagens a importância da luta dos movimentos feministas espanhóis nas conquistas de seus direitos civis e da importância do voto.

Entretanto para entender a luta e conquistas do sufrágio feminino nas três primeiras décadas do século XX pelo mundo, devemos entender o que se passava no contexto do século XIX, em que vemos a consolidação da diferença de classes, da luta pela liberdade socioeconômica e financeira, a implementação do laicismo pelas nações e a efervescência cultural. É com a história que temos o conhecimento da urbanização e industrialização tardia na Espanha, cuja luta ideológica entre os liberais e tradicionais atrasaram as reivindicações das espanholas com relação às nações ocidentais que já contava com diversos movimentos feministas pedindo seus direitos trabalhistas e civis assegurados por lei. Além do mais, a influência do cristianismo no país ibérico fez com que a sociedade julgasse as mulheres apenas como a serventia da maternidade e do cuidado ao lar.

Com a virada de século e o crescimento de ideologias que buscavam a liberdade completa da classe trabalhadora e camponesa, vemos o maior número de mulheres se filiando em organizações sindicais e movimentos católicos pedindo a independência financeira de seus maridos, além do direito ao voto. Assim como, a miséria cada vez mais intensa no país, faz com que a monarquia espanhola apoie um golpe militar que vê como seu último suspiro a manutenção no poder. A partir disso, a Espanha passa por um lento processo de modernização, em sua indústria e um tímido crescimento econômico, já para as espanholas, o investimento na educação faz com haja uma transformação na vida de muitas que veem no magistério uma importante profissão de capacitação e independência financeira. Após a crise de 1929 ocorrida principalmente nos países capitalistas, a ditadura de Primo de Rivera se enfraquece, cada vez mais partidos e manifestantes saem às ruas para pedir o fim da monarquia e a proclamação da República. No ano de 1931 se instaura a Segunda República espanhola, novo regime que se transforma na recuperação, esperança e melhoria nas leis, sobretudo para as mulheres.

A Segunda República fica marcada pelas reformas na educação ao adotar a melhoria do ensino, a capacitação dos educadores e o investimento cultural. Também nesse governo que uma série de leis são promulgadas para o benefício das mulheres. A Constituição de 1931 assegurava o direito ao voto para todas as espanholas. Contudo, esse período também ficou conhecido pelo forte enfrentamento entre os movimentos de esquerdas e de direitas com a ascensão do fascismo pela Europa, como também, pela vitória dos partidos de direita em 1933. Esse governo, comandado pelos partidos de direita, fica marcado como o governo do retrocesso e de medidas que afetam as reformas trabalhistas, educacionais e agrárias. Assim, com a insatisfação da população mais pobre e da classe trabalhadora, promovem manifestações e greves gerais por todo o país. No ano de 1934, temos a Revolução em

Astúrias, região norte da Espanha, onde os mineiros filiados em partidos e organizações anarquistas, comunistas e socialistas tomam as minas, como também os povoados para destituir o poder republicano governado pela direita, porém foram fortemente reprimidos pelo exército. Com a direita enfraquecida, os partidos e organizações de esquerda se juntam na Frente Popular e ganham a eleição de 1936.

Todavia o exército apoiado pelos partidos de direita, empresários espanhóis e internacionais, que tramaram contra a República desde a sua proclamação, declaram no dia 17 de junho um golpe militar contra o governo republicano. Diversos espanhóis contrários a esse golpe se juntam às organizações de esquerda e do governo para lutar contra os conspiradores, assim dos anos de 1936 até 1939, o país vivia um intenso conflito entre os espanhóis: de um lado a sobrevivência da República e do outro, o retrocesso, a censura e o fascismo. Dessa maneira, a Guerra Civil se torna um prelúdio para o conflito mundial da Segunda Guerra. Ao mesmo tempo em que mais leis foram sancionadas para beneficiar as mulheres, víamos também o retrocesso em regiões que foram ocupadas pelos nacionalistas. O conflito termina com um vencedor, o general Francisco Franco, e com ele uma série de sanções são promulgadas por todo o país, como a política econômica da Autarquia e seu processo ideológico de medo e dominação. As leis decretadas pela República são todas depreciadas, fazendo com que as espanholas retrocedam para o pensamento do século XIX, porém apenas o direito ao voto continua naqueles anos de terror.¹

Nos romances de Josefina Aldecoa, encontramos esses fatos que se mesclam com a vida da personagem Gabriela, uma jovem que acaba de se formar no magistério e tem como sonho ensinar jovens e crianças nos mais longínquos povoados espanhóis. Por meio de seu ponto de vista, nos deparamos com diversos episódios que fazem parte da memória coletiva, ao mesmo tempo que encontramos elementos da individualidade da personagem. Também observamos outras personagens femininas que representam tanto o pensamento implantado pela sociedade patriarcal, como também a luta pela libertação total das mulheres. Do mesmo modo em que somos levados pelo olhar de uma criança que percebe o que é a Guerra, vemos o medo e a angústia de Juana, filha de Gabriela, ao se deparar com outras personagens femininas que vão representar a ideia de vencedores e vencidos. Através dessa narradora, encontramos a memória de muitos que tiveram de fugir da Espanha para não sofrer com a ditadura imposta por Franco e marcada pela censura e medo. Juana passa a narrar sua vida no

¹ BEEVOR, Antony. *A Batalha pela Espanha*. Trad. Maria Beatriz de Medina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. JACKSON, Gabriel. *A República Espanhola e a Guerra Civil 1931-1939*. V.I. Trad. Luís Ardisson Pereira. 3ª ed. Editora: Europa-América, 1973. NASH, Mary. *Rojas: Las mujeres republicanas en la guerra civil*. Trad. Irene Cifuentes, 2ª ed., Madrid: Taurus, 1999.

México, a vida de sua mãe em um novo casamento em que se encontra mais feliz, deparamo-nos com diversos outros espanhóis exilados naquele país que os abraçou desde o início do conflito em 1936.

Mesmo com a felicidade por estar em um novo local, somos surpreendidos pelo desejo do regresso, o sentimento de *destierro* que Juana sente ao querer pertencer novamente à sua pátria. Com isso, voltamos para a Espanha, e a encontramos, através do olhar dessa jovem, um outro país, em que paira o conservadorismo, principalmente entre as mulheres. Por fim, já no último romance da escritora, presenciamos fatos históricos como a morte de Franco, o regresso de exilados quase quarenta anos depois e seu reencontro com um país novo, diferente, que começa a respirar aos poucos a nova liberdade. A morte da personagem Gabriela já em sua velhice decreta o fim da aventura vivida por aquela família de mulheres que lutaram pela educação e pela democracia.

De fato a recuperação das memórias perdidas, ocultas e silenciadas fazem parte da vida da Espanha, pois essas memórias vividas pela família de Josefina Aldecoa e de tantas outras, quebram esse pacto de silêncio imposto em 1975 pela Transição Democrática, recuperada pela geração de filhos e netos de republicanos e ex-combatentes da Guerra Civil, pois a história deve ser entendida por todos os lados e não apenas pelo lado vencedor.

Onde deixamos a memória? Onde está a análise calma e serena, mas incontornável do que foi a guerra, o pós-guerra e os quarenta anos de ditadura? Os povos não podem esquecer sua história. Santayana diz que, “quem não conhece sua história está condenado a repeti-la” (ALDECOA, 2014, p. 111, tradução nossa).²

Tendo em vista esses questionamentos da autora e a importância de se refletir sobre as temáticas acima, esta pesquisa propõe uma interpretação da *Trilogia de la Memoria*, dando relevância aos fatos históricos que compõem os estudos sobre a luta dos movimentos feministas espanhóis, como também a reflexão dos pontos de vistas de diferentes personagens femininas sobre a imagem da Espanha das três primeiras décadas do século XX, do exílio, o regresso para um país moldado pela ditadura franquista e a Transição Democrática.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, busquei traçar o contexto histórico espanhol no final do século XIX e do século XX, aproximando-o ao contexto dos romances, para que fosse possível analisar de que maneira o pensamento da sociedade patriarcal era imposto pelas mulheres, assim como, através da Segunda República, as mulheres foram

² ¿Dónde hemos dejado la memoria? ¿Dónde está el análisis reposado y sereno pero ineludible de lo que fue la guerra, la posguerra y los cuarenta años de dictadura? Los pueblos no pueden olvidar su historia. Dice Santayana que «el pueblo que no conoce su historia está condenado a repetirla».

ganhando seu espaço na sociedade, mas como isso acaba quando a Guerra Civil é decretada e logo após a ditadura franquista retoma elementos impostos pelo passado, a servidão das mulheres para o marido, a casa e a maternidade. E também como se deu o processo de rememoração de uma Espanha esquecida e seus acontecimentos históricos que marcaram toda uma geração representada nos três romances literários de Josefina Aldecoa.

Para isso, o trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro apresentará o contexto em que o primeiro romance está inserido, além das concepções sobre direitos civis das mulheres, maternidade, casamento e a educação implantada pela Segunda República nas escolas. O segundo identifica o ponto de vista das protagonistas como testemunhas ficcionais no contexto de conflito, exílio e regresso, apresentando algumas teorias acerca da memória, do exílio e da condição da mulher, demonstrando de que maneira elas se apresentam na trilogia.

1. A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DO PASSADO DA MULHER ESPANHOLA

1.1. A MULHER ESPANHOLA NO SÉCULO XIX

A Espanha no final do século XIX e no começo do século XX era um verdadeiro barril de pólvora. Antes de virar o século, o país sofria com o choque entre o tradicionalismo e o liberalismo, devido às mudanças que a sociedade europeia vinha passando —Revolução Francesa, Revolução Industrial e Era Napoleônica—, e a monarquia vinha perdendo cada vez mais força para aqueles que detinham comércios e indústrias de manufatura. Além disso, houve a implementação de um novo sistema econômico pautado pelas ideias do liberalismo, que desejava acima de tudo uma sociedade governada em favor do povo e conduzida por instituições responsáveis, ademais de um ensino laico e longe de dogmas religiosos.

Apesar dessas inúmeras mudanças que ocorriam por todo o continente europeu, na Espanha o processo foi mais demorado, pelo fato de o país manter em sua cultura o forte tradicionalismo católico e monárquico, que leva à demora em modernizar o país, tanto economicamente como industrialmente. Segundo a professora, ativista e pesquisadora Martha A. Ackelsberg, a Espanha no final do século XVIII era em grande parte rural, dominada por poderosos proprietários de terras (civis ou eclesiásticas) e dividida entre uma oligarquia que usufruía do melhor e uma extensa parcela de camponeses empobrecidos.³ Em 1830, o país passou a se industrializar tendo o foco nas indústrias siderúrgicas e de minério nas regiões norte e sul, e também com a indústria têxtil na região da Catalunha.⁴ Esse crescimento econômico totalmente desigual fez com que algumas regiões prosperassem mais que outras, os centros financeiros se concentravam na capital Madri e em Vizcaya. Nas cidades da maior parte das províncias do centro e da região norte se concentrava uma pequena classe média composta de profissionais liberais: professores, médicos, funcionários públicos, advogados e pequenos comerciantes.⁵ Em contrapartida, na região sul de Andaluzia, os trabalhadores viviam em aglomerações urbanas, não possuíam terras, muitos faziam altas jornadas de trabalho para ter pouca comida, pois mesmo com as inúmeras horas de trabalho, o salário que recebiam não era o suficiente para alimentar toda a família. As mulheres ficavam no serviço

³ ACKELSBERG, Martha A. *Mulheres Livres: a luta pela emancipação feminina e a Guerra Civil Espanhola*. Trad. Júlia Rabahie. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 118.

⁴ A Espanha era um país de 18 milhões e meio de habitantes, sendo que 66% da população ativa —mais de cinco milhões de pessoas— trabalhavam no campo. As minas e uma indústria modesta localizada na Catalunha e no País Basco davam emprego há 18% dos trabalhadores, e o resto da população ativa ganhava a vida com os serviços, principalmente o serviço doméstico. BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Trad. Gonzalo Pontón Gómez. Barcelona: Ocio Ltd., 2005, p. 725.

⁵ ACKELSBERG, 2019, p. 120-121.

doméstico, seja nas cidades ou em suas casas. A situação desses trabalhadores era degradante, tanto que para sobreviverem muitos caçavam e vendiam carvão para ter o que comer no final do dia. Já no final do século XIX, a Espanha passou a receber um forte investimento nos setores industriais, entretanto, mesmo com o avanço, o país ainda detinha grande parte dos trabalhadores nas zonas rurais. Segundo o escritor e historiador britânico Antony Beevor, o país era considerado uma potência de segunda categoria, tendo sua principal fonte de riqueza a agricultura e a exportação de mão de obra não qualificada, tanto que mais de 500.000 mil espanhóis imigraram para a América nas décadas finais do século XIX e início do século XX.

A pobreza cada vez mais crescente, devido à crise na agricultura ocorrida durante os anos de 1850 e 1860, provocou uma forte onda de revolta, principalmente entre os liberais que buscavam a modernização do país ibérico, tanto com a redistribuição de renda como com a proclamação da república. Com o exílio forçado da rainha Isabel II, destronada em 1868,⁶ outro governante monárquico passa a comandar a Espanha, o príncipe italiano Amadeo de Saboya, que por não conseguir total apoio da população, abdica do trono em 1873. Após esse evento, as *Cortes* foram convocadas e no ano de 1874 instaurou-se a Primeira República na Espanha. Contudo o primeiro período republicano não foi tão bem sucedido. Em sua curta duração, quatro presidentes assumiram o cargo num período de doze meses.⁷ Ainda que tenha sido um período conturbado, algumas significativas mudanças devem ser apontadas como: a liberdade de expressão, a liberdade religiosa, a mudança na educação, o crescimento de movimentos anarquistas e o sufrágio universal. Logo depois, a monarquia é restaurada e, em 1898, o país acaba por perder suas últimas colônias —Cuba, Filipinas e Porto Rico— na guerra hispano-americana. Essa perda aflorou ainda mais o sentimento dos espanhóis pela queda da monarquia e o crescente anseio pela República.

Certamente o choque entre tradicionalistas e liberais não ficou só no campo socioeconômico espanhol, mas também com a mudança no grau da participação das mulheres diante das mudanças significativas que o liberalismo implementou na sociedade europeia do século XIX em diante. Para iniciar, devemos retornar para a época da reforma protestante em que se acreditava na salvação do indivíduo, provinda da intervenção divina e da sua própria vontade, quebrando o argumento da redenção vinda pelo sacerdócio e por intermédio da Igreja Católica. Por essa razão, o Protestantismo colocava como igualdade, na teoria, homens e

⁶ Para conseguir a mudança de governo consistia no *pronunciamento*, uma insurreição de um general, de comum acordo, pouco sangrenta, a quem se juntam com as forças de oposição, como única esperança de mudança política. É também conhecido como *La Gloriosa*. JACKSON, Gabriel. A República Espanhola e a Guerra Civil 1931-1939 V.I. Trad. Luís Ardisson Pereira. 3ª ed. Editora: Europa-América, 1973.

⁷ JACKSON, 1973, p. 18.

mulheres como seres iguais que teriam o perdão divino, porém na prática era diferente. Para Lutero, Calvino e outros líderes protestantes, as mulheres eram inferiores e deveriam permanecer em casa cuidando dos afazeres domésticos, tanto que o discípulo de Calvino, John Knox, publicou um livreto intitulado “O primeiro toque da trombeta contra o monstruoso regime das mulheres” (EVANS, 1980, p. 13-14), que as criticava por estarem em cargos de sacerdócio, porém se contradiz ao defender que as mulheres também tenham contato direto com o divino, considerando todos os seres iguais, além de denunciar a falsidade da religião católica ao dizer que as mulheres não eram seres sujos e nem agentes do diabo.

Já com o pensamento liberal difundido por toda a Europa nos séculos XVIII e XIX, pensadores como John Stuart Mill intercedem pelos direitos igualitários das mulheres diante da sociedade. Mill foi um grande defensor da causa feminista tendo lançado seu ensaio *The subjection of women*, publicado em 1896, ao qual defendia,

a “desaparição dos impedimentos para as mulheres: o reconhecimento de que são iguais aos homens em tudo que representa a cidadania, seu livre acesso a todos os empregos honráveis, a preparação e o ensino que capacitam para estes empregos” e a eliminação da autoridade excessiva que a lei concedia aos maridos sobre suas esposas (EVANS, 1980, p. 17-18, tradução nossa).⁸

Mill também justificava a total independência das mulheres perante suas famílias, a sociedade e a Igreja,

dizia Mill, se acreditava que a vocação natural da mulher era o matrimônio e a maternidade, então, não era necessário aprovar leis para impedir que os abandonasse por uma carreira profissional. No entanto, sustentava a existência de provas consideráveis de que suas faculdades mentais e criativas eram iguais aos homens (EVANS, 1980, p. 19, tradução nossa).⁹

Ou seja, a subjugação e submissão das mulheres não era apenas no corpo, mas nas suas faculdades mentais, pois, por muitos séculos as mulheres eram julgadas como seres inferiores, incapazes de raciocinar, de estudar e que deveriam apenas servir para o matrimônio e a maternidade.

Mais ainda, tratando-se do século XIX, as mulheres não tinham direito ao voto, não podiam participar das eleições, participar de cargos públicos —exceções de países governados por rainhas—, nem participar e frequentar reuniões de organizações políticas. Ademais, se

⁸ desaparición de los impedimentos para las mujeres: el reconocimiento de que son iguales a los hombres en todo lo que atañe a la ciudadanía, su acceso libre a todos los empleos honorables y la preparación y la enseñanza que capacitan para estos empleos” y la eliminación de la autoridad excesiva que la ley otorgaba a los maridos sobre sus esposas.

⁹ decía Mill, si se creía que la vocación natural de la mujer era el matrimonio y la maternidad, entonces no era necesario aprobar leyes para impedir que los abandonase por una carrera profesional. Sin embargo, sostenía, existían pruebas considerables de que sus facultades mentales y creativas eran iguales a las de los hombres.

inclui a proibição de possuir o direito à propriedade, ao negócio próprio, a exercer uma profissão, dedicar-se ao comércio, abrir conta corrente e transferência de direitos de herança. Caso fosse casada ou solteira, a herança iria para o homem da família e não para a mulher.¹⁰ Outro fator também a se considerar, “na maioria dos países as mulheres não eram “pessoas legais”, ou seja, não podiam fazer um contrato e eram inferiores ou vistas como crianças aos olhos da lei” (EVANS, 1980, p. 21, tradução nossa).¹¹ Isto é, por muito tempo, as mulheres não tinha direitos e nem voz na sociedade ocidental regido pela código napoleônico,¹² acrescentando-se também, as facilidades legais que os homens possuíam em divorciar-se, de cometer adultério e castigar suas companheiras, saindo ilesos de um julgamento, o mesmo não se pode dizer do sexo feminino.

Sendo assim, a luta dos primeiros movimentos feministas no século XIX era pela independência econômica e independência dentro do matrimônio, visto que, como já foi mencionado, as mulheres não tinham direitos. Essa luta vinha da mudança que a sociedade havia passado a partir da Revolução Industrial. Com a crescente dinamização da economia, a vida das famílias burguesas melhorou e com isso as mulheres das classes médias passaram a ser consideradas inúteis e intocáveis, já nas famílias mais pobres, muitas faziam trabalhos degradantes e perigosos, além de irem para a prostituição devido às necessidades econômicas. Por isso que os primeiros movimentos feministas surgidos das classes médias buscavam a admissão profissional feminina no mercado de trabalho, principalmente com a inserção nas universidades para adquirir capacitação profissional, que logo puxou outras reivindicações como o direito ao voto, luta vinda dos movimentos feministas mais radicais. Embora a luta fosse pela independência das mulheres, os movimentos mais moderados e os movimentos radicais tiveram seus embates devido às exigências das reivindicações, enquanto um defendia o direito à capacitação profissional, o outro pedia o direito ao voto. Assim, entraram em

¹⁰ EVANS, 1980, p. 20-21.

¹¹ “en la mayoría de los países las mujeres no eran «personas legales», es decir, no podían hacer un contrato, y eran como menores o niños a los ojos de la ley”.

¹² Após tomar o poder mediante o golpe de Estado de 18 Brumário do ano VIII (novembro de 1799), Napoleão instituiu o regime do Consulado, que reunia poderes administrativos e legislativos. O poder efetivo era dele, Primeiro Cônsul, sendo os outros dois cônsules meros conselheiros. O código foi promulgado em 31 de março de 1804, com o nome de *Code Civil des Français*. Cada país europeu que adotou o Código Civil incrementou algumas cláusulas, uma delas do Código Civil de Portugal que se baseava no Código Civil de 1867 era uma cláusula que se chamava “O Depósito da Mulher Casada”. Se a mulher, por qualquer razão, quisesse sair – por maus tratos, por exemplo – da casa conjugal, o marido podia recorrer ao juiz, e o juiz obrigava essa mesma mulher a retornar à casa conjugal, onde tinha dever de obediência ao marido. NETO, Eugênio Facchini. Code civil francês: gênese e difusão de um modelo. Revista de Informação Legislativa, 2013. PIMENTEL, Irene; TAMZALI, Wassyla. As mulheres na história e nas histórias. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, n. 32, p. 125-132, 2014.

acordo quanto à educação e profissionalização das mulheres, tornando-se um movimento de massa.

Na Espanha o processo da emancipação feminina e a luta por direitos foi diferente dos demais países europeus. Por causa da luta ideológica entre conservadores liberais e a Igreja Católica, dificultou-se a criação de leis e adoção de políticas para as mulheres ainda no século XIX. Todavia, o que chama mais atenção é que a Igreja teve um papel importante para ajudar na luta feminina, diferente do liberalismo espanhol, que defendia a inferioridade das mulheres. Isso ocorreu devido ao fato de que a classe burguesa espanhola não era tão forte como em outros países, pois o processo de urbanização e industrialização foi lento e tardio, culminando em uma forte desigualdade social no país, além disso, inclui-se o pensamento conservador da burguesia liberal espanhola enraizado no conceito de inferioridade da mulher, diferente de outros lugares como a Inglaterra, França e Estados Unidos da América que superaram esse pensamento por meio da visão da maternidade, através da qual a mulher desempenhava seu papel central na família, pois ambos os lados estavam de acordo no papel que as mães poderiam transmitir para seus filhos em relação aos valores e princípios da vida, seja para o lado mais progressista, seja para o mais conservador. Para a Igreja católica, elas passam a ser vistas como esteio da espiritualidade, mais do que os homens. A burguesia espanhola acreditava que a tradição e a religião eram a representação da feminilidade, enquanto o progresso e a ciência eram características dos homens.

Esta ideia defendida e difundida pelos liberais conservadores vinha de um conceito muito usado no país desde o início do século XIX, o de *Ángel del hogar* ou *Hadas del hogar*, assim descritas por Virginia Woolf e definidas por Rosario Castellanos (1973, p. 13) como,

(...) extremamente compreensiva, tem um encanto imenso e carece de qualquer egoísmo. Destaca-se nas difíceis artes da vida familiar. Sacrifica-se cotidianamente (...) Em uma palavra, está constituída de tal maneira que não tem um pensamento ou um desejo próprio, mas prefere ceder aos pensamentos e desejos dos outros. (CASTELLANOS, 1973, p. 13).¹³

Isto é, as mulheres deveriam ser exemplos de amor e temor a Deus, tanto em casa, para a família, quanto para a sociedade. Pensamento este que vem do próprio termo "mulher virtuosa", presente no livro bíblico de Provérbios:

Quem encontrará a mulher talentosa? Vale muito mais do que pérolas. Nela confia o seu marido, e a ele não faltam riquezas. Traz-lhe a felicidade, não a

¹³ es extremadamente comprensiva, tiene un encanto inmenso y carece del menor egoísmo. Descuella en las artes difíciles de la vida familiar. Se sacrifica cotidianamente (...) En una palabra, esta constituida de tal manera que no tiene nunca un pensamiento o un deseo propio sino que prefiere ceder a los pensamientos y deseos de los demás. (tradução nossa).

desgraça, todos os dias de sua vida. Adquire a lã e o linho, e trabalha com mãos hábeis.

Está vestida de força e dignidade, e sorri diante do futuro. Abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade. Vigia o comportamento dos criados, e não come pão no ócio.

Enganosa é a graça, fugaz a formosura! A mulher que teme a Iahweh merece louvor! Dai-lhe parte do fruto de suas mãos, e nas portas louvem-na suas obras.¹⁴

Nesta passagem bíblica se expressa muito bem a atitude que as mulheres deveriam ter perante a sociedade, a de uma mulher submissa, benevolente, sábia, doadora, não dotada de vaidade e temente a Deus. Esse papel, por muito tempo foi difundido por toda a sociedade, inclusive estava presente em muitos romances escritos durante o século XIX,¹⁵ assim como outros defendiam a ocupação moura como um período de libertinagem e indecência do sexo feminino, uma concepção também xenofóbica que afirmava que a África terminava nos montes Pirineus, na Espanha, sendo a causa de uma sociedade feminizada incapaz de controlar seus instintos e alcançar a modernidade.¹⁶ Teria sido a partir da chegada do cristianismo que a visão sobre o sexo feminino passara a melhorar, afirmação compartilhada por autores católicos e liberais. Ambos afirmavam que a importância do casamento foi essencial para o combate contra a poligamia e o divórcio, além de sustentarem o argumento de que nos países ocidentais, o matrimônio era indestrutível, enquanto nos países orientais, por causa da religião, as mulheres eram submetidas à escravidão. Tratando-se dessa afirmação, podemos ver que nos países ocidentais as mulheres também eram submetidas à “escravidão”, sobretudo, se tratando da total dependência ao homem da família e à moral judaico-cristã.

Na ciência, com os estudos difundidos durante o século XIX, tanto a medicina como a biologia defendiam a inferioridade do sexo feminino, descrita fisicamente como: ossos finos, suave, pequena, muita flexibilidade muscular, porém de pouca força, sistema nervoso sensível e de cérebro pequeno.¹⁷ Características essas que fizeram com que as mulheres fossem afastadas do mercado de trabalho, da ciência e da política, pois para essa visão machista e misógina, as mulheres eram vistas como inferiores intelectualmente, desenvolvidas apenas

¹⁴ BÍBLIA SAGRADA DE JERUSALÉM. Provérbios. Liturgia das horas online. Disponível em: <<https://liturgiadas horas.online/biblia/biblia-jerusalem/proverbiorum/31-2/>>. Acesso em 16 jan. 2024.

¹⁵ Segundo a tese de doutorado de Mínguez Blasco, foram escritos artigos, manuais urbanos, conferências, pesquisas de caráter médico e higienista, tratados pedagógicos, romances e obras de teatro. MÍNGUEZ BLASCO, Raúl. La paradoja católica ante la modernidad: modelos de feminidad y mujeres católicas en España (1851-1874). Tese (Doutorado em História Contemporânea) – Facultad de Geografía e Historia Departamento de Historia Contemporânea. Valencia, p. 131. 2014.

¹⁶ MÍNGUEZ BLASCO, p. 131. 2014.

¹⁷ MÍNGUEZ BLASCO. 2014, p. 131-132.

nas áreas emotivas. Sendo assim, estavam destinadas a permanecer cuidando apenas das tarefas domésticas. Alguns liberais espanhóis, como Urbano González Serrano, filósofo, psicólogo e educador, em seu livro publicado em 1875, *Estudios de moral y filosofía*, utilizavam o discurso científico para determinar as características das mulheres: ““não se pode deixar de notar uma certa inferioridade intelectual das mulheres em relação aos homens”, porque lhes faltava a força criativa e, portanto, não podiam acessar a esfera superior das ideias” (ESTEBAN, 2000, p. 381, tradução nossa).¹⁸ González Serrano, mesmo sendo um defensor das ideias positivistas, apresentava essa visão machista e misógina, segundo a qual as mulheres não tinham a capacidade de possuir um intelecto, assim como afirmava que elas não eram capazes de emancipar seus pensamentos da religião, pois esta emancipação apenas cabia aos homens. Suas declarações foram fortemente criticadas pela escritora Emília Pardo Bazán, que o taxou de reacionário e inimigo da igualdade pedagógica na Espanha.

Frente a essa visão do liberalismo espanhol em relação às mulheres, principalmente sobre a visão da emoção, do sentimento e da fé estarem ligadas ao sexo feminino, houve um forte embate com o discurso anticlerical que estigmatizava as mulheres. Tal discurso era dirigido para as damas de classe média e alta e a nobreza espanhola, a quem os anticlericais atribuíam de forma pejorativa termos misóginos, apresentando essas mulheres como desocupadas, histéricas, beatas e de fácil manipulação por parte do clero católico. Também eram acusadas de largarem seus afazeres domésticos para estar na Igreja.

A partir desta visão, a Igreja soube aproveitar deste discurso de exclusão e soube trazer para si o público feminino com um olhar completamente diferente daquele dos anticlericais. O clero católico, assim como o protestantismo, passou a ver as mulheres como seres superiores do ponto de vista moral, sobretudo as mães de família, que para a religião se tornam o centro, o elo que ligará novamente a família com os reais valores morais e cristãos. Além disso, autores eclesiásticos, como Joaquín Roca y Cornet, escritor catalão e defensor da fé cristã, declara que a maternidade e a fé eram inseparáveis,

Somente as mães cristãs podem ser consideradas verdadeiramente mães. Assim, é a religião cristã, na sua vertente católica, que assegura uma posição digna às mães, oferecendo-lhes a realização de um serviço muito necessário: criar e educar filhos e filhas que contribuam para a recristianização da sociedade (MÍNGUEZ BLASCO. 2014, p. 217, tradução nossa).¹⁹

¹⁸ “«no puede menos que notarse en las mujeres cierta inferioridad intelectual respecto a los hombres», porque les faltaba la fuerza creadora y no podían acceder por ello a la esfera superior de las ideas.”

¹⁹ Sólo las madres cristianas pueden ser consideradas verdaderamente madres. Así pues, es la religión cristiana, en su vertiente católica, la que asegura una posición digna a las madres al ofrecerles realizar un servicio muy necesario: criar y educar hijos e hijas que contribuyan a la recristianización de la sociedad.

Roca y Cornet também defendia o conhecimento para as mulheres, pois alegava que era mais perigoso a beleza do que o conhecimento. Contudo sua defesa era limitada, pois este não legitimava uma educação igualitária, a participação feminina no meio político, na diplomacia e nem na carreira militar. Para esse escritor eclesiástico, as mulheres deveriam pautar sua leitura em livros sacros, de santos e voltados para a fé, nada de romances de folhetins, pois as levariam a um estado em que não saberiam distinguir a realidade da ficção, tal como Emma Bovary, personagem de Gustave Flaubert. No clássico francês, a personagem de Madame Bovary se inspirava nos romances lidos e almejava aquela vida para si. Ainda com essa limitação em não defender totalmente a educação igualitária, Roca y Cornet aceitava que as mulheres, de classe alta e média, soubessem latim, agricultura, desenho, pintura, música e criticava os que eram contra isso.

Em relação à educação, a partir da industrialização, o governo espanhol passa a investir nas políticas educativas com a sanção da *Ley de Moyano*, em 1857, que obrigava o Estado a criar escolas para meninos e para meninas (a educação mista ainda não era realidade no país). Essa iniciativa contava com o apoio dos educadores de filosofia krausista,²⁰ que defendiam os direitos de participação das mulheres na sociedade, afirmando a capacidade da educação em promover a inclusão de todos no processo de modernização da sociedade espanhola. No entanto, vale ressaltar, que até então somente as mulheres de classes mais altas e da burguesia possuíam o direito de serem educadas. Além disso, o aprendizado em si era voltado para o matrimônio e a maternidade, sendo que muitas mulheres foram educadas em colégios católicos, pois, como foi dito anteriormente, a Igreja soube aproveitar o discurso excludente dos conservadores liberais e, “a partir da direção espiritual destas damas, o clero exercerá grande influência em todo este ambiente social” (BALLARÍN DOMINGO, 1989. p. 250, tradução nossa),²¹ fez com que essa influência fosse levada para toda a família e, conseqüentemente, para toda a sociedade de classe média e alta.

Para as mulheres das classes mais baixas o acesso à educação não era uma realidade, devido às necessidades econômicas que passavam. Com o crescimento dos setores industriais, muitas se incorporaram nesses setores para ajudar no sustento familiar, contudo, esses

²⁰ Karl Christian Friedrich Krause filósofo alemão que defendia a doutrina do “racionalismo harmonioso”, em que residia mais nas perspectivas gerais filosóficas e religiosas que numa coerência doutrinária. Conjugava os elementos mais otimistas do Iluminismo do século XVIII e do idealismo alemão, aceitando tanto a razão como a evolução. Eles admiravam as ciências da natureza como chave para a compreensão da harmonia intelectual do universo. Interessando-se mais pelas ciências sociais e pela história do direito. Não eram teólogos, mas muitos eram católicos praticantes, sendo que nenhum foi ateu. Para eles, o homem era o mais insigne ser até agora criado pela divina inteligência e, como a restante criação, estava continuamente a evoluir em direção à meta final de uma harmonia racional. JACKSON, 1973, p. 28-29.

²¹ “a partir de la dirección espiritual de estas damas como el clero ejercerá una gran influencia en todo este medio social”.

empregos não geraram uma independência econômica, pois eram sempre lembradas que o fato de não trabalhar no âmbito doméstico não era uma opção e, sim, uma necessidade, pois elas estavam abandonando suas “verdadeiras obrigações familiares: casa e filhos” (BALLARÍN DOMINGO, 1989. p. 246, tradução nossa).²²

No século XIX, o país possuía grande parte da população nas zonas rurais. As mulheres que viviam no campo tinham uma vida totalmente voltada para os afazeres domésticos e campestres. O nível de analfabetismo era muito maior, podendo ultrapassar os 80%, mais que a média nacional que era de 77,26%, segundo o censo nacional de 1877.²³ De fato, as mulheres camponesas representavam o maior grupo numericamente, seu trabalho não era apenas dentro de casa, mas também cuidando da horta da família, fazendo queijos, conservas, tecelagem, criação de animais, lavando roupas, costurando, dentre outros trabalhos que faziam o diferencial para a comunidade rural na qual viviam. Além disso, segundo Ballarín Domingo, elas possuíam um conhecimento técnico, social, espiritual e de saúde que singularizava sua atuação em relação ao sexo masculino. “Sua presença necessária e essencial num sem fim de atividades conferiu a estas mulheres uma grande influência que se traduziu, através dos seus meios associativos (forno, lavanderia...), num exercício peculiar: vigiando a norma moral, sancionando-a, denunciando-a” (BALLARÍN DOMINGO, 2010, p. 55, tradução nossa),²⁴ tudo isso formando um conjunto de tradições intelectuais e religiosas existentes há muitas gerações e transmitidas para as seguintes, processo que contribui com o conhecimento da sua comunidade local.

Após o processo de industrialização do país, especialmente nas regiões onde o setor industrial foi maior, o número de trabalhadoras na indústria têxtil aumentou, chegando a ser superior a 40% na província da Catalunha. Também havia a participação das mulheres em outros setores como nas minas de minério, em que elas lavavam os minerais ou jogavam areia nos altos-fornos, e também,

as trabalhadoras de cigarro, que representavam milhares de trabalhadoras em Sevilha, Madrid, Valência, Cádiz, Alicante, La Coruña, etc. Mais abundantes eram as trabalhadoras que exerciam a sua atividade em casa, realizando trabalhos comissionados para os fabricantes – costureiras, rendeiras, fiandeiras, costureiras de meias e calças, bordadeiras, tecelãs, passadeiras, estilistas, alfaiates, costureiras de loja, costureiras de luvas, estofadores e sapateiras, pastoras de animais, criadoras de animais, coleta e preparo de

²² “verdaderas obligaciones familiares: casa e hijos”.

²³ ESPIGADO TOCINO, María de la Gloria et al. El analfabetismo en España. Un estudio a través del censo de población de 1877. 1990, p. 187.

²⁴ “Su necesaria e imprescindible presencia en un sinfín de actividades daba a estas mujeres una gran influencia que se traducía, a través de sus medios asociativos (horno, lavadero...), en un peculiar ejercicio de la misma: vigilando la norma moral, sancionando, denunciando”.

leite, manteiga e queijo (BALLARÍN DOMINGO, 2010. p. 54, tradução nossa).²⁵

Mesmo com a participação limitada das mulheres, a desigualdade laboral era enorme, fazendo com que ainda assim, a dependência aos homens fosse primordial, pois como dito, por mais que elas saíssem de casa para ajudar na renda, havia o sentimento de culpa por abandonar a casa e os filhos. Comparada aos movimentos de trabalhadores em outros países da Europa ocidental, a atividade de sindicatos industriais na Espanha foi tardia, fraca e de desenvolvimento lento. Com o avanço de ideologias como o socialismo utópico, o socialismo científico e o anarquismo no continente europeu, em especial, dentro da classe trabalhadora, fez com que muitos se voltassem contra a exploração da classe burguesa e lutassem pelo fim da exploração. Por isso, com o agravamento da pobreza no território espanhol, a crise na agricultura em 1850 e o exílio da rainha Isabel II levaram para o país um emissário anarquista, Giuseppe Fanelli,²⁶ que encontrou um terreno fértil para a propagação do anarquismo entre os trabalhadores espanhóis, começando pelos da Andaluzia.

Segundo Ackelsberg, o número de trabalhadoras nas indústrias catalãs representava de 80% a 90% da força total de trabalho, sendo assim, cada vez mais mulheres se sindicalizam e aderem ao pensamento anarquista por acreditarem na sua total libertação. Entretanto, assim como muitos movimentos sociais do século XIX, defendiam que a pauta das mulheres deveria estar em segundo plano, pois, a luta principal era voltada para a libertação completa dos trabalhadores do campo e da cidade. No entanto, para alguns autores, militantes anarquistas europeus e estadunidenses já abordavam a abolição das mulheres na sociedade capitalista: “a emancipação humana plena requeria não somente a abolição do capitalismo e das instituições políticas autoritárias, mas também o fim da subordinação cultural e econômica das mulheres, tanto dentro como fora do lar” (ACKELSBURG, 2019, p. 64). Em um congresso anarquista realizado na Espanha no ano de 1872, fica decidido a consideração da absoluta igualdade das militantes dentro dos espaços políticos, em casa e no trabalho. Alguns pensadores anarquistas espanhóis defenderam que o atraso do sexo feminino foi causado pela maneira como elas

²⁵ las cigarreras, que suponían varios miles de obreras en Sevilla, Madrid, Valencia, Cádiz, Alicante, La Coruña, etc., y en menor número en Bilbao, Pamplona, Logroño, etc. Más abundantes eran las trabajadoras que desarrollan su actividad en casa realizando trabajos de encargo para fabricantes – costureras a máquina, encajeras, hilanderas, calceteras, bordadoras, tejedoras, planchadoras, modistas, sastras, costureras para tiendas, guanteras, guarnecedoras y aparadoras de calzado, amas de cría, cría de animales, recolección y preparación de leche, manteca y quesos.

²⁶ Revolucionário anarquista italiano enviado para a Espanha a mando do também revolucionário, político e sociólogo anarquista Bakunin, a fim de propagar e recrutar novos membros para a Primeira Internacional. GIOVANNI, C. et al. Cultura obrera y prensa anarquista: radiografía de Guerra di Classe, plataforma de los anarquistas italianos durante la Guerra Civil en Catalunya, 1936-1938. Cercles: revista d'història cultural, p. 150-185, 2005.

sempre foram tratadas, como sendo de natureza inferior, além da falta de oportunidades e da desigualdade de gênero.

Apesar da forte adesão das trabalhadoras aos movimentos sindicais anarquistas, as mulheres não ocupavam cargos importantes de direção. Uma das militantes mais ativas da luta das mulheres foi Teresa Claramunt, militante anarquista que escreveu um artigo reclamando sobre o fato de homens serem os dirigentes dos grupos organizados de mulheres. Mesmo com essa crítica e com a fundação da *Agrupación de Trabajadoras de Barcelona*, em 1891, não houve resultados certos, pois durante as greves gerais ocorridas na primeira década do século XX os homens é que dirigiam as organizações.

Teresa Claramunt é reconhecida por seus atos de libertação da classe operária e da luta das mulheres na região da Catalunha, tendo participado ativamente de inúmeras manifestações contra a subjugação da classe opressora, assim como foi a voz de diversas anarquistas, ao publicar textos em que não só questionava a interpretação da sociedade da época em relação ao sexo feminino, mas também criticava seus companheiros de luta que ainda oprimiam suas companheiras. Um de seus artigos mais conhecidos é *La Igualdad de la mujer*, publicado no jornal anarquista, *Bandera Social*,²⁷ onde argumenta suas opiniões sobre o estado de servidão que a sociedade burguesa impõe às mulheres, questionando principalmente os estudos científicos sobre a suposta inferioridade do sexo feminino com relação aos homens.

A mulher é inferior ao homem. Suas faculdades físicas e intelectuais provam isso extraordinariamente. Tal é a afirmação que a burguesia faz imperturbavelmente sempre que se discutem os direitos das mulheres. Você diz que as mulheres são inferiores aos homens? Isso será verdade, talvez, nesta sociedade ignóbil em que vivemos. Pela dependência material a que está sujeita, separada de todas as funções não servis, reduzida a um salário insuficiente, obrigada a vender-se em casamento em troca de proteção muitas vezes ilusória ou a alugar-se a um concubinato em que sabe que deve ser desprezada, a mulher é, na verdade, inferior ao homem, que goza de privilégios monstruosos.

E bem; sou mulher, considero-me perfeitamente igual a vocês, as minhas faculdades tão nobres como as suas e os meus órgãos tão úteis na evolução

²⁷ Jornal que iniciou a publicação em 15 de fevereiro de 1885, comandado pela *Federación Regional de Trabajadores*, ao qual publicava artigos sobre o cotidiano da sociedade operária espanhola, além de anúncios, notícias do mundo, bibliografias, conhecimento científico, discursos e estudos sociais. Sobre o olhar da ideologia anarquista. Sofreu forte repressão do governo, tendo seus dirigentes presos. Sua última publicação consta até 21 de janeiro de 1887, em que anuncia sua despedida e refundação com outro jornal de Barcelona, cujo nome é *El Productor*; segundo consta o motivo de encerrarem o *Bandera Social* foi por problemas financeiros. “*Bandera Social* - Colección Anarquismo || Periódicos”. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bne.es/hd/card?oid=0004928038>>. Acesso em 31 mar 2023.

geral do grande ser humano (PRADAS BAENA, 2006, p. 174. Apud CLARAMUNT CREUS, tradução nossa).²⁸

De modo geral, podemos afirmar que o movimento feminista espanhol no século XIX não foi um movimento que pautou a luta das mulheres de fato, tal qual os movimentos feministas britânicos, estadunidenses e franceses. A luta das espanholas foi mais social que política, sobretudo pela emancipação econômica. De fato a questão do liberalismo espanhol atrasou a luta das mulheres, por ainda as colocarem no patamar de seres inferiores e incapazes de modernizar o país, por outro lado, a Igreja soube apontar a necessidade que essas mulheres tinham de se contrapor ao pensamento misógino, machista e anticlerical dos pensadores liberais, explorando o aspecto da maternidade, pois para o clero liberal elas eram o elo fundamental que uniria a família e retornaria novamente para a doutrina cristã. Foi através da educação que as mulheres passam a encontrar uma forte aliada para a luta de sua emancipação completa, principalmente graças à ideologia *Krausista*, que formou intelectuais defensores da educação igualitária e sem dogmas religiosos. Escritoras como Emilia Pardo Bazán e Concepción Arenal, se tornam as principais defensoras da educação igualitária para homens e mulheres,

Mary Nash considera-a "uma notável defensora dos direitos das mulheres", dizendo dela que foi "uma das primeiras vozes que se levantou em defesa das mulheres espanholas e que estabeleceu um programa feminista, e que as suas obras constituem os alicerces do feminismo espanhol moderno" (RUBIO, 2004, p. 466, tradução nossa).²⁹

Por fim, podemos acrescentar também a inserção das ideologias socialista, comunista e anarquista na Espanha, que começam a se propagar já no fim do século XIX, fazendo com que cada vez mais mulheres das classes trabalhadoras lutassem por seus direitos e por uma sociedade livre da influência da Igreja Católica e pelo fim do regime monarquista espanhol.

²⁸ La mujer es inferior al hombre. Sus facultades físicas e intelectuales lo prueban superadamente. Tal es la afirmación que imperturbablemente lanzan los burgueses siempre que se habla de los derechos de la mujer. ¿Decís que la mujer es inferior al hombre? Eso será verdad, quizá, en esta innoble sociedad en que vivimos. Por la dependencia material a que está sujeta, separada de todas las funciones que no son serviles, reducida a un salario insuficiente, obligada a venderse en casamiento a cambio de una protección a menudo ilusoria o alquilarse para un concubinato en el que sabe ha de ser despreciada, la mujer es, en efecto, inferior al hombre, que goza de monstruosos privilegios.

Y bien; yo soy mujer, me considero perfectamente igual a vosotros, mis facultades tan nobles como las vuestras y mis órganos tan útiles en la evolución general del gran todo humano.

²⁹ Mary Nash la considera «una notable defensora de los derechos de la mujer», diciendo de ella que fue «una de las primeras voces que se elevó en defensa de la mujer española y que estableció un programa feminista, y que sus obras constituyen los cimientos del feminismo español moderno».

1.2. SÉCULO XX E GRANDES TRANSFORMAÇÕES PARA A LUTA FEMINISTA

Quando Alfonso XIII torna-se rei em 1902, com apenas 16 anos, a Espanha ainda sofre com a pobreza. Muitos espanhóis, estima-se que mais de meio milhão, emigraram para as Américas nas primeiras décadas do século XX. Além de que mais da metade da população era analfabeta e a sua maioria ainda arava a terra como nos tempos do feudalismo. A Igreja se fazia bastante presente na virada do século, pois “controlava todos os aspectos da educação e colocava a população inteira sob a custódia protetora da mente ao queimar livros para manter bem longe a heresia religiosa e política”. (BEEVOR, 2007, p. 41). É também no começo do século XX que estoura uma revolta popular em protesto contra os industriais na Catalunha, os proprietários dos vales mineiros em Astúrias, os grandes proprietários de terras e latifúndios na Andaluzia, e contra a Igreja Católica. Nessa ocasião, muitas igrejas foram queimadas e destruídas. Ademais, muitos intelectuais questionavam o ensino da época, afirmando que estava ultrapassado e remetia à Idade Média. Após o ciclo de revolta, com a captura de centenas de pessoas que dela participaram, muitos dos líderes intelectuais, operários e civis foram fuzilados.

Com relação às manifestações no início do século XX, assim como as que ocorreram durante o século XIX, houve a participação feminina, porém Mary Nash chama a atenção para um ponto, “a experiência histórica das mulheres espanholas ainda não está totalmente documentada e, portanto, é difícil discernir quais as estratégias de resistência que utilizaram e como e por quê se mobilizaram e com que objetivo” (NASH, 1999, p. 42, tradução nossa).³⁰ Segundo a pesquisadora, por diversas vezes as mulheres se revoltaram, seja de maneira tímida, seja de maneira mais agressiva nas reivindicações acerca de sua inserção na educação, na política e na cultura, assim como no interesse da família. Ela afirma também, que durante a transição da Espanha para um Estado Liberal no século XIX, as autoridades publicaram, no ano de 1835, a proibição da participação das mulheres nas manifestações públicas, sob a ameaça de serem qualificadas como prostitutas e tratadas como tal.³¹ Contudo, elas não se intimidaram e continuaram participando da luta por seus direitos, sobretudo, para as operárias. Na história do movimento operário espanhol, em 1830, houve uma grande mobilização de trabalhadoras em Madri numa fábrica de cigarros, na qual atacaram o dono da fábrica

³⁰ “La experiencia histórica de las mujeres españolas todavía no está documentada del todo y por ello es difícil discernir qué estrategias de resistencia utilizaron y cómo y por qué se movilizaron y con qué objetivo”.

³¹ NASH, Mary. Rojas. Las mujeres republicanas en la guerra civil. Trad. Irene Cifuentes, 2ª ed., Madrid: Taurus, 1999.

exigindo a proteção salarial e laboral. Além disso, houve a participação na revolta de 1835, em Barcelona, por causa das crises financeiras e da luta contra o Antigo Regime espanhol. Também, com a propagação do anarquismo em 1873, “8.000 mulheres que, em 1873, aderiram ao Sindicato da Indústria. Destas, cerca de 5.000 eram membros da Federação Regional Espanhola” (NASH, 1999, p. 44, tradução nossa).³²

É evidente que a propagação do anarquismo na Espanha fez com que a luta passasse a ser mais radical para o movimento feminista espanhol, claro que nem todas as mulheres aderiram a esses movimentos, todavia, se tratando da luta da classe operária, as exigências eram necessárias, visto que não havia leis trabalhistas que assegurassem os direitos dos trabalhadores, especialmente das mulheres que eram estigmatizadas a permanecerem no trabalho doméstico.

Como a região da Catalunha foi uma das primeiras regiões a receber uma fábrica têxtil, a participação das mulheres nessas fábricas seguia os mesmos moldes da Inglaterra, os trabalhadores eram majoritariamente mulheres, muitas ainda na idade infantil, sem escolaridade e de classes populares que ajudavam na renda da família. Foi nessa região que estourou uma grande revolta popular no início do século. Puxada por sindicatos, movimentos operários e ativistas da esquerda, a Greve Geral de 1902 trouxe um resultado de forte enfrentamento com as forças públicas, tendo 12 mortos e 44 feridos.³³ Além disso, outro episódio ocorrido nessa mesma região teve forte impacto por toda a Espanha, a *Semana Trágica*.³⁴ A professora e pesquisadora Pradas Baena e também a pesquisadora Ackelsberg trazem referências de diários, boletins e jornais dos movimentos de esquerda e ressalta o protagonismo de mulheres e crianças na construção de barricadas e no combate pelas ruas.³⁵ Entre os nomes de ativistas anarquistas estava o da Teresa Claramunt.

Mary Nash afirma que de 1905 até 1921 a participação feminina nas greves era muito maior que a dos homens, 87% contra 78% respectivamente.³⁶ Outra greve geral no território catalão com a participação massiva dos trabalhadores e a participação relevante das anarquistas ocorreu em 1913, greve que ficou conhecida como *La Constancia*, que exigia

³² “8.000 mujeres que, en 1873, se afiliaron al Sindicato de Manufacturas. De ésas, unas 5.000 eran miembros de la Federación Regional Española”.

³³ PRADAS BAENA, 2006, p. 64.

³⁴ Em diferentes lugares da Catalunha se instaura uma onda de revolta popular contra as classes dominantes e a Igreja. Um dos motivos foi a Guerra de Marrocos, houve a convocação de uma Greve Geral e muitos dos grevistas controlaram muitos lugares em Barcelona. Houve forte enfrentamento com as tropas da Guarda Civil. Os movimentos de esquerda chamaram de *Revolta de Julio*. Muitas igrejas foram queimadas, no total 14, além de colégios religiosos, conventos e edifícios que pertenciam à Igreja. O Exército colocou fim na revolta e mais de 2500 pessoas foram presas. PRADAS BAENA, 2006, p. 76-78.

³⁵ PRADAS BAENA, 2006, p. 77.

³⁶ NASH, 1999, p. 45.

melhores condições salariais, jornada de trabalho de nove horas e a noite de oito horas, além de denunciar a escassez de alimentos e subida nos preços de produtos básicos e essenciais.³⁷ A participação das mulheres anarquistas foi tão importante que até incomodou os dirigentes dos sindicatos que, em dado momento, mandaram que os trabalhadores voltassem ao trabalho, por causa da promessa feita de haver uma jornada de dez horas trabalhadas, porém as grevistas se recusaram afirmando que continuariam e só voltariam quando sua exigência da jornada de trabalho fosse aceita: “Se os homens quiserem, eles que voltem a trabalhar; as mulheres continuarão a greve” (ACKELSBURG, 2019, p. 143), palavras ditas por uma afiliada sindical que foram discutidas na reunião de estratégia da greve.

No ano seguinte, eclode a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e a Espanha permanece neutra. Nesse período, a mobilização feminina foi contra a alta dos preços nos alimentos. Muitas famílias estavam passando necessidades, com isso, uma rede de apoio foi formada por diferentes movimentos feministas a fim de ajudá-las. Partindo para uma ação mais radical, diversas ativistas roubam comércios e centros de distribuição de alimentos em Barcelona, Málaga, Córdoba, Vigo, Madri e Alicante e outras cidades.³⁸ Outro fato importante em relação a esse período, foi a crescente procura por trabalho doméstico, devido à neutralidade do país e sua falta de modernização, mais mulheres procuram empregos desse tipo para ajudar a sustentar suas famílias.

Embora houvesse maior participação das mulheres na luta operária, a opinião de muitos intelectuais e de grande parte da sociedade girava em torno dos mesmos argumentos para se referir ao sexo feminino como frágil, não devendo, portanto, exercer atividades de trabalho fora de casa, nem exercer profissões conhecidas como masculinas, além de permanecer nas funções de mãe e esposas. Em 1920, se propagou a teoria do endocrinologista Gregorio Marañón, que afirmava que as mulheres não eram inferiores aos homens, mas sim sensíveis e que sua função principal era ser mãe e esposa, ou seja, uma *hada del hogar*. Segundo o médico, somente viúvas e solteiras deveriam desempenhar atividades similares às dos homens e em casos especiais.³⁹ Essa teoria foi bem aceita entre os conservadores e progressistas que ainda defendiam a visão machista em relação às atividades trabalhistas, estabelecendo uma marca da divisão entre os gêneros.

Destaca-se também, durante as primeiras décadas do século XX na Espanha, o reconhecimento dos termos utilizados na luta das mulheres. O termo feminismo só foi aceito

³⁷ NASH, 1999, p. 46.

³⁸ NASH, 1999, p. 46.

³⁹ NASH, 1999, p. 27.

em 1915, por causa da validação de um professor universitário, que seguia a ideologia *Krausista*, ao divulgar um livro para seus alunos que continha o termo. Ou seja, mais uma vez a luta feminista só era validada por causa de homens. Até dentro do movimento feminista passou-se a ter esse reconhecimento, tanto que segundo Nash, a professora e escritora, Carmen Burgos, afirmava que o primeiro ato público das feministas foi realizado em 1921, ao entregarem manifestos nas ruas exigindo seus direitos civis e políticos,⁴⁰ não reconhecendo a luta de outros movimentos que pediam as mesmas reivindicações desde o final do século XIX.

Se por um lado temos dentro do feminismo radical nomes como da Teresa Claramunt, por outro, dentro do movimento feminista católico e moderado temos Dolors Monserdà, escritora e defensora do nacionalismo conservador da Catalunha e do movimento reformista católico. Segundo Nash, essa escritora catalã defendia a participação das mulheres na educação, no trabalho e na cultura como forma de apoiar os homens.

Não é minha intenção falar ou minimizar minimamente a submissão que uma mulher, por lei natural, por ordem de Jesus Cristo e por vontade própria ao contrair casamento, deve ter a um homem, pois esta submissão é absolutamente necessária para um adequado governo da família e da sociedade; submissão, que nas mulheres é um impulso do coração ao qual obedecem sempre, desde que a supremacia reconhecida pelas leis divinas e humanas se combine com a superioridade moral do homem que a impõe (NASH, 1999, p. 26-27, tradução nossa).⁴¹

Ademais, Monserdà redefiniu o termo feminista dentro de seu movimento, excluindo por completo as ideias e lutas defendidas pelos movimentos britânicos e estadunidenses, que apoiavam a cultura laica, pois segundo ela essa cultura desmoralizava os valores da religião e da família. Também, devemos ter o conhecimento de que desde o século XIX, os movimentos feministas católicos eram superiores aos movimentos feministas radicais, tanto que o propósito do movimento de mulheres católicas era combater o socialismo que se opunham aos dogmas religiosos judaico-cristãos e preservar a dignidade moral da família espanhola. É importante destacar como a participação da Igreja dentro dos movimentos feministas fará todo o diferencial nos anos da Segunda República, na Guerra Civil e no Regime franquista, pois esses movimentos têm o papel principal de reestruturar a sociedade para o lado mais conservador e de apoio ao governo.

⁴⁰ NASH, 1999, p. 47.

⁴¹ No es mi intención hablar o minimizar en lo más mínimo la sumisión que la mujer, por ley natural, por mandato de Jesucristo y por propia voluntad al contraer matrimonio, debe tener al hombre, ya que esta sumisión es del todo necesaria para el adecuado gobierno de la familia y la sociedad; sumisión, que en la mujer es un impulso del corazón al que siempre obedece, siempre que la supremacia reconocida por las leyes divinas y humanas se combine con la superioridad moral del hombre que la impone.

Após um intenso período de fortes protestos, iniciados com a vitória dos proletários russos na Revolução de 1917, que inflamou os movimentos de esquerda na Espanha, eclodem, principalmente nas áreas urbanas, os movimentos grevistas revolucionários, tendo como foco a queda da monarquia espanhola. A repressão contra os grevistas foi fortemente contida pelo exército, deixando mais de dois mil mortos e centenas de feridos.⁴² Em 1921, ocorreu uma grande crise no exército espanhol quando este sofreu uma derrota de maneira vergonhosa no Marrocos.⁴³ Após essa derrota, um inquérito parlamentar foi aberto, devido à insatisfação de toda a Espanha com o rei. Em 13 de setembro de 1923, o general Miguel Primo de Rivera declara um golpe de estado, fazendo com que o governo do rei Alfonso XIII desse um suspiro para se manter no poder.

O governo de Primo de Rivera foi recebido muito bem pelos industriais e pela classe média liberal, por defender o crescimento da economia e a abertura para o capital estrangeiro, principalmente o mercado estadunidense. Além disso, investiu em obras públicas e obteve finalmente a vitória sobre os rebeldes marroquinos. O historiador, Antony Beevor, revela que Primo de Rivera cooperou com as uniões socialistas de trabalhadores, chamando o secretário da UGT,⁴⁴ Francisco Largo Caballero, para ser seu conselheiro de Estado, o que acaba provocando o descontentamento de outros líderes sindicais que o acusam de oportunismo, pois uma das primeiras medidas foi a proibição dos partidos e sindicatos e a forte repressão contra os sindicatos dos operários que eram mais radicais. No ano de 1925, Primo de Rivera forma um diretório composto por civis e militares a fim de modernizar a Espanha, pedindo empréstimos a bancos internacionais, para que seus projetos fossem concretizados. Os projetos de modernização incluíam a construção de autoestradas e barragens hidrelétricas, porém por serem mal planejados, tudo isso acabou resultando em um grande desperdício de dinheiro público e uma dívida enorme para a Espanha.

A chegada de Primo de Rivera ao poder também trouxe a censura, principalmente para os meios de comunicação, visando os intelectuais, muitos deles voltados para assuntos que remetiam às universidades. Segundo Gabriel Jackson, historiador estadunidense, se politicamente o cenário espanhol estava uma bagunça, culturalmente a Espanha testemunhava

⁴² Nas Astúrias, onde a greve durou um mês, o general Ricardo Burguete e um jovem major africanista chamado Francisco Franco foram encarregados da repressão que incluía tortura. Foi uma antevisão da revolta muito mais séria de 1934, na qual o general Franco teria um dos papéis principais.” BEEVOR, 2005, p. 21.

⁴³ Uma divisão comandada pelo general Silvestre foi emboscada em Annual, em 20 de julho de 1921, pelos guerreiros rifenhos marroquinos comandados por Abd-el-Krim. Por razões de vaidade pessoal, dizem que o rei Alfonso queria uma vitória avassaladora para anunciar na festa de São Tiago (padroeiro do exército espanhol) e que insistiria como ministro de Guerra para que encorajasse Silvestre a se meter nesta aventura. 10 mil soldados morreram, 4 mil foram aprisionados e Silvestre suicidou-se. JACKSON, 1973, p. 22.

⁴⁴ Unión General de Trabajadores (União Geral dos Trabalhadores), fundada em 1888 pelos militantes do PSOE. BEEVOR, 2007, p. 20.

uma ostentação extraordinária em sua classe artística e intelectual. O começo do século XX era comparado apenas com o *siglo de oro* espanhol. Grandes romancistas, escritores, poetas e artistas fizeram a revolução cultural na Espanha durante o período de 1927, essa geração ficou conhecida como *Generación del 27*.⁴⁵

Podemos atribuir a chegada do ditador Primo de Rivera ao poder como um importante avanço para o movimento feminista espanhol com relação à pauta ao direito do voto. No dia 8 de março de 1924 foi aprovado o voto administrativo para as mulheres, essa data já era conhecida mundialmente como o Dia Internacional da Mulher desde o ano de 1910.⁴⁶ O Estatuto Municipal, foi um projeto escrito por Calvo Sotelo, Diretor Geral de Administração do governo de Primo de Rivera, em que uma das medidas buscava conceder o voto para as mulheres, e assim, elevar a Espanha a ser o primeiro país da Europa latina a aceitar as reivindicações feministas.⁴⁷ Entretanto, a proposta do voto não foi aceita, devido à alegação de um general que defendia que mulheres dependentes dos homens não deveriam votar. Foi no ano de 1924, nas eleições municipais, quando as mulheres finalmente tiveram suas primeiras conquistas na esfera política. Nas cidades pequenas a expressão das mulheres ocupando cargos públicos teve uma adesão muito maior. Cidades como Ronda, Segorbe, Málaga, Bilbao, Toledo, San Sebastián, Barcelona, Vigo, Segovia e Madri⁴⁸ foram os destaques na imprensa. Outra conquista foi a primeira prefeita eleita, no povoado de *Contretondeta*, María Pérez Moya, que fez história ao ser a primeira *alcaldesa* (prefeita).⁴⁹ No ano seguinte, mais uma conquista, desta vez nas eleições de deputados provinciais, não houve nenhuma mulher eleita, mas apenas uma suplente. Ademais, em 1927, houve a primeira

⁴⁵ Foi um grupo de poetas que surgiu em torno do ano de 1927, e que teve grande influência da Geração de 98, e também, da cultura latinoamericana, principalmente do poeta chileno, Pablo Neruda. Essa geração representava a modernização e a inovação da poesia espanhola. A escolha do ano para denominar o grupo ocorreu neste ano para celebrar o tricentenário da morte do poeta e dramaturgo, Luis de Góngora y Argote, em Sevilha, residência de muitos integrantes do grupo. Eles também ficaram conhecidos como a *Generación de la Amistad*, *Generación de 1925*, *Generación de la República*, entre outros. O grupo era composto por: Pedro Salinas, Jorge Guillén, Gerardo Diego, Vicente Aleixandre, Federico García Lorca, Emilio Prados, Dámaso Alonso, Rafael Alberti, Luis Cernuda y Manuel Altolaguirre, María Zambrano, Rosa Chacel, M^a Teresa León, Dalí (pintura), Buñuel (cine), Manuel de Falla (música) e Miguel Hernández. CANO, José Luis. Una aventura española: la generación de 1927. Boletín Aepe, v. 15, p. 23-31, 1976. LA GENERACIÓN DEL 27: CARACTERÍSTICAS, AUTORES Y OBRAS ESENCIALES. Gobierno de Canarias, 2015. Disponível em: <<https://www3.gobiernodecanarias.org/medusa/ecoblog/oaloper/files/2015/11/Generacion-del-27.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2023.

⁴⁶ Na Conferência de Mulheres Socialistas realizada em Copenhague, Dinamarca, uma proposta de Clara Zetkin e Kathy Duncker, membros do Partido Socialista Alemão, foi aceita. Esse dia foi escolhido por causa de uma greve que ocorreu nos Estados Unidos, onde 129 trabalhadoras morreram queimadas. DÍAZ FERNÁNDEZ, P. La dictadura de Primo de Rivera: una oportunidad para la mujer. Espacio Tiempo y Forma. Serie V, Historia Contemporánea, [S. l.], n. 17, 2005. DOI: 10.5944/etfv.17.2005.3118. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/view/3118>. Acesso em: 30 mar. 2023.

⁴⁷ DÍAZ FERNÁNDEZ, 2005, p. 181.

⁴⁸ DÍAZ FERNÁNDEZ, 2005, p. 183.

⁴⁹ DÍAZ FERNÁNDEZ, 2005, p. 184.

mulher a disputar um cargo na *Real Academia de la Lengua*, Concha Espina, que embora não tenha sido eleita, era outro nome dentro do movimento feminista espanhol que entrava para a história. Também no ano de 1927, treze mulheres participaram como representantes de *Actividades de la Vida Nacional*, na Assembleia Nacional Consultiva, discutindo pontos importantes sobre as espanholas e a sociedade naquele momento, “Concepción Loring y Heredia foi a primeira mulher que falou no Congresso” (DÍAZ FERNÁNDEZ, 2005, p. 187, tradução nossa).⁵⁰ Até então, existia na Espanha três tipos de movimento feministas: as independentes, que reivindicavam a igualdade sexual no trabalho, nas esferas públicas, contra o fim da discriminação; as revolucionárias, acreditavam na emancipação completa da mulher através da revolução, seja através do socialismo, seja pelo anarquismo. Por último, as católicas, que conseguiram ocupar os cargos administrativos, defendendo a luta das mulheres, principalmente com a emancipação econômica, todavia sua luta deveria ser vista como um apoio aos homens.

No ano de 1929, com a queda da Bolsa de Nova York, as exportações da Espanha sofreram com a crise que os outros países enfrentavam devido ao grave problema financeiro que acarretou a economia capitalista. O país não sofre tanto, mas escândalos financeiros, as crescentes greves gerais puxadas pelos anarcossindicalistas e pela UGT, além de passeatas de estudantes, fazem o regime ditatorial de Primo de Rivera abalar-se. Ele apresenta sua renúncia no ano de 1930, quando se exila em Paris e morre semanas depois. Dessa maneira, se cria um clima instável dentro dos movimentos feministas, pois não tinham a certeza se tudo que haviam conquistados continuaria, ou se haveria novamente um retrocesso e elas novamente seriam consideradas cidadãs secundárias. O rei Alfonso XIII coloca um novo general no poder e firma um decreto de caráter transitório até as eleições municipais, para ainda não perder seu comando no país ibérico sobre os fortes protestos de populares, de ex-políticos monarquistas que pediam o fim da monarquia e a proclamação de uma República. Nessas eleições municipais do ano de 1930, duas mulheres foram eleitas prefeitas em pequenas cidades na província de Palencia.⁵¹

Com o fim da ditadura de Primo de Rivera e as incertezas de um novo governo espanhol, podemos ver que em âmbito nacional a participação das mulheres em cargos administrativos não produziu tanto efeito, principalmente, nas mudanças de leis a favor do sexo feminino, contudo a mudança de mentalidade, o acréscimo na língua ao se referir as mulheres eleitas em cargos públicos foi um importante combustível para os movimentos

⁵⁰ “Concepción Loring y Heredia fue la primera mujer que habló en el Congreso”.

⁵¹ DÍAZ FERNÁNDEZ, 2005, p. 188.

feministas. A crítica maior que se tem sobre o sufrágio espanhol é a falta de consenso entre movimentos moderados católicos e movimentos socialistas que não reuniram forças para exigir seus direitos de fato, igual aos outros países onde os movimentos eram mais avançados. Além do mais, diversos conservadores que nutriam críticas sobre as mulheres em cargos públicos tiveram que aceitar e reconhecer a força e apoio feminista, sendo esse reconhecimento fundamental para os anos turbulentos que viriam a ser os anos de 1939 em diante.

1.3. A HISTÓRIA ESPANHOLA EM *HISTORIA DE UNA MAESTRA*

Tendo como pano de fundo os fatos históricos ocorridos na Espanha nas primeiras décadas do século XX, a escritora Josefina Aldecoa situa o início de sua trilogia em 1920, baseando-se nas recordações de sua mãe que, ao longo de suas conversas, relata com riqueza de detalhes a época em que estudou em Oviedo para a carreira de magistério, no ano de 1923. Sua mãe descrevia de maneira nítida a época da pré-República que ela vivenciou. Lembrava de lugares, paisagens e acontecimentos históricos, sendo um deles o casamento do general Francisco Franco. Segundo a autora, as recordações de sua mãe a fizeram recuperar uma parte esquecida da história de Espanha, e também homenagear a história de sua família e de tantas outras que viveram aquele período, mas com a derrota republicana ao final da Guerra Civil, em 1939, tiveram suas vozes silenciadas.

Na primeira parte de *Historia de una maestra*, *El comienzo del sueño*, no ano de 1923, a personagem principal, Gabriela López Pardo, e suas amigas que acabavam de receber seus certificados de professoras, ao sair da *Escuela Normal*, andavam pelas ruas de Oviedo quando, ao chegar ao centro da cidade, se deparam com um casamento que até então para Gabriela seria um casamento qualquer, porém mais tarde marcaria para sempre seu destino.

A noiva estava sentada, ereta e arrogante (...) Era morena, magra. Seus olhos não expressavam nenhum sentimento, mas notei que eram olhos grandes e luminosos. (...) Olhei para o noivo. Um homem jovem, sério, com um bigode preto que agia com firmeza. Um homem vestido com um uniforme de gala. Muitas vezes me lembro daquele casamento. Li a notícia alguns dias depois num jornal, mas os nomes não me diziam nada: "... A senhorita Carmen Polo y Martínez-Valdés e o tenente-coronel D. Francisco Franco Bahamonde se casaram..." (ALDECOA, 2015, p. 15-16, tradução nossa).⁵²

⁵² La novia iba sentada, erguida y arrogante (...) Era morena, delgada. Los ojos no expresaban sentimiento alguno pero observé que eran unos ojos grandes y luminosos. (...) me fijé en el novio. Un hombre joven, serio, con un bigote negro que le actuaba el gesto firme. Un hombre vestido con uniforme de gala.

Ainda nesse período histórico representado no romance, Aldecoa consegue demonstrar muito bem o sentimento de inquietação e revolta do povo espanhol através de seus personagens. Gabriela relata que ao chegar no povoado de *Tierra de Campos*, observava os olhares dos homens que estavam na mesma pousada: “(...) sentia que por trás daqueles olhares havia uma fome de tantas coisas, uma fome e um cansaço imensos” (ALDECOA, 2015, p. 19, tradução nossa).⁵³ O país naquela época vivia uma crise econômica muito grande, e a miséria era presente para aqueles que viviam nos campos, sobretudo por causa da escassez de alimentos ou dinheiro. Na segunda parte do romance, *El Sueño*, Gabriela, depois de voltar da Guiné Equatorial, que havia sido colônia da Espanha no continente africano até o ano de 1968, foi designada para uma nova escola na província de León, em um povoado chamado de *Castrillo de Abajo*, e é nesse povoado onde Gabriela acaba conhecendo o também professor, Ezequiel García, que vivia na mesma região, mas em *Castrillo de Arriba*. Por serem professores comprometidos com um novo tipo de educação, os dois demonstram a necessidade de passarem seus conhecimentos para as crianças e adultos daqueles lugares, além de se preocuparem com as necessidades que o povo passava. “— Mas a riqueza é mal distribuída — disse Ezequiel —. Não há tanta fome como em outros lugares, mas eu gostaria que vocês vissem a ignorância em que vivem, a sujeira, o abandono. Especialmente lá em cima, onde há uma grande diferença entre a planície fértil e as montanhas...” (ALDECOA, 2015, p. 88, tradução nossa).⁵⁴

Nessa segunda parte do livro, Aldecoa corrobora com a mudança esperada pelos espanhóis nas questões políticas. Amadeo, o carpinteiro vizinho e amigo de Gabriela e Ezequiel, era também quem mais se interessava pela política, pelo fato de sempre visitar seu irmão que vivia na cidade. Por intermédio deste personagem nos inteiramos das mobilizações ocorridas tanto nas cidades das províncias quanto na capital.

— Oví em León — ele nos disse — que uma grande revolução está se formando. Que o rei vai sair pelos pés e que haverá uma revolução. Meu irmão diz que chegou a hora de fazer alguma coisa, que não podemos ficar parados vendo isso acontecer. Que chegou a hora de as pessoas falarem e serem ouvidas e de que nos deem o que é nosso. A primeira coisa é a

Muchas veces he vuelto a recordar aquella boda. La reseña la leí a los pocos días en un periódico pero los nombres no me dijeron nada: «... han contraído matrimonio la Srta. Carmen Polo y Martínez-Valdés y el Teniente Coronel D. Francisco Franco Bahamonde...».

⁵³ “yo sentía que detrás de aquellas miradas había hambre de tantas cosas, un hambre y un cansancio inmensos”.

⁵⁴ “—Pero la riqueza está mal distribuida —dijo Ezequiel—. Hambre no hay tanta como en otros sitios pero quisiera que viera la ignorancia en que viven, la suciedad, el abandono. Sobre todo allá arriba, que es mucha la diferencia entre la vega y el monte...”

educação, dom Ezequiel, a educação e a cultura para podermos levar o país adiante... (ALDECOA, 2015, p. 100, tradução nossa).⁵⁵

Outro importante fato sobre o final dos anos 1920, também presente no romance, foi o acirramento dos conflitos sociais, principalmente entre a Igreja Católica e os grandes proprietários de terras, de um lado, contra os camponeses, sindicalistas e professores, de outro. Na história, aparece a figura do proprietário de terra, o personagem don Cosme, que se gabava por possuir terras nos dois povoados. Em um episódio bem peculiar da narrativa, quando este recebe a visita do bispo, deixa claro suas ideias e suas convicções para os dois professores que foram convidados a participar da recepção da figura religiosa.

— Señor Bispo, Ilustre Pessoa, brindo aqui à sua longa vida dedicada à fé e à propagação da doutrina cristã e diante das nuvens escuras que nos perseguem e que cobrem o país de ameaças, quero dizer-lhe muito claramente que você nos tem aqui e nos terá sempre nesta cidade para defender a religião de nossos pais... (ALDECOA, 2015, p. 104, tradução nossa).⁵⁶

Tal ato deixou o casal desconfortável com o discurso e um pouco adiante nessa mesma parte, Ezequiel confessa de maneira implícita o descontentamento que o leva cada vez mais a se interessar pela política. “— Não chegou a hora, disse ele, assustado. Eu ri de seu medo e ele se tranquilizou com minha risada. — Falta ainda um mês, não tenha medo... Mas outra hora se aproximava, Ezequiel me disse.” (ALDECOA, 2015, p. 105, tradução nossa).⁵⁷

O descontentamento foi tão grande que novos partidos foram criados, o principal deles, fundado pelos ex-políticos monarquistas Niceto Alcalá Zamora e Miguel Maura. Junto ao PSOE,⁵⁸ da UGT e dos catalães, eles fundaram uma aliança republicana. Após a constituição dessa aliança, cada vez mais levantes revolucionários e revoltas – organizados em sua maioria por estudantes universitários e pelos operários – aconteciam nos grandes centros urbanos para pedir a derrubada da monarquia. No ano seguinte, no mês de janeiro, aconteceu uma greve universitária planejada pelo grupo que se intitulava “Al servicio de la

⁵⁵ —Me he enterado en León —nos dijo— que se prepara una muy gorda. Que el rey va a salir por los pies y que va a haber una revolución. Dice mi hermano que ha llegado el momento de hacer algo, que no podemos quedarnos todos quietos viéndolas venir. Que va llegando el tiempo de que hable el pueblo y se le escuche y nos den lo que es nuestro. Lo primero la educación, don Ezequiel, la educación y la cultura para ser capaces de sacar el país adelante...

⁵⁶ Señor Obispo, Ilustrísima persona, brindo aquí por su larga vida dedicada a la fe y a la propagación de la doctrina cristiana y ante los nubarrones que nos acechan y que van cubriendo la patria de amenazas, quiero decirle muy claro que aquí nos tiene y nos tendrá siempre en este pueblo para defender la religión de nuestros padres...

⁵⁷ “—No habrá llegado el tiempo —dijo sobrecogido. Reí ante su temor y le tranquilizó mi risa. —Todavía falta un mes, no tengas miedo... Pero otro tiempo se acercaba, me dijo Ezequiel”.

⁵⁸ Partido Socialista Obrero Español, fundado por Pablo Iglesias em 1879. BEEVOR, 2007, p. 50.

República”, tendo como membros, os escritores José Ortega y Gasset, Gregorio Marañón, Ramón Pérez de Ayala e seu presidente, Antonio Machado.⁵⁹ O rei, sem saber o que fazer, dá a ordem ao novo general no poder para que este realizasse as eleições municipais no dia 12 de abril de 1931, que acabam se tornando um plebiscito contra a monarquia. Na noite daquele mesmo dia, a Aliança Republicana comemora a sua vitória, sendo Alcalá Zamora aclamado em Madri como o novo governante. No dia 14 de abril de 1931, a República foi proclamada em Eibar, sendo logo divulgada para os quatro cantos da Espanha.

O rei, por sua vez, a fim de evitar uma guerra civil, foge com a sua família para Cartagena. Apesar de não haver abdicado formalmente, sua partida não criou nenhuma confusão: “Bem antes de sua queda, a monarquia havia se evaporado da consciência dos espanhóis”, escreveu Miguel Maura (BEEVOR, 2007, p. 60 apud Miguel Maura, *Así cayó Alfonso XIII*, Barcelona, 1966, p. 329). Assim terminava o legado de uma monarquia falida e iniciava-se um novo período na história da Espanha, um ano de recuperação, de esperança e modernização para um país que vivia entre o antigo, o tradicional e o novo.

Tal fato também está mencionado no romance, *Historia de una maestra*, coincidindo com o dia do nascimento da filha de Gabriela e Ezequiel. Enquanto Gabriela estava em trabalho de parto, seu marido volta eufórico para casa a fim de lhe dar as boas-novas: “E eu com o lenço entre os dentes, desequilibrada, delirando de dor, sem saber do que estava falando, incapaz de lidar com qualquer coisa que não fosse a dor, mais forte, mais próxima, imediata, já apenas uma única dor interminável, sem pausa ou descanso, brutalmente espalhada pelo meu corpo...” (ALDECOA, 2015, p. 108, tradução nossa).⁶⁰ A euforia nos dois povoados era gigantesca, todos gritavam a vinda da República, o único que não estava contente era o padre dos dois povoados: “Ezequiel disse, me contou mais tarde, que, por trás dos meus gritos, ouviu o padre gritar com o sacristão: “E quem é você para tocar os sinos, quem lhe deu permissão, quem o enviou?” (ALDECOA, 2015, p. 108, tradução nossa).⁶¹

Foi em meio à euforia de muitos e decepção de alguns que se proclamou a II República Espanhola, enquanto nascia a única filha do casal: “Minha filha estava chegando a este mundo, acomodando-se em nossas vidas com lágrimas nos olhos. Faltava pouco para a

⁵⁹ BEEVOR, 2007, p. 59.

⁶⁰ “Y yo con el pañuelo entre los dientes, desencajada, desvariando de dolor, sin saber de qué estaba hablando, sin poder ocuparme de otra cosa que del dolor, más fuerte, más cercano, inmediato, ya sólo un único dolor interminable, sin pausa ni reposo, brutalmente extendido por mi cuerpo...”

⁶¹ “Dijo Ezequiel, me lo dijo después, que tras mi gritos se había oído el grito del Cura increpando al sacristán: «¿Y tú quién eres para tocar las campanas, quién te dio permiso, quién te mandó?»”

meia-noite daquele dia que jamais esquecerei. Era 14 de abril de 1931 e estávamos casados há dez meses e meio” (ALDECOA, 2015, p. 108, tradução nossa).⁶²

Ao longo do romance, é possível observar a representação de diversas vozes de mulheres situadas no século XX. Começando pela protagonista, a jovem professora Gabriela, uma mulher vinda de uma família classe média baixa, de pai ateu e mãe católica não fervorosa. Graças a *Ley Moyano*,⁶³ e aos educadores da ideologia *Krausista*, a personagem tem como um grande sonho: ensinar crianças e adolescentes dos povoados esquecidos no interior da Espanha, sendo a maioria da população analfabeta, pobre e, em grande medida, seguidora da Igreja Católica. Desde a sua formação, no início deste primeiro romance, até o final dele, a professora não se filia a nenhum partido político, assim como não defendia os dogmas cristãos, seguindo o exemplo de seu pai. Podemos incluir Gabriela no movimento feminista independente, já que ela queria a igualdade das mulheres espanholas, mas sem radicalização. Como dito, Gabriela não é uma mulher ligada à fé e aos dogmas católicos, resultado da educação que lhe dera seu pai.

Meu pai tinha uma cabeça clara e me criou com liberdade, mas também com prudência. Minha mãe era uma mulher gentil, mas confusa. Ela deixou minha educação nas mãos de meu pai, a quem admirava sem reservas. Devo tudo o que sou, ou pelo menos o que eu era na época, ao meu pai (ALDECOA, 2015, p. 29, tradução nossa).⁶⁴

O pai da professora, além de ser anticlerical, era um funcionário que trabalhava na RENFE, *Red Nacional de Ferrocarriles Españoles*, e também, tinha sido soldado na guerra que levou a Espanha a perder suas últimas colônias, Cuba e Filipinas. A narradora-personagem não nos informa se seus pais haviam sido filiados a algum movimento, ou se a mãe era uma das mulheres convencidas pela Igreja a retomar os dogmas cristãos. Mais à frente no romance, uma das memórias de Gabriela é sobre uma discussão entre seus pais:

⁶² Mi hija se abría camino en este mundo, se instalaba llorando en nuestras vidas. Faltaba poco para las doce de la noche de aquel día que nunca olvidaré. Era el 14 de abril del año 1931 y hacía diez meses y medio que nos habíamos casado.

⁶³ Durante o biênio progressista (1854-1856) foi elaborado uma lei que não foi para pleito, no ano seguinte, através do ministro de fomento, Claudio Moyano, outorga no dia 9 de setembro de 1857 a lei que obrigava a criação de escolas para meninos e meninas, além de ser de responsabilidade dos pais levarem seus filhos, a partir dos seis anos de idade para essas escolas. Sendo, a partir daquele ano, o ensino para todas as classes sociais. Ministro don Claudio Moyano y Samaniego do Ministério de Fomento. DELGADO, Miguel Á. *Ley Moyano, cuando España apostó por su educación. El Español*. Disponível em: <https://www.lespanol.com/cultura/historia/20170303/197980510_0.html>. Acessado em 20 mar. 2023.

⁶⁴ Mi padre tenía la cabeza muy clara y me había educado con libertad, pero también con prudencia. Mi madre era una mujer bondadosa, pero desdibujada. Dejé mi educación en manos de mi padre, a quien admiraba sin reservas. Yo todo lo que soy, o por lo menos lo que era entonces, se lo debo a mi padre.

(...) valorizo sua paixão pelo conhecimento, a ânsia de alcançar fins nobres que ele projetou em mim. “Deus não existe”, ele me dizia, seus olhos brilhando com o fervor da descoberta. “Deus não existe como o veem, como aqueles que acreditam Nele. Se existe uma forma de divindade, ela está em tudo ao nosso redor: o mar, a montanha e o homem são Deus...”. Minha mãe ouviu e ficou em silêncio. Uma noite, eu os ouvi conversando. “Ela é uma criança”, disse minha mãe, “e vai ter muitos problemas com as ideias que você coloca na cabeça dela” (ALDECOA, 2015, p. 29, tradução nossa).⁶⁵

Além disso, também somos apresentados a diferentes personagens femininas no início da história. Gabriela, no dia em que se forma professora, está acompanhada de suas amigas, Remedios, Rosa e outras companheiras de profissão. A narradora já nos informa da suspensão do curso feita por Remedios, pois pensava que sua maior felicidade estava em seu casamento prestes a ser celebrado, “Que diferença faria se mais cedo ou mais tarde eu teria que deixar...” (ALDECOA, 2015, p. 14, tradução nossa).⁶⁶ Já entendemos que mesmo tendo conquistado o estudo e a profissão, que agora as mulheres poderiam exercer a partir do ano de 1923, muitas ainda conservavam o pensamento de serem *hadas del hogar*, não se importando com a capacitação profissional, ou seja, continuavam desejando a tarefa de cuidar da casa, do marido e dos filhos.

Rosa, sua outra amiga, se forma, porém, seu desejo é ministrar suas aulas perto do povoado de seus pais, não queria ir para longe, pois se via como uma mulher dependente da família e também esperava casar-se.

Lembrei-me de Rosa, minha colega de classe: “Se não me derem uma cidade perto de casa, eu não vou”, ela costumava dizer. “Prefiro ficar e esperar...”. “Esperar o quê?”, eu dizia. Mas ela insistia: “Esperar”. É verdade que seu pai era dono de uma pousada e lá ela tinha um sustento seguro e até mesmo a chance de encontrar um namorado adequado. Como ela disse: “Estamos interessados em encontrar um namorado adequado...” (ALDECOA, 2015, p. 18, tradução nossa).⁶⁷

Durante a modernização espanhola no século XIX, as mulheres ainda eram tidas como seres inferiores, débeis em suas faculdades mentais, cuja única vocação era a de serem

⁶⁵ (...) valoro su pasión por el saber, el ansia por alcanzar fines nobles que proyectó en mí. «Dios no existe», me decía y le brillaban los ojos con el fervor del descubrimiento. «Dios no existe como lo ven los que creen en Él. Si hay una forma de divinidad está en todo lo que nos rodea: el mar y el monte y el hombre son Dios...». Mi madre escuchaba y guardaba silencio. Una noche les oí hablar. «Es una niña», decía mi madre, «y va a tener muchos disgustos con las ideas que le metes en la cabeza».

⁶⁶ “Qué más da si antes o después lo tenía que dejar...”

⁶⁷ Me acordé de Rosa, mi compañera de curso: «Yo, si no me dan un pueblo cerca de casa, no voy», solía decir. «Prefiero quedarme y esperar...». «Esperar ¿a qué?», le decía yo. Pero ella insistía: «Esperar». Es verdad que su padre era dueño de una fonda y allí tenía ella su medio de vida asegurado y hasta oportunidades de encontrar un novio conveniente. Como ella decía: «Nos interesa encontrar un novio conveniente...».

esposas e mães, o que fica demonstrado no atraso que a aprovação do voto feminino sofreu nas duas primeiras décadas do século XX. Acrescente-se a isso a questão da educação, pois o ensino era diferenciado entre os sexos. A diferença salarial também era evidente, já que as professoras recebiam bem menos que seus colegas homens, embora a profissão do magistério fosse vista positivamente e avaliada como uma profissão adequada para mulheres, diferentemente de outros cargos em que havia certa resistência da sociedade machista da época.

Chamam a atenção outros personagens que entram na vida da professora, conforme ela começa a ministrar suas aulas nos povoados no interior da Espanha. Num povoado perdido nas montanhas da província de Astúrias, para o qual Gabriela se muda, ela depara-se com o choque entre o conservadorismo e o pensamento crítico. Um povoado em que o prefeito é um homem ligado à religião e há um senhor rico republicano. Quando a jovem se muda para lá, o primeiro lugar em que fica hospedada é a casa desse senhor de sessenta anos, com pensamentos progressistas, que lembrava muito seu pai, tanto que don Wenceslao foi quem mais a ajudou na escola. Após a notificação do prefeito avisando que uma senhora viúva a acolheria, Gabriela pensou em ficar na casa de don Wenceslao, mas foi para a casa dessa mulher. Em uma conversa com seu aluno mais velho, buscando sua opinião para saber o motivo de terem indicado essa outra casa, ele lhe informa que o povo via a sua permanência na casa de um homem como algo pecaminoso. Escreveu para seu pai relatando o ocorrido e este teve a mesma opinião do aluno: ““Acho”, escreveu-me meu pai, “que eles fazem isso por escrúpulos morais. Eles são mesquinhos e ignorantes, não se esqueça disso. Faça com que seus filhos se tornem algo diferente”” (ALDECOA, 2015, p. 32, tradução nossa).⁶⁸

Por um lado, Gabriela entendeu a preocupação de todos sobre preservar sua honra, mas para ela não fazia sentido nenhum. Vemos o feminismo de Gabriela ao defender a igualdade de gênero entre ela e o seu anfitrião, contudo, o povoado em que residia tinha a forte influência da Igreja e das concepções provindas do passado. Sobre o prefeito, desde o início olhava para a jovem professora com desdém, não acreditando no seu método de ensino, criticando-a por querer fazer melhorias na pequena escola do povoado. Em um certo dia, convida Gabriela para ir até a prefeitura e conhecer sua cunhada, uma professora que lecionava em uma escola católica, que era rígida e também olhava para Gabriela com certo olhar de superioridade.

⁶⁸ «Creo», me escribió mi padre «que lo hacen movidos por escrúpulos de moral. Son estrechos de mente e ignorantes, no lo olvidés. Trata de que sus hijos se conviertan en algo diferente»

— Aqui está, Elisa, esta é a nova professora.

Elisa olhou para mim com seus olhinhos enterrados sob um emaranhado de sobrancelhas pretas e brancas.

— Olá, garota! — ela disse — Como está se saindo na cidade?

— Bem - eu respondi.

— Vai ser difícil no começo, mas você vai se acostumar. As crianças são como animais, mas você precisa domá-las. E quando elas não responderem, use a palmatória...

Não respondi. Seguiam sem me convidaram para sentar e me olhavam com indiferença, como se não tivessem decidido ter a minha atenção, mas também não tivessem decidido despedir-se de mim.

— Minha cunhada Elisa acabou de se aposentar e veio nos visitar. Esta foi realmente uma boa professora. Na escola em que ela lecionava, as crianças não se mexiam. E eles tinham muito respeito por ela...

Foi o prefeito quem falou e me deu um sorriso meio malicioso e impertinente para que eu não duvidasse que os elogios da velha cunhada tinham como objetivo me criticar (ALDECOA, 2015, p. 43-44, tradução nossa).⁶⁹

Há duas mulheres muito citadas durante essa fase da professora nesse lugar. Raimunda, a criada da casa de don Wenceslao, sobre quem não há muitas informações, apenas diálogos sobre a vida desse senhor, recados, cuidados e alertas. Também há María, que acolheu Gabriela depois do pedido do prefeito. O que se sabe dela é que era uma mulher reservada, séria, falava apenas o necessário, era viúva e vivia sozinha. A educadora até faz uma reflexão sobre como teria sido a vida dessa mulher com seu marido que era ferreiro. Assim como na história, essas mulheres eram as camponesas que não só cuidavam da casa, mas faziam de tudo no povoado, cozinhavam, tricotavam, costuravam, cuidavam das hortas, tinham o conhecimento de plantas e ervas para as doenças, entre outros. María não sabia tricotar, foi Gabriela que a ensinou, assim como decidiu passar esse conhecimento para suas crianças, porém devido ao machismo enraizado naquele povo, somente as meninas continuaram com esse ensinamento.

Um episódio trágico ocorrido nesse lugar foi o de uma mãe que procurou a professora para que ajudasse a salvar sua filha. Nesse tempo faltavam profissionais de saúde nos povoados mais distantes, por isso muitos viam os professores como um especialista em tudo.

⁶⁹ —Aquí la tienes, Elisa, ésta es la nueva maestra.

Elisa me miró con sus ojillos sepultados bajo una maraña de cejas blanquinegras.

—Hola, muchacha —dijo—, ¿qué tal te va por el pueblo?

—Bien —contesté.

—Al principio te será difícil pero ya te irás acostumbrando. Los chicos son como animales pero hay que domarles. Y cuando no respondan, palo...

No contesté. Seguían sin invitarme a tomar asiento y me contemplaban con indiferencia como si no acabaran de decidirse a tenerme en cuenta pero tampoco a despedirme.

—Mi cuñada Elisa acaba de jubilarse y ha venido a visitarnos. Esta sí que ha sido buena maestra. En la escuela que estaba los chicos no se le movían. Y menudo respeto le tenían...

Era el Alcalde quien hablaba y me dirigió una media sonrisa socarrona e impertinente de modo que no dudara que la alabanza de la vieja cuñada iba dirigida a criticarme a mí.

Por causa desse episódio, Gabriela decide ensinar às mulheres noções de higiene pessoal, para trazer um paliativo naquele local. Mais uma vez vemos o machismo do prefeito ao dizer para a educadora: “— E o que as mulheres têm a aprender? — disse ele — Tarefas lhe sobram como cuidarem da casa e dos animais” (ALDECOA, 2015, p. 38, tradução nossa).⁷⁰ Ou seja, ensinar o básico de higiene para essas mulheres era visto como algo inútil para o prefeito. Outra vez voltamos para aquele pensamento do século XIX em relação à capacitação do sexo feminino.

Em seguida, temos uma nova fase na vida da professora. Em 1928, Gabriela estava com 24 anos e ainda era solteira, quando decidiu deixar seu país de nascença para lecionar em outro continente, a Guiné Equatorial. “Eu tinha vinte e quatro anos e estava ansiosa por aventuras. Se eu fosse um homem... Pensei. Um homem é livre. Mas eu era uma mulher e estava presa à minha juventude, aos meus pais, à falta de dinheiro, à época.” (ALDECOA, 2015, p. 54, tradução nossa).⁷¹ Esse pensamento mostra muito sobre como, para um homem jovem, decidir sair do seu país e morar em outro para trabalhar era visto como uma forma de responsabilidade e orgulho, mas para as mulheres era uma loucura vista com maus olhos. Nesse país, a professora passará por muitas dificuldades, justamente por ser mulher.

A jovem estava encantada pela Guiné Equatorial, sua admiração era tanta que não se importava muito com as dificuldades enfrentadas em relação ao clima, à sua hospedagem e à pobreza do lugar. O que fazia com que superasse todos os obstáculos eram os sorrisos das crianças que esperavam alegres por sua nova professora e o amor com que dedicava sua vida ao ensino. Ela faz amizade com um médico local, Émile, que se torna seu amigo e confidente, o que acaba despertando sentimentos na professora que logo se vê apaixonada por ele. No local em que residia, a professora diz haver poucas mulheres brancas e, facilmente, era reconhecida como a professora da escola, pois a maioria dos residentes estrangeiros eram homens brancos, burgueses provindos de países da Europa, que estavam por lá para explorar a riqueza do povo e do país.

Émile, o médico, tinha bastante conhecimento sobre a colonização de seu povo e era contra isso. A amizade e o encantamento que Gabriela nutria por ele só cresciam, principalmente porque ele defendia que o conhecimento deveria ser levado para todos, “— Tudo isso é nosso — disse Émile —, nos pertence e ninguém pode nos tirar, mas eles nos destruirão se não sairmos da ignorância e da escravidão em que vivemos...” (ALDECOA,

⁷⁰ “—Y qué tienen que aprender las mujeres —dijo—. Tarea les sobra con atender la casa y los animales”.

⁷¹ “Yo tenía veinticuatro años y afán de aventuras. Si fuera hombre... pensaba. Un hombre es libre. Pero yo era mujer y estaba atada por mi juventud, por mis padres, por la falta de dinero, por la época”.

2015, p. 66, tradução nossa).⁷² Essa admiração que a professora nutre pelo médico despertará a inveja e a fúria dos homens brancos que vivem naquele lugar. O episódio mais traumático ocorre após a volta da jovem para o seu dormitório, quando ela vê uma sombra e pensa ser Manuel, empregado do local, porém era um homem que tenta forçar uma relação sexual com ela.

Não era o Manuel. Seu rosto transtornado se aproximou do meu e pude distinguir, na luz fraca que entrava pela janela, o rosto branco, as mãos brancas e as palavras sombrias do Administrador do Hospital. Ele me abraçou com força e tentou me beijar, cuspiu em mim seu hálito de bêbado, murmurando furiosamente:
— Se você é boa para o negro você também será boa para mim...
Eu me debati o máximo que pude e tentei me livrar dele, mas não consegui, e pude sentir seu corpo suado sobre o meu quando consegui gritar. Meu grito ressoou acima da música, da festa, da cidade negra. A porta se abriu e agora era Manuel, Manuel que permanecia mudo e imóvel na porta. Mas isso foi o suficiente para que meu agressor reagisse. Ele se afastou de mim e, com um golpe, jogou Manuel contra a parede. Quando ele desapareceu, eu me deitei na cama e chorei enquanto Manuel fechava a porta e descia as escadas, respeitando minha solidão e minha dor (ALDECOA, 2015, p. 67, tradução nossa).⁷³

Falar sobre o trauma não é só querer entender a situação vivida, mas uma forma de se reconectar ao mundo, como acontece com aqueles sobreviventes que buscam serem ouvidos. No caso da violência quase sofrida pela personagem, não importa se ela é uma mulher jovem, velha, pobre, culta, trabalhadora, branca, negra, asiática. A cultura do estupro está presente há séculos nas mais diversas sociedades. Quando ocorre a violência a culpa muitas vezes recai sobre a vítima e quase nunca no abusador, o que se pode associar com os padrões que a sociedade segue com relação às mulheres, tornando-as submissas aos pais, maridos, irmãos, naturalizando, inclusive, a convivência com o abusador.⁷⁴ Há também as consequências que acompanharam a vítima, seja a curto, médio ou longo prazo, fazendo com que a mulher não

⁷² “—Todo esto es nuestro —dijo Émile—, nos pertenece y nadie puede quitárnoslo, pero nos destruirán si no salimos de la ignorancia y la esclavitud en que vivimos...”

⁷³ No era Manuel. Su cara desencajada se acercó a la mía y pude distinguir, a la débil luz que se filtraba por la ventana, la cara blanca, las manos blancas, las oscuras palabras del Administrador del Hospital.

Me abrazaba con fuerza y pretendía besarme, me escupía su aliento de borracho, murmurando con furia:

—Si eres buena para el negro también lo serás para mí...

Forcejeé como pude y traté de desembarazarme de él pero no lo conseguí y ya sentía su cuerpo sudoroso sobre el mío cuando pude gritar. Mi grito resonó por encima de la música, la fiesta, la ciudad negra. La puerta se abrió y ahora sí, era Manuel, Manuel que se quedó mudo e inmóvil en el umbral. Pero fue suficiente para que mi agresor reaccionara. Se alejó de mí y de un manotazo lanzó contra la pared a Manuel. Cuando desapareció me tumbé en la cama y me eché a llorar mientras Manuel cerraba la puerta y se retiraba escaleras abajo, respetando mi soledad y mi dolor.

⁷⁴ NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J.; LARANJA, M. R. da R. O estupro sob a ótica feminina: violência de gênero na literatura. Afluente: Revista de Letras e Linguística, São Luís, p. 141–159, 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/7027>. Acesso em: 31 mar. 2023.

seja amparada, mas julgada pela sociedade patriarcal que se baseia na mística da masculinidade, na construção natural e perigosa que forma o caráter viril do homem em algo passional e brutal: “E o estupro serve como meio para afirmar essa constatação: o desejo do homem é mais forte do que ele, o homem não pode dominá-lo” (PEREIRA e ARRUDA, 2021, p. 156 apud DESPENTES, 2016, p. 42).

O episódio antes mencionado ficará marcado na vida da jovem professora, sendo um dos motivos implícitos de a fazer voltar para seu país natal. De fato, não há a negação do fato traumático, mas o processo de coexistência que permite seguir em frente, como afirma o crítico brasileiro, Márcio Seligmann-Silva: “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA. 2008, p. 67). Portanto, se Gabriela quisesse fazer uma denúncia para as autoridades, ela não conseguiria respaldo, pois naquela época ainda não havia leis de proteção para as mulheres. O código penal espanhol só acrescentou a lei de proteção contra o crime de estupro em 1978.⁷⁵ Em relação à Guiné Equatorial não há uma lei que assegure a proteção das mulheres, tanto que foi somente no ano de 2022 que se aprovou o primeiro Código Penal do país.⁷⁶

A professora não quis contar para ninguém o episódio ocorrido, nem para seu pai e nem para Émile. Em seu entendimento, o administrador do hospital nutria uma certa inveja pelo médico, por ele ser negro, culto e pela professora ter se afeiçoado a ele. Em outras palavras, a personagem guardou sua experiência para si própria. Segundo Cytrnowicz, a memória busca conciliar os confrontos, fechar as feridas e silenciar as dores; seu compromisso é com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas acessíveis para reconstruir uma vida, um futuro, por mais que ela conte as dores e as feridas.⁷⁷ Para o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov, a recuperação do passado é indispensável, o passado

⁷⁵ A lei é voltada para sexo não consensual com menores de idade, independente do gênero da pessoa, além de incluir o quesito de sequestro, sendo punido por multa e prisão. ESPAÑA. Decreto 3096/1973, de 14 de septiembre, por el que se publica el Código Penal, texto refundido conforme a la Ley 44/1971, de 15 de noviembre. Ministério de Justicia. Boletín Oficial del Estado. Madrid, Comunidad de Madrid, «BOE» núm. 297, de 12 de diciembre de 1973, páginas 24004 a 24018 (15 págs.). Disponível em: <<https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-1973-1715>>. Acesso em 31 mar. 2023.

⁷⁶ Até então, a Guiné Equatorial tinha como uso o Código Penal espanhol de 1963, ainda sob o poder do ditador Franco. O Código Penal do país africano foi sancionado no dia 17 de agosto de 2022, sob a Lei 4/2022, que compõe 168 páginas. REAL EQUATORIAL GUINEA. Guinea Ecuatorial ya cuenta con su primer Código Penal propio. Revista Real EG, 6 de septiembre de 2022. Disponível em: <<https://realequatorialguinea.com/destacado/politica/guinea-ecuatorial-ya-cuenta-con-su-primer-codigo-penal-propio/>>. Acesso em: 31 mar. 2023. OLIVEIRA, João. Notícias. Disponível em: <<https://apofort.transparencia.pt/es/grupo-de-ong-expone-la-situacion-de-las-mujeres-de-guinea-ecuatorial/>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

⁷⁷ CYTRNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: Diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA (Org). História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003, p. 134.

sempre deve estar no presente para que este faça o que quiser, porém seria muita crueldade fazer com que o indivíduo relembra sempre aquele acontecimento que marcou sua vida de tal maneira, já que o simples fato de lembrar leva esse indivíduo a reviver emoções que podem ser extremamente negativas e autodestrutivas.

Entretanto, há outro ponto a ser colocado, se tratando de uma violência de gênero. Segundo a pesquisadora e professora da área de sociologia, Sandra Duarte de Souza, quando tratamos sobre a memória na história, vemos sempre a predominância masculina e o silenciamento das vozes femininas: “A inenarrabilidade das mulheres se impõe com a naturalidade necessária à permanência da dominância patriarcal. Silenciar sobre as mulheres, ignorando sua agência histórica e silenciar as mulheres, negando-lhes o direito de se contarem, configura uma política de dominação” (DE SOUZA, 2020, p. 339). Isto é, a personagem tem medo de falar, medo de como seu pai, seu amigo e toda a sociedade vai reagir a esta violência, por isso, ela diz “um homem é livre”, pois é seu discurso que domina. Por último, é importante ressaltar, a importância dessa colocação da autora em narrar um trauma sofrido por inúmeras mulheres em todo o mundo, mesmo se tratando de épocas diferentes — o romance se passa na década de 1920, mas foi escrito em 1990 —, traz a importância de como na escritura de autoria feminina se busca recuperar e narrar esse tema sob o olhar feminino.⁷⁸

Do mesmo modo, há outro tipo de violência que a jovem professora passará, tanto com relação ao machismo quanto ao racismo. Ela verá isso acontecer através de um conterrâneo de seu povoado e de outros europeus amigos dele. Em um almoço, onde só havia Gabriela como mulher na presença de quatro homens brancos, burgueses e donos de plantações, a professora será questionada sobre sua relação com o médico Émile, pois aqueles homens o veem como uma ameaça,

— Emile é um homem muito inteligente, é verdade — disse, quando pude intervir —, inteligente, generoso e sensível. Ele vive consciente de seu povo e é natural. Acaso, nós, brancos, não ajudamos uns aos outros, não nos sentimos próximos das pessoas de nossa raça?

— É assim que sempre deveria ser — disse um holandês corado e atarracado que, até aquele momento, havia concentrado toda a sua atenção na comida —. Era para ser, mas não é. Nós, brancos, somos indefesos contra esses revolucionários de cor escura, que são muitos e podem nos massacrar se quiserem...

Tentei dissuadi-lo de suas opiniões.

⁷⁸ PEREIRA, Maria do Rosário Alves; ARRUDA, Aline Alves. O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea. Revista Criação & Crítica, n. 29, p. 145-160, 2021.

— Eu trabalho com negros — disse eu — e posso lhe garantir que eles são um povo pacífico, e nunca tive a oportunidade de notar neles a menor hostilidade contra os brancos... (ALDECOA, 2015, p. 76-77, tradução nossa).⁷⁹

A discussão continua, ainda que de forma amena, porém nada agrada no discurso proferido por aqueles homens. Um deles chega ao ponto de questionar a conduta de uma mulher branca que mantém amizade com um homem negro, pois em sua opinião isso não deveria acontecer: “— Não vamos fazer rodeios, Gabriela. Como compatriota e cavalheiro tenho que ser honesto: não se pode interagir como você faz com um homem negro...” (ALDECOA, 2015, p. 77, tradução nossa).⁸⁰ A professora entendeu bem o que eles estavam insinuando, tanto que aquilo foi o estopim para que ela sentisse raiva, porque aqueles homens queriam dizer o que ela podia e não podia fazer, sentindo-se no direito de conduzir sua vida para aquele padrão moral, eurocêntrico, machista e racista.

— Senhores — eu disse —, não cabe a vocês zelar por minha conduta.
— Você está enganada — gritou Don Cipriano —. Você está enganada — repetiu ele, baixando a voz —. Há uma proibição estabelecida por lei. Nenhum branco pode se casar com um negro, muito menos uma branca ter um relacionamento com um homem negro... (ALDECOA, 2015, p. 77, tradução nossa).⁸¹

Nota-se nessa fala do personagem don Cipriano não só um discurso racista, mas também machista. Mais uma vez é colocado que a mulher deveria obedecer aos padrões impostos pela sociedade patriarcal racista, ainda que fosse culta, tivesse uma profissão digna. Segundo esses homens, sua conduta não deveria ir contra as leis impostas por essa sociedade conservadora. Mesmo após esses episódios, a jovem permanece na Guiné por mais um tempo, pois ainda tinha esperança de ensinar as crianças daquele país. Contudo, a solidão e o estresse traumático a deixam em estado de depressão e bastante debilitada. Assim, ela deixa a África,

⁷⁹ —Emile es un hombre muy inteligente, es verdad —dije, cuando pude intervenir—, inteligente y generoso y sensible. Vive pendiente de su gente y es natural. ¿Acaso nosotros los blancos no nos ayudamos, no nos sentimos cerca de la gente de nuestra raza?

—Así debía ser siempre —dijo un holandés fornido y rubicundo que había centrado toda su atención en la comida hasta ese momento—. Así debía ser, pero no es. Los blancos estamos indefensos ante estos revolucionarios de color oscuro que son muchos y nos pueden masacrar si se lo proponen...
Traté de disuadirle de sus opiniones.

—Yo trabajo con negros —le dije— y puedo asegurarle que, son gente pacífica y no he tenido ocasión de advertir en ellos la menor hostilidad hacia los blancos...

⁸⁰ “—No nos vayamos por las ramas, Gabriela. Como compatriota y caballero tengo que ser sincero: usted no puede alternar como lo hace con un negro...”

⁸¹ —Señores —dije—, no son ustedes quiénes para velar por mi conducta...

—Se equivoca —gritó don Cipriano—. Se equivoca —repetió bajando la voz—. Hay una prohibición que marcan las leyes. Ni un solo blanco casará con negro, ni mucho menos tendrá una blanca relación con un negro...

com muita tristeza, por ver que mais uma vez seu sonho não fora alcançado. Em suas palavras, seu sonho era um sonho maldito.

Assim, na segunda parte do romance, quando Gabriela já está novamente na Espanha, em um novo povoado, *Castrillo de Abajo*, com pessoas que não a conhecem e nem sabem de sua história, ela acaba conhecendo seu futuro marido, o também professor Ezequiel. Ele foi o primeiro a quem ela contou sua viagem para a Guiné, embora não dissesse todos os detalhes. Ela sempre mencionava sua viagem como um sonho: “— A Guiné é como um sonho” (ALDECOA, 2015, p. 92, tradução nossa).⁸² Em determinado momento, Ezequiel se irrita com essa viagem da jovem professora, pois para ele a pobreza também existia em seu país, mas a decisão dela de nunca contar os detalhes da sua vida nesse país africano é a causa de algumas discussões no início da amizade entre os dois professores. Todorov chama atenção para o fato de que a memória não é só responsável por nossas convicções, mas também por nossos sentimentos. Sendo assim, tocar em uma experiência traumática sempre pode envolver perigo.

A memória não é apenas responsável pelas nossas convicções, mas também pelos nossos sentimentos. Experimentar uma tremenda revelação sobre o passado, sentindo a obrigação de reinterpretar radicalmente a imagem que temos de nós mesmos e de nossos entes queridos, é uma situação perigosa que pode se tornar insuportável e será veementemente rejeitada (TODOROV, 2000, p. 26, tradução nossa).⁸³

Apesar de nos apresentar essa memória de Gabriela na Guiné, Aldecoa também nos apresenta as memórias ligadas com os acontecimentos históricos da Espanha e os traumas que também afetarão a protagonista, mas esses não ficarão no esquecimento, pois em determinado momento, essas memórias serão retomadas nas outras duas obras que compõem a Trilogia. E se farão ouvidas, porque são suas memórias individuais que reconstróem todo um passado, cujo compartilhamento é coletivo.

1.4. O CASAMENTO, A CONTEMPLAÇÃO DO REFLEXO NO ESPELHO E A MATERNIDADE

⁸² “—Guinea es como un sueño”.

⁸³ La memoria no es sólo responsable de nuestras convicciones sino también de nuestros sentimientos. Experimentar una tremenda revelación sobre el pasado, sintiendo la obligación de reinterpretar radicalmente la imagen que uno se hacía de sus allegados y de sí mismo, es una situación peligrosa que puede hacerse insuportable y que será rechazada con vehemencia.

Ao iniciar essa segunda parte do romance, nos deparamos com o casamento de Gabriela e Ezequiel García, o professor do povoado vizinho ao dela. Foi ele que se apresentou a ela no início, quando ela lecionava na escola do povoado de *Castrillo Abajo* e ele no de *Castrillo Arriba*. Ao devolver a visita para o professor, ela constatou o quão pobre era esse povoado, tanto que o professor dormia na própria escola, onde vivia e não possuía muitos bens. Ele, que sempre viveu na miséria, perdeu os pais e os irmãos para a pobreza e a fome.

— Minha mãe morre, meus irmãos e irmãs morrem quando eu ainda era criança. E você sabe por que eles morrem? De fome - disse ele, sem esperar por uma resposta -, de fome e miséria. Meu pai era pastor, mas não tinha rebanho. Tudo pertencia ao senhor. As ovelhas, o leite das ovelhas, as peles das ovelhas... Para meu pai, apenas a geadá, as frieiras, as migalhas compartilhadas com o cachorro do patrão... Mas não é proibido que os pastores se casem e não é proibido que tenham filhos... (ALDECOA, 2015, p. 94, tradução nossa).⁸⁴

Essa passagem, assim como tantas outras demonstram bem a situação que a Espanha se encontrava na virada de séculos, além de demonstrar quem detinha as posses da terra e do rebanho de animais. Ezequiel conseguiu frequentar a escola, pois não queria estar no seminário. Por mais que o padre aconselhasse seu pai, este não via o sacerdócio como algo bom, devido à ligação que a Igreja mantinha com os latifundiários espanhóis. Com a ajuda do padre e do senhor das terras de seu povoado, ele conseguiu entrar na *Escuela Normal*,⁸⁵ trabalhou e estudou para então se formar professor. Ao contrário de Ezequiel, Gabriela contou com a ajuda de seu pai que a incentivou a procurar uma carreira profissional. Ser professora era a profissão ideal para as mulheres, pois reunia “decência, consideração social, nobreza de visão...” (ALDECOA, 2015, p. 97, tradução nossa).⁸⁶ A historiadora Pilar Ballarín Domingo aponta que o motivo do magistério ser a profissão ideal para as mulheres tem relação com a necessidade da sociedade alcançar as classes burguesas de outros países, vendo nas mães de família agentes de instrução de meninos e meninas para a educação. Nesse sentido, a *Ley de Moyano* tornou a profissão mais regularizada.

⁸⁴ —... Muere mi madre, mueren mis hermanos siendo yo un niño todavía. ¿Y sabes por qué mueren? De hambre —dijo, sin esperar respuesta—, de hambre y de miseria. Mi padre era pastor pero no tenía rebaño. Todo era del amo. Las ovejas, la leche de las ovejas, las pieles de las ovejas... Para mi padre sólo las heladas, los sabañones, el mendrugo compartido con el perro del amo... Pero no está prohibido que se casen los pastores y tampoco que tengan hijos...

⁸⁵ Lugar de formação de professores na Espanha. Até o século XIX, somente homens eram formados professores, a primeira *Escuela Normal Central para Maestras* foi criada em 1858, mesmo com a *Ley Moyano* sancionada em 1864, poucas mulheres eram formadas no magistério.

⁸⁶ “decencia, consideración social, nobleza de miras...”

De volta ao casamento, temos alguns pontos que chamam a atenção. Em primeiro lugar, a volta de uma das amigas da educadora, Rosa, que agora está casada: “Vivam os noivos! Gritou alguém na saída. Mais tarde descobri que ele era marido de Rosa, minha amiga da Escola Normal, que certa vez encontrou um homem aceitável e se casou com ele e viveu feliz com os três filhos numa cidade de Castela” (ALDECOA, 2015, p. 86, tradução nossa).⁸⁷ Sua amiga conseguiu realizar seu desejo. Segundo os historiadores franceses, Michelle Perrot e Georges Duby, durante as primeiras décadas do século XX, no período entre guerras, homens e mulheres não tinham mais a obrigação de casar com parceiros escolhidos por seus familiares, poderiam escolher agora o parceiro que quisessem. Ainda assim, a escolha de muitas mulheres continuava sendo pelo marido ideal. O mesmo pode ser dito para os homens. Ambos deveriam ser trabalhadores, fiéis, nem frios e nem histéricos, sedutores, bons pais. Enfim, o homem não deveria ser alcoólico e nem pervertido, já a mulher deveria ser dócil e carinhosa.⁸⁸ Por esse motivo, a personagem fala sobre “um homem aceitável”, pois esse era o padrão ideal buscado por muitas mulheres naquela época.

Em segundo lugar, o casamento teria de ser na Igreja. Embora Gabriela e Ezequiel não fossem católicos, a principal religião no país era o catolicismo, um importante pilar cultural e político que sustentava o discurso patriarcal e heteronormativo como sistema de influência e poder, tanto na época em que se passa a história quanto nos dias atuais. Por último e o mais importante, o casamento. De início já somos surpreendidos por Gabriela e seu matrimônio por conveniência, ou seja, da parte dela não havia amor, mas sim um encantamento, paixão e até atração, porém não amor.

Pensei muitas vezes em meu casamento e sempre cheguei à conclusão de que a solidão de Ezequiel, o abandono em que ele vivia, foi decisivo para que eu o aceitasse e o amasse. Mesmo agora, se voltar àqueles anos tão distantes, tenho que confessar que o amor, o amor, o que se chama amor, não existiu entre nós. Pelo menos da minha parte. No entanto, nunca tive a sensação de que estava errada. Sempre me pareceu que minha escolha tinha sido feliz e que as qualidades de Ezequiel mais do que compensaram as miragens de paixão que eu via em outros casais (ALDECOA, 2015, p. 85, tradução nossa).⁸⁹

⁸⁷ “¡Vivan los novios!, gritó alguien a la salida. Después supe que había sido el marido de Rosa, mi amiga de la Normal, que en su día había dado con un hombre aceptable y se había casado con él y vivía feliz con sus tres hijos en una ciudad de Castilla”.

⁸⁸ DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Historia de las mujeres en Occidente: El siglo XX. Tomo V. Trad. de Marco Aurelio Galmarini, Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A., 2000, p. 145.

⁸⁹ Muchas veces he dado vueltas a mi matrimonio y siempre he llegado a la conclusión de que aquella soledad de Ezequiel, aquel abandono en que vivía, habían sido decisivos para que yo le aceptara y le quisiera. Aún ahora, si vuelvo sobre aquellos años tan lejanos, tengo que confesar que amor, amor, lo que se dice amor, no había entre nosotros. Al menos por mi parte. Sin embargo nunca tuve la sensación de haberme equivocado. Me pareció en

Além disso, chama atenção mais um ponto dito pela personagem: “Eu tinha vinte e cinco anos e todas as jovens da minha idade, minhas amigas de infância, minhas colegas de classe, já haviam se casado ou concordado em permanecer solteiras” (ALDECOA, 2015, p. 87, tradução nossa).⁹⁰ Essa afirmação era a realidade para todas as mulheres espanholas, pois quem ditava as regras era sempre a figura masculina, sendo ele pai, marido, irmão ou o responsável pela família. Cabia à mulher o papel de submissão, tanto que as decisões relativas à honra eram ditas por esses homens. Durante a segunda metade do século XX, houve muitos manuais escritos para instruir a mulher espanhola sobre como deveria se portar em relação ao homem, à sua beleza, ao amor e à família. Esses *manuales de costumbres* descreviam os homens como seres livres e como crianças grandes, além de apresentá-los como sedutores no estilo Don Juan, galanteadores e conquistadores. Assim, as mulheres deveriam se sujeitar a essa figura social, impor sua beleza e respeitar a figura paternal.

A mulher precisa cultivar sua beleza, não para a satisfação do triunfo e da conquista ou para o prazer em vão, mas para trazer felicidade às pessoas ao seu redor, especialmente ao homem que ela escolher como companheiro de sua existência (BURGOS, 1918, p. 6-7, tradução nossa).⁹¹

Precisamos desenvolver imediatamente o espírito em suas três esferas totais: um sentimento artístico, sociável e terno; uma inteligência cultivada na enciclopédia de todo conhecimento útil; e uma vontade que tende a ser boa, digna e capaz de ser sempre amada (BURGOS, 1918, p. 9, tradução nossa).⁹²

Dentro dos costumes da sociedade, na qual, com poucas exceções para o número de famílias, o homem está ocupado com o trabalho para o sustento de seu lar, e a mulher com seu cuidado, direção e embelezamento, é natural que, cansados da luta no escritório, nos negócios e na rua, os homens desejam encontrar descanso perto da mulher no santuário do lar, já que ela tem a doce missão de serenidade e conforto para a alma masculina (BURGOS, 1918, p. 13-14, tradução nossa).⁹³

todo momento que mi elección había sido afortunada y que las cualidades de Ezequiel suplían con exceso los espejismos del enamoramiento que veía en otras parejas.

⁹⁰ “Tenía veinticinco años y todas las chicas de mi edad, las amigas de la infancia, las compañeras de estudios se habían casado ya o habían aceptado quedarse solteras”.

⁹¹ La mujer necesita cultivar su belleza, no para las satisfacciones que le proporcionan el triunfo y la conquista ni para gustar de un modo vano, sino para darles la felicidad a los que la rodean, especialmente al hombre que elija como compañero de su existencia.

⁹² Necesitamos enseguida desenvolver el espíritu en sus tres esferas totales: un sentimiento artístico y sociable y tierno; una inteligencia cultivada en la enciclopedia de todo conocimiento útil, y una voluntad que tienda a ser buena, digna y capaz de ser siempre amada.

⁹³ Dentro de las costumbres de la sociedad, en la cual, con excepciones escasas para el número de familias, el hombre se ocupa del trabajo para el sostenimiento de su hogar, y la mujer de su guarda, dirección y embellecimiento, es natural que, cansado de la lucha en la oficina, en los negocios y en la calle, los hombres deseen encontrar el reposo cerca de la mujer en el santuario de la casa, puesto que ella tiene la dulce misión de serenar y confortar el alma masculina.

Os trechos acima são do manual, *El arte de la elegancia*, escrito pela escritora, jornalista, tradutora e correspondente de guerra, Carmen de Burgos Seguí, conhecida como *Colombine*. Espanhola que lutou incansavelmente pelos direitos das mulheres em seu país. Neste manual a escritora defende que a beleza e elegância da mulher não são tudo, defende que também elas deveriam cuidar da saúde. Já no manual, *El arte de ser amada*, Burgos explica para as jovens como devem ser tratados os homens, fazendo-as entender atitudes que podem se tornar um ponto atrativo para as jovens. Além disso, faz uma crítica para o tipo de leitura e conhecimento adquirido pelas jovens, pois, segundo a escritora, as mulheres sábias atraem muito mais seus futuros pretendentes, assim como explica para as que escolheram o celibato a buscar sua independência e, por último, um conselho para as mulheres mais velhas a inspirar o amor através da amizade.

Os homens não passam de crianças grandes, e para eles a mulher mais fascinante é aquela a quem podem contar os seus aborrecimentos e as suas preocupações, os seus caprichos e os seus sonhos; em uma palavra, a mulher a quem eles podem abrir o coração, porque ela os ouve com simpatia e interesse. Os homens gostam de ser mimados como se fossem crianças, e a mulher que satisfaz esse desejo é, na maioria dos casos, uma grande atração (BURGOS, [ano de publicação não identificado], p. 13, tradução nossa).⁹⁴

Nunca como nesta idade se deve pensar em adornar o espírito com graças e conhecimentos que lhe permitam desempenhar um papel importante na vida social e encontrar na existência uma fonte de alegria. Leituras bobas, contos de fadas e romances brancos devem ser abandonados por sérios e profundos estudos (BURGOS, [ano de publicação não identificado], p. 13, tradução nossa).⁹⁵

Aquelas que não se casam não devem permanecer em tutela eterna: devem se emancipar, viver sua vida em sociedade, buscar seus divertimentos honestos e seus meios de trabalho, mas sem nunca serem levadas ao egoísmo (BURGOS, [ano de publicação não identificado], p. 122, tradução nossa).⁹⁶

A mulher madura, celibatária ou não, não deve se entristecer com a idade. Podemos ser amadas de muitas maneiras e, quando o amor sexual acaba, inspiramos o amor da amizade, da gentileza e da bondade. Uma mulher idosa e bondosa é um fogo muito agradável, a cujo calor as almas se abrem como

⁹⁴ Los hombres no son sino niños grandes, y para ellos la mujer más fascinadora es aquella a quien pueden contar sus disgustos y sus preocupaciones, sus caprichos y sus ilusiones; en una palabra, la mujer con quien pueden desahogar su corazón, porque los escucha con simpatía y con interés. A los hombres les gusta que les mimen como si fueran chiquillos, y la mujer que satisface ese deseo ejerce en la generalidad de los casos una gran atracción.

⁹⁵ Nunca como a esta edad debe pensarse en ornar el espíritu de gracias y conocimientos que les permitan hacer un papel importante en la vida social y encontrar fuente de goce en la existencia de lecturas buenas, los cuentos de hadas y las novelitas blancas hay que abandonarlos por estudios serios y profundos.

⁹⁶ Las que no se casan no han de quedar en tutela eterna: deben emanciparse, hacer su vida en sociedad, buscar sus distracciones honestas y sus medios de trabajo, pero sin que las lleve jamás al egoísmo.

flores que exalam os perfumes de suas corolas sob o sol benéfico do outono (BURGOS, [ano de publicação não identificado]. p. 122, tradução nossa).⁹⁷

De fato, podemos analisar através destes trechos as imposições da sociedade em questão, a visão de que tudo que a mulher fazia não era para si, mas sim para os homens ao seu redor. Traçando um paralelo com a sociedade atual, muitas informações desses dois manuais ainda continuam vigentes em nossa sociedade: a visão de muitas mulheres que tratam seus namorados e maridos como seus filhos, as tarefas domésticas ainda sendo feitas pelo sexo feminino e um certo estigma e etarismo quanto à sexualidade e relacionamentos de mulheres mais velhas e solteiras. Destarte, podemos afirmar que ainda impera a figura patriarcal em nossa sociedade, a figura que vai ditar e decidir a vida das mulheres.

O último ponto a ser dito sobre o casamento da protagonista está relacionado a essa passagem:

Eu nunca havia pensado em me casar pelo simples fato de me casar. Mas quando conheci Ezequiel, me vi considerando que, afinal de contas, isso era o normal, casar e ter um filho. E que, além disso, isso não era incompatível com minha carreira, já que ele também era professor e foi justamente ali, por causa da afinidade de interesses e entusiasmos, que tudo começou (ALDECOA, 2015. p. 87, tradução nossa).⁹⁸

Para o filósofo e teórico marxista alemão, Friedrich Engels, em seu célebre trabalho histórico sobre a evolução das sociedades primitivas até a formação da sociedade moderna,⁹⁹ nos faz entender que antes o casamento era visto como uma penitência e prática religiosa, informando que as mulheres detinham o maior poder entre os clãs podendo escolher seus parceiros. No entanto, conforme o crescimento populacional e econômico, o homem passa a ser visto com o comando maior, mudando inclusive a concepção do casamento que passa a ser opressor e humilhante para as mulheres, uma relação de aprisionamento. Outra mudança foi a prática da poligamia para os homens, sendo bem aceita perante a sociedade, enquanto as esposas, se pegas em adultério não tinham nenhum direito, apenas o julgamento como um castigo, tortura e morte. Por fim, Engels traz o seguinte ponto: “Segundo a concepção burguesa, o casamento era um contrato, um negócio legal e certamente o mais importante de

⁹⁷ La mujer de edad madura, celibataria o no, no debe entristecerse de su edad. Podemos ser amadas de muchos modos, y cuando el amor sexual ha terminado, inspiramos el amor de la amistad, de la bondad, del bien. Una anciana amable es un fuego gratísimo, a cuyo calor se abren las almas como flores que exhalan los perfumes de su corola con el bienhechor sol del otoño.

⁹⁸ Nunca había pensado en casarme por casarme. Pero al conocer a Ezequiel me encontré considerando que, después de todo, eso era lo normal, casarse y tener algún hijo. Y que, además, no era incompatible con mi carrera ya que él también era maestro y precisamente por ahí, por la afinidad de intereses y entusiasmos, había empezado todo.

⁹⁹ ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Trad. Ciro Mioranza. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2005.

todos, pois dispunha do corpo e da alma de duas pessoas por toda a vida”. (ENGELS, 2005, p. 90). Ou seja, a ideia de um aprisionamento para os dois seres, um sendo a propriedade privada do outro, porém, para um dos seres havia tolerância neste contrato em poder usufruir de outras parceiras.

Quando a protagonista mostra em seu pensamento que se casou por casar, vemos a pressão e imposição da sociedade nas primeiras décadas do século XX em relação às mulheres. Ao dizer que aquela situação era normal, casar e ter filhos, corrobora muito com a teoria que Engels analisa sobre a origem da família tradicional, do patriarcado e da visão de que as mulheres não tinham nenhum poder de escolha, sendo vistas ainda como seres reprodutivos e provedores do lar.

Após o casamento, Gabriela retrata o medo e as expectativas da nova vida com seu parceiro, no início os dois ainda não moram juntos, mas logo encontram uma casa no povoado onde a professora residia, reformaram e fizeram dela a sua morada,

Em pouco tempo, nós a pintamos e a consertamos. Com a ajuda do carpinteiro, que gostava muito de alvenaria, construímos a lareira, da chaminé com seu cano e uma meia parede para separar o quarto do resto da casa. Tínhamos o direito de usar o poço no jardim para buscar água e o estábulo como banheiro externo, de acordo com os costumes (ALDECOA, 2015, p. 91, tradução nossa).¹⁰⁰

Mais adiante, a personagem fala em como aquela época foi a mais feliz de sua vida e como estava encantada e persistente em realizar seu grande sonho, ensinar a todos os espanhóis que viviam nos povoados esquecidos no interior da Espanha.

Éramos jovens, digo a mim mesmo, e pode ser que o que me lembro como felicidade fosse apenas a plenitude dos nossos corpos, a facilidade de adormecer e acordar, a resistência dos nossos músculos. Éramos jovens e o vigor físico nos inflamava, nos levava a lutar por algo em que acreditávamos: a importância e o significado de nosso trabalho. Nós sonhávamos. Em voz alta, erguíamos torres de esperança, projetávamos pontes de fantasia. "Se ao menos um dia pudéssemos", "se ao menos eles nos deixassem", "se ao menos eles nos ajudassem". Até mesmo as repreensões de alguns pais que não entendiam nosso desejo de despertar a curiosidade das crianças e despertar sua imaginação, até mesmo aquelas críticas às vezes amargas e mal-intencionadas, tornaram-se um estímulo para nós (ALDECOA, 2015, p. 95, tradução nossa).¹⁰¹

¹⁰⁰ En poco tiempo la pintamos y la arreglamos. Con ayuda del carpintero, que era aficionado a la albañilería, construimos el hueco del hogar, la chimenea con su tiro y un medio tabique para separar el dormitorio del resto. Teníamos derecho a usar el pozo de la huerta para coger agua y la cuadra como retrete, según la costumbre.

¹⁰¹ Éramos jóvenes, me digo, y puede ser que lo que yo recuerdo como felicidad fuese tan sólo la plenitud de nuestros cuerpos, la facilidad para dormir y despertar, la resistencia de los músculos. Éramos jóvenes y el vigor físico nos enardecía, nos impulsaba a luchar por algo en lo que creíamos: la importancia y la trascendencia de nuestro trabajo.

Sonábamos. En voz alta levantábamos torres de esperanza, proyectábamos puentes de fantasía. «Si algún día pudiéramos», «si nos dejaran», «si nos ayudaran». Hasta los reproches de algunos padres que no entendían

A sua felicidade também estava por encontrar uma pessoa que compartilhava do mesmo sonho, porém mais à frente no romance, Gabriela deixa claro que via em Ezequiel uma grande amizade, companheirismo e camaradagem. Nunca cita amor ou paixão como sentiu pelo médico equato-guineense, Émile. Em uma conversa com seu pai, a quem a professora sempre foi muito apegada, ela reafirma sobre a sua relação, pois acreditava que seu pai tinha ciúmes de seu marido.

— Amo muito Ezequiel — disse-lhe — mas acredito, acreditei desde o início, que o que sinto é um carinho sereno e repousante...

Continuei conversando por um longo tempo. Precisava dizer a ele que meu amor por Ezequiel não foi um abalo violento, nem uma explosão descontrolada. Foi uma sensação de confiança e calma que não alterou o ritmo do meu pulso. E seu amor tocou minha pele como uma carícia, uma cócega leve, agradável e confortável.

— Não se preocupe com a paixão — disse meu pai —. A paixão pode ou não vir. Pode inundar sua vida e causar altos e baixos inesperados em sua existência. Você pode ir do inferno à glória sem perceber. Mas o amor é outra coisa. Existem muitos tipos de amor. Eu acredito que existe amor entre vocês.

Daquele dia em diante, meu pai ficou especialmente amigável com Ezequiel. “Ele não é mais ciumento”, pensei absurdamente. “Minhas confidências o fizeram ver que meu amor por Ezequiel nunca diminuirá meu amor por ele” (ALDECOA, 2015, p. 103, tradução nossa).¹⁰²

Sendo assim, fica evidente que o seu ato de casar foi para cumprir uma convenção social e atender às pressões quanto ao sexo feminino. Seu pai não a obrigou em nenhum momento a se casar, assim como sua mãe, mas ao ver suas amigas casadas Gabriela faz essa escolha. Se pudesse viver com seu verdadeiro amor, Émile, naquela época seria julgada não só pelo fato de ser mulher, mas por manter uma relação com um homem negro e africano.

nuestro afán de encender en los niños curiosidades y despertar su imaginación, hasta esas críticas agrias y mal intencionadas a veces, se convertían en estímulo para nosotros.

¹⁰² —Quiero mucho a Ezequiel —le dije— pero yo creo, lo he creído desde el principio, que es un afecto sereno y reposado lo que siento...

Continué hablando largo rato. Necesitaba contarle que mi amor por Ezequiel no era una sacudida violenta, ni un arrebató incontrolado. Era un sentimiento confiado, tranquilo, que no alteraba el ritmo de mi pulso. Y su amor me rozaba la piel como una caricia, un ligero cosquilleo grato y comfortable.

—No te preocupes por la pasión —dijo mi padre—. La pasión puede llegar o no. Puede inundar tu vida y dar a tu existencia vaivenes insospechados. Puedes pasar del infierno a la gloria sin darte cuenta. Pero el amor es otra cosa. Hay muchas clases de amor. Yo creo que entre vosotros hay amor.

Desde aquel día mi padre fue especialmente amistoso con Ezequiel.

«Ya no tiene celos», pensé de modo absurdo. «Mis confidencias le han hecho ver que mi amor por Ezequiel no disminuirá nunca mi amor por él».

Há no romance um objeto que está presente em toda a Trilogia de Memória escrita por Josefina Aldecoa, um espelho dado pelas amigas de Gabriela como presente de casamento e que adorna a pequena casa que compartilha com seu marido.

A última coisa que colocamos foi o espelho. Ele era redondo e tinha uma moldura de gesso dourada. Foi um presente dado por todas as minhas amigas. Aquele espelho refletiu meu rosto milhares de vezes desde então: rostos tristes, felizes, temerosos, cansados; com aquele meu hábito de pensar na frente do espelho... Ainda tenho o espelho, mas ele perdeu o mercúrio com o tempo e a imagem aparece um pouco embaçada, obscurecida por pontos e manchas (ALDECOA, 2015, p. 98, tradução nossa).¹⁰³

Houve um dia, quando eu devia estar mais desperta e mais atenta, em que vi minha mãe se olhando no espelho. Era um espelho que ela havia trazido da Espanha com as roupas de sua mala. “Mesmo que ele quebre, eu o carrego”, disse, “porque ele está comigo desde o dia em que me casei com seu pai”. O espelho foi colocado em um dos dois cômodos em que estávamos hospedados, o que servia como nosso quarto. E lá estava ela se olhando e se olhando, passando o dedo pelas sobrancelhas, esticando a pele da testa para que as rugas desaparecessem, mordendo os lábios para deixá-los mais coloridos. Ela se virou para mim, que a estava encarando distraidamente, e disse: “Estou velha agora, não estou?” (ALDECOA, 1994, p. 27, tradução nossa).¹⁰⁴

Trouxe o espelho do México. Não era novo. Estava comigo desde o dia em que me casei com Ezequiel. (...) Olhei-me no espelho mil vezes. Quantas conversas silenciosas devo ter tido com o espelho ao longo do tempo. (...) No espelho eu olhava meus olhos e pensava em Émile. (...) O espelho recebia, inalterável, minhas confidências. (...) Olhei-me no espelho quando descobri que estava grávida. (...) O espelho estava sempre entre minhas coisas, perto de mim para acompanhar meus monólogos nele. (...) Olhei-me, aproximei-me dele até quase roçar a minha testa contra a frieza de minha imagem. Hoje acordei no meio da noite e pensei em me aproximar do espelho. (...) Sentei-me à mesa e olhei para cima. (...) Apenas o branco marfim da pintura na parede ocupava o espaço de meu rosto, meus olhos, minhas sombras refletidas. Alguém quebrou o espelho e roubou meu segredo. Arranco a moldura vazia e a coloco na gaveta da mesa. Juana dirá: Vou comprar um espelho novo para você. Ela não entende que a pessoa

¹⁰³ Lo último que colocamos fue el espejo. Era redondo y tenía un marco de escayola dorada. Me lo habían regalado entre todas las amigas. Aquel espejo iba a reflejar mil veces mi cara desde entonces: caras tristes, alegres, temerosas, cansadas; con esa costumbre mía de pensar delante del espejo... El espejo todavía lo tengo pero ha ido perdiendo el azogue con el tiempo y la imagen aparece un poco borrosa, oscurecida por puntitos y manchas.

¹⁰⁴ Hubo un día, que ahí sí debía haber estado yo más despierta y más observadora, en que vi a mi madre mirarse en el espejo. Era un espejo que se trajo de España entre las ropas de la maleta. «Aunque se rompa, lo llevo», dijo, «porque ha estado conmigo desde el día que me casé con tu padre.» El espejo estaba colocado en una de las dos habitaciones en que nos alojábamos, la que nos servía de dormitorio. Y allí estaba ella mirándose y mirándose y pasándose el dedo por las cejas, estirándose la piel de la frente para que desaparecieran las arrugas, mordiéndose los labios para que tuvieran más color. Se volvió hacia mí, que la contemplaba distraída, y me dijo: «Soy ya vieja, ¿verdad?»

desaparecida levou embora mil rostos que jamais poderei recuperar (ALDECOA, 2013, p. 98, tradução nossa).¹⁰⁵

Essas três passagens abarcam diferentes anos e lugares: a primeira seria entre o final da década de 1920 e início na década de 1930, na Espanha; a segunda se passa no México, na década de 1940, e, por último, um relato bem rememorativo de todas as passagens de tempo vividas pela protagonista já na década de 1970, na Espanha. Para o psicanalista francês Jacques Lacan, o espelho pode indicar diferentes significados:

O espelho, num dado momento, pode implicar os mecanismos do narcisismo, e nomeadamente, a diminuição destrutiva, agressiva, que reencontraremos em seguida. Mas ele desempenha outro papel, um papel de limite. Ele é aquilo que não se pode transpor. E a organização da inacessibilidade do objeto é justamente a única coisa da qual ele participa. Mas ele não é o único que participa disso. (SOUZA; KOSOVSKI, 2018, p. 169 apud LACAN, 1998, p. 183)

Sabemos que o espelho é mais que um objeto imagético, ele pode causar a estranheza, a identificação e o reconhecimento da imagem ali transmitida. É através dele que se constrói experiências, a afirmação do sujeito e de seus sentidos. Quando a autora coloca esse objeto nos três romances, vemos não só o processo de envelhecimento da personagem, mas também daquele apetrecho que vai se desgastando com o tempo e perdendo seu vislumbre e valor do que fora um dia. Ao mesmo tempo que ele traz respostas, nos traz perguntas, uma vez que é preciso considerar o olhar do outro. Isso se reflete na pergunta que Gabriela faz à filha no segundo romance, *Mujeres de Negro*, sobre como ela a vê, se ela já está velha. A filha não a vê assim, porém, a mulher refletida no espelho já não se sente jovem. E se essa imagem lhe causa estranheza, vemos que a identificação e reconhecimento de uma mulher ao se ver no espelho não diz respeito apenas à beleza, mas ao fato de querer sentir-se abrigada, olhada e desejada pelos outros. A construção da identidade da mulher não é só dela mesma, sua imagem também é construída pela sociedade. Sendo assim, conhecemos o envelhecimento do objeto e da pessoa, dessa transformação cíclica na qual a protagonista se encontra, a perda da

¹⁰⁵ El espejo lo traje de México. No era nuevo. Me había acompañado desde el día en que me casé con Ezequiel. (...) En el espejo me he mirado mil veces. La de conversaciones silenciosas que habré tenido yo con el espejo a lo largo del tiempo. (...) En el espejo me miraba a los ojos y pensaba en Émile. (...) El espejo recibía, inalterable, mis confidencias. (...) Al espejo me asomé cuando supe que estaba embarazada. (...) El espejo estuvo siempre entre mis cosas, cerca de mí para seguir en él mi soliloquio. (...) Me miraba, me acercaba hasta casi rozar con la frente la frialdad de mi imagen. Hoy me he despertado en mitad de la noche y he pensado en acercarme al espejo. (...) Me senté en la mesa y miré hacia arriba. (...) Sólo el blanco marfil de la pintura de la pared ocupaba el espacio de mi cara, mis ojos, mis sombras reflejadas. Alguien ha roto el espejo y ha robado mi secreto. Arranco el marco vacío y lo guardo en el cajón de la mesa. Juana dirá: Te pondré un espejo nuevo. Ella no entiende que el desaparecido se ha llevado mil caras que ya nunca podré recuperar.

jovialidade e das suas características físicas que são tão valorizadas pela sociedade, torna-se um sinal de estranheza, desgaste e finitude.

Retornando ao primeiro romance, vê-se que Gabriela descobre estar grávida durante o período de forte descontentamento da população espanhola com a monarquia e com o novo general no poder. As notícias chegavam pelos jornais e pelos habitantes do povoado no qual residia o casal,

À noite, Ezequiel e eu conversamos novamente sobre o assunto que preocupava Amadeo.

— Não sei se algum dia veremos isso. Mas teremos de tentar de tudo se quisermos que nossos filhos sejam um dia livres e educados como as crianças da França ou da Inglaterra....

As palavras de Ezequiel me comoveram. Foi exatamente quando as ouvi que percebi que estava grávida, depois de três meses de dúvidas e esperanças (ALDECOA, 2015, p. 100, tradução nossa).¹⁰⁶

A partir desse momento a vida do casal e do povo espanhol sofreria grandes mudanças. Enquanto Ezequiel se sentia realizado, por estar construindo uma família e feliz por ter vencido as adversidades da miséria pelas quais passara — “— Você não entende — ele me disse —. Você não entende o milagre que estou vivendo, depois de tanta solidão...” (ALDECOA, 2015, p. 102, tradução nossa) —,¹⁰⁷ o povo espanhol viria a ver as mudanças através da aliança republicana que puxava diferentes manifestações pedindo a renúncia do rei e eleições para decidir o novo regime para o país. Para a professora, por mais que se preocupasse com os acontecimentos, internamente começava a mudar, não só pela gravidez, mas pelo sentimento materno que crescia aos poucos dentro dela.

Eu não estava nem triste nem feliz. Tinha caído em uma indiferença agradável e serena. A gravidez estava me afastando do mundo exterior. Passei a me ouvir internamente, observando as menores mudanças dentro de mim. Uma pontada, um murmúrio, um calafrio, uma pequena dor, uma onda de calor ou frio (ALDECOA, 2015, p. 101, tradução nossa).¹⁰⁸

Quando falamos de maternidade, falamos de um momento, um estado que vai além da gestação e do nascimento, que irá acompanhar para a sempre a vida da mulher. O assunto é

¹⁰⁶ Por la noche Ezequiel y yo volvimos a hablar de aquel asunto que traía a Amadeo preocupado.

—No sé si nosotros llegaremos a verlo. Pero habrá que intentarlo todo si queremos que nuestros hijos lleguen a ser un día libres y, educados como los niños de Francia o Inglaterra...

Las palabras de Ezequiel me conmovieron. Fue precisamente al oírlas cuando tuve por cierto que estaba embarazada, después de tres meses de dudas y esperanzas.

¹⁰⁷ “—Tú no lo entiendes —me decía—. No entiendes el milagro que estoy viviendo, después de tanta soledad...”

¹⁰⁸ No estaba triste ni contenta. Había caído en una indiferencia placentera y serena. El embarazo me alejaba del mundo exterior. Me encontraba escuchándome por dentro, observando el más mínimo cambio dentro de mí. Una punzada, un murmullo, un temblor, un pequeño dolor, una oleada de calor o de frío.

amplamente estudado em diversas áreas das humanidades por se tratar de algo complexo presente ao longo da história da humanidade e visto de diversas formas por diferentes civilizações. O ato de ser mãe já foi visto como algo da ordem do sagrado, sendo que, por muito tempo, valorizou-se a fertilidade como uma graça divina e a infertilidade como um castigo. Também costuma ser visto como uma experiência dolorosa e interessante. Para muitas mulheres, o ato de ser mãe é uma benção, um presente e poder divino em presenciar o crescimento de uma nova vida, algo que não pode ser explicado. De um ponto de vista mais pragmático, pode ser definido como uma experiência complicada, que necessita contar com uma rede de apoio de outras mulheres, seja avós, irmãs, tias e outras mães. Por fim, a maternidade também pode ser entendida como uma pulsão de vida, geradora de um afeto incondicional, que cresce ao longo do tempo e transpassa o nascimento.

Segundo alguns pesquisadores das áreas das humanidades, como por exemplo a filósofa francesa Elisabeth Badinter, a historiadora Michelle Perrot e a historiadora Mary Nash, foi durante o século XIX que ocorreu a mudança para a visão da maternidade como um ato, uma função que todas as mulheres deveriam desempenhar, já que elas eram vistas como as educadoras e criadoras das futuras sociedades. Essa concepção se estende para o século XX em que se cria o termo, *mandato biológico*, defendido inclusive dentro da medicina.

O dever da mulher saudável de aceitar o desempenho pleno de sua natureza biológica íntima (sem outras deserções além daquelas impostas por circunstâncias fortuitas, mórbidas e passageiras), e com as únicas pausas decorrentes das estações em que ela está cumprindo seus deveres de amamentar, deve, portanto, ser exigido como um imperativo, que tem toda a força que flui de um mandato biológico (DUBY; PERROT, 2000, p. 691, tradução nossa).¹⁰⁹

Esse discurso foi proferido em 1934, pelo doutor Vital Aza na Academia Nacional de Medicina da Espanha. Ele foi amplamente divulgado e defendido por todos. Já a figura materna passa a ser vista como “heroína que enfrenta com serenidade os perigos da morte, dando vida aos seus filhos, futuros cidadãos [...]” (DUBY; PERROT, 2000, p. 691, tradução nossa).¹¹⁰ Essa visão foi aceita por uma parcela de mulheres que, com isso, passaram a se sentir úteis para a nação. Por outro lado, outras mulheres se viam obrigadas a ser mães, sofriam a pressão da sociedade que as culpavam por não cumprir com a funcionalidade que

¹⁰⁹ Del deber de que la mujer sana acepte el rendimiento íntegro de su íntima naturaleza biológica (sin otras desercciones de las que impongan fortuitas, morbosas y pasajeras circunstancias), y con las solas pausas que deriven de las temporadas en que está cumpliendo sus deberes de lactancia, ha de exigirse, pues, como un imperativo, que tiene toda la fuerza que dimana de un mandato biológico.

¹¹⁰ “heroína que afronta serena los peligros de la muerte al dar vida a los hijos, futuros ciudadanos [...]”.

cada uma tinha na época, criar futuros cidadãos para aquela nação. Com isso, muitas se sentiam frustradas e expressavam o discurso da maternidade e do casamento como algo normal para elas —discurso este proferido pela personagem do romance *Historia de una maestra*—. Para a Espanha, essas ideias defendidas amplamente para as mulheres só fizeram acentuar e reforçar a função subserviente das espanholas na sociedade, assumindo seu papel principal de criadoras, educadoras de seus filhos e donas do lar.

A anarquista, escritora, poeta e cofundadora da Federação *Mujeres Libres*,¹¹¹ Lucía Sánchez Saornil, argumentava que a maternidade nunca deveria anular as mulheres como indivíduos, que sua capacidade estava além da capacidade de reprodução, de modo que muitas poderiam escolher o futuro para si, sendo mães ou não. Para a filósofa, historiadora e autora francesa, Elisabeth Badinter, conhecida por estudar o papel do feminismo e da mulher na sociedade atual, a ideia de que o amor maternal seja da natureza feminina é contestável, pois para ela esse amor cresce ao longo “da evolução das atitudes maternas verificamos que o interesse e a dedicação à criança ora se manifestam ora não” (CORREIA, 1998, p. 366 apud BADINTER, 1985). Além disso, ela também afirma que essa manifestação ocorre através de fatores socioculturais e profissionais. É por isso, que a partir da década de 1960, não só na Espanha, mas em todo o mundo, o discurso dos movimentos feministas deixa a maternidade em segundo plano e colocam em primeiro plano a individualidade de cada mulher. Tanto que a decisão de ser mãe nos dias atuais, é algo pensado e planejado.

A filha do casal, Gabriela e Ezequiel, nasceu no dia da proclamação da II República Espanhola, em 14 de abril de 1931, em meio à festa do povoado pela chegada do novo regime, no qual o povo depositava todas as suas esperanças, inclusive o jovem professor. Com o nascimento da filha do casal, a professora passa a ter toda a sua atenção voltada para a criança.

A maternidade me encheu de novas sensações. Assim como durante a gravidez meu corpo, recolhido em si mesmo, havia se isolado do mundo exterior, agora, com a criança perto de mim, eu achava que podia perceber todas as vibrações da terra.

¹¹¹ Movimento fundado na Espanha durante a década de 1930 por mulheres, em sua maioria militantes do movimento anarquista espanhol. Seu crescimento foi se deu durante o período da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Seu maior êxito foi ter mobilizado e educado mais de vinte mil mulheres, grande maioria da classe trabalhadora, e geraram impactos significativos dentre a esquerda revolucionária durante o conflito. ACKELSBURG, 2019, p. 13.

O menor movimento de uma mão, uma piscadela, um beicinho no rosto da criança, me perturbava. Eu vivia entregue àquele contato caloroso enquanto o tempo se esvaia docemente (ALDECOA, 2015, p. 115, tradução nossa).¹¹²

Vemos como a personagem é tomada pelo amor incondicional da maternidade, assim como fica mais distante dos acontecimentos importantes de seu país.

Ezequiel se aproximou de nós e tentou me entusiasmar com os planos que tinha em mente para o futuro de nossa filha. Mas eu não o entendia. Absorta em seus cuidados, eu não conseguia imaginar nenhum outro projeto além de seu sonho, sua próxima mamadeira ou a careta de dor que às vezes cruzava seus lábios. Minha vida transcorria alheia a qualquer outro fenômeno que não fosse a minha maternidade. Quando o bebê dormia em seu berço, eu me acomodava ao lado dele e, sem perceber, sentia-me cair em letargia. Como se a separação, o corte do cordão que nos unia, ainda não tivesse sido resolvido, eu ainda era prisioneira do ritmo e da frequência de suas funções vitais: eu dormia quando ela dormia e era tomada pela dor quando ela chorava pelo menor motivo (ALDECOA, 2015, p. 115, tradução nossa).¹¹³

Nessa passagem observamos como o cuidado e atenção com a criança cabe à mulher. Segundo Badinter, no coletivo está a ideia inconsciente de que a criação deve ser feita pelas mães, enquanto o pai tem o papel de acompanhar e proteger a vida do filho, “o pai é antes seu colaborador do que seu associado em igualdade de condições e, finalmente, de que a sua participação é menos necessária, ou mais acessória”. (BADINTER, 1985, p. 286). Ou seja, fica implícito na sociedade atual, que o papel do homem ainda é visto como o provedor da família, como o colaborador da criação e não se iguala ao mesmo papel da mãe, do cuidado, atenção e educação do filho. Tratando-se dessa referência ao cuidado e à educação como tarefas das mulheres, tanto para os filhos quanto para seus maridos, os manuais de costumes da década de 1920 afirmavam:

Como mãe, sua tarefa e responsabilidade são extensas. Ela tem de ser a educadora de seus filhos, sua guardiã, sua guia e, em certo sentido, responsável por seu destino futuro.
(...)

¹¹² La maternidad me colmaba de nuevas sensaciones. Lo mismo que en el embarazo mi cuerpo, replegado en sí mismo, se había aislado del mundo exterior, ahora, con la niña cerca de mí, creía percibir todas las vibraciones de la tierra.

El menor movimiento de una mano, un parpadeo, un mohín de la niña, me trastornaba. Vivía entregada a aquel contacto cálido mientras el tiempo se escapaba dulcemente.

¹¹³ Ezequiel se acercaba a nosotras y pretendía ilusionarme con los proyectos que le pasaban por la cabeza acerca del futuro de nuestra hija. Pero yo no lo entendía. Absorta en su cuidado no podía imaginar otro proyecto que el de su sueño, su próximo biberón o la mueca ¿de dolor? que a veces cruzaba por sus labios. Mi vida transcurría ajena a cualquier fenómeno que no fuera el de mi maternidad. Cuando la niña dormía en su cuna, yo me instalaba a su lado y sin darme cuenta me sentía caer en un letargo. Como si todavía no se hubiera resuelto la separación, el corte del cordón que nos unía, seguía yo prisionera del ritmo y la frecuencia de sus funciones vitales: dormía cuando ella dormía y me embargaba el dolor cuando ella, por la menor causa, lloraba.

A mãe precisa ser uma professora e, ao mesmo tempo, uma amiga amorosa e afetuosa. Com uma severidade bem compreendida, mas inflexível, ela deve acostumá-los ao cumprimento de seus deveres por meio do hábito e das boas maneiras. (...) A mãe deve exigir que os filhos cumpram os seus deveres, mas ao mesmo tempo antecipar os seus desejos, proporcionar-lhes alegria e esbanjar-lhes amor. Firmeza e ternura devem ser o lema da educação materna. Para o marido, a esposa precisa ser uma companheira e uma amante. O primeiro conceito envolve o de conselheira, discípula ou guia, conforme o caso, e o segundo, o de irmã ou mãezinha, para dar descanso em suas carícias (BURGOS, [ano de publicação não identificado], p. 124-125, tradução nossa).¹¹⁴

Um importante assunto a ser comentado está na rede de apoio que a autora faz questão de colocar ao lado da protagonista. Gabriela recorda as mulheres que a ajudaram em seu tempo de solteira, de casada, durante a gravidez e no período de criação de sua filha, durante o exílio e, em seu retorno para a Espanha, após quarenta anos longe de sua pátria, observa as que a auxiliam na velhice.

Antonia é mais nova que eu e acha tudo fácil. Tenta me encorajar, me estimular com um instinto rápido e preciso do que é melhor para mim em todos os momentos. A enfermeira fala pouco. Limita-se a fazer o seu trabalho, mas não se entrega a divagações intermináveis como Antonia. Antonia me faz lembrar de muitas outras mulheres que viveram ao meu lado ao longo dos anos, que me ajudaram e foram minhas irmãs e mães. Muitas me vêm à mente. Regina no vilarejo de Terra de Campos, Marcelina no vilarejo de mineração, Remedios na fazenda (ALDECOA, 2013, p. 83, tradução nossa).¹¹⁵

Com relação à sua rede de apoio, ela também incluiu sua mãe, de quem não era tão próxima. Durante a gravidez e o nascimento de sua filha, mãe e filha se tornam mais próximas, e a própria personagem fala sobre isso.

¹¹⁴ Como madre, su labor y su responsabilidad es extensa. Ha de ser la educadora de los hijos, su guardadora, su guía, y en cierto modo, la responsable de su destino futuro.

(...)

Necesita la madre ser maestra, y a la vez amiga amante y cariñosa. Con una severidad bien entendida, pero inflexible, ha de acostumbrarlos al cumplimiento de su deber por el hábito y las buenas costumbres. (...) La madre ha de exigir el cumplimiento de los deberes a los niños, pero al mismo tiempo adelantarse a sus deseos, para proporcionarles goces y prodigarles amor. Firmeza y ternura ha de ser el lema de la educación maternal.

Para el esposo, la mujer necesita ser compañera y amante. El primer concepto envuelve el de consejera, discípula ó guía, según el caso, y el segundo el de hermana ó madrecita, para dar reposo en sus caricias.

¹¹⁵ Antonia es más joven que yo y lo encuentra todo fácil. Trata de animarme, de estimularme con un instinto rápido y acertado de lo que me conviene en cada momento. La enfermera habla poco. Se limita a cumplir con su trabajo, pero no se entrega como Antonia a divagaciones sin fin. Antonia me recuerda a otras muchas mujeres que han vivido a mi lado a lo largo del tiempo, que me han ayudado y han sido para mí mujeres-hermanas, mujeres-madres. Cuántas me vienen a la cabeza. Regina en el pueblo de Tierra de Campos, Marcelina en el pueblo minero, Remedios en la Hacienda.

Minha mãe respeitava meus silêncios. Ela nunca foi muito tagarela, mas agora eu podia senti-la ativa ao meu redor, cuidando de todas as complicações que nossa presença criava para ela.

Quanto ao meu pai, ele percebeu o quanto sua companhia era necessária para Ezequiel. Vi os dois, desajeitados no seu papel de homens, desnecessários e alheios à cumplicidade espontânea das mulheres. Pela primeira vez na vida preferi a proximidade da minha mãe à desejada e sempre almejada do meu pai. Acho que ele entendeu e voltou seu interesse para um Ezequiel abandonado e um pouco desconfiado (ALDECOA, 2015, p. 116, tradução nossa).¹¹⁶

Aqui se confirma o pensamento de Badinter em relação aos homens e seu papel durante a criação dos filhos, uma participação “desnecessária”, porém perto o suficiente para proteger a família. Sobre essa aproximação de mãe e filha, em seu artigo, *Sobre a maternidade*,¹¹⁷ a psicóloga portuguesa Maria de Jesus Correia aponta que essa aproximação da grávida à sua mãe é algo observado ao longo de diversos estudos e em diferentes civilizações. Isso seria como uma lembrança da mulher mais velha que passou pela gestação, cuidado, crescimento do amor e atenção para a vida gerada: “a grávida, revive através do seu corpo uma experiência universal e partilhada pela maioria das mulheres” (CORREIA, 1998, p. 367).

Outra importante personagem de mulher presente no primeiro romance da trilogia é a camponesa Regina, que conviveu com o casal de professores desde a chegada ao povoado até Juana completar dois anos de idade. Uma mulher simples que assistia às aulas para adultos ministrada pela professora. Sua história de vida vai de encontro à realidade de muitas espanholas que viveram durante aquela época, pois quando jovem ela saiu de seu povoado para tentar a vida em uma cidade maior, acabou trabalhando para uma modista, cuidando da casa e aprendendo o ofício. Entretanto, um dia volta para seu povoado com um filho nos braços, desde então, era julgada por todos por ter sido mãe solo. Virou-se sozinha para cuidar de si e do filho, até o momento em que Joaco, já adolescente, resolve deixar o povoado. Ela, então, escreve uma carta para o pai do menino, que seria enviada por seu próprio filho junto à viagem. Ela conta para Gabriela que seu filho é fruto de um caso extraconjugal e que o pai do menino era rico, mas para obter o silêncio de Regina decide suborná-la, mas ela não aceita o dinheiro. Após a partida de seu filho, ela se aproxima mais dos professores, assim como do

¹¹⁶ Mi madre respetaba mis silencios. Nunca fue muy charlatana, pero ahora la percibía activa a mi alrededor, atendiendo a todas las complicaciones que nuestra presencia le creaba.

En cuanto a mi padre, se daba cuenta de lo necesaria que era su compañía para Ezequiel. Los veía a los dos, torpes en su papel de hombres, innecesarios y ajenos a la complicidad espontánea de las mujeres. Por primera vez en mi vida prefería la cercanía de mi madre a la deseada y siempre añorada de mi padre. Pienso que él lo entendía y volcaba su interés en un Ezequiel abandonado y un poco receloso.

¹¹⁷ CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. *Análise psicológica*, v. 16, n. 3, p. 365-371, 1998.

carpinteiro Amadeo, que também morava no povoado. Logo, os dois iniciam um romance, que também é mal visto por todos, tanto que o padre até faz um discurso contra eles e contra os professores na missa de domingo,

Precisamente naquele domingo, no sermão, o padre atacou Amadeo e Regina. Sem nomeá-los, todo o sermão girou em torno daqueles que vivem em adultério e pecado, “apoiados pelo povo ímpio que o Governo nos envia para destruir o que temos de mais bonito: a fé e a moral dos nossos filhos”. Regina entrou em nossa casa tremendo de raiva, e, mais tarde, Amadeo entrou, acompanhado de Ezequiel. Pela primeira vez, eles falaram claramente sobre o assunto.

— Não se preocupe, Regina. Se você quiser, vou providenciar os papéis sem demora e vamos nos casar. Civilmente, é claro. O padre não vai esperar que a gente ponha os pés na igreja... (ALDECOA, 2015, p. 132, tradução nossa).¹¹⁸

Desde a proclamação da República o clima entre a Igreja, os latifundiários e o povo era um barril de pólvora. a Igreja não via a República com bons olhos desde a reforma feita pelos republicanos, já os latifundiários tinham medo das reformas previstas que poderiam diminuir seu poder de influência e domínio sobre os camponeses. A divisão era feita até mesmo entre as crianças.

As crianças não eram estranhas ao clima que estava começando a se desenvolver na aldeia. Os comentários fluíam na escola, às vezes inocentes, às vezes intencionais.

— Meu pai diz que a República quer acabar com as igrejas...

— Pode ser porque seu pai é o tocador de sinos e tem medo de perder o emprego...

— Melhor é o seu que nunca o teve (ALDECOA, 2015, p. 113, tradução nossa).¹¹⁹

Mesmo com a República nem todos estavam felizes, como exemplo, o carpinteiro Amadeo que decide deixar seu povoado para trás e convida Regina para ir com ele para León, porém ela não quer sair, deixando claro seu ponto de vista:

Regina estava triste e tímida e fui eu que forcei suas confidências.

¹¹⁸ Precisamente aquel domingo, en el sermón, el Cura arremetió contra Amadeo y Regina. Sin nombrarlos, todo el sermón giró en torno a los que viven amancebados y en pecado, «apoyados por las gentes sin Dios que nos envía el Gobierno para destruir lo más hermoso que tenemos: la fe y la moral de nuestros niños». Regina entró en nuestra casa temblando de ira y más tarde entró Amadeo acompañado de Ezequiel. Por primera vez hablaron claro del asunto.

—No te preocupes, Regina. Si tú quieres, arreglo los papeles sin tardanza y nos casamos. Por lo civil, se entiende. No esperará el Cura que pisemos la Iglesia...

¹¹⁹ Los niños no eran ajenos al clima que empezaba a crearse en el pueblo. En la escuela fluían los comentarios, inocentes unas veces, intencionados otras.

—Dice mi padre que la República quiere quitar las iglesias...

—Será porque tu padre es el campanero y tiene miedo a quedarse sin oficio...

—Peor es el tuyo que nunca lo ha tenido.

— Amadeo já me disse que vai embora...

Ela olhou para mim com um sobressalto de fúria.

— E quanto a mim? Se ele está indo embora, deixe-o ir. Não tenho nada a ver com o que ele faz.

Mas eu sabia que Regina ia se sentir muito sozinha.

— Antes eu também era sozinha — disse-me —. A solidão é uma coisa própria, do que está dentro de você. Por dentro, todos nós somos solitários (ALDECOA, 2015, p. 148, tradução nossa).¹²⁰

No final de dezembro, mesmo dia em que Amadeo deixou a cidade, Ezequiel acompanhou-o a León para iniciar as negociações. Regina ficou comigo observando os dois homens partirem. Ela estava triste, mas parecia calma e, pela última vez, me explicou os motivos de sua permanência.

— Não pode ser, Gabriela. Eu amo o Amadeo, mas se eu fosse embora com ele, tudo acabaria mal. Ele vai fazer a sua vida, se mover, lutar. Vai entrar na política, com certeza. Ele me deixaria em casa, em um bairro pobre, sem conhecer ninguém, e eu teria que começar minha própria luta, meu próprio trabalho. Mas eu não quero isso. Tenho meu trabalho aqui, tenho minha casa aqui e meu filho por perto, caso um dia ele precise voltar... (ALDECOA, 2015, p. 151, tradução nossa).¹²¹

Nessas passagens podemos observar o quão sofrida foi a vida de Regina para tomar essa forte decisão de não seguir o homem que amava para viver uma nova experiência. De certa forma ela tinha medo da solidão, porém seguiria firme, pois como disse para Gabriela, por mais que ela vivesse em uma nova cidade com Amadeo, ela estaria sozinha com pessoas desconhecidas, viveria em um lugar pobre e insalubre e lutaria para sobreviver. Em *Tierra de Campos*, ela tinha estabilidade e confiava que seu filho poderia retornar para vê-la.

Em outra passagem sobre essa mesma discussão, a camponesa aconselha uma criança de dois anos quanto à vida de uma mulher.

— Coma, meu amor! — dizia Regina a ela —. Coma para crescer forte e não precisar de ninguém para governar sua vida. Coma para ser uma mulher de verdade.

Amadeo pegou a indireta no ar.

— Uma mulher de verdade não precisa ser escrava, mas também não precisa ser uma mulher orgulhosa que não cede.

¹²⁰ Regina andaba triste y huidiza y fui yo quien forzó sus confidencias.

—Ya me dijo Amadeo que se va...

Me miró con un respingo de furia.

—¿Y a mí qué? Si se va, que se vaya. Yo no tengo que ver con lo que él haga.

Pero yo sabía que Regina iba a quedarse muy sola.

—También antes estaba sola —me dijo—. La soledad es cosa de una, de lo que te va por dentro. Por dentro, todos andamos solos.

¹²¹ A finales de diciembre, el mismo día que Amadeo abandonó el pueblo, Ezequiel le acompañó a León para iniciar sus gestiones. Regina se quedó conmigo contemplando la marcha de los dos hombres. Estaba triste pero parecía tranquila, y, por última vez, me explicó sus razones para quedarse.

—No puede ser, Gabriela. Yo quiero a Amadeo, pero si me fuera con él, todo terminaría mal. El se va a hacer su vida, a moverse, a luchar. Se meterá en políticas, seguro. A mí me tendría en casa, en un barrio de pobres, sin conocer a nadie, y yo tendría que empezar mi propia lucha, mi propio trabajo. Pero no quiero. El trabajo lo tengo aquí, aquí tengo mi casa, y a mi hijo cerca por si un día necesita volver...

— Uma mulher de verdade vive sua vida sozinha, sem receber ordens de ninguém, minha linda — respondeu Regina, embalando a criança em seus braços.

A menina riu e observou a raiva de Regina como se soubesse que não era com ela.

— Até a criança entende, até uma criança de dois anos é capaz de entender que uma mulher não deve seguir um homem quando ele tem vontade....

Ela permaneceu abstrata por um tempo e depois continuou:

— Além disso, tenho minha casa e meu trabalho aqui, e se um dia meu filho decidir voltar, quero que ele me encontre onde me deixou. E sozinha como ele me deixou... (ALDECOA, 2015, p. 149-150, tradução nossa).¹²²

Regina não teve oportunidades de estudar, não participou de movimentos feministas e não era militante. Contudo, era uma mulher que tinha experiência de vida. Ao dar esse conselho para a jovem Juana, “ser mulher de verdade”, afirmava que uma mulher deve ser independente e não depender de ninguém a não ser de si própria. Em suma, Regina é a representação de muitas mulheres do passado e do presente que buscam a independência financeira, a liberdade de escolha e a igualdade entre os gêneros. É por isso que Gabriela, já em sua velhice, cita essas mulheres-mães e mulheres-irmãs, que estiveram ao seu lado dando suporte e ensinamentos para toda a sua vida.

1.5. SEGUNDA REPÚBLICA ESPANHOLA E AS MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO

Em 14 de abril de 1931, o líder do comitê republicano, Niceto Alcalá Zamora, torna-se o primeiro presidente e chefe de Estado do novo governo proclamado na Espanha. Nas primeiras semanas de República, a população demonstrava uma mistura de entusiasmo com indignação. Os monarquistas queriam que o exército se unisse para derrubar o governo e restituísse a monarquia, mas do exílio, o rei Alfonso pedia para seus seguidores que aceitassem a nova República, pois esta vinha da vontade popular, a igreja pedia o respeito de sua soberania e os anarquistas manifestaram que a República não os representava.

¹²² —Come, mi vida —le decía Regina—. Come para que crezcas fuerte y no necesites que nadie te rija la vida. Come para ser una mujer de verdad.

Amadeo recogió la flecha en el aire.

—Una mujer de verdad no necesita ser esclava, pero tampoco una soberbia que no da su brazo a torcer.

—Una mujer de verdad vive su vida sola sin que nadie la mande, hermosa mía —replicó Regina que mecía a la niña en sus brazos.

La niña se echó a reír y observaba el enfado de Regina como sabiendo que no iba con ella.

—Hasta la niña lo entiende, hasta una niña de dos años es capaz de entender que una mujer no debe seguir a un hombre cuando a él se le antoje...

Se quedó abstraída un tiempo y luego continuó:

—Además aquí tengo mi casa y mi trabajo y si un día mi hijo decide volver quiero que me encuentre donde me dejó. Y sola como me dejó...

O novo regime enfrenta também problemas oriundos dos governos anteriores, essencialmente a dívida adquirida durante o governo de Primo de Rivera,¹²³ a desvalorização da peseta, a transferência de capital para bancos estrangeiros, diminuição de investimentos no país, assim como a reação negativa dos empresários internacionais que viam com ceticismo o novo governo. Junta-se a isso, os problemas relativos às reformas agrária, das forças armadas e a educacional, além das questões das autonomias basca e catalã e, por último, a relação com a Igreja.

O comitê republicano, composto por seis diferentes partidos,¹²⁴ rege durante três meses do ano de 1931 a Constituição para a Segunda República, baixando decretos principalmente relacionados à reforma agrária. A classe média estava ausente e temerosa com as reformas votadas e colocadas em práticas pela República, enquanto isso havia uma crescente filiação de trabalhadores em sindicatos e partidos que estavam lutando pelos seus direitos. Para o exército as reformas não trouxeram nenhuma melhoria de modernização. O ministro de Guerra, Manuel Azaña, não foi capaz de agradar os já descontentes comandantes, porém foi capaz de dar a oportunidade e tempo para a conspiração contra a República. A autonomia catalã era um dos primeiros itens da lista dos republicanos, um problema que era visto pelos antigos centralistas castelhanos como uma ameaça à unidade espanhola. A *Esquerra Republicana de Catalunya*, partido da esquerda catalã, dirigida por Francesc Macià e Lluís Companys, proclamou, no dia 14 de abril, a República Catalã dentro de um Estado Federativo. O anúncio desta proclamação, que não fora acordado no pacto de San Sebastián,¹²⁵ faz com que três ministros saiam de Madrid para Barcelona, a fim de convencer Macià e Companys quanto à melhor maneira de se aprovar o estatuto de autonomia. No dia 21 de abril, Macià é nomeado presidente da Generalitat de Catalunya.

Um dos importantes feitos da Segunda República foi a reforma educativa, que tinha como o principal objetivo a construção de mais escolas, melhoria no ensino superior para formar profissionais mais capacitados. Todo esse investimento era necessário devido ao fato de que, no começo da década de 1930, quase metade da população era analfabeta. O ensino deveria ser laico, não deveria haver nenhum preceito de dogmas religiosos dentro das escolas

¹²³ Empréstimo de 60 milhões de dólares feito de um consórcio entre um grupo de bancários holandeses e pelo banco norte-americano Morgan's Bank, para os projetos de modernização. BEEVOR, 2007, p. 61.

¹²⁴ Acción Republicana (AR), Partido Republicano Radical-Socialista (PRRS), Partido Socialista Obrero Español (PSOE), Acció Catalana (AC), Organización Republicana Gallega Autónoma (Orga) e Luis Zulueta (independente). BEEVOR, 2007, p. 618.

¹²⁵ No dia 27 de agosto de 1930 em *San Sebastian*, balneário litorâneo basco, os antigos políticos monárquicos José Sánchez Guerra, Niceto Alcalá Zamora, Miguel Maura se juntaram aos dirigentes do PSOE, da UGT e da CNT declarando profunda aversão contra a monarquia e fundam a Aliança republicana, a Catalunha se junta logo depois, mas sob a condição de que a Catalunha recebesse um estatuto de autonomia. BEEVOR, 2005, p. 27.

públicas.¹²⁶ Esse fato é apresentado dentro no primeiro romance de Aldecoa através dos personagens Ezequiel e Gabriela que vão recebendo, através de jornais, folhetos e documentos para os professores, as notícias animadoras em relação à educação.

“Os professores apoiam com entusiasmo a nova República...” “Uma das reformas mais urgentes que a República vai empreender é a reforma do ensino...”. “A dignificação da figura do professor será o primeiro passo dessa reforma...” (ALDECOA, 2015, p. 109, tradução nossa).¹²⁷

“É dever imperativo das democracias que todas as escolas, desde o jardim de infância até à Universidade, estejam abertas a todos os alunos, não às suas possibilidades económicas, mas à sua capacidade intelectual”, afirma um decreto publicado no Diário da República.

Num artigo os professores discursavam: “A República será finalmente salva pela escola. Temos diante de nós uma obra esplêndida, magnífica. Mãos à obra” (ALDECOA, 2015, p. 110, tradução nossa).¹²⁸

“A escola deve ser laica. Acima de tudo, a escola deve respeitar a consciência da criança. A escola não pode ser dogmática nem pode ser sectária...” (ALDECOA, 2015, p. 119, tradução nossa).¹²⁹

Houve importantes projetos educacionais que ajudaram a propagar o ensino para todo o país, através da influência das ideias liberais da Revolução Francesa, que foram inseridas na Constituição Espanhola de 1812. Vicente García Caballero declara: “Nessa constituição histórica, a importância de educar o povo é enfatizada, para que as gerações futuras possam participar e ser responsáveis pelos assuntos públicos e continuar no caminho do destino da nação” (CABALLERO, 2013, p. 37, tradução nossa).¹³⁰

A educação no século XIX era voltada tanto para a nobreza quanto para a burguesia. A Igreja mantinha colégios onde se priorizavam a educação primária e a formação profissional, sendo muitos de seus estudantes garotos da pequena ou média burguesia que se mantinham graças à ajuda de pessoas ricas que residiam no povoado local. O ensino não era gratuito para todos, por esse motivo, para o resto da população pobre e analfabeta da Espanha, o único

¹²⁶ BEEVOR, 2007 e JACKSON, 1973.

¹²⁷ «Los maestros se adhieren entusiásticamente a la nueva República...». «Una de las reformas más urgentes que va a emprender la República es la reforma de la enseñanza...» «La dignificación de la figura del maestro será el primer paso de esta reforma...»

¹²⁸ «Es deber imperativo de las democracias el que todas las escuelas, desde la maternal a la Universidad, estén abiertas a todos los estudiantes en orden no a sus posibilidades económicas sino a su capacidad intelectual», decía un decreto publicado en la Gaceta.

En un artículo se arengaba a los maestros: «La República se salvará por fin por la escuela. Tenemos ante nosotros una obra espléndida, magnífica. Manos pues a la obra»

¹²⁹ «La escuela ha de ser laica. La escuela sobre todo ha de respetar la conciencia del niño. La escuela no puede ser dogmática ni puede ser sectaria...».

¹³⁰ “En esta constitución histórica recoge la importancia de la educación del pueblo, para que con ello las futuras generaciones puedan participar y ser responsables de los asuntos públicos y continuar el sendero de los designios de la nación”.

contato com algum tipo de conhecimento era por intermédio da Igreja. O Ex-Secretário Geral de Educação do Ministério de Educação e Ciência, Alejandro Tiana Ferrer, nos mostra o poder que a Igreja exercia diante da população.

É sabido que a Igreja tem sido, tradicionalmente, uma das instituições mais envolvidas na tarefa de educar (...) Motivados pela disseminação da doutrina cristã e seguindo a mensagem evangélica de ensinar aos que não sabem, os diversos setores eclesiais vêm desenvolvendo uma ação ampla e multifacetada nesse sentido, que remonta a tempos antigos (FERRER, 1992, p. 297, tradução nossa).¹³¹

Por isso, a *Ley de Moyano* foi tão necessária para modernizar a educação na Espanha no século XIX, pois em seus artigos 7º e 8º, a lei determinava que “os pais ou responsáveis enviariam seus filhos e pupilos para escolas públicas dos seis aos nove anos de idade” (FERRER, 1992, p. 134, tradução nossa),¹³² e “serão repreendidos e coagidos pela Autoridade e punidos, se for o caso, com multa de 2 a 20 reais.” (FERRER, 1992, p. 134, tradução nossa).¹³³ A educação passava a ser obrigatória para todos, ricos e pobres, meninos e meninas, porém aqueles que viviam na linha de pobreza e extrema miséria não tinham como sustentar a educação para seus filhos, fazendo com que muitas crianças deixassem a escola e ajudassem no sustento de casa.

Um dos importantes defensores e fundadores de um método de ensino que pregava a liberdade de cátedra, o ensino laico e a capacitação de professores foi o professor de direito Francisco Giner de los Ríos que funda, em 1876, uma influente escola secundária na Espanha, que durou até o ano de 1926: a *Institución Libre de Enseñanza*.

Uma escola em que a coeducação é um princípio essencial e que, em seu programa educacional, não concebe seus diferentes estágios: berçário, primário, secundário, como um só, mas como um *continuum*, em que a educação geral é desenvolvida. É uma escola onde não se estudam apenas matérias, mas onde as várias matérias correm em paralelo, onde as mesmas coisas são aprendidas em todos os momentos, adaptadas a cada nível de acordo com o desenvolvimento que lhe corresponde (tradução nossa).¹³⁴

¹³¹ Es bien sabido que la Iglesia había sido tradicionalmente una de las instituciones más volcadas a la tarea educativa (...) Motivados por la difusión de la doctrina cristiana y siguiendo el mensaje evangélico de enseñar a los que no saben, los diversos sectores eclesiales habían venido desarrollando una amplia y pluriforme actuación en este sentido, que se remonta a épocas remotas.

¹³² “los padres o tutores encargados enviarían a las escuelas públicas a sus hijos y pupilos desde la edad de seis años hasta la de nueve”.

¹³³ “serán amonestados y compelidos por la Autoridad y castigados en su caso con la multa de 2 hasta 20 reales”.

¹³⁴ Una escuela donde la coeducación es un principio esencial, que en su programa educativo no concibe sus diferentes momentos: párvulos, primaria, secundaria, como uno sólo, sino como un continuo, donde se desarrolla la educación general. Donde no se estudian sólo asignaturas, sino que las diversas enseñanzas marchan todas paralelas, se aprenden las mismas cosas en todos los momentos, adaptados a cada nivel según el desarrollo que le corresponda. FESP-UGT. La Institución Libre de Enseñanza - La Escuela de la República. Disponível em: <<http://laescueladelarepublica.es/antecedentes/la-institucion-libre-de-ensenanza/>>. Acesso em 21 ago. 2018.

Outro importante experimento pedagógico que seguia a mesma linha que a ILE foi a *Escuela Moderna*, fundada pelo pedagogo e ativista político, Francisco Ferrer Guardia. Em suas aulas, as crianças eram educadas juntas, sem distinção de gênero e não se estimulava o ensino competitivo, a preocupação era essencialmente pela liberdade de pensamento entre as crianças. Durante sua vida, Ferrer Guardia ganhou muitos inimigos, sendo eles a monarquia, o governo e principalmente a Igreja. No episódio que ficou conhecido como *Semana Trágica* em Barcelona, mobilizações e revoltas da população espanhola contra a Guerra do Marrocos, Ferrer Guardia é preso injustamente e condenado à pena capital. Foi fuzilado no dia 13 de outubro de 1909, no fosso de Santa Amalia da Prisión del Castillo de Montjuïc. Antes de ser fuzilado, negou-se a ser vendido e gritou suas últimas palavras: “Soldados, vocês não têm culpa. Mirem bem. Viva a Escola Moderna! Morro inocente e feliz de...”. (SANCHEZ, [s.d], tradução nossa).¹³⁵ Mesmo com a censura nos jornais, sua morte teve grande repercussão tanto na Espanha quanto internacionalmente.

A personagem Gabriela se forma de acordo com os ensinamentos da ILE. Temos conhecimento desse fato quando ela relembra de seus tempos de estudante na *Escuela Normal* e de um professor, don Ernesto, que lhe ensinava sobre o quão importante era a figura do professor para as crianças e o poder de transformação que eles teriam diante da sociedade.

A joia mais preciosa não tem valor quando comparada a uma criança. A planta mais bonita tem apenas um toque de verde; a máquina mais complicada é imperfeita comparada a esse pequeno ser que pensa, ri e chora. E esse ser maravilhoso, esse homem em potencial diante do qual a natureza se curva, foi confiado a você, ou melhor, será confiado a você... (ALDECOA, 2015. p. 23, tradução nossa).¹³⁶

Segundo o professor e historiador, Molero Pintado, o professor não deveria ser apenas o veículo de informação, também deveria acompanhar o aluno em toda a sua vida escolar, inventando e reinventando formas para passar seu conhecimento ou, em palavras de don Ernesto: “A pátria, a sociedade, os pais esperam de vocês o milagre, a centelha que acende a inteligência e forja o caráter desses futuros cidadãos...” (ALDECOA, 2015, p. 23, tradução

¹³⁵ “Soldados, vosotros no tenéis la culpa. Apuntad bien. ¡Viva la Escuela Moderna! Muero inocente y feliz de...”

¹³⁶ La joya más preciosa carece de valor si la comparamos con un niño. La planta más hermosa es sólo una pincelada de verdor; la máquina más complicada es imperfecta al lado de ese pequeño ser que piensa, ríe y llora. Y ese ser maravilloso, ese hombre en potencia ante el cual se dobla la Naturaleza, os ha sido confiado, mejor dicho, os será confiado a vosotras...

nossa).¹³⁷ De fato, Gabriela e Ezequiel fizeram esse papel de dar sem receber nada em troca, apenas a satisfação e a felicidade pelo progresso de meninos e meninas, jovens e adultos que minimizaram a ignorância em que viviam e descobriram um mundo muito maior. Melhor dizendo, por meio destes personagens fictícios, temos o conhecimento de homens e mulheres dispostos a mudar seu país através da educação, pois sua maior certeza era a de que a educação era o principal legado para a transformação de uma sociedade apática e ignorante, para uma sociedade crítica, capaz de questionar, de avaliar e de pensar o seu passado, presente e futuro.

Por certo, a República fez uma revolução na educação espanhola. Em uma entrevista em julho de 1931, Manuel Bartolomé Cossío cita que as duas grandes forças que propiciaram a vitória republicana nas urnas foram a influência do PSOE e a influência da ILE. Um dado importante pronunciado por Fernando de Los Ríos nas Cortes, em 1932, mostrava que nos primeiros dez meses de República construíram-se 7.000 escolas e que, até o final daquele ano, 9.600 seriam entregues.¹³⁸ Fazendo uma comparação com os períodos monárquicos, mostrava que dos anos 1909 a 1931 somente 11.128 escolas haviam sido construídas.

Um dos maiores feitos educacionais da Segunda República foi o projeto surgido no final do século XIX, idealizado por Manuel Bartolomé Cossío e Francisco Giner de los Ríos, chamado de *Misiones Pedagógicas*. Esse projeto foi feito a fim de apoiar os professores que viviam no meio rural, levando grandes artistas e intelectuais espanhóis e do mundo, aproximando, assim, da modernidade uma Espanha até então esquecida. Cossío definia o projeto como “escolas itinerantes que vão de vilarejo em vilarejo. Mas uma escola onde você não precisa aprender com lágrimas, porque o mais importante é se divertir” (FERRER, 2016, p. 7, tradução nossa).¹³⁹ Para muitos historiadores, incluindo Tiana Ferrer, era a primeira vez que um regime político na Espanha mostrava interesse e vontade de criar um sistema educativo moderno, igualitário e que não era obra de nenhum partido, e sim a participação de vários setores políticos que buscavam construir e modernizar a educação do país. Cossío foi o grande nome por trás deste projeto. Foi um dos fundadores da ILE, tanto que depois da morte de Giner de los Ríos, foi a pessoa mais influente da *Institución Libre de Enseñanza*. Ele também foi o primeiro catedrático de pedagogia da universidade espanhola que defendia as

¹³⁷ «La patria, la sociedad, los padres, esperan de vosotras el milagro, la chispa que encienda la inteligencia y forje el carácter de esos futuros ciudadanos...»

¹³⁸ JACKSON, 1973, p. 91

¹³⁹ “escuelas ambulantes que van de pueblo en pueblo. Pero una escuela donde no hay que aprender con lágrimas, porque lo primero es divertimos”.

mesmas ideias de Giner de los Ríos. Com a fundação do *Patronato de Misiones Pedagógicas*, no dia 29 de maio de 1931, tinha como meta principal em seu programa:

levar ao povo, de preferência aos que vivem nas localidades rurais, o fôlego do progresso e os meios de nele participar, nos seus estímulos morais e nos exemplos de progresso universal, para que todos os povos da Espanha, mesmo os mais distantes, possam participar das vantagens e dos nobres prazeres, hoje reservados aos centros urbanos (CORDERO, 2015, p. 13-14 apud PATRONATO DE MISIONES PEDAGÓGICAS. 1933, p. IX, tradução nossa).¹⁴⁰

A primeira *Misión* aconteceu em Ayllón, no dia 17 de dezembro de 1931. Os que moravam por lá ficaram admirados com a chegada de um caminhão carregado de professores, jovens universitários, artistas, pintores, músicos que tinham como tarefa principal levar todo o conhecimento na cultura espanhola para aqueles espanhóis esquecidos pelos governos anteriores. Para se fazer uma *Misión* era necessário selecionar a localidade, conhecer previamente o lugar em que iriam atuar, preparar os *misioneros* e os objetos que usariam em cada *Misión*. Segundo Tiana Ferrer, no ano de 1932, das 19 *Misiones* realizadas participaram 75 *misioneros*, com grupos que variavam de 3 a 4 pessoas, até 6 a 8, com exceção de *Navas del Madroño* e *Las Navas*, contando com até 11 membros.¹⁴¹ Entre os *misioneros*, estavam estudantes universitários de diversas áreas, funcionários das províncias de higiene e do setor agropecuário, médicos, poetas e artistas. Uma das figuras mais importantes foi Federico García Lorca, que participou de algumas *Misiones* com o seu teatro itinerante, *La Barraca*.

Por meio dessa experiência e da importância que esse projeto teve durante a Segunda República, a autora representa em seu romance todas as emoções da chegada dessa escola itinerante no povoado em que Ezequiel lecionava. Chegaram ao povoado o inspetor educacional e mais cinco *misioneros*, algumas pessoas que os rodeavam pediam para resolver as questões básicas como a falta de médico e a luz elétrica, porém, como disse um dos participantes da *Misión*, eles não podiam fazer nada, pois não tinham poderes para isso. A *Misión* ficou apenas por dois dias e no primeiro dia as pessoas dos dois povoados apareciam aos poucos. Gabriela conta que as imagens dos rostos das crianças e dos mais velhos ficariam para sempre em sua memória. Nessas *misiones* tiveram o teatro de marionetes, filmes, música popular conhecida e amada por aquelas pessoas que não tinham tanto contato com a cultura

¹⁴⁰ Llevar a las gentes, con preferencia a los que habitan en localidades rurales, el aliento del progreso y los medios de participar de él, en sus estímulos morales y en los ejemplos del avance universal, de modo que los pueblos todos de España, aún los más apartados, participen en las ventajas y goces nobles, reservados hoy a los centros urbanos.

¹⁴¹ FERRER, 2016, p. 74.

em si, poesias de Juan Ramón Jiménez, Antonio Machado; romances como *La loba parda*, *El conde Olinos*, *La doncella guerrera*, entre outras.

A *Misión* ficou marcada por todos os moradores daquele povoado. Após a partida daquela escola itinerante, não se falava de mais nada, a não ser o quanto gostaram dos poemas, das músicas, e dos filmes. Para eles, como disse Ezequiel, aquilo era um milagre, mais ainda quando um paralisado que estava definhando viu o espetáculo de marionetes trazidos pelos *misioneros* e, desde então, teve ânimo para viver. O presente prometido, tanto o gramofone quanto a biblioteca, chegaram no povoado e o desejo de saber mais contagiou a todos os moradores daquele pequeno povoado. Gabriela estava feliz com a realização de seu sonho.

Apesar de muitos historiadores da Segunda República e da Guerra Civil Espanhola afirmarem que o período republicano foi uma ilusão nas questões das reformas, discordo de tal afirmação, pois pessoas como Giner de los Ríos, Ferrer Guardia, Cossío e inúmeros professores e professoras, como os próprios personagens fictícios do romance de Aldecoa, representam uma profissão que antes era muito desvalorizada, mas que, mesmo assim, souberam acreditar em um sonho. O sonho de poder ensinar não só a ler e escrever, mas a pensar no mundo, a conhecer sua história, de seu povo e de sua Espanha, e que fizeram esse sonho acontecer.

1.6. O INÍCIO DE MUDANÇAS: AS SIGNIFICATIVAS CONQUISTAS NOS DIREITOS CIVIS PARA AS MULHERES DURANTE A II REPÚBLICA E O BIÊNIO NEGRO

O romance de Josefina Aldecoa não aborda em nenhum o momento as mudanças que a Constituição trouxe para a vida das espanholas durante a República, pois o seu foco está nas melhorias da educação, contudo, é importante ressaltar, a aprovação do sufrágio feminino nesse período, assim como uma série de leis que beneficiaram as mulheres.

A fim de reparar muitas injustiças provocadas pelos governos monárquicos, o Governo Provisório republicano começa a decretar uma série de leis que beneficiam toda a população. Quando a República foi proclamada, a Espanha era um país semi- industrializado e com um crescimento urbano que entrava nos padrões modernos de outros países como Inglaterra, Estados Unidos e França. Além disso, as taxas de mortalidade e natalidade estavam caindo, e a educação se expandia cada vez mais. Com isso, as mulheres de todas as classes

sociais, assim como os homens, depositavam suas esperanças nas melhorias que o poder republicano poderia trazer para todos.

Uma das primeiras mudanças foi revogar uma antiga lei proposta por Primo de Rivera, que proibia as mulheres de participar dos júris populares. O decreto mencionava o direito de ser membro do júri em casos de crimes passionais e deveria conter o mesmo número de jurados de ambos os sexos. O primeiro decreto de caráter obrigatório foi sancionado pelo ministro do Trabalho, Largo Caballero, que no dia 26 de maio de 1931, estabeleceu o seguro maternidade e garantia assistência sanitária para as assalariadas, entretanto, muitas trabalhadoras negaram essa assistência por acreditarem que seriam consideradas inúteis para o trabalho, no fim, o decreto foi aceito por todas. Outra lei importante foi decretada no dia 21 de novembro de 1931, que garantia o direito de contrato de trabalho para as mulheres que já eram mães. Em 1932, um grupo de mulheres foi até o ministro Caballero para pedir a manutenção do emprego para as trabalhadoras casadas,

reiterou que as trabalhadoras casadas poderiam continuar trabalhando porque isso havia sido estabelecido pelo decreto de 9 de dezembro de 1931, que declarou nulas e sem efeito as cláusulas dos contratos de trabalho que incluíam a celebração do casamento como causa de rescisão do contrato de trabalho, declarando injustificadas as demissões por esse motivo (NÚÑEZ, 1998, p. 411, tradução nossa).¹⁴²

O governo republicano era favorável ao trabalho de todas as mulheres, pois faria com que o país elevasse sua capacidade industrial e de mão de obra, assim, era importante que as mulheres casadas mantivessem seus cargos empregatícios, também eram favoráveis à independência da mulher com relação a seus respectivos maridos. Mais um fato do governo republicano foi a integração das mulheres nos espaços públicos, através do decreto de 29 de abril de 1931, que concedeu o registro de propriedade para as mulheres, lei que antes era proibida. Como dito, em caso de herança, a propriedade ou outros bens ficavam para o membro masculino da família. O ministro da Justiça, o professor Fernando de los Ríos, aprovou a possibilidade de emprego para as futuras licenciadas em direito. O serviço de comunicação do país também recebeu as mulheres em seus quadros. Os correios tinham a mesma quantidade de homens e mulheres empregados. O decreto de 31 de julho de 1931, incorporou as mulheres ao serviço de telégrafos do país.

¹⁴² reiteró que las obreras casadas podían continuar en el trabajo porque de esa forma lo había establecido el decreto de 9 de diciembre de 1931 que determinó la nulidad de las cláusulas de los contratos de trabajo que incluyesen la celebración de matrimonio como causa de la finalización del contrato de trabajo, declarando injustificados los despidos que se hicieran por ese motivo.

Uma das questões mais difíceis da Segunda República foi em relação à prostituição. Segundo a historiadora, María Gloria Núñez, o governo repugnava a prostituição, porém queriam instaurar um novo estado pautado no amor livre, respeitando a escolha dos cidadãos, tendo sua independência pautada no consentimento e respeito de todos, “O objetivo final era generalizar e estender a mesma moralidade para homens e mulheres, tanto na teoria quanto na prática, novos costumes que eram propiciados e impulsionados pela igualdade que as mulheres estavam alcançando nas várias esferas da vida social” (NÚÑEZ, 1998, p. 414, tradução nossa).¹⁴³ Ela relata em seu trabalho que a convivência de homens e mulheres nas universidades era baseada em um ambiente de igualdade, liberdade e respeito.

O filósofo Julián Marías, em seu livro de memórias *Una vida presente*, fala da atmosfera da Universidade de Filosofia e Letras de Madri, definindo-a como um clima de camaradagem e amizade entre o corpo discente. As moças —diz ele— tinham um forte senso de sua dignidade e a maioria delas consideraria um insulto pensar que estavam procurando maridos.(NÚÑEZ, 1998, p. 414, tradução nossa).¹⁴⁴

Em relação à moral sexual de homens e mulheres, o governo republicano não era a favor e nem contra, pois havia na sociedade a moralidade religiosa que pairava em muitas famílias espanholas, contudo, todos eram livres segundo a Constituição republicana. Para as mulheres, existia a questão da honra, imposta tanto pela família quanto pela sociedade. Quando elas eram violadas, muitas cometiam o suicídio por causa da pressão imposta. Para a Igreja Católica e os políticos conservadores, a questão da moral estava sendo desvirtuada e afirmavam que a principal causa eram os partidos de esquerda que estavam no poder. Por fim, o governo republicano do primeiro biênio (1931-1933), não conseguiu reduzir a prostituição na Espanha, ao contrário, tanto as casas de prostituição legais e ilegais cresceram por todo o país.

No ano de 1931 cria-se o *Patronato de Protección a la Mujer*, que adotava medidas protetivas para as mulheres, que investigava e denunciava, “infrações penais relacionadas ao tráfico de mulheres e a publicações pornográficas, vigilância e tutela de menores que lhe são confiadas pelas autoridades ou por particulares, e garantia do cumprimento dos acordos

¹⁴³ “El objetivo final era generalizar y extender una misma moralidad para varones y mujeres tanto en la teoría como en la práctica, unas nuevas costumbres que venían propiciadas e impulsadas por la igualdad que las mujeres iban consiguiendo en los diversos ámbitos de la vida social”.

¹⁴⁴ El filósofo Julián Marías en el libro de memorias *Una vida presente* habla del ambiente en la universidad de Filosofía y Letras de Madrid definiéndole como un clima de camaradería y amistad entre el alumnado. Las chicas —dice— tenían fuerte sentido de su dignidad y a la mayoría le hubiera parecido una injuria que se pensase que estaban buscando marido.

ratificados pela Espanha” (NÚÑEZ, 1998, p. 417, tradução nossa).¹⁴⁵ Segundo a autora, esse decreto funcionou até 1935. Antes do golpe que culminou na Guerra Civil, o governo havia decretado a abolição da prostituição no país. Na ditadura franquista, o *Patronato de Protección a la Mujer* retorna, mas agora com o objetivo de prender, vigiar e punir as mulheres.

Em 1932 é aprovada a Lei do divórcio, estabelecendo a igualdade para ambos os sexos.

A natureza, a filiação, o sexo, a classe social, a riqueza, as ideias políticas ou religiosas não podem constituir base para privilégio jurídico” (art. 25); e “A família está sob a proteção do Estado. O casamento é baseado na igualdade de direitos para ambos os sexos e pode ser dissolvido por consentimento mútuo ou a pedido de qualquer um dos cônjuges, neste caso por justa causa” (art. 43) (VÁZQUEZ DE PRADA, 2005, p.132-133, tradução nossa).¹⁴⁶

Assim, o governo republicano reconhecia apenas o casamento civil em todo o país, a lei foi aprovada por 260 deputados, somente 23 deputados foram contra. Essa lei foi considerada a mais avançada de toda a Europa, pois admitia a dissolução do matrimônio por mútuo acordo. Ambos os sexos tinham a liberdade de administrar seus próprios bens, seja pela divisão conjugal ou não. O decreto também afirmava que a parte mais prejudicada da relação poderia pedir o divórcio por várias causas: adultério, bigamia, abandono, maus tratos, enfermidades venéreas, etc.¹⁴⁷ Não havia nenhum artigo sobre a pensão alimentícia, dizia-se apenas que ambos poderiam ter a independência e recursos econômicos. Um caso famoso após a aprovação da lei foi o de Carmen Díaz, ex-esposa do comandante de aviação Ramón Franco, irmão do ditador Francisco Franco. Ela entrou com ação por causa das infidelidades e maus tratos sofridos durante seu casamento.¹⁴⁸

Mesmo com as diversas leis decretadas a favor das mulheres, o Movimento Feminista Católico mostrava sua força e seu descontentamento com o primeiro governo republicano. Através de políticos como José María Gil Robles, o futuro presidente da C.E.D.A.,¹⁴⁹ funda-se

¹⁴⁵ “hechos delictivos en relación con la trata de blancas y publicaciones pornográficas, vigilancia y tutela sobre las menores que le encargasen autoridades o particulares, y velar por los acuerdos ratificados por España”.

¹⁴⁶ No podrá ser fundamento de privilegio jurídico la naturaleza, la filiación, el sexo, la clase social, la riqueza, las ideas políticas ni las ideas religiosas” (art. 25); y “La familia está bajo la salvaguardia del Estado. El matrimonio se funda en la igualdad de derechos para ambos sexos, y podrá disolverse por mutuo disenso o a petición de cualquiera de los cónyuges, con alegación en este caso de justa causa” (art. 43).

¹⁴⁷ NÚÑEZ, 1998, p. 427.

¹⁴⁸ NÚÑEZ, 1998, p. 428.

¹⁴⁹ Confederação Espanhola de Direita Autônoma, encontravam-se dois pequenos grupos monárquicos: os tradicionalistas, de princípios carlistas, e a Renovación Española, fundada por Antonio Goicochea, em março de 1933. Ambos os partidos defendiam a instauração da monarquia e não uma restauração, já que para eles, a

a *Acción Católica*, uma organização que reunia os conservadores, como homens e mulheres influenciados pela ideologia nazista e os conservadores católicos. Essa organização fazia manifestações femininas e defendiam o fim do decreto do trabalho para as mulheres casadas, pois acreditavam que as mulheres deveriam cuidar da casa e da família. Em 1932, essa organização já havia filiado 38 mil mulheres por toda a Espanha, sendo 5 mil em Madri, 12 mil na Galícia e 4 mil em Salamanca.¹⁵⁰

Antes da eleição em 1933, o ministro da Justiça, Álvaro de Albornoz, leu para o plenário das *Cortes*, um projeto de lei que estabelecia a capacidade civil do cônjuge, fundamentando a dignidade da mulher e estabelecendo a igualdade entre os sexos constitucionalmente.¹⁵¹ Assim, logo no primeiro artigo determinava novos princípios de igualdade no Código Civil, “a possibilidade de futura discriminação legal com base na biologia diferencial, o princípio da autoridade científica amplamente utilizado na época para ocultar motivações sociais profundamente enraizadas, foi deixada em aberto” (NÚÑEZ, 1998, p. 424, tradução nossa),¹⁵² todavia, esse projeto de lei nunca foi aprovado, pois quem assumiu a presidência da República no ano de 1933, foram José María Gil Robles, da C.E.D.A., e Alejandro Lerroux do Partido Radical. A partir desse ano, muitas leis e projetos decretados pelo primeiro governo são cancelados, dissolvidos e extinguidos pelo atual governo, cujo período no poder ficará conhecido como o Biênio Negro (1933-1935).

Apesar do novo regime trazer melhorias para a população, nem todos estavam satisfeitos com a República, soma-se a esse descontentamento a vitória do novo governo centro-direita. Podemos começar com o fato de que a C.E.D.A. e a imprensa católica divulgaram em seus jornais e programas políticos, sua campanha contra as mulheres casadas que trabalhavam fora de casa. Eles alegavam o abandono do lar, do cuidado dos filhos e da casa, defendiam opiniões de autoridades médicas e eclesiásticas em relação à natureza da mulher, sobre como o trabalho era prejudicial para elas e para seus filhos. Alguns jornais produzidos por eles propunham ajuda do governo para que essas mulheres permanecessem em seus lares.

O jornal conservador *El Debate* propôs soluções como subsídios familiares, dotes, pensões, isenções fiscais... As razões apresentadas para pedir o

monarquia perdera completamente o seu valor quando começara a adotar ideias liberais, que não seriam compatíveis com a tradição espanhola e por isso o povo não a respeitava mais.

¹⁵⁰ DUBY; PERROT, 2000, p. 235.

¹⁵¹ NÚÑEZ, 1998, p. 424.

¹⁵² “quedaba abierta la posibilidad de futuras discriminaciones legales en función de la tan traída y llevada biología diferencial, el principio de autoridad científica esgrimido profusamente en la época para ocultar arraigadas motivaciones sociales”.

retorno das mulheres casadas ao lar foram a redução do desemprego masculino e o cumprimento de seus deveres morais como mães, esposas e educadoras que dariam ao país filhos mais fortes e vigorosos (NÚÑEZ, 1998, p. 431, tradução nossa).¹⁵³

Esse assunto foi pauta também na *Semana Social de Madrid*, realizado em outubro de 1933, onde diversas mulheres membros do movimento feminista católico e dos sindicatos de mulheres católicas o discutiam em diversas reuniões, defendendo que elas permaneceriam no cuidado da casa, enquanto seus maridos seriam os provedores financeiros do lar. Em contrapartida, os movimentos feministas anarquistas, socialistas, comunistas e republicanos faziam manifestações defendendo a permanência do trabalho fora de casa, visto que uma grave crise financeira, durante a década de 1930, assolou não só a Espanha, mas como toda a Europa, e muitas mulheres se viam desempregadas do dia para a noite. Em países como a Itália, Alemanha, Bélgica e França, alguns governos impuseram restrições de cargos empregatícios para as casadas, sendo que o desemprego para os homens crescia exponencialmente. Além disso, o salário entre os sexos era desigual, havia uma tabela de classificação de trabalho e suas funções e o valor que cada um receberia. Nas fábricas de confecção, têxtil e alimentos a diferença salarial era ainda maior.

Em 19 de novembro de 1933, aconteceram as primeiras eleições para decidir os novos governantes. Foi nesse dia que ocorreu o sufrágio feminino, o direito ao voto finalmente era garantido para todas as espanholas. O voto foi uma conquista, porém diversos setores, como as anarquistas e as republicanas moderadas acreditavam que a luta era bem maior do que a conquista do voto. Os anticlericais estavam temerosos quanto ao voto das mulheres, pois devido aos movimentos feministas católicos, a influência da Igreja era muito forte, tanto que apoiavam os partidos de centro-direita. Diversas foram as propagandas e caricaturas feitas de mulheres que idolatravam os padres, ou caricaturas pejorativas que as tratavam como “bestas gordas ou as putas do clero”. Os partidos republicanos, a fim de mobilizar seus movimentos, procuraram trazer em suas propagandas a figura de mulheres que expulsavam o clero e a burguesia, exaltando suas qualidades rebeldes, estudiosas, partidárias do progresso e da educação.¹⁵⁴ Com a vitória da direita acreditava-se que as mulheres foram as que decidiram a eleição, porém, para a deputada republicana, Clara Campoamor, o fracasso dos partidos de esquerda na eleição foi causada pela desunião entre os republicanos e socialistas, ademais

¹⁵³ El diario conservador El debate proponía soluciones como los subsidios familiares, dotes matrimoniales, pensiones, exenciones de impuestos.... Las razones esgrimidas para pedir la vuelta de las mujeres casadas al hogar era la disminución del desempleo masculino y el cumplimiento de sus deberes morales como madres, esposas y educadoras que darían así a la patria hijos más fuertes y vigorosos.

¹⁵⁴ SALOMÓN CHÉLIZ, 2003, p. 56.

criticava os programas desses partidos, pois aceitavam a participação feminina, desde que seguissem a cartilha e que suas reivindicações ficassem em segundo plano.

Os retrocessos do governo radical-cedista foram inúmeros, medidas que afetaram os projetos educacionais, as leis trabalhistas, a reforma agrária e as medidas eclesiásticas. Cancelaram o confisco das terras pertencentes aos latifundiários, anulando a lei que dava a mesma proporção para os trabalhadores agrícolas que aos empregados da indústria. Também devolveram as propriedades à Igreja, principalmente para a ordem dos jesuítas e indenizaram os grandes proprietários de terras durante as reformas do governo anterior. Negou-se a participação das mulheres nas carreiras de fiscais judiciais. Também não houve alteração das leis do Código Civil que ainda eram desfavoráveis para as mulheres, assim, se houvesse um caso extraconjugal por parte das esposas, estas deveriam pagar um salário para seus maridos, enquanto o oposto não ocorria. A região da Catalunha foi o contrário do governo de direita, por ser um importante polo da indústria têxtil, além da forte militância de diversos grupos anarquistas. O governo da *Generalitat*, composto por partidos de esquerda, promulgou a igualdade legislativa entre os sexos, assim, as leis jurídicas passaram a valer para todos os catalães, a partir do dia 1 de janeiro de 1935.

1.7. A REVOLUÇÃO DE 1934, A PARTICIPAÇÃO FEMININA E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Havia por toda a Espanha uma insatisfação contra o governo, diversos trabalhadores e políticos acusavam os radicais-cedistas pela falta de comprometimento com a República, já que muitos políticos de direita flertavam com a ideologia fascista que crescia por toda a Europa naquele período. Foi no ano de 1934, precisamente no dia 5 de outubro, que foram deflagradas diversas greves e manifestações por todo o país. De maneira desorganizada, essas manifestações não obtiveram sucesso nenhum. O insucesso desse movimento aterroriza a classe média e leva à prisão diversos líderes de partidos republicanos, entre eles Largo Caballero. Na região da Catalunha, convocaram a ajuda do exército para que o líder do governo, Lluís Companys, fosse preso, pois ele proclamara a “República da Catalunha dentro da República Federal Espanhola”, além de ter convidado todos aqueles que se declaravam antifascistas a se juntarem em Barcelona para criarem um governo provisório. Após sua prisão, o estatuto de autonomia da Catalunha foi suspenso imediatamente.

Na região das Astúrias, mais precisamente na província mineira de Oviedo, “as diversas forças proletárias iniciaram pelas armas uma luta contra o governo, o exército e o

regime capitalista vigente”. (JACKSON, 1973, p. 199). Por causa de seu distanciamento geográfico e pelas condições em que viviam, muitos mineiros e camponeses desejavam um pouco de dignidade, educação e respeito. A UGT, a CNT¹⁵⁵ e os comunistas em geral, encontravam-se representados nessa região, cada qual com seu poder de propaganda marxista e anarquista e seu correspondente número de membros. Criando assim uma única unidade, lançando a palavra de ordem *U.H.P. (Unión, hermanos proletarios)*.

Esses episódios históricos estão presentes no primeiro romance de Josefina Aldecoa. Gabriela e sua família se mudam para um novo povoado chamado *Los Valles*, localizado na região norte da Espanha, onde havia uma parte que era totalmente rural e outra parte do povoado em que viviam os mineiros: “— Vejo que vocês são as pessoas de que precisamos. Inteligentes, com a mente aberta. Precisamos disso porque esta cidade não é nada fácil. São dois mundos em um, mineração e agricultura, carvão e agricultura, progresso e atraso, tudo em um, você verá, você entenderá...” (ALDECOA, 2015, p. 164, tradução nossa).¹⁵⁶ Nesse mesmo local, também morava um casal, Inés e Domingo, professores que ensinavam os filhos dos mineiros, enquanto Gabriela e Ezequiel dariam aulas para os filhos dos camponeses. São esses dois novos personagens que farão com que o sentimento revolucionário desperte em Ezequiel. Além disso, é nesse povoado que se encontra don Germán, o prefeito de *Los Valles*, um homem viúvo, que vivia com sua filha e provinha de uma família de políticos, cujos pai e avô tinham sido prefeitos e eram republicanos, conforme nos é informado no romance. Para Gabriela e Ezequiel a convivência com don Germán era gratificante, pois compartilhavam das mesmas ideias e preocupações. É através dele que ficam sabendo da união da direita: “— A direita, mais uma vez, se une — disse Don Germán —, e a esquerda se fragmenta, então não há nada a fazer. Mas algo teria que ser feito...” (ALDECOA, 2015, p. 170, tradução nossa).¹⁵⁷ Não só essa passagem chama atenção, mas também a que faz referência à diferença entre os cidadãos que viviam naquele lugar: “— Aqui embaixo manda o Padre, lá em cima manda o Governo — resumiu Marcelina” (ALDECOA, 2015, p. 187, tradução nossa).¹⁵⁸ A professora sentia essa tensão entre os moradores, observava a politização dos mineiros e a ignorância e falta de conhecimento do lado campesino.

¹⁵⁵ Unión General de Trabajadores (UGT), fundada em 1888 pelos militantes do PSOE. Confederación Nacional de Trabajo (CNT), confederação sindical anarco-sindicalista, fundada depois do levante em Barcelona, no ano de 1909, cujos sindicatos componentes seriam organizados por setor, não por atividade. (BEEVOR, 2007, p. 50-52).

¹⁵⁶ “—Veo que son ustedes las personas que necesitamos. Inteligentes, abiertos de mente. Lo que necesitamos porque este pueblo no es nada fácil. Son dos mundos en uno, mina y agricultura, carbón y cultivo, progreso y atraso, todo en uno, ya lo irán viendo, ya lo irán entendiendo...”

¹⁵⁷ “—Las derechas, una vez más, se unem —decía don Germán—, y la izquierda se fragmenta, así no hay nada que hacer. Pero habría que hacer algo...”

¹⁵⁸ “—Aquí abajo manda el Cura, allá arriba manda el Gobierno —había resumido Marcelina”.

Há de se observar que foi nesse povoado que Gabriela conviveu com três tipos de mulheres, cada qual representando as características das diferentes mulheres espanholas da época. Começando por Marcelina, vizinha de Gabriela e Ezequiel, quem mais ajudou a Gabriela na criação de Juana, tal qual Regina. Marcelina era mãe de três filhos, sendo um deles com deficiência intelectual. Ezequiel fez de tudo para colocá-lo na escola junto aos outros estudantes, pois para o professor não deveria haver distinção entre quem poderia ou não estudar. Seu marido era um mineiro que, com o tempo, acabou enfermo por causa das péssimas condições de trabalho nas minas, razão pela qual ela trabalhava dobrado. Segundo Gabriela,

Trabalhava. Em todas as horas do dia. Na casa, na horta, no estábulo, no mercado onde todas as segundas-feiras ia vender os restos dos ovos, a alface que não consumia, pequenas quantidades dos produtos que obtinha com esforço e determinação. Ela era uma boa mulher e me ajudou desde o primeiro momento (ALDECOA, 2015, p. 177-178, tradução nossa).¹⁵⁹

Assim como Regina, Marcelina não era uma mulher com estudos, não participava de movimentos sociais, porém tinha a experiência de ser mulher e chamava atenção de Gabriela sobre o fato de que Ezequiel se envolvia mais e mais com a política e quem cuidava da casa, da filha, da escola e de todos os afazeres era a professora, enquanto seu marido ia até a praça do povoado conversar com outros homens e participar de assembleias, reuniões e encontros políticos. “— Acontece que você também trabalha demais — resmungava Marcelina às vezes —. Eu gostaria que você não trabalhasse tanto, você tem uma escola igual a dele. Mas quem cozinha, quem lava, quem passa roupa, quem chama a atenção criança? Eu o vejo subindo e descendo para a praça e para a mina” (ALDECOA, 2015, p. 178).¹⁶⁰

A professora entende a crítica, até tenta argumentar sobre o assunto:

— Tudo isso é verdade. Mas me diga, Marcelina, o que há com nós, mulheres, que nos exigimos mais do que deveríamos? Eu não poderia deixar a criança com Ezequiel e ir até o Plaza conversar com meus amigos. Sei que seria justo, mas eu não poderia, não confiaria nele, não estaria interessada. Ser mãe é uma glória e uma condenação ao mesmo tempo, você já ouviu isso de mim mais de uma vez (ALDECOA, 2015, p. 178-179, tradução nossa).¹⁶¹

¹⁵⁹ Trabajaba. A todas horas del día. En la casa, en el huerto, en la cuadra, en el mercado donde iba a vender todos los lunes los huevos que le sobraban, las lechugas que no consumía, pequeñas cantidades de los productos que ella conseguía con esfuerzo y empeño. Era una buena mujer y me ayudó desde el primer momento.

¹⁶⁰ —Que a usted también le pasa que trabaja de más —refunfuñaba a veces Marcelina—. Quiera que no, tiene usted una escuela como él. Pero ¿quién cocina, quién lava, quién plancha, quién brega con la niña? Que a él bien le veo yo de sube y baja a la Plaza y a la mina.

¹⁶¹ —Todo eso es verdad. Pero dígame usted, Marcelina, ¿qué nos pasa a las mujeres que nos echamos encima más de lo que debemos? Yo no podría dejarle a Ezequiel la niña y subir a la Plaza a charlar con las amigas. Sé que sería justo pero no podría, no me fiaría, no me interesaría. Ser madre es una gloria y una condena al mismo tiempo, me lo ha oído usted más de una vez.

Chama atenção essa afirmação de Gabriela e seus questionamentos, pois havia sim mulheres organizadas que participavam das reuniões, mulheres que lutaram por seus direitos nas ruas das principais cidades espanholas e quando ela cita sobre a maternidade ser uma glória e ao mesmo tempo uma condenação, comprova o discurso de Lucía Sánchez Saornil, segundo o qual a maternidade de nenhuma forma deveria anular a luta das mulheres, porém anulou a luta de Gabriela. O diálogo entre as duas continua com uma reflexão de Marcelina:

Seus argumentos eram uma reflexão contínua baseada no senso comum, uma análise elementar apoiada pela observação e pela experiência. Eu a compreendi. Havia lutado para que as mulheres em minhas aulas para adultos tivessem consciência de seus direitos. E, no entanto, agora estava presa em minha própria limitação. Marcelina pareceu entender e olhou para mim de soslaio, mal-humorada, mas com uma inflexão de ternura em sua voz, quando me disse:

— Vocês, que estudaram, pregam muito, mas quando se trata de dar trigo, o que acontece? Não há trigo, não há exemplo, não há nada. Pobres mujeres! (ALDECOA, 2015, p. 179, tradução nossa).¹⁶²

Essa reflexão de Marcelina nos mostra que Gabriela não colocava em prática aquilo que pregava, a professora se anula totalmente com a maternidade, coloca todo o seu amor, seu sonho, na sua filha. Já velha, ao retornar para uma nova Espanha, ela fala sobre essa obsessão por Juana, “Minha filha era minha angústia e minha alegria. Uma obsessão. Eu não conseguia deixá-la sozinha nem por um momento. Sempre tive mulheres ao meu redor que me ajudaram, mas Juana ia comigo para todos os lugares.” (ALDECOA, 2013, p. 47, tradução nossa).¹⁶³ Essa visão de Gabriela sobre sua filha, nos mostra como seu vigor de lutar por seu sonho foi se desvanecendo. A mesma mulher que viajou para outro país para ensinar outras crianças, que se apaixonou por um médico disposto a lutar por aquele povo, causa que ela também abraçaria, acabou se tornando aquilo que a sociedade impunha para as mulheres: boa esposa, boa mãe e boa cidadã.

Eu, que havia avançado em minhas ideias educacionais, ainda assim aderi em minha vida privada ao esquema tradicional: um casamento é para toda a vida, um filho é um sério obstáculo ao divórcio. Educada por meus pais sem restrições religiosas, fui condicionada, no entanto, pelo exemplo de sua conduta que contradizia tacitamente a educação livre que eles alegavam ter

¹⁶² Sus argumentos eran una continua reflexión basada en el sentido común, un análisis elemental apoyado en la observación y la experiencia. Yo la comprendía. Había luchado por imbuir a las mujeres en mis clases de adultos la conciencia de sus derechos. Y sin embargo, ahora me veía atrapada en mi propia limitación. Marcelina parecía entenderlo y me miraba de reojo, malhumorada pero con una inflexión de ternura en la voz al decirme: —Ustedes, las que han estudiado, mucho predicar pero a la hora de dar trigo, ¿qué? Ni trigo ni ejemplo ni nada. ¡Pobres mujeres!

¹⁶³ “Mi hija era mi angustia y mi alegría. Una obsesión. Ni un momento podía dejarla sola. Siempre tuve cerca de mí mujeres que me echaban una mano, pero Juana iba conmigo a todas partes”.

me dado. A liberdade está na cabeça, meu pai costumava dizer (ALDECOA, 2015, p. 179-180, tradução nossa).¹⁶⁴

Essa reflexão só acontece por causa de Inés. A professora da escola das filhas dos mineiros, —pois naquele povoado foi proibida a escola mista, assim os professores ministravam as aulas de acordo com o gênero—, era uma mulher engajada na militância, tinha uma relação mais livre com Domingo, já que não eram casados, apenas viviam juntos. Essa relação era mal vista por parte das pessoas que viviam naquele lugar, como mostra o trecho a seguir:

— Dona Inés me deu aulas quando eu era pequena, quando acabei de chegar aqui. Mas meu pai não gostou.
 — Porque? -Perguntei.
 — Porque diziam por aqui que ela morava com don Domingo antes de se casar e isso não é certo por causa do mau exemplo que ela nos deu... Minha mãe diz que não foi provado, mas as pessoas falam e falam pelos cotovelos (ALDECOA, 2015, p. 198, tradução nossa).¹⁶⁵

Acerca da sua militância, Inés ofereceu diversos livros sobre a luta das mulheres para Gabriela, com temas ligados à liberdade da mulher, às questões políticas, à sociedade opressora do patriarcado, entre outros. Ela não queria ser mãe, “— Só posso lhe dizer que, no que diz respeito a filhos, nada por enquanto — disse Inés —. Por que quem pode dizer que Domingo e eu vamos ficar juntos para o resto de nossas vidas?” (ALDECOA, 2015, p. 179, tradução nossa).¹⁶⁶ Isto é, Inés era uma mulher que não seguia os manuais de costumes para as mulheres, ela era livre, queria o direito de independência para todas, diferente de Gabriela. Pode-se colocar Inés no movimento feminista radical, inclusive, ela também cativava suas alunas para uma causa maior,

Estávamos no meio das férias de Páscoa. Inés me pediu para ajudar suas alunas a preparar um evento cultural para o dia primeiro de maio.
 "Cultural, cultural", ela havia dito. "Dessa forma ninguém pode me dizer que faço política na escola".
 Ofereci-me para emprestar-lhe livros, mas ela insistiu: "Gostaria que você viesse para ver as meninas e ver o que podemos fazer com elas".
 (...) A escola estava lotada como em dia de aula. No estande dos professores, presidia uma bandeira da República pregada num pote, e ao lado uma

¹⁶⁴ Yo, que había sido avanzada en mis ideas educativas, sin embargo me atenia en mi vida privada al esquema tradicional: un matrimonio es para toda la vida, un hijo es un grave obstáculo para el divorcio. Educada por mis padres sin frenos religiosos estaba condicionada, sin embargo, con el ejemplo de su conducta que de forma tácita contradecía la educación libre que pretendían haberme dado. La libertad está en la cabeza, solía decir mi padre.

¹⁶⁵ —Doña Inés me dio clases de pequeña, recién llegada aquí. Pero a mi padre no le gustaba.

—¿Por qué? —pregunté yo.

—Porque decían por aquí que vivía con don Domingo antes de casarse y eso no está bien por el mal ejemplo que nos daba... Mi madre dice que eso no era probado pero la gente habla y habla por los codos.

¹⁶⁶ “—Yo sólo puedo decirte que de hijos, nada de momento —decía Inés—. Porque ¿quién me dice a mí que Domingo y yo vamos a seguir juntos toda la vida?”

menina, de pé, lia em voz alta. Inés me mostrou um lugar para sentar. A garota parou por um momento, mas continuou com uma voz vibrante.

— ... e assim, queridos companheiros, peço-lhes neste Dia do Trabalho que se unam em uma frente comum contra os exploradores de nossos pais, contra aqueles que impedem os filhos dos mineiros...

Quando ela terminou seu discurso, todas as meninas aplaudiram e Inés pediu calma com as mãos (ALDECOA, 2015, p. 198-199, tradução nossa).¹⁶⁷

Essa personagem representa muitos professores e professoras que não só ensinavam, mas praticavam o pensamento crítico com todos os seus alunos. Isso acaba reforçando a diferença entre as duas professoras, uma personagem que acaba representando a imposição da sociedade patriarcal e outra que lutava pela independência completa das mulheres e das minorias em geral.

Por fim, a última personagem é Eloísa, filha do prefeito don Germán. Ela era uma mulher jovem, espanhola de ascendência belga por causa de sua mãe e muito devota da Igreja Católica. Foi noiva de um engenheiro francês que viveu naquele lugar por um tempo, mas, quando seu pai foi investigar mais a fundo a vida desse homem, descobriu que este era divorciado, trazendo o maior desgosto para a mãe da moça, também devota da Igreja. Assim, o padre sabendo da situação manipula as duas, fazendo o seguinte discurso:

E aí o padre intervém e diz à mãe... Você verá, minha filha, pense se está pronta para responder a Deus quando ele lhe disser por que deixou sua filha pecar dessa maneira. Esse vínculo é para toda a vida, senhora, e você sabe disso como cristã. Você verá se sua consciência está limpa quando permitir que essa filha pura e imaculada se case com o bigamo, porque para a Igreja não há divórcio e você sabe disso... (ALDECOA, 2015, p. 175, tradução nossa).¹⁶⁸

Enfim, temos a representação de uma mulher como uma verdadeira beata. Depois de sua decepção amorosa e da morte de sua mãe, Eloísa se torna uma verdadeira *hada del hogar*, isto é, a personagem demonstra imensa compreensão com a vida daquele povoado, não busca

¹⁶⁷ Estábamos en plenas vacaciones de Semana Santa. Inés me había pedido ayuda para preparar con sus alumnas un acto cultural para el uno de Mayo.

«Cultural, cultural», había dicho. «Así nadie podrá decirme que hago política en la escuela».

Me ofrecí a prestarle libros, pero ella insistió: «Me gustaría que vinieras y así ves a las niñas a ver qué podemos hacer con ellas».

(...) La escuela estaba llena como en un día de clase. En el estrado de la maestra, presidía una bandera de la República clavada en un tiesto y a su lado una niña, de pie, leía en voz alta. Inés me indicó un lugar para que me sentara. La niña se había interrumpido un instante pero continuó con voz vibrante.

—... y por eso, queridos compañeros, yo os pido en este día del Trabajo que os unáis todos formando un frente común contra los explotadores de nuestros padres, contra los que impiden que los hijos de los mineros...

Cuando terminó su discurso todas las niñas aplaudieron e Inés pidió calma con las manos.

¹⁶⁸ Y allí interviene el Cura que se mete por medio y le dice a la madre... Usted verá, hija mía, piense si está dispuesta a responder a Dios cuando le diga por qué ha dejado a su hija pecar de esa manera. Para toda la vida es este vínculo, senhora, y usted lo sabe como cristiana que es. Usted verá si tiene la conciencia tranquila dejando a esa hija pura y sin mancha casarse con el bigamo, que para la Iglesia no hay divorcio y usted lo sabe...

o conflito, sacrifica-se para a família, pois abdica de qualquer valor como mulher para cuidar de seu pai, já idoso. Ou seja, Eloísa é um anjo do lar, pois não possui um pensamento ou desejo próprio, mas sim dos outros, inclusive da comunidade católica daquele povoado. Essa personagem junto a Inés nos faz compreender os diferentes pontos e visões acerca do conformismo representado pela Eloísa, e pela luta dos direitos dos movimentos feministas radicais, representado pela professora do povoado mineiro. Há dois momentos de uma mesma noite que fazem parte da memória histórica espanhola. O primeiro ocorreu durante um brinde entre os quatro professores, o prefeito e sua filha, ao novo ano que chegava, o ano de 1934.

— Pela paz — brindou Eloísa.

— Pela rebeldia — brindou Inés.

Era evidente que ela havia bebido antes do jantar. Seus olhos brilhavam, e havia um toque de impertinência ou provocação em sua resposta a Eloísa (ALDECOA, 2015, p. 189, tradução nossa).¹⁶⁹

Já o segundo momento está em uma lembrança que Gabriela tem daquela noite de ano novo, quando o diálogo do casal de professores engajados na militância chama a atenção para os acontecimentos que estavam por vir.

A reserva de Don Germán diante das declarações exaltadas de Domingo: “Precisamos agir. Os socialistas não podem ficar indiferentes”.

A atitude de Inés em sua rejeição a Eloísa: “O voto das mulheres, é aí que está o erro. As mulheres votam no que os padres mandam” (ALDECOA, 2015, p. 192, tradução nossa).¹⁷⁰

Esses trechos compactuam com toda a lembrança de toda a história das mulheres até aqui. A culpa que os anticlericais atribuem às mulheres para a vitória do governo de centro-direita, a insatisfação com as tomadas de decisões do governo radical-cedista, o acirramento da luta e a insatisfação de todos quanto à República. Quanto ao casal protagonista, Ezequiel filia-se ao PSOE, enquanto Gabriela continua exercendo seu papel de submissão conforme com a sociedade patriarcal. O casamento dos dois já não era mais o mesmo, Ezequiel não fazia mais planos desde que a República havia sido proclamada e Gabriela se fazia de indiferente a tudo e a todos, apenas focada em seu trabalho, na sua filha e nas lembranças do passado, no tempo em que ainda se sentia feliz.

¹⁶⁹ —Por la paz —brindó Eloísa.

—Por la rebeldía —brindó Inés.

Se veía que había estado bebiendo antes de la cena. Le brillaban los ojos y hubo un punto de impertinencia o de provocación en su réplica a Eloísa.

¹⁷⁰ La reserva de don Germán ante las afirmaciones exaltadas de Domingo: «Hay que pasar a la acción. Los socialistas no pueden permanecer indiferentes».

La actitud de Inés zahiriendo a Eloísa: «El voto de las mujeres, ahí está el error. Las mujeres votan lo que les mandan los curas».

A Revolução de 1934 também é retratada no romance *Historia de una maestra*. Gabriela acorda com um barulho de explosão e seu primeiro pensamento foi para as minas de carvão, contudo ela fica confusa se o barulho vinha mesmo de lá, já que a sirene não havia soado. Não havia luz elétrica e seu marido não estava em casa. Foi após a segunda explosão, que se soube que algo acontecia. Seu marido, que passara o dia todo fora, só retorna à noite e com notícias, “— Não entre em pânico. Acalme-se. Tudo está sob controle do nosso pessoal. Eles explodiram a ponte e estão mantendo os guardas no cartel.” (ALDECOA, 2015, p. 216, tradução nossa).¹⁷¹ Ezequiel passava a maior parte dos seus dias com os mineiros e outros revolucionários, voltava para casa apenas à noite. Às vezes Marcelina e Mila, uma aluna de Gabriela que de vez em quando cuidava de Juana, passavam as informações do que estava ocorrendo.

No romance, Gabriela nos narra que no terceiro dia de revolta, através de Mila, ela fica sabendo que Inés estava à frente de um hospital de campanha feito na escola em que lecionava e ensinava outras mulheres a curar os feridos. “Dona Inés é responsável por um pequeno hospital que montaram na escola. Ela ensina as mulheres a curar pessoas feridas... Existem pessoas feridas” (ALDECOA, 2015, p. 218, tradução nossa).¹⁷² A professora fica em casa, não sai para ajudar os outros, fica ao encargo de sua filha e espera notícias através do rádio, de seu marido e de sua vizinha. Até que no outro dia, Inés passa em sua casa.

(...) Inés passou subindo em um caminhão que ostentava o emblema da Cruz Vermelha. Ela estava indo para o rio procurar uma pessoa ferida. Ela parou em minha casa. Me disse: “Vamos, o que você está fazendo aqui com a escola fechada e sem nada para fazer? Venha nos ajudar lá em cima...” Ela me olhou com um sorriso que, para mim, parecia desprezo. Eu gostaria de ter dito: “Você não sabe o que é um filho”. Mas isso não era justo. Inés teria feito o mesmo, ainda que tivesse tido muitos filhos. Me sentia culpada e covarde. Um sentimento de impotência tomou conta de mim. A inação me deixava nervosa e, ao mesmo tempo, o medo me impedia de viver. Eu esperava por notícias o tempo todo (ALDECOA, 2015, p. 219, tradução nossa).¹⁷³

¹⁷¹ “—No te asustes. Tranquilízate. Todo está controlado por nuestra gente. Han volado el puente y tienen a los guardias retenidos en el Cartel”.

¹⁷² “Doña Inés está al frente de un hospitalillo que han montado en la escuela. Ella enseña a las mujeres a curar heridos... Heridos sí hay”.

¹⁷³ (...) Pasó Inés subida a uno que llevaba el emblema de la Cruz Roja. Iba hacia el río a buscar un herido. Se detuvo en mi casa. Me dijo: «Vamos, qué haces aquí con la escuela cerrada y sin nada de que ocuparte. Ven a ayudarnos allá arriba...».

Le dije que no con la cabeza. No podía ni hablar. Me miró con una sonrisa que a mí me pareció de desprecio. Hubiera querido decirle: «Tú no sabes lo que es un hijo». Pero no era justo. Inés hubiera hecho lo mismo aunque hubiera tenido muchos hijos. Me sentía culpable y covarde. Una sensación de impotencia me dominaba. La inacción me ponía nerviosa y, a la vez, el temor no me dejaba vivir. Esperaba noticias todo el tiempo.

Mais uma vez vemos a imparcialidade de Gabriela frente aos acontecimentos, contudo, por mais que ela se sinta uma covarde, devemos reconhecer sua subjetividade e individualidade, pois nem todos estão propensos à luta armada e preferem apoiar de outras formas, ou até mesmo preferem fugir do conflito por temer sua vida e de sua família.

A luta daqueles mineiros, camponeses, professores e outros em geral fracassou após quinze dias de conflito. Com a chegada do exército, os revolucionários não conseguem revidar por falta de munição, assim, Ezequiel e Domingos são presos e outros foram fuzilados pelos soldados. Inés conseguiu fugir, o que se sabe sobre ela é através de Marcelina, “— Essa Inês é muito esperta. Veja como eles não a pegaram. Ela deve estar fugindo. Como ela é de Bilbao, deve ter ido para lá...” (ALDECOA, 2015, p. 230, tradução nossa).¹⁷⁴ A rendição total veio no dia 12 de outubro com um enorme prejuízo para o país. Cerca de mil pessoas, entre mineiros, guardas civis, padres, empresários e ricos proprietários morreram. Milhares de trabalhadores foram demitidos e presos por terem participado da revolta, sendo liberados somente em 1935 quando o estado de sítio havia sido suspenso. No povoado de Gabriela, houve 400 detenções. Marcelina indaga sobre o destino de Astúrias: “Como será naquela Astúrias tão mineira, com tantos milhares e milhares de trabalhadores que ali vivem?” (ALDECOA, 2015, p. 230, tradução nossa).¹⁷⁵

Segundo a historiadora Mary Nash, a revolução em Astúrias durou mais de três semanas e, devido à organização dos revolucionários, se torna uma importante Comuna de resistência, todos estavam dispostos a lutar para implantar o comunismo libertário, porém não conseguiram resistir ao exército que tinha mais armas e munições a seu favor. As mulheres também fizeram sua parte, integrando os comitês ou pegando em armas, “estes últimos casos, embora isolados, serão elevados à categoria de mito. Assim, por exemplo, a jovem comunista Aída Lafuente morreu com uma metralhadora na mão” (DUBY; PERROT, 2000, p. 238, tradução nossa).¹⁷⁶ Para os historiadores Beevor e Jackson, a Revolução de 1934 viria a se tornar o prelúdio do que seria a Guerra Civil Espanhola.

Esse evento de 1934 se torna um duro golpe para o governo radical-cedista, pois os partidos de esquerda, junto aos partidos da social-democracia, se juntam para formar a Frente Popular, inspirada na Frente Popular francesa que já exercia grande influência no país. Durante as eleições de 1936, os políticos da Frente Popular, Largo Caballero e Manuel Azaña

¹⁷⁴ “—Esa Inés es muy lista. Mire como a ella no la cogieron. Andará huida. Como es de Bilbao se habrá ido para allá...”

¹⁷⁵ “¿qué será en esa Asturias tan minera, con tanto mil y mil de obreros que allí viven?”

¹⁷⁶ “estos últimos casos, aunque aislados, se elevarán a la categoría de mito. Así, por ejemplo, la joven comunista Aída Lafuente murió con la ametralladora en la mano”.

propagaram diferentes ideias, enquanto um discutia um caráter mais revolucionário, o outro falava mais na representação da democracia. A direita também concorre para as eleições daquele ano, porém dividida devido aos inúmeros casos de corrupção.

No romance de Aldecoa, Ezequiel fica preso junto aos outros que participaram do conflito até o ano de 1935. Gabriela sentia uma tristeza imensa pela falta do marido e se apegava mais ao seu trabalho e a sua filha, que já começava a participar das aulas ministradas por sua mãe. Após a volta de Ezequiel e com a Frente Popular, Gabriela e don Germán acreditavam que a República voltaria a ser como no primeiro biênio, mas para o professor, a esperança estava na revolução feita pelos camponeses, mineiros e operários. “— Nossa revolução está na escola — repetia —. Você sabe muito bem que não pode salvar um povo ignorante.” (ALDECOA, 2015, p. 234, tradução nossa).¹⁷⁷ Essa citação nos mostra que Gabriela acreditava na revolução através da educação, enquanto seu marido continuava a se reunir com outros militantes para voltarem a se organizar e defender seus ideais e o povo.

A vitória da Frente Popular veio no dia 16 de fevereiro de 1936. Uma grande multidão saiu às ruas de Madri para celebrar a vitória. Grande parte da C.E.D.A. convidou o general Francisco Franco¹⁷⁸ a provocar um golpe de Estado, para que, assim, as eleições fossem anuladas. Contudo, o líder do governo, Manuel Portela Valladares, mesmo incitado pelo general Franco a não entregar o poder à Frente Popular, oferecendo também a ajuda do exército, não cedeu às provocações. Assim, no dia 18 de fevereiro, Manuel Azaña assume o governo.

A primeira medida tomada por Azaña foi formar um governo de pessoas de sua inteira confiança, composto por republicanos da esquerda. Os prisioneiros políticos da revolta nas Astúrias foram anistiados, as administrações catalã e basca, suspensas desde 1934, puderam retornar às suas atividades. Os meses de fevereiro a junho de 1936 foram marcados por muitas revoltas contra e a favor do governo, sendo Alcalá Zamora deposto e Azaña eleito o novo presidente da República. O grande erro de Azaña foi ter transferido os generais Franco e Goded para, respectivamente, as ilhas Canárias e para as ilhas Baleares.

O levante contra a República era planejado desde sua vitória em 1931, entretanto, é no ano de 1936 que os conspiradores civis e os militares se uniram para acabar de vez com o regime republicano. O assassinato de Calvo Sotelo, um importante líder direitista, no dia 12 de julho, precipitou a data para o início do levante. No dia 17 de julho de 1936, inicia-se a

¹⁷⁷ “—Nuestra revolución está en la escuela —le repetía—. Tú sabes muy bien que no se puede salvar a un pueblo ignorante”.

¹⁷⁸ Francisco Franco tinha um grande prestígio para os políticos de centro-direita por suas vitórias na guerra de Marrocos e pelo levante dos revolucionários em Astúrias.

rebelião no Marrocos, vinte e quatro horas depois era dado início ao levante na Espanha. O governo, pego de surpresa, não deu a chance do povo se armar. Como recorda um carpinteiro de Sevilha, “as autoridades republicanas não estavam dispostas a nos armar, porque tinham mais medo da classe trabalhadora que do exército. Nós comunistas, não tínhamos a mesma confiança do governo de que o levante seria sufocado em 24 horas” (BEEVOR, 2007, p. 103). A justificativa dada pelo general Franco se baseava na luta para frear o crescimento dos anarquistas e comunistas, pois acreditava que o novo governo transformaria a Espanha em um país comunista igual ao que ocorreu durante a Revolução de Outubro na URSS.

Por fim, começava o período mais violento na história recente da Espanha, marcando assim uma geração que sonhava com a justiça, a igualdade e a modernização econômica, cultural e educacional. É com o início da guerra que a história de Gabriela se fecha neste primeiro livro. Depois da morte do pai por uma doença respiratória, e de ter conhecimento da morte de seu marido Ezequiel e de don Germán, ambos fuzilados pelo exército nacionalista. Ao sair de uma cidade com sua filha, não se sabe qual, lê em um jornal, “O General Francisco Franco...” (ALDECOA, 2015, p. 237, tradução nossa),¹⁷⁹ e se recorda daquele casamento que havia visto quando acabava de se formar como professora, no tempo em que estava determinada a levar não só conhecimento para as crianças que viviam nos povoados e cidades onde a miséria predominava, mas também determinada a levar dignidade e liberdade de pensamento crítico ao meio em que viviam. Também findavam os diversos direitos que as mulheres espanholas conquistaram ao longo dos anos, mesmo que a República não tenha respondido a todas as expectativas e as reivindicações. Com a Guerra Civil se inicia o retrocesso de leis e direitos para as mulheres, pois retornaram ao título de fadas do lar, dependentes financeiras de seus maridos, perseguidas, censuradas e mortas por sua luta.

¹⁷⁹ «El General Francisco Franco...»

2. AS PROTAGONISTAS DA GUERRA: TESTEMUNHAS FICCIONAIS DO CONTEXTO ESPANHOL NA METADE DO SÉCULO XX

2.1. JOSEFINA ALDECOA E A MEMÓRIA DE UMA GERAÇÃO

Josefina Rodríguez Álvarez nasceu na cidade de La Robla em León no dia 08 de março de 1926 e morreu no dia 16 de março de 2011, em Mazcuerras, Cantabria. Foi uma importante escritora e pedagoga espanhola. Seu contato com a educação vem de família, sua mãe e sua avó foram professoras durante a pré-República e a Segunda República e participavam da ideologia da *Institución Libre de Enseñanza*.

Aos dez anos de idade seus pais a enviaram para viver com suas tias, irmãs mais novas de sua mãe, em León, para que ela estudasse. Nessa cidade, ela teve uma importante experiência para a sua vida. Após o final de seu curso, em 1936, seus pais se mudaram para León e foi o ano em que conheceu o professor que lhe marcou profundamente. Ele ministrava aulas de todas as matérias, com isso despertava o interesse e a curiosidade de meninos e meninas. Porém, ao começar a Guerra Civil, teve sua vida ceifada, sendo fuzilado pelo crime de dialogar sobre política com seus alunos. Sua morte abriu a percepção de Aldecoa perante a política de seu país,

Julho de 1936 foi o início de uma fase diferente em minha vida, na vida de todos os espanhóis. Daquele momento em diante, meus dias foram passados sob a ameaça da repressão política, da autocensura, da angústia subjacente que sempre presidiria nosso destino e nos ameaçaria irremediavelmente a qualquer momento (ALDECOA, 2014, p. 14, tradução nossa).¹⁸⁰

Josefina Aldecoa passou sua infância e adolescência durante a Guerra Civil sendo muito bem protegida por seus pais, foi por causa desse afeto familiar que suportou sem problemas as dificuldades de escassez de alimentos, de roupas e de brinquedos. Já na ditadura franquista, ela se mudou para Madri, em 1944, e obteve seu título de doutora em Pedagogia pela *Universidad de Madrid*, em 1960. Durante seus anos de estudo na universidade fez amizades com um grupo de jovens escritores que mais tarde ficariam conhecidos como a *Generación del 50*.¹⁸¹ Foi através desse grupo que ela conheceu seu marido Ignacio Aldecoa,

¹⁸⁰ Julio de 1936 fue el comienzo de una etapa diferente de mi vida, de la vida de todos los españoles. A partir de aquel momento mis días transcurrieron bajo la amenaza de la represión política, la autocensura, la angustia subyacente que en todo momento presidiría nuestro destino y nos amenazaría irremediabilmente en cualquier ocasión.

¹⁸¹ Faziam parte da Geração de 50 importantes nomes da literatura como: Carmen Martín Gaité, Rafael Sánchez Ferlosio, Alfonso Sastre, Jesús Fernández Santos, Juan Benet, Medardo Fraile, Carlos Edmundo de Ory, Josefina Rodríguez e Ignacio Aldecoa. Em 1953 lançam o primeiro número da Revista Española, organizado por Ignacio

com quem se casou em 1952, tendo posteriormente uma filha. Ela assume o sobrenome de seu marido apenas em 1969, logo após a sua morte, passando a ser reconhecida como Josefina R. Aldecoa. Fundou em 1956 o *Colegio Estilo* que tem como base a ideologia da *Institución Libre de Enseñanza*. Nos anos 1990, escreve sua *Trilogía de la Memoria*, composta pelas obras: *Historia de una maestra* (1990), *Mujeres de Negro* (1994) e *La Fuerza del Destino* (1997), nas quais rememora a história da Espanha desde o período “pré-República” até a transição democrática.

A *Generación del 50* teve um importante papel para a rememoração de uma camada da sociedade espanhola que foi silenciada depois da Guerra Civil. Uma geração que, segundo Aldecoa, era “(...) do ponto de vista cronológico, um grupo de espanhóis que eram crianças na guerra, adolescentes no pós-guerra e profissionais adultos no início dos anos cinquenta” (ALDECOA, 2014, p. 44, tradução nossa).¹⁸² Por isso, esse grupo compõe duas gerações que vivenciaram ou não o período conturbado que a Espanha passou. A primeira geração, que vai de 1927-1936, é a formada por aqueles que vivenciaram a Segunda República e a Guerra Civil e podem testemunhar com clareza o que viveram. Já a segunda geração, que abarca os anos 1956-1968, é também conhecida como a geração dos *niños de la guerra*, um grupo de pessoas que não vivenciou a guerra, ou porque nasceu depois ou porque era muito jovem para saber distinguir o mundo ao seu redor. A última geração, segundo definição da historiadora espanhola, Cuesta Bustillo, é a geração dos netos, uma geração que vive na democracia e, por meio de seus familiares e amigos, reivindica o rompimento do silêncio e a memória dos vencidos para que façam parte da memória oficial da Espanha.

Aldecoa, tendo como referência as memórias de sua mãe e de sua avó, recria as circunstâncias vividas por elas no período da Segunda República e da Guerra Civil Espanhola. Ela reconstrói também as suas próprias memórias, por ter vivido esse mesmo contexto, sendo uma testemunha ocular de fatos ocorridos em seu país no século XX. Desse modo, a autora consegue trazer à tona, em sua trilogia, memórias que até então eram relegadas ao esquecimento e que demonstram muito bem o comportamento e a visão de mulheres em uma sociedade completamente conservadora. Desta forma, o papel desempenhado por essa geração de escritores, tanto da primeira como da segunda, tem grande importância para a configuração da memória coletiva da Espanha.

Aldecoa, Rafael Sánchez Ferlosio e Alfonso Sastre. A revista teve mais seis publicações. ALDECOA, 2014, p. 124.

¹⁸² “(...) desde el punto de vista cronológico, un conjunto de españoles que fueron niños en la guerra, adolescentes en la posguerra y profesionales adultos al comienzo de los cincuenta”.

Foi essa recuperação da memória que permitiu que novos autores, cineastas e artistas, através da literatura e das artes, deixassem o esquecimento e o silenciamento para trás e multiplicassem os testemunhos em forma de livros, reportagens, filmes, documentários e debates. Apesar do sentimento dos espanhóis em querer recomeçar sua história após a morte do general Franco, esquecer uma parte da história traumática do país, por mais negativa que tenha sido, essa nunca seria a solução: “O objetivo não era manter vivas as feridas de um episódio cruel, mas oferecer a todos uma análise fria e objetiva das causas da derrota da República, da guerra civil e da ditadura que nós, espanhóis, sofremos durante quarenta anos.” (ALDECOA, 2014, p. 111, tradução nossa).¹⁸³

2.2. A PERSPECTIVA DE UMA CRIANÇA SOBRE A GUERRA

Como se pode observar em sua obra, o tema da guerra civil é fundamental, fazendo com que a autora se alinhe a toda uma geração que busca refletir sobre esse acontecimento, retomando uma memória traumática e incômoda.

Aldecoa não escreve sobre as batalhas, não descreve mortes de forma bem detalhada e nem narra a presença de mulheres na linha de frente e na retaguarda, todavia, nos mostra como foi a vida de uma família republicana que passou a morar em um território dominado pelos conspiradores nacionalista e como aos poucos vemos o silenciamento se fazendo presente na vida daqueles espanhóis que acreditavam na República.

O início da Guerra Civil começa no fim do primeiro romance após a morte do pai de Gabriela, que logo envia um telegrama para seu marido, chamando-o para o velório, porém o telegrama nunca chegou a seu destinatário.

No dia 16, mandei um telegrama para Ezequiel: “Meu pai está morto. Venha imediatamente”. Não obtive resposta. Mas assim que enterramos meu pai, as primeiras notícias de um levante militar já estavam chegando às Canárias. As notícias eram confusas. “O governo garante... O povo resiste... O exército avança”.

Em quinze dias, o levante se espalhou pela província de León e triunfou na cidade. Após a trabalhosa ocupação de *Los Valles*, de mão em mão, de mensageiro em mensageiro, a carta de Eloísa chegou até mim: “Mataram meu pai e Ezequiel. Eles foram baleados ao amanhecer com muitos outros, na entrada da mina. Que o Senhor os perdoe por seu crime” (ALDECOA, 2015, p. 236, tradução nossa).¹⁸⁴

¹⁸³ “No se trataba de mantener vivas las heridas de un cruel episodio, pero sí de dar a conocer a todos un análisis frío y objetivo de las causas de la derrota de la República, de la guerra civil y de la dictadura que sufrimos los españoles durante cuarenta años”.

¹⁸⁴ El dieciséis le puse un telegrama a Ezequiel: «Mi padre ha muerto. Ven en seguida». No llegó la respuesta. Pero apenas acabábamos de enterrar a mi padre ya estaban llegando las primeras noticias de una sublevación

Nota-se que a morte do pai da professora ocorreu um dia antes do levante militar, como forma de acordar as datas da ficção com os fatos históricos. Essa escolha feita por Josefina Aldecoa constitui-se de lembranças pertencentes à memória coletiva dos espanhóis, em que a personagem Gabriela nos conta através de seu ponto de vista, fases da história espanhola e narra para sua interlocutora, no caso sua filha Juana, eventos que envolvem toda a coletividade. Percebe-se também a proteção da mãe para com a filha, evitando que ela veja os horrores da guerra.

Quando saímos da cidade, cobri o rosto de Juana com minha mão para que ela não olhasse para fora.
 Havia cadáveres nas valas. Vi imediatamente o primeiro braço rígido erguido em direção ao céu. Depois descobri corpos abandonados no chão. Alguns com o rosto escondido, outros claramente visíveis: boca muda, acima; olhos cegos, acima; testa adormecida, acima.
 Uma mulher idosa sussurrou ao meu lado: "Os fuzilados desta noite" (ALDECOA, 2015, p. 237, tradução nossa).¹⁸⁵

A questão da memória foi amplamente estudada durante o século XX, principalmente no período entre guerras, tanto por historiadores como por sociólogos que buscavam entender como se dava a reconstrução do passado no presente do indivíduo e de sua nação. Maurice Halbwachs foi o primeiro a usar o termo memória coletiva, que se entende como a reconstrução do passado de um grupo ou nação, configurada pela vivência de cada indivíduo pertencente àquele grupo e suas recordações de outras pessoas, de lugares, objetos e datas comemorativas da sociedade em que o indivíduo vive.¹⁸⁶ Deste modo, a autora não só nos conta a história através da perspectiva de sua família e amigos, como também se baseia nas lembranças relatadas de outros indivíduos, fazendo entender que as memórias coletiva e individual constroem juntas a memória nacional, desta maneira, os indivíduos de diferentes grupos se reconhecem como parte de uma sociedade.

Para a pesquisadora Ana Luengo, essa construção coletiva da memória é reflexiva, pois tanto as recordações de um indivíduo influenciam o coletivo quanto vice-versa. “O

militar, allá en Canarias. Las noticias eran confusas. «El Gobierno garantiza... El pueblo resiste... El Ejército avanza».

En quince días la sublevación se había extendido por la provincia de León y había triunfado en la ciudad. Tras la ocupación trabajosa de Los Valles, de mano en mano, de mensajero en mensajero, llegó hasta mí la carta de Eloísa: «Han matado a mi padre y a Ezequiel. Los fusilaron al amanecer con otros muchos, a la entrada de la mina. El Señor les perdone su crimen».

¹⁸⁵ Al salir de la ciudad, tapé la cara de Juana con la mano para que no mirara afuera.

En las cunetas había muertos. Vi en seguida el primer brazo rígido elevado hacia el cielo. Luego descubrí cuerpos abandonados sobre la tierra. Unos con la cara escondida, otros bien visible: boca sin voz, arriba; ojos ciegos, arriba; frente dormida, arriba.

Una vieja susurró a mi lado: «Los fusilados de esta noche».

¹⁸⁶ LUENGO, Ana. La encrucijada de la memoria. Berlin: Edition Tranvía, 2012, p. 14.

passado seria, portanto, uma reconstrução social, determinada não apenas pela memória oficial, mas também pelas condições materiais, ideológicas, morais, religiosas e outras do indivíduo” (LUENGO, 2012, p. 22, tradução nossa).¹⁸⁷ Além disso, a autora nos fala que devemos observar essa construção da memória oficial, pois as lembranças são vulneráveis a distorções e reinterpretações, visto que, cada um pode recordar-se de algo em diferentes situações e também diferentes emoções, principalmente em sociedades que passaram por um grande trauma, seja ela por guerras, ditaduras e catástrofes naturais.

Portanto, passamos a conhecer as lembranças da Guerra Civil através do olhar de uma criança entre cinco/seis anos de idade, Juana, a filha de Gabriela passa a ser a narradora e a personagem principal do segundo romance da Trilogia.

Os primeiros tiros cruzaram a sacada de um lado para o outro. Foi um único tiro certo que abriu um buraco redondo em uma das janelas laterais e saiu pela outra, deixando a mesma lacuna: um vazio circular coberto por pequenas rachaduras.

A vovó disse: "Se alguém estivesse olhando para fora, o tiro teria passado direto". Mas ninguém estava lá. Ninguém se atrevia a correr esse risco porque se dizia que havia tropas patrulhando a rua e que, ao menor movimento atrás das janelas, elas disparavam para o ar para assustar as pessoas. Em alguns casos não tão expostos, como o buraco duplo no nosso ponto de vista demonstrou durante muito tempo. Tudo isso aconteceu nos primeiros dias da guerra civil, quando tínhamos acabado de chegar à cidade e naquele apartamento perto da avenida, onde nos instalamos depois de enterrar meu pai (ALDECOA, 1994, p. 3, tradução nossa).¹⁸⁸

Juana passa a viver com sua mãe e sua avó em um povoado já dominado pelos nacionalistas. As três mulheres passam a residir nesse lugar após a morte do pai e do marido de Gabriela, vivendo em um apartamento que Eloísa, filha de don Germán, herdou e pediu para que Gabriela não voltasse para *Los Valles*, alegando que seria melhor para ela viver em outro lugar, tanto para conseguir mais trabalho quanto para manter sua filha longe do conflito. A criança tinha conhecimento do que estava acontecendo, “Enquanto isso, fora da nossa casa havia uma guerra. Eu sabia que era uma guerra entre espanhóis. Vivíamos na zona inimiga, a zona dos rebeldes que se rebelavam contra o governo da República” (ALDECOA, 1994, p. 3,

¹⁸⁷ “El pasado sería, pues, una reconstrucción social, y además determinada por la memoria oficial, pero también por las condiciones materiales, ideológicas, morales, religiosas, etcétera del individuo”.

¹⁸⁸ Los primeros disparos atravesaron el mirador de lado a lado. Fue un solo tiro limpio que abrió un agujero redondo en uno de los cristales laterales y salió por el otro dejando el mismo hueco: un vacío circular rematado por grietas diminutas.

La abuela dijo: «Si hubiera estado alguien asomado, le atraviesa.» Pero no estaba nadie. Nadie se atreva a correr ese riesgo porque se decía que había tropas patrullando por la calle y al menor movimiento tras las ventanas disparaban al aire para asustar. En algunos casos no tan al aire, como demostró durante mucho tiempo el doble agujero de nuestro mirador. Todo esto ocurría en los primeros días de la guerra civil, recién llegadas a la ciudad y a aquel piso cercano a la avenida donde nos habíamos instalado después de enterrar a mi padre.

tradução nossa),¹⁸⁹ não só nessa passagem, mas também em outra que Juana que narra a diferença entre os dois lados da guerra,

É estranho viver em uma guerra. Mesmo que o campo de batalha não esteja acima de nós e não soframos as consequências imediatas, tudo o que acontece ao nosso redor é determinado pela existência dessa guerra. Recebemos notícias da fome que acontecia na zona republicana e não nos faltavam alimentos (ALDECOA, 1994, p. 6-7, tradução nossa).¹⁹⁰

Segundo Beevor, durante os primeiros dias de Guerra, as lutas e agrupamentos em ambos os lados foram caóticas, tanto com as comitivas de enfrentamento quanto com as organizações de armamentos e sua distribuição. Entretanto, o governo republicano saiu na frente por ter como território importantes regiões desenvolvidas ao seu favor. Controlavam cidades importantes, assim como zonas industriais, grande parte dos recursos minerais, as reservas de ouro do Banco da Espanha e parte de produtos agrícolas como: arroz, vinhedos e produtos de exportação (frutas cítricas). Já o lado nacionalista, que iniciou sua ostensiva preparação nas regiões mais pobres e atrasadas da Espanha, não tinha zonas industriais e produtoras de matéria prima, porém dominava as terras produtoras de cereal de Castilha e León. Em função disso, muitos acreditavam na vitória do governo republicano.¹⁹¹ No entanto, os conspiradores tinham apoio de Hitler e Mussolini, que não só enviaram suas tropas para ajudar no golpe, mas também recursos financeiros e alimentícios. Outro apoio veio das grandes empresas estadunidenses e britânicas que temiam a forte influência do comunismo no país, além do apoio do ditador português Salazar, oferecendo empréstimos aos nacionalistas, suas fábricas armamentistas e seus portos. Por último, eles contavam com a benção do Vaticano —devemos recordar que a República tirou grande parte dos territórios da Igreja Católica e limitou a influência do alto clero, mas isso não quer dizer que do lado republicano não havia apoio de padres, sacristãos e freis que compunham o baixo clero, havendo diversos relatos de missas feitas por padres para as tropas republicanas.

Assim, a personagem narra alguns fatos que compõem esse período histórico como a falta de roupas e sapatos no povoado em que morava, o que levava a que mães e avós remendassem as roupas dos filhos e netos para não jogá-las fora e poder reutilizá-las. A menina ainda nos conta a chegada dos alemães naquele povoado.

¹⁸⁹ “Mientras tanto, fuera de nuestra casa había una guerra. Yo sabía que era una guerra entre españoles. Nosotros vivíamos en la zona enemiga, la zona de los rebeldes sublevados contra el gobierno de la República”.

¹⁹⁰ Es extraño vivir una guerra. Aunque el campo de batalla no esté encima y no se sufran las consecuencias inmediatas todo lo que ocurre a nuestro alrededor viene determinado por la existencia de esa guerra. Nos llegaban noticias del hambre que se pasaba en la zona republicana y nosotros no teníamos escasez de comida.

¹⁹¹ BEEVOR, 2005. p. 122.

(...) os alemães chegaram no inverno. Lembro-me muito bem do dia em que os vi desfilar. Uma banda militar os precedeu em meio a uma nuvem de bandeiras. Eles tocavam marchas brilhantes e enérgicas. Nós, crianças, corríamos de rua em rua para vê-los. Nós nos espremiávamos entre a multidão para chegar à beira da calçada, à primeira fila. "Eles são educados, fortes, bonitos", diziam alguns. Mas eles eram odiosos para os outros, odiosos para minha mãe, porque a presença deles era uma ajuda para os rebeldes e um sério obstáculo para os defensores da República (ALDECOA, 1994, p. 7, tradução nossa).¹⁹²

Há também a presença do medo que a protagonista sente. Aquela aflição e angústia ela observava através de sua mãe. Cada notícia que Gabriela ouvia em seu rádio sobre o confronto influenciava seu humor, entretanto, conforme o conflito avançava e mais áreas eram conquistadas pelos nacionalistas, mais medo a professora sentia por ela e sua filha.

O rádio presidia a cozinha, como fazia em *Los Valles*, e nos dava notícias que os mais velhos ouviam com preocupação: frentes, batalhas, derrotas, mortes. Durante o dia, a vida seguia normalmente. As pessoas entravam e saíam, trabalhavam, passeavam, compravam e vendiam. À noite, com o silêncio, vinha o medo. "Eles bombardeiam à noite", diziam as pessoas. Às vezes, as sirenes tocavam. Todos nós descíamos correndo para o abrigo do porão, onde tínhamos cobertores e colchões, as crianças animadas com a aventura, os adultos em silêncio.

Mas havia outro medo, um medo oculto que nos fazia sussurrar: "Se eles chamarem à noite, não abram a porta. Eles vêm à noite, eles os levam para fora à noite". O medo, profundo ou superficial, gravitava sobre nossas vidas. Ele estava lá na forma de um evento inesperado que poderia acontecer a qualquer momento (ALDECOA, 1994, p. 3-4, tradução nossa).¹⁹³

Aquelas notícias mudavam o humor de minha mãe. Alguns dias ela estava otimista: "Vamos vencer", disse ela. "E eles vão nos ajudar". "Quem?", eu perguntava. E ela respondia: "Os franceses e os ingleses, os amigos da República". Outros dias as notícias eram ruins e minha mãe perdia a confiança na vitória republicana. Eu a ouvia dizer para a vovó: "Isso não tem jeito, o que será de nós? Nunca mais voltarei para a escola". Porque ela havia alimentado a esperança de que a República restauraria a ordem e ela voltaria para uma vila, para uma escola (ALDECOA, 1994, p. 5, tradução nossa).¹⁹⁴

¹⁹² (...) los alemanes llegaron en invierno. Recuerdo muy bien el día que los vi desfilar. Una banda militar les precedía entre una nube de banderas. Tocaban marchas brillantes y enérgicas. Los niños corríamos de una calle a otra para verlos. Nos colocábamos entre la gente para llegar al borde de la acera, a primera fila. «Son educados, fuertes, guapos», dijeron unos. Pero eran odiosos para otros, odiosos para mi madre porque su presencia significaba una ayuda a los rebeldes y un obstáculo grave para los defensores de la República.

¹⁹³ La radio presidía la cocina, lo mismo que en Los Valles, y nos daba noticias que los mayores escuchaban con preocupación: frentes, batallas, derrotas, muertes. Por el día la vida transcurría con normalidad. La gente entraba, salía, trabajaba, paseaba, compraba y vendía. De noche, con el silencio, llegaba el miedo. «Bombardean de noche», se decía. A veces sonaban las sirenas. Corríamos todos escaleras abajo hasta alcanzar el refugio del sótano, donde teníamos mantas y colchones, los niños excitados con la aventura, los mayores en silencio.

Pero había otro miedo, un miedo soterrado que hacía susurrar: «Si llaman de noche, no abráis. Vienen de noche, los sacan de noche.» El miedo, profundo o a flor de piel, gravitaba sobre nuestras vidas. Estaba ahí en forma de un suceso inesperado que podía sobrevenir en cualquier momento.

¹⁹⁴ Aquellas noticias variaban el humor de mi madre. Unos días se sentía optimista, «Ganaremos», decía. «Y además nos van a ayudar.» «¿Quiénes?», preguntaba yo. Y ella contestaba: «Los franceses y los ingleses, los

Sobre o papel da Inglaterra e da França com relação à guerra na Espanha, é importante observar que os dois países não fizeram nada, pois a França estava preocupada com a ascensão de Hitler ao poder e o poderio militar da Alemanha nazista, além das ocupações da Áustria e da antiga Tchecoslováquia.¹⁹⁵ Já o governo inglês não procurou saber o que se passava ao seu redor, temia o crescimento do socialismo no território europeu e, por essa razão, não ajudou os espanhóis em nada. O episódio que mais assustou a menina foi num dia em que um velho conhecido de sua mãe estava em sua casa. Logo, sua avó a levou para seu quarto e por lá ela começou a se lembrar do cheiro de quando visitava seus avós com seus pais, assim como se lembrava dos povoados em que morou,

Aterrorizada, voltei para o quarto de minha avó, fechei os olhos e respirei o cheiro do campo que ela havia conseguido encerrar entre suas quatro paredes. Eu ansiava pelo verão e pela felicidade de viver no vilarejo, livre e tranquilo, com o rio e as montanhas nos cercando, isolando-nos das ameaças da cidade (ALDECOA, 1994, p. 10, tradução nossa).¹⁹⁶

Esse episódio foi tão forte para Juana que a fez temer pela primeira vez por sua vida e de sua família. De fato, ela estava certa, sua mãe abrigou Amadeo, antigo amigo do casal durante a sua vida em *Castrillo de Abajo y Castrillo de Arriba*, que estava fugindo dos nacionalistas e da Espanha. No primeiro romance Gabriela se queixava de sua incompetência para ajudar na luta dos mineiros em *Los Valles*, no segundo romance ela se mostra bastante altruísta em proteger um antigo companheiro. Mesmo colocando a vida de sua família em risco, a professora demonstra uma forte resistência contra os fascistas sublevados.

“É certo que ele partirá amanhã. Tudo correu como planejado, tudo exatamente como a mulher que veio me ver anunciou. Ela está esperando por ele amanhã no primeiro banco da igreja de *Carmen*, entrando à direita, para levá-lo até onde ele deve ser pego...”. “Mas ela está correndo perigo”, disse a vovó. “E nós também”, disse minha mãe. Então ela se virou para mim: “Esse homem era amigo de seu pai, eu já falei sobre ele. Corre perigo se o pegarem. Está vindo das montanhas e vão levá-lo para as Astúrias para ver se ele pode embarcar para lá e deixar a Espanha. Ele tem que passar a noite aqui. Partirá amanhã de manhã cedo... Você já tem idade suficiente para entender que não pode falar com ninguém sobre isso”.

amigos de la República.» Otros días las noticias eran malas y mi madre perdía su seguridad en la victoria republicana. Le oía comentar con la abuela: «Esto no tiene solución. ¿Qué va a ser de nosotras? Nunca volveré a la escuela.» Porque había alentado la esperanza de que la República restablecería el orden y ella regresaría a un pueblo, a una escuela.

¹⁹⁵ Hoje são duas repúblicas, Checa e Eslováquia.

¹⁹⁶ Aterrorizada, regresé a la habitación de la abuela, cerré los ojos y volví a respirar el olor de campo que ella había conseguido encerrar entre sus cuatro paredes. Añoré el verano y la felicidad de vivir en el pueblo libres y tranquilas, con el río y los montes rodeándonos, aislándonos de las amenazas de la ciudad.

Eu nunca falei. Muitos anos se passaram e muitas histórias foram contadas até o dia em que conheci alguém que me contou sobre Amadeo. “Você tem alguma coisa a ver com ele?” “Ele é meu pai”, disse ele. Então eu lhe contei tudo. Descrevi a noite que nós três passamos, acordados e em silêncio, atentos ao menor ruído, com medo de que, à meia-noite - não era essa a hora em que eles saíam para passear? -, eles viessem procurá-lo em nosso abrigo e nos levassem também, os cúmplices daquele homem que viera das montanhas para lutar por uma causa perdida (ALDECOA, 1994, p. 11-12, tradução nossa).¹⁹⁷

“Você sabe quem eu conheci um dia?” Ela esperou que ele continuasse com uma ponta de curiosidade nos olhos. “O filho de Amadeo. Ele nasceu no meio da guerra. Ela já havia nascido quando ele estava em casa naquela noite, lembra? Quando a vovó e eu estávamos com tanto medo. Você sabia sobre o filho? A mãe foi companheira de guerra de Amadeo... Bem, eu contei a ela sobre a aventura daquele dia... O pai morreu na França, na guerra, lutando em um batalhão espanhol, sabia disso?” (ALDECOA, 1994, p. 76-77, tradução nossa).¹⁹⁸

Nessas passagens observamos como a presença do conflito continuou na vida de Juana mesmo após seu retorno para seu país já nos anos 1950, além disso, temos o conhecimento do final da vida de Amadeo que seguiu na luta, como disse Regina, no primeiro romance, para a professora.

Assim como Gabriela, sua filha também tem ao seu lado diversas mulheres que representam o comportamento e opiniões da época. Para começar, temos sua primeira amiga, Olvido, uma menina que já era mais velha que Juana. Toda a sua família representa os espanhóis que defendiam o lado dos nacionalistas. Não só isso, como observamos em diversas passagens, em como Juana queria fazer parte do grupo do qual Olvido participava com outras meninas, em que falavam de namoros e meninos, eram de famílias religiosas e, por influência de seus pais, defendiam os fascistas.

¹⁹⁷ «Es seguro que se va mañana. Todo ha ido como estaba previsto, todo tal y como me anunció la mujer que vino a verme. Le espera mañana en el primer banco de la iglesia del Carmen, entrando a la derecha, para llevarle a donde le tienen que recoger...» «Pero ella corre peligro», dijo la abuela. «Y nosotras también», dijo mi madre. Luego se volvió hacia mí. «Este hombre era amigo de tu padre, ya te lo dije. Está en peligro si le cogen. Viene del monte y van a llevarlo hacia Asturias para ver si allí puede embarcarse y salir de España. Tiene que pasar aquí la noche. Mañana temprano se marchará... Eres ya bastante mayor para entender que, de esto, no puedes hablar con nadie.»

Nunca hablé. Pasaron muchos años y muchas historias vividas hasta el día que encontré a una persona que me habló de Amadeo. «¿Tienes algo que ver con él?» «Es mi padre», me dijo. Entonces le conté todo. Le describí la noche que pasamos las tres, despiertas y en silencio, vigilando el más pequeño ruido, temerosas de que, a medianoche -¿no era a esa hora cuando daban los paseos?-, vinieran a buscarlo a nuestro refugio y nos llevaran también a nosotras, encubridoras, cómplices de aquel hombre que venía de las montañas, de combatir por una causa perdida.

¹⁹⁸ «¿Sabes a quién conocí un día?» Se quedó esperando a que continuara con un asomo de curiosidad en la mirada. «Al hijo de Amadeo. Nació en plena guerra. Ya había nacido cuando él estuvo en casa aquella noche, ¿te acuerdas? Cuando pasamos tanto miedo la abuela y yo. ¿Tú sabías lo del hijo? La madre era una compañera de guerra de Amadeo... Bueno, pues le conté la aventura de aquel día... El padre murió en Francia, en la guerra, luchando en un batallón de españoles, ¿lo sabías?».

Os pais de Olvido conheciam muita gente. Sempre tinham amigos e parentes em casa, que também era aberta aos amigos das filhas. Eu gostava de subir lá e observar e ouvir as irmãs de Olvido, que já falavam de namorados e amores e de aventuras bastante inocentes (ALDECOA, 1994, p. 4, tradução nossa).¹⁹⁹

Minhas amigas iam à missa todos os domingos (...) A tentação era tão forte que criei coragem e perguntei à minha mãe: "Posso ir à missa com minhas amigas?" Ela olhou para mim como se eu estivesse ausente ou tivesse voltado de algum lugar distante. Demorou alguns instantes para reagir e finalmente respondeu: "Faça o que quiser". Mas ela não disse isso com raiva ou como uma repreensão, mas como se realmente não se importasse (ALDECOA, 1994, p. 6, tradução nossa).²⁰⁰

Juana era diferente de sua mãe, não há outras crianças descritas nessa primeira parte do romance como sua amiga Olvido. Embora a menina tivesse como companhia sua mãe e avó, ela queria mais, queria pertencer a um grupo, ter com quem conversar, contudo, diversas vezes a menina percebe que essa amizade com Olvido não era boa, pois elas não se entendiam por causa dos lados opostos. Seu primeiro enfrentamento contra sua amiga foi após a vitória dos nacionalistas contra os republicanos em Málaga,

"Está havendo uma manifestação, por que não vamos? Málaga caiu". Pela primeira vez, eu não gostava daquele tipo de evento para o qual Olvido costumava me arrastar. "Não vou", eu disse. "Por quê?", ela perguntou. "Porque aquelas pessoas gritando mataram meu pai". Era a primeira vez que eu encarava o assunto abertamente. "Eles não seriam os mesmos", respondeu Olvido, "eles o mataram naquela cidade mineira, certo?" (...) "Sim, são os mesmos. Minha mãe me disse que são os mesmos". Olvido ficou em silêncio, certamente procurando uma resposta decisiva. Incentivado por seu silêncio, continuei: "Além disso, os que estão na manifestação são os que tiram as pessoas à noite da casa ao lado, dos porões da igreja, e as levam para matá-las nas estradas..." "Isso não é verdade", disse Olvido. "Sim, é verdade. Eu os ouço à noite; ouço os caminhões carregados passando pela nossa rua e os gritos das mulheres atrás deles chamando por seus maridos..." (...) "Talvez um dia eles venham procurar minha mãe e a prendam na igreja também. Eles os mantêm naquela caverna, amontoados um em cima do outro". Não fomos à manifestação e Olvido estava um pouco abatida, derrotada pela primeira vez (ALDECOA, 1994, p. 8-9, tradução nossa).²⁰¹

¹⁹⁹ Los padres de Olvido conocían a mucha gente. Siempre tenían amigos y parientes en su casa, que también estaba abierta a las amigas de sus hijas. A mí me gustaba subir allí y observar y escuchar a las hermanas de Olvido, que hablaban ya de novios y de amores y de aventuras más bien inocentes.

²⁰⁰ Mis amigas iban a misa todos los domingos. (...) La tentación fue tan fuerte que me armé de valor y pregunté a mi madre: «¿Puedo ir a misa con mis amigas?» Ella me miró como si estuviera ausente o regresara de un lugar muy lejano. Tardó unos momentos en reaccionar y al fin contestó: «Haz lo que quieras.» Pero no lo dijo enfadada ni como un reproche, sino como si de verdad no le importara.

²⁰¹ «Hay manifestación. ¿Por qué no vamos? Ha caído Málaga.» Por primera vez tuve un rechazo personal de ese tipo de acontecimientos a los que solía arrastrarme Olvido. «Yo no voy», dije. «¿Por qué?», preguntó ella. «Porque esos que gritan mataron a mi padre.» Era la primera vez que afrontaba el asunto abiertamente. «No serían los mismos», replicó Olvido, «lo mataron en ese pueblo minero, ¿no?» (...) «Sí, son los mismos. Me ha dicho mi madre que son los mismos.» Olvido se quedó callada, buscando seguramente una réplica decisiva. Animada por su silencio, continué: «Además esos de la manifestación son los que sacan a la gente de noche de aquí al lado, de los sótanos de la iglesia, y los llevan para matarlos en las carreteras...» «No es verdad», dijo

Observa-se nessa passagem o papel que Olvido desempenha ao tentar silenciar Juana dizendo que os assassinos de seu pai e os vencedores de Málaga não são os mesmos. Pode-se dizer que Olvido faz o papel da violência simbólica em apagar a memória de Juana e impor seu discurso. Entretanto, a filha da professora não se cala e se sente vencedora pela primeira vez contra aquela amizade. Segundo Luengo e o sociólogo francês Michael Pollak, conforme a memória dominante, que censura e silencia os excluídos, se impõe, as memórias dominadas criticam e deslegitimam o discurso dominante, apresentando assim a sua versão dos fatos.

Em relação a esse silenciamento, os que moravam no lado nacionalista deveriam esconder ou nunca dizer nada sobre os símbolos republicanos, como também sobre os pais, filhos e maridos que eram filiados em algum partido de esquerda. Gabriela tinha um antigo programa do PSOE com a bandeira tricolor e nele os nomes de quem discursava no dia, sendo seu marido um deles, porém o que chama a atenção era o modo como aquela relíquia de família estava guardada:

Minha mãe guardava esse programa em um lugar muito seguro. Ele estava escondido dentro da capa de um livro de ciências colocado junto aos outros em sua estante. Parecia apenas mais um livro, forrado com papel pardo, do tipo usado para embrulhar, mas eu sabia que o livro não deveria ser tocado. Sua única missão era ser mantido em um local seguro, mas à vista de todos, para não levantar suspeitas (ALDECOA, 1994, p. 14, tradução nossa).²⁰²

Conforme o passar dos dias e da guerra, Juana começa a perceber as atitudes de Olvido e sua família. Primeiro foi com a nova escola em que a menina passou a frequentar. Era uma escola estatal que não tinha os dogmas católicos, mas quando conta a Olvido sobre sua felicidade em fazer novas amizades, ela desdenha da menina. Juana também percebe a maneira como passa a ser tratada, pois sua amiga, já com doze anos, começa a se interessar pelos mesmos assuntos de suas irmãs mais velhas, porque já estava entrando na adolescência. Mais um episódio ocorre quando Juana ganha de sua mãe uma bicicleta. O presente a deixa muito alegre, pois sabia que mesmo com as dificuldades financeiras que sua família passava, receber aquele presente foi a sua maior felicidade. Num dia Olvido viu a menina com sua bicicleta e mais uma vez desdenhou por completo, afirmando que era de segunda mão e que a

Olvido. «Sí es verdad. Yo los oigo por la noche; oigo los camiones cargados que pasan por nuestra calle y los gritos de las mujeres que van detrás llamando a sus maridos...» (...) «A lo mejor un día vienen a buscar a mi madre y también la encierran en la iglesia. Los tienen en aquella cueva, apiñados unos encima de otros.» No fuimos a la manifestación y Olvido se quedó un poco apagada, vencida por primera vez.

²⁰² Mi madre tenía muy guardado este programa. Estaba metido dentro del forro de un libro de ciencias colocado con los otros en su estantería. Parecía un libro más, forrado con un papel pardo, papel de estraza del que se usaba para envolver, pero yo sabía que aquel libro no se tocaba. Su única misión era conservar en lugar seguro pero a la vista, para no levantar sospechas.

havam pintado, pois naqueles tempos ter uma bicicleta se tornara impossível, mas Juana não liga para as falas de sua ex amiga. Por fim, temos um episódio que envolve os fatos históricos, a queda de Barcelona pelos fascistas e a vitória de quem torcia para os golpistas e, logo depois, a notícia da queda de Madri.

Em várias ocasiões, fiquei impressionado com frases amargas referentes aos republicanos. “Eles deveriam ter desistido de uma vez.... Eles não percebem que não há nada a fazer.... Eles salvariam muitas vidas se se rendessem...” No dia em que a rádio anunciou a tomada de Barcelona, ouvimos no andar de cima gritos de alegria pela nova vitória. Fiquei surpreso com a mudança nessa família, porque muitas vezes antes Olvido havia me contado histórias terríveis sobre pessoas que ele conhecia. “Por não ir à missa, eles o fuzilaram.... Por votar na esquerda, o colocaram na prisão.... Meu pai diz que isso não está certo”. Quando lhe contei essas coisas, minha mãe comentou: “A submissão é a consequência da ignorância” (ALDECOA, 1994, p. 19-20, tradução nossa).²⁰³

Então, quando um dia a mãe de Olvido chegou e disse: “Madri caiu, acabou”, olhamos para ela com surpresa. Era 28 de março de 1939. Cinco dias depois, sua avó morreu (ALDECOA, 1994, p. 21, tradução nossa).²⁰⁴

Mais uma vez a escritora relaciona a morte de um ente querido da família de Gabriela com a data de um fato histórico, pois a morte da avó de Juana coincide com o dia posterior à declaração da vitória dos franquistas.

Sua outra amiga é Amelia, uma menina um ano mais velha que Juana, também de família republicana, porém com poder aquisitivo mais elevado, pois seu pai era dono de uma farmácia influente naquele lugar. As duas estudavam na mesma escola, seu pai escolheu matriculá-la na escola estatal por causa de suas convicções. As duas garotas se entendem muito bem, e isso faz com que Gabriela aprecie essa amizade, fica feliz quando sabe que os pais da menina também são republicanos. A família de Amelia vivia fora da cidade, seus pais gostavam da solidão do local. Faziam piqueniques também, um dia convidaram Juana que se sentia muito bem com aquela família, “Apesar de minha experiência social limitada e do isolamento de minha própria família, percebi que eles eram diferentes da maioria. Entendi que eles pertenciam a um mundo acima do meu, mas que eu tinha muito em comum com ele”

²⁰³ Sorprendí en varias ocasiones frases amargas referidas a los republicanos. «Debían dejarlo de una vez... No se dan cuenta de que no hay nada que hacer... Se ahorrarían muchas vidas si se rindieran...» El día que la radio anunció la toma de Barcelona oímos gritos arriba que eran de alegría por la nueva victoria. Me sorprendió el cambio de esta familia, porque antes muchas veces me había contado Olvido historias terribles de gente conocida. «Por no ir a misa le fusilaron... Por votar a las izquierdas le metieron en la cárcel... Dice mi padre que no hay derecho.» Cuando le hablé de estas cosas, mi madre comentó: «La sumisión es consecuencia de la ignorancia.»

²⁰⁴ Así que cuando un día entró la madre de Olvido y dijo: «Ha caído Madrid, esto se ha acabado», la miramos con extrañeza. Era el 28 de marzo de 1939. Cinco días después murió la abuela.

(ALDECOA, 1994, p. 13, tradução nossa).²⁰⁵ Juana observa que os pais de Amelia conversam muito com ela e seu irmão mais velho, ambos tinham conhecimento do que se passava, e mesmo assim, ela admirava aquele sentimento de calma e felicidade da família, diferente de sua casa por ser um ambiente mais sério, tanto que a menina desejou em seu íntimo ter nascido naquela família, mas logo se arrependeu da ideia.

“E os pais de Amélia? Como é o irmão?” Procurei explicar-lhes a harmonia, a graça e a beleza da casa; a serenidade das pessoas. “Tudo era alegre. Havia muitas fotos nas paredes, muitas flores e um aparelho de música com um trompete muito grande que se abria como uma flor. E a mãe de Amelia toca o piano que eles têm no meio da sala, porque a sala é dividida em duas por uma estante de livros, e encostado na estante está o piano...” Acho que foi a primeira vez que consegui entender a sensibilidade das pessoas que escolheram a intimidade como estilo de vida. Também percebi que essa escolha aparentemente simples tinha a ver com a frase que resumia para a vovó a essência de meus comentários: “Eles são ricos, é claro!” (ALDECOA, 1994, p. 13-14, tradução nossa).²⁰⁶

Nota-se que os pais de Amelia buscavam oferecer a seus filhos um ambiente sem conflito. Por mais que eles conversassem com seus filhos sobre a realidade de dificuldades enfrentadas por uma grande parcela da população espanhola durante a Guerra, os horrores do conflito não chegavam para aquela família. Ainda assim, os pais defendiam a República e ficavam tristes com a derrota que vinham sofrendo em cada lugar do país.

A cada novo lugar conquistado, mais e mais pessoas vinham morar em nossa cidade. Parentes ou amigos prontos para se reerguer contavam sobre os desastres do outro lado (...) As demonstrações de júbilo se multiplicavam. Caiu... Caiu... Caiu... A rua estava em um alvoroço permanente. Os gritos, as bandeiras, os uniformes aumentaram. Os derrotados estavam em silêncio. “Meus pais estão tristes”, me disse Amélia, e eu respondi no mesmo tom: “Minha mãe também”. E quando uma colega do outro lado se aproximava, mudávamos de conversa. Mas logo nos esquecemos da guerra. Nossas vidas eram repletas de pequenos eventos compartilhados, de aventuras que quase sempre aconteciam no território de Amelia, em seu terreiro ou no terreiro do rio (ALDECOA, 1994, p. 15, tradução nossa).²⁰⁷

²⁰⁵ “A pesar de mi escasa experiencia social y de mi propio aislamiento familiar, me daba cuenta de que eran diferentes de la mayoría. Comprendía que pertenecían a un mundo superior al mío pero que tenía mucho en común con él”.

²⁰⁶ «¿Qué tal los padres de Amelia? ¿Qué tal el hermano?» Yo traté de explicarles la armonía, la gracia y la belleza de la casa; la serenidad de las personas. «Todo era alegre. Había muchos cuadros en las paredes y muchas flores y un aparato para la música con una trompeta muy grande que se abría como una flor. Y la madre de Amelia toca el piano que tienen en el centro del salón, porque el salón se divide en dos con una librería, y apoyado en la librería está el piano...» Creo que fue la primera vez que pude captar la sensibilidad de unas personas que habían elegido la intimidad como forma de vida. También me di cuenta de que esa elección, aparentemente sencilla, tenía que ver con la frase que resumió para la abuela lo esencial de mis comentarios: «Son ricos, claro.»

²⁰⁷ A cada nuevo lugar conquistado venía más gente a vivir a nuestra ciudad. Parientes o amigos dispuestos a reponerse que contaban desastres del otro lado. (...) Las manifestaciones de júbilo se multiplicaban. Ha caído... Ha caído... Ha caído... La calle era un jolgorio permanente. Aumentaban los gritos, las banderas, los uniformes.

Vemos através do romance o processo de silenciamento em que muitos espanhóis passam a viver durante anos. Além disso, é a primeira vez que o termo “vencidos” é usado pela personagem. Após a notícia da queda de Barcelona pelos franquistas, Juana faz uma importante reflexão sobre sua família e a de Amelia, no mesmo instante que reconheceu as atitudes de Olvido e de sua família. Juana se reconhece como vencida.

“Vai ser pior depois”, disse o pai de Amelia um dia. “Quando isso acabar, será muito pior. Porque agora eles têm uma última dúvida, uma última precaução: nada é conquistado até que tudo seja conquistado. Mas eles vencerão e então arrancarão suas unhas e as pregarão com prazer nos derrotados. Será pouco a pouco e eles lhe darão forma legal. Depois da guerra, virá a perseguição dos vencidos...”.

(...)

Por outro lado, eu estava começando a entender o significado da palavra derrotado. Nós éramos os derrotados, os perdedores, aqueles que sofreram perseguição. O pai de Amelia também era um derrotado, mas ele tinha amigos, parentes, dinheiro, uma posição clara e inofensiva entre os frascos de sua farmácia. Minha mãe, eu e muitos outros éramos os verdadeiros perdedores, embora nunca tivéssemos muito a perder. Deixava a vovó de fora porque a via como fraca e distante de qualquer ameaça que não fosse sua própria doença (ALDECOA, 1994, p. 20, tradução nossa).²⁰⁸

A afirmação do pai de Amelia foi concreta, pois após a vitória de Franco e seu exército, tem início um intenso processo de apagamento e silenciamento dos republicanos. Com a queda de Madri e a morte da avó de Juana, Gabriela pensa em sair do país. Embora não tivesse recursos para isso, procurava meios para sair daquele lugar com sua filha. Aqui entra a figura de um homem que por muito tempo fez parte do imaginário de Juana, o viúvo. Um homem elegante que ela e as outras meninas do grupo de Olvido viam passar e sobre quem teciam comentários. “Comecei a me refugiar em minhas fantasias e imaginei um encontro entre minha mãe e o viúvo, uma paixão rápida e nós quatro dando a volta ao mundo no conversível, eles na frente, a menina e eu atrás, eu como a irmã mais velha, cuidando dela,

Los vencidos callaban. «Mis padres están tristes», me decía Amelia, y yo en el mismo tono le contestaba: «Mi madre también.» Y ante la proximidad de alguna compañera que pertenecía al otro bando, cambiábamos de conversación. Pero pronto olvidábamos la guerra. Nuestras vidas estaban llenas de pequeños acontecimientos compartidos, de aventuras que casi siempre ocurrían en el territorio de Amelia, en su prado o en el soto del río.

²⁰⁸ «Después será peor», dijo un día el padre de Amelia. «Cuando esto acabe será mucho peor. Porque ahora les queda una última duda, una última precaución: nada está ganado mientras no está todo ganado. Pero vencerán y entonces sacarán las uñas y las irán clavando con delectación en los derrotados. Será poco a poco y le darán forma legal. Después de la guerra vendrá la persecución a los vencidos...»

(...)

Por otra parte, empezaba a entender el significado de la palabra vencidos. Nosotros éramos los vencidos, los perdedores, los que sufrían persecuciones. El padre de Amelia también era un vencido pero él tenía amigos, parientes, dinero, un puesto claro e inofensivo entre los tarros de su farmacia. Mi madre y yo y muchos otros éramos los verdaderos perdedores aunque nunca habíamos tenido mucho que perder. Dejaba fuera a la abuela porque la veía desfallecida y lejana de toda amenaza que no fuera su propia enfermedad.

mimando-a e brincando com ela” (ALDECOA, 1994, p. 5, tradução nossa).²⁰⁹ Assim, em um convite feito pelos pais de Amelia para Gabriela almoçar em sua casa, Juana encontra-se com o viúvo e sua filha. Nesse encontro aquele seu desejo de quando o viu pela primeira vez se tornará realidade, pois sua mãe e Octavio começam a se relacionar.

Octavio, que era mexicano, propõe a Gabriela que eles se mudem para o México, pois com a extensão da guerra pela Europa, a vida de todos estaria em perigo, tanto pelo conflito bélico, como a situação financeira. Assim, mãe e filha partem para o exílio.

2.3. AS MULHERES NA GUERRA CIVIL E NO PRIMEIRO FRANQUISMO

O golpe promovido pelos conspiradores, —militares, políticos da direita, empresários espanhóis e estrangeiros, tradicionalistas católicos, monárquicos, carlistas²¹⁰ e falangistas²¹¹—, tinham como objetivo destituir o governo democrático e restaurar o poder político dos partidos de direita, porém o golpe foi um fracasso por causa da resistência popular, mas desencadeou a Guerra Civil. O conflito significou para a República a descontinuidade de todos os direitos e da modernização que estava acontecendo pelo país, principalmente, a política favorável às mulheres.

Durante o conflito, o governo republicano conseguiu sancionar leis em favor das mulheres como a formação profissional e alfabetização, em 1936; legalização das uniões estáveis de mulheres e das viúvas dos combatentes republicanos e incorporação da força de trabalho feminina no ano de 1937; instrução sobre a aviação em 1938. Em 1936, a ministra de Saúde, Federica Montseny, consegue a legalização do aborto, essa lei seria inserida ao final da Guerra com a vitória dos republicanos.²¹² Em relação à lei do aborto, a Espanha teve diversas outras leis, mas foi em 2010 que se estabeleceu por lei o direito das mulheres a partir dos 16 anos a interromper a gravidez, a *Ley Orgánica 2/2010 de Salud Sexual y Reproductiva*, estabelece o direito e a liberdade da mulher espanhola a continuar com a gravidez ou não sem

²⁰⁹ “Yo empezaba a refugiarme en mis fantasías y me imaginaba un encuentro entre mi madre y el viudo y un enamoramiento rápido y los cuatro yéndonos por el mundo en el descapotable, ellos delante y la niña y yo detrás, yo de hermana mayor, cuidándola y mimándola y jugando con ella”.

²¹⁰ Movimento ultraconservador, seus membros eram conhecidos durante a Guerra Civil como boinas vermelhas, tinham como doutrina política o tradicionalismo monárquico e católico. Eram contrários aos liberais, comunistas. BEEVOR, 2005, p. 68.

²¹¹ Fundado por José Antonio Primo de Rivera, Ramiro Ledesma e Onésimo Redondo Ortega, eram grupos formados por trabalhadores, estudantes, campesinos, intelectuais, que conjugavam um sindicalismo revolucionário com um grande amor pela Espanha e um grande respeito pela religião católica. "Falange Española de las JONS." <https://falange.es/>. Acessado em 25 set. 2018.

²¹² DUBY; PERROT, 2000, p. 239-240.

precisar se justificar diante da sociedade, além de inserir nas escolas a educação sexual e saúde menstrual.²¹³

Já a educação também sofreu retrocesso com a Guerra Civil. Para as zonas republicanas as leis ainda valiam, tanto que muitos professores ensinavam às crianças, os jovens e os milicianos. Muitos professores eram fuzilados²¹⁴ pelos nacionalistas quando uma região era ocupada. Uma das primeiras medidas tomadas por Franco foi a proibição da coeducação, as escolas mistas, que também se estendeu para os *Institutos y Escuelas Normales y de Comercio* e para o ensino secundário, já em 1936. Foram proibidos os livros distribuídos pela República e houve a depuração de professores em todos os anos escolares. Com essas poucas medidas, o discurso em relação às mulheres já era outro, “Em primeiro lugar, é necessário um retorno à tradição sagrada que via as mulheres como filhas, esposas e mães, e não como "intelectuais" pedantes que tentam em vão se igualar aos homens nos domínios da ciência” (BALLARÍN DOMINGO, 2010, p. 104 apud A. Maillo. Cit. en Gallego, 1983: 154-155).²¹⁵ O discurso durante o franquismo em relação às mulheres passou a ser fundamentado na inferioridade das mulheres, tanto que não houve leis as proibindo de frequentar o ensino superior, contudo, o ambiente se tornou inadequado para frequentar esses espaços, visto que o discurso de diversos diretores do governo franquista pautava que as espanholas deveriam ficar em casa. Assim, o país ibérico perdeu e muito com essa política conservadora na educação das mulheres.

A *Sección Femenina de Falange Española de la JONS*, um grupo composto por mulheres falangistas, passa a delegar para as mulheres nas zonas ocupadas as tarefas de auxílio social e auxílio hospitalar durante o conflito, logo, com o passar da Guerra, ficam sobre essa organização as atividades de formação política e educacional para as mulheres. As escolas passam a ministrar disciplinas voltadas para o lar, como: música, trabalhos na cozinha, economia doméstica, educação física e formação político social. Segundo Ballarín Domingo, essas disciplinas tinham como objetivo formar jovens estudantes para a sua verdadeira

²¹³ PLAZA, Ana Martín. Las leyes del aborto en España: de la ley de supuestos de 1985 a la de plazos de 2010. RTVE. 18 de febrero 2015. Noticias. Disponível em: <<https://www.rtve.es/noticias/20150218/leyes-del-aborto-espana-ley-supuestos-1985-plazos-2010/828240.shtml>>. Acesso em 27 jul. 2023. CLÍNICA GINECOLÓGICA GINELEVEL. Ley del aborto. Alicante. Abortar. Disponível em: <<https://www.ginelevel.es/abortar-en-alicante/ley-del-aborto>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

²¹⁴ Várias centenas de professores foram assassinados nas primeiras semanas: 20 em Huelva, 21 em Burgos, 33 em Zaragoza, 50 em León. BEEVOR, 2007, p. 627 apud Jesús Crespo, Purga de maestros en la guerra civil, Valladolid, 1987; F. Morente, “La represió sobre el magisteri”, em Actes del IV Seminari sobre la República i la guerra civil, pp. 80 e seg.

²¹⁵ “En primer lugar, se impone una vuelta a la santa tradición que veía en la mujer la hija, la esposa y la madre, y no la “intelectuala” pedantesca que intenta en vano igualar al varón en los dominios de la ciencia”.

vocação, o cuidado da família. Essa política adotada faz com que a Espanha retorne para o pensamento do século XIX, em que as mulheres retomam o adjetivo de *hadas del hogar*.

Segundo a historiadora Mary Nash, os primeiros meses de conflito fizeram com que as propagandas republicana, anarquista, comunista e socialista representassem as mulheres como algo do imaginário revolucionário, tal qual a pintura de 1830, *A Liberdade guiando o povo*, do pintor francês Eugène Delacroix, em que uma mulher empunhando a bandeira da França e pisando em corpos caídos, guia o povo francês para a vitória contra o Antigo Regime. Na propaganda republicana, os cartazes mostravam, sobretudo, mulheres jovens atraentes, de corpos esbeltos que vestiam um macacão azul e empunhavam fuzis em seus ombros.

Esse retrato das mulheres da milícia foi uma mudança radical, projetando a imagem de uma mulher ativa, determinada e empreendedora dedicada ao esforço de guerra. A mensagem era aparentemente clara. As mulheres deveriam desempenhar um papel decisivo na resistência antifascista nas frentes de guerra (NASH, 1999, p. 63, tradução nossa).²¹⁶

Essas mulheres ficaram conhecidas como *Las Milicianas*, e essa mitificação faz surgir diversas lendas e mitos de mulheres que morreram no fronte de batalha. A propaganda também se estendeu para as mães e esposas, denominada de *Madres combativas*. A propaganda mostrava que para as mães valia mais um filho lutando contra os fascistas do que ficar em casa, assim como para as esposas, “Mães e mulheres do mundo! Precisamos salvar nossos filhos desse conflito, nossos filhos que não pertencem a nós, as mães, mas que também são a esperança da humanidade!” (NASH, 1999, p. 69 apud “¡Madres y mujeres del mundo!”, Frente Rojo, 26 de octubre de 1938, tradução nossa).²¹⁷

As milicianas que estiveram na frente de batalhas tiveram que justificar a sua decisão em estar na linha de frente portando uma arma, “Participei porque senti que tinha o mesmo dever de defender... A liberdade que eles [o inimigo] queriam eliminar; foi isso que fizemos” (NASH, 1999, p. 113, tradução nossa).²¹⁸ Para muitas mulheres que estavam em organizações de esquerda a participação delas também era essencial, por causa de suas consciências políticas e sociais, isto é, defender a liberdade de todo um coletivo, sendo uma extensão da sua luta já feita nas organizações e sindicatos.

²¹⁶ Esta representación de las milicianas fue un cambio radical que proyectaba la imagen de una mujer activa, resuelta y emprendedora dedicada al esfuerzo bélico. El mensaje estaba aparentemente claro. Las mujeres iban a protagonizar un papel decisivo en la resistencia antifascista en los frentes de guerra.

²¹⁷ “¡Madres y mujeres del mundo! Hay que salvar a nuestros hijos de esta contienda, nuestros hijos que no nos pertenecen a nosotras, las madres, pero que también son la esperanza de la humanidad”.

²¹⁸ “Participé porque sentí que tenía el mismo deber de defender... la libertad que ellos [el enemigo] querían eliminar; eso es lo que hicimos”.

A anarquista catalã Conchita Pérez Collado, que mais tarde lutou na defesa de Belchite, não achava que sua condição de mulher fosse um problema quando decidiu se juntar à resistência armada: “O grupo que foi à guerra, nós, fomos como um só homem. Não fomos como soldados, porque não nos considerávamos soldados, mas como grupo. E acredite, éramos dez, já que consideramos que éramos dez, nove homens e uma mulher!” A jovem comunista Lena Imbert foi para as trincheiras porque achava que os postos da retaguarda eram para os feridos ou para as crianças. A anarquista basca Casilda Méndez, que havia acompanhado ativamente seus companheiros na luta social durante a República, continuou com eles no combate militar nas montanhas de Peñas de Aya. Em uma carta para sua família, uma jovem miliciana que logo morreria na frente de Aragão deixou claro que não acreditava que as mulheres devessem ser excluídas de um papel na luta armada:

Meu coração não pode ficar impassível assistindo à luta que meus irmãos estão travando... E se alguém lhes disser que a luta não é assunto de mulher, diga-lhes que o cumprimento do dever revolucionário é o dever de todos que não são covardes (NASH, 1999, p. 114, tradução nossa).²¹⁹

Contudo nem todos pensavam assim, há diversos relatos das mulheres fazendo trabalhos secundários, cozinhando para os combatentes, costurando e lavando suas roupas, serviços de correios, entre outros. Houve também acusações de que as milicianas estavam na linha de frente como prostitutas, para muitas mulheres isso foi uma difamação usada pelos nacionalistas e também pelos republicanos. Segundo Nash, algumas prostitutas estavam nos primeiros agrupamentos de soldados durante o início da Guerra, mas como enfermeiras, assim como ex-presidiárias, porém não se sabe a quantidade certa dessas mulheres cumprindo essa função, mas a estimativa, segundo a historiadora eram de poucas e de que permaneceram pouco tempo. Por causa de todas essas dificuldades, Largo Caballero, presidente até então da República, sanciona decretos para o começo do ano de 1937. A participação das mulheres somente na retaguarda, sendo para muitas uma importante medida, pois por não terem formação militar, diversas espanholas se sentiam mais úteis na retaguarda, auxiliando nos hospitais de campanha, tarefas de cozinha, lavanderia. Foi feito um aviso para os voluntários

²¹⁹ La anarquista catalana Conchita Pérez Collado, que más tarde luchó en la defensa de Belchite, no pensó que su condición de mujer fuera un problema cuando decidió adherirse a la resistencia armada: “El grupo que fuimos a la guerra, íbamos como un solo hombre. No íbamos como soldados, porque no nos considerábamos soldados, sino como grupo. ¡Y créeme, nosotros éramos diez, ya que considerábamos que éramos diez de los nuestros, nueve hombres y una mujer!”. La joven comunista Lena Imbert se marchó a las trincheras porque pensaba que los puestos en la retaguarda eran para los heridos o para los niños. La anarquista vasca Casilda Méndez, que había acompañado activamente a sus compañeros en la lucha social durante la República, continuó con ellos en el combate militar de las montañas de Peñas de Aya. En una carta a su familia, una joven miliciana que pronto moriría en el frente de Aragón exponía claramente que no creía que hubiera que excluir a las mujeres de un papel en la lucha armada:

Mi corazón no puede permanecer impassible viendo la lucha que están llevando a cabo mis hermanos... Y si alguien les dice que la lucha no es cosa de mujeres, díganles que el desempeño del deber revolucionario es obligación de todos los que no son cobardes.

estrangeiros das Brigadas Internacionais, informando que as mulheres não podiam alistar-se nas milícias, “Homens na linha de frente, mulheres na retaguarda” (NASH, 1999, p. 119, tradução nossa),²²⁰ entretanto, há relatos de comandantes mulheres no exército republicano, como a argentina Mika Etchebéhère do POUM e da espanhola Lina Odena do PCE.

Com as mulheres na retaguarda diversos grupos e organizações participaram ativamente na assistência social das zonas urbanas e rurais, dando suporte na alimentação, atividades culturais, educacionais, sanitárias e propaganda contra o fascismo. Fizeram parte as organizações femininas: *Agrupación de Mujeres Antifascistas (AMA)*; *Unió de Dones de Catalunya (UDC)*; *Unión de Muchachas (UM)*; *Aliança Nacional de la Dona Jove (ANDJ)*; *Socorro Rojo de Cataluña* (sección del SRI); *Dona a la Retaguarda*; *Comité Vasco de Mujeres Antifascistas*; O *Secretariado Femenino* do partido marxista disidente, *Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM)* e por fim o *Mujeres Libres*.

Essa mobilização feminina durante a guerra foi de extrema importância na esfera pública, pois muitas desempenharam papéis que ultrapassaram a lógica da sociedade patriarcal que considerava o sexo feminino como inferior, dotado de pequeno cérebro, incapaz de desempenhar funções públicas, usar suas faculdades mentais, servirem apenas para a reprodução e cuidado do lar. Essas demonstrações de luta coletiva contra o fascismo e contra o retrocesso, reforçam a oposição de conceitos de gêneros impostos pela sociedade machista e misógina. Portanto, o papel desempenhado por escritoras, escritores, cineastas e artistas reforçam essa lembrança de um passado censurado e silenciado. É de suma importância o reconhecimento de mulheres que lutaram na linha de frente e na retaguarda durante a Guerra Civil Espanhola, assim como outras tantas mulheres que lutaram e lutam contra o retrocesso de direitos conquistados ao longo dos anos por todo o mundo.

Do mesmo modo que os conflitos da Guerra não são abordados diretamente nos três romances da trilogia, o Primeiro Franquismo também não é citado, devido ao fato das personagens estarem no exílio, assim como, não são mencionadas as políticas tomadas pelo ditador logo após o fim do conflito. Segundo os historiadores, Duby e Perrot, a política de apagamento feita pelo regime franquista foi desde as queimas de livros republicanos, marxistas ou qualquer outro gênero que não seguisse a mesma ideologia do governo, até prisões, execuções, exílios forçados e voluntários. Essa política foi adotada para ambos os sexos, entretanto, as mulheres sofreram muito mais, pois houve violações sexuais, corte de cabelo e uso de azeite de rícino, um laxante que era dado para as prisioneiras. Logo após o uso muitas sofriam com diarréias e eram obrigadas a desfilar pelas ruas com bandas de

²²⁰ “Los hombres a los frentes de combate, las mujeres a la retaguarda”.

música como forma de punição e para marcá-las como “as filhas e mães de vencidos”, uma forma de difamar a República. Havia também as prisões religiosas e a reeducação de seus filhos, ademais, das execuções sumárias, “Quantas foram fuzilados em um país onde, somente em Madri, em 1939, 6.000 pessoas eram executadas por mês, de acordo com dados de Ciano, embaixador de Mussolini?” (DUBY; PERROT, 2000, p. 244, tradução nossa).²²¹ Segundo os dados apresentados pelos historiadores franceses, cerca de 30 mil mulheres foram presas e 1000 condenadas à morte, outras tantas eram vigiadas pela Igreja e pela polícia. Outrossim, a propaganda franquista deslegitimou todas as experiências culturais e políticas, afirmando que a República deturpou a verdadeira missão das mulheres, a maternidade. Por fim, concluíram que o feminismo e a igualdade entre os sexos havia corrompido sua missão biológica, ou seja, acusavam a República como signo da decadência moral das espanholas.

As primeiras e principais medidas tomadas pelo novo regime fascista em relação às mulheres foram sancionadas em 1938, tais como: mulheres casadas passam a ser proibidas de trabalhar fora de casa; as leis sobre o casamento e o divórcio retrocedem, agora com a ditadura, a mulher só poderia se separar ou anular seu casamento se “perante os tribunais eclesiásticos, se o casamento for canônico, ou perante os tribunais civis, se o casamento for civil” (VÁZQUEZ DE PRADA, 2005, p. 139, tradução nossa).²²² Dessa forma, o divórcio se torna uma dificuldade para muitas mulheres que sofrem nas mãos de maridos abusivos. A Igreja retoma sua influência na educação por todo o país, junto à *Sección Femenina*, os anos escolares passam a se diferenciar por sexo e implantar disciplinas sobre os dogmas e a moral católica. O Código Civil também sofreu mudanças, a maioridade passa a ser aos 25 anos, obrigando muitas mulheres a permanecerem no convívio com os pais até o momento de se casarem ou entrarem para um convento.²²³ O voto continuou garantido por lei, contudo, como não havia mais eleições por causa do regime, somente em julho de 1947, as mulheres puderam votar para a *Ley de Sucesión*, sem direito a nenhuma candidata mulher.²²⁴

O ditador Francisco Franco, já no final da Guerra Civil, em 1939, implantou uma política conhecida como *Autarquía*, política econômica com forte intervenção do Estado sobre os alimentos, além de funcionar como forte instrumento de dominação ideológica.

A intervenção dos poderes estabelecidos sobre os alimentos e as necessidades mais básicas da população foi uma forma eficaz de controle e a

²²¹ “¿cuántas fueron fusiladas en un país en el que, tan sólo en Madrid y en el año 1939, se ejecutaron 6.000 personas por mes, según cifras de Ciano, embajador de Mussolini?”

²²² “ante los tribunales eclesiásticos, si había sido contraído matrimonio canónico, o ante los tribunales civiles si el matrimonio hubiera sido civil”.

²²³ DUBY; PERROT, 2000. p. 243.

²²⁴ Díez Fuentes, José María. “República y Primer Franquismo: La Mujer Española entre el esplendor y la miseria 1930-1950”. *Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social* 3 (1995): 23-40.

causa da desmobilização de uma sociedade presa entre a fome e o medo. O instrumento dessa política, o racionamento, tinha como objetivo responder à escassez de alimentos e necessidades básicas e regular o consumo, mas sua ineficácia foi revelada no surgimento de uma economia subterrânea, o mercado clandestino, que era impossível de controlar apesar da existência de controles e sanções (BORREGO, 2009, p. 30, tradução nossa).²²⁵

Essa política distribuía cartilhas de racionamento para a população através dos prefeitos de cada cidade e povoado. Antes de 1943 as cartilhas eram distribuídas por família, depois desse ano passa a ser por indivíduo. A divisão era feita por hierarquia familiar, os homens recebiam 100%, enquanto as mulheres recebiam 80% e 60% eram para as crianças.²²⁶ A quantidade era pouca e a alimentação consistia em legumes, cereais e tubérculos (batatas), pescados fritos nas zonas costeiras e pratos com verduras e hortaliças. Já o pão, azeite e carne eram itens mais difíceis de se conseguir, tanto que a proteína passou a ser ovos, gordura de porco, toucinhos e embutidos.²²⁷ Para se conseguir pão ou farinha, as mulheres faziam longas caminhadas até as fábricas ou iam de bairro em bairro atrás do alimento. Para burlar a fome havia diversas estratégias acerca do que fazer com o alimento, “Comemos cascas de batata doce, cascas de laranja e bananas de rua. Nós mesmos comemos tudo” (DUBY; PERROT, 2000, p. 729, tradução nossa).²²⁸ Faltava até mesmo eletricidade para os lugares mais pobres, além da escassez de produtos à base de petróleo para proteger as famílias durante o inverno.

As mães, esposas e filhas de republicanos e milicianos presos, fuzilados ou enfermos foram para a clandestinidade vender produtos no mercado clandestino.

Pois bem, as camponesas que traziam para os centros urbanos alimentos escondidos, principalmente verduras e ovos, vendiam em pequena escala nos portais que circundavam os mercados; ou as mulheres da cidade que levavam algum produto elaborado para os vilarejos e iam às hortas e fazendas para trocar uma peça de tecido ou utensílios domésticos por leite, ovos ou frutas (BORREGO, 2009, p. 33, tradução nossa).²²⁹

Não havia trabalho nas zonas mais pobres do país, tanto que muitas mulheres se viam obrigadas a sair de suas cidades para cidades maiores a fim de garantir seu sustento e depois

²²⁵ La intervención de los poderes establecidos sobre la alimentación y sobre las necesidades más primarias de la población fue una eficaz forma de control y la causa de la desmovilización de una sociedad, atrapada entre el hambre y el miedo. El instrumento de esta política, el racionamiento, pretendió responder a la escasez de alimentos y artículos de primera necesidad y regular el consumo, pero su inoperancia se reveló en la aparición de una economía sumergida, el mercado negro, imposible de controlar pese a la existencia de controles y sanciones.

²²⁶ BORREGO, 2009, p. 30

²²⁷ BORREGO, 2009, p. 30.

²²⁸ “comíamos cascaras de patatas fritas, las cascaras de las naranjas y de los plátanos de la calle. Todo nos lo comíamos nosotros”.

²²⁹ Bien mujeres campesinas que llevaban a los núcleos urbanos alimentos escondidos, sobre todo hortalizas y huevos, vendidos a pequeña escala en los portales que rodeaban los mercados; bien mujeres de la ciudad que llevaban a los pueblos algún producto elaborado y recorrían huertas y cortijos para intercambiar, un retal de tela o enseres domésticos por leche, huevos o fruta.

trazer suas famílias para os grandes centros urbanos. Embora a Espanha não tenha participado diretamente nos conflitos da Segunda Guerra Mundial, o país apoiou o Eixo (Itália, Alemanha e Japão), com tropas de seu exército e suprimentos para os nazistas, e foi durante esse período que o trabalho doméstico cresceu por todo o país. Muitas se viram obrigadas a trabalhar com péssimos salários, altas jornadas laborais, humilhações e servidão, “minha irmã mais velha e eu não passamos fome porque fomos colocadas no serviço” (DUBY; PERROT, 2000, p. 729, tradução nossa).²³⁰ O trabalho doméstico tornou-se assim, a atividade e estratégia de sobrevivência e vivência para muitas mulheres, e foi a partir dele que muitas trocaram suas experiências de vida e fizeram com que as mulheres voltassem a se organizar em movimentos de massas. Outro trabalho também desempenhado por muitas mulheres foi a prostituição legal e ilegal, sendo que até o ano de 1956 a prostituição era legalizada. Todavia, muitas mulheres foram presas pelo *Patronato de Protección a la Mujer*. As cidades de Granada e Málaga, na região da Andaluzia, apresentavam, na década de 1940, os mais altos índices de detenção do país. Mesmo com toda essa repressão, e censura do regime franquistas, diversas organizações e partidos de esquerda lutavam na clandestinidade contra o governo de Franco.

2.4. O EXÍLIO, O REGRESSO E A TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Com o início da Guerra, em 1936, muitos espanhóis começaram a fugir para as fronteiras do país. Segundo Beevor, entre os anos de 1936 e 1938, houve três movimentos de refugiados que fugiam para o território francês conforme o avanço do lado nacionalista. Já em fevereiro e março de 1939, cerca de 450 mil espanhóis cruzaram a fronteira francesa, a fim de refugiar-se dos horrores da Guerra e da vitória franquista. Esses primeiros refugiados que fugiram com a roupa do corpo, roupas em malas e sacolas, num primeiro momento montavam barracas com pedaços de madeira encontrados pelo caminho e as cobriam com seus cobertores. O primeiro campo de concentração aberto para os refugiados espanhóis na França foi o de *Argèles-sur-Mer*, onde não havia água potável e muitos viviam na insalubridade. Outros tantos campos de concentração abertos pelo governo francês também eram igual ao primeiro, com falta de água potável para todos e de barracões, sendo os prisioneiros obrigados a viver em uma disciplina militar. Muitos refugiados morreram por enfermidades ou por frio.

No final do ano de 1939, cerca de 300 mil espanhóis escolheram o exílio permanente, tanto os que estavam na França, quanto os outros que conseguiram ir para outros países europeus e do continente americano. Porém, o historiador inglês cita que entre 140 mil a 180

²³⁰ “mi hermana mayor y yo no pasamos hambre por el motivo de que nos colocamos a servir”.

mil espanhóis decidiram retornar para a Espanha, mesmo com a vitória franquista, pois após o início da Segunda Guerra Mundial, a Espanha reabre as fronteiras e aqueles que retornam para sua pátria são submetidos aos tribunais militares que decidiram a vida daquelas pessoas. Os que decidiram não regressar para a Espanha, tiveram a ajuda do México do presidente Lázaro Cárdenas, amigo e defensor da República espanhola, que abriu as fronteiras de seu país para todos os refugiados. Outros países da América que abriram suas fronteiras foram o Chile, a Argentina, República Dominicana, Venezuela, Cuba, Estados Unidos da América, Colômbia e Brasil.²³¹ Os países europeus que aceitaram os refugiados espanhóis implantaram cotas numéricas, a Bélgica aceitou apenas entre dois a três mil exilados, o governo britânico aceitou os funcionários públicos do governo republicano, na antiga URSS chegaram três mil exilados, sendo a maioria dirigentes e quadros do PCE.

Com a ocupação nazista em Paris, no ano de 1940, os dirigentes da Frente Popular que estavam exilados no país, foram obrigados a retornar para a Espanha para serem julgados por Franco. Cerca de 3617 dirigentes eram esperados para seus julgamentos de morte e prisão, além da colaboração da Gestapo, os políticos franceses apoiadores de Hitler entregaram para Franco, Lluís Companys, que foi fuzilado; Largo Caballero, que iria para a Espanha, mas foi mandado a Berlim e depois para o campo de concentração de Sachsenhausen-Oranienburg, saindo apenas em 1945 e morrendo em seguida por enfermidade. Os dirigentes intelectuais, escritores e artistas republicanos foram perseguidos por José Félix de Lequerica, que perseguiu sobretudo intelectuais como Max Aub, que foi deportado para o campo de concentração de Djelfa, na Argélia. Federica Montseny, que também estava na França, conseguiu não ser deportada por estar grávida, mas foi presa na cidade de Limoges.²³² Outros dirigentes que Franco não conseguiu capturar estavam exilados nas Américas e na URSS.

Com este cenário como pano de fundo, inicia-se a segunda parte do romance *Mujeres de negro*. A primeira cena é novamente um casamento, “Minha mãe disse: “É a segunda vez que vou me casar em uma igreja, eu que não acredito em nada...”” (ALDECOA, 1994, p. 23, tradução nossa).²³³ A cerimônia ocorria no México, Gabriela se casava com o viúvo Octavio. No romance não é dito como eles começaram a se relacionar, mas sabemos alguns pontos por

²³¹ De acordo com o Museu da Imigração, mais de 750.000 espanhóis chegaram ao Brasil entre o fim do século XIX e a década de 1960. Não se sabe exatamente quantos chegaram durante a Guerra Civil Espanhola, mas sabe-se que esse foi um dos maiores picos, juntamente com a Segunda Guerra Mundial. HANCOCK, Jaime Rubio. Quando os refugiados eram os espanhóis fugindo da Guerra Civil. Muitas pessoas estão comparando nas redes sociais a atual situação dos refugiados sírios com a vivida pelos espanhóis durante a Guerra Civil. El País. Espanha, 05 set. 2015. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/25/internacional/1440511017_879100.html>. Acesso em 01 ago. 2023.

²³² BEEVOR, 2005, p. 677-678.

²³³ “Mi madre dijo: «Es la segunda vez que me caso en una iglesia, yo que no creo en nada...»”

Juana: “É engraçado como eu estava cega em relação ao fato de minha mãe e Octavio terem se apaixonado. Agora que os vi juntos e felizes, agora que minha mãe disse que “estamos de acordo nas ideias”, pensei, mas quando, em que momento eles começaram a concordar nas coisas?” (ALDECOA, 1994, p. 27, tradução nossa).²³⁴ Para Juana, Octavio fazia bem para a sua mãe, que aos poucos deixa de usar as roupas pretas que representavam o luto por seu pai, marido e mãe. É no exílio que Gabriela faz planos para si e para sua filha, assim como, ajuda a outros espanhóis que também estavam fugindo do ditador Franco.

“Quando chegarmos lá, trabalharei como todo mundo”, disse minha mãe. Octavio a colocou em contato com os espanhóis exilados. Primeiro, ela foi encarregada do trabalho de escritório, com longas listas de nomes e endereços de espanhóis, para que pudesse dar informações se eles as solicitassem. Depois, ela trabalhou em um armazém onde recebia doações para os refugiados: roupas, móveis, cobertores (ALDECOA, 1994, p. 24, tradução nossa).²³⁵

Na visão de Gabriela, Octavio era um homem diferente de todos que ela conhecera. Em suas palavras, aquele homem representou uma ameaça, promessa e tentação, mas acima de tudo sua liberdade, amor e paixão:

A aparição de Octavio alterou completamente meu presente. Poucos dias depois de nos conhecermos, ele me deixou um bilhete em um envelope em casa: Gabriela, gostaria muito de vê-la novamente. Que tal na quinta-feira, às seis horas, na porta da frente da Catedral? Pareceu-me uma carta de adolescente, não muito séria. Ou talvez fosse eu que estivesse sendo excessivamente séria e aquela proposta fosse uma declaração de juventude. Aos meus trinta e sete anos, eu não havia parado para pensar que ainda era uma mulher jovem. Octavio me fez recuperar minha verdadeira idade. Esse primeiro encontro foi seguido por outros.

(...)

Se Octavio não tivesse morrido, eu nunca teria me mudado da Fazenda. Os anos em que vivemos juntos foram gloriosos. Atrás de portas fechadas, não sei se você poderia ver isso. Não sei se minha filha poderia adivinhar o fogo, a paixão, a violência de nosso amor. Desde o momento em que nos conhecemos na Espanha, desde o momento em que decidi segui-lo até seu país, fui movida pelo fascínio de Octavio por mim. Durante o mês que passamos em Lisboa esperando para providenciar os documentos e as passagens, as noites se tornaram dias. Nós dois vivíamos a noite, dedicados um ao outro, enquanto as meninas dormiam juntas no mesmo quarto de hotel, exaustas de suas visitas e excursões diárias. Eu ia para o quarto de Octavio ou ele para o meu e, no êxtase de nosso amor, descobríamos um ao outro e nos transfigurávamos, os dois, no mesmo delírio sem fim. Amanhecia e nós nos despedíamos lentamente, sonolentos e absortos na

²³⁴ “Es curioso qué ciega estuve yo con lo del enamoramiento de mi madre y Octavio. Ahora que los veía juntos y felices, ahora que mi madre decía eso de «estamos de acuerdo en las ideas», yo pensaba ¿pero cuándo, en qué momento empezaron a estar de acuerdo en las cosas?”

²³⁵ «Cuando lleguemos, trabajaré como hacen todos», dijo mi madre. Octavio la puso en contacto con los españoles exiliados. Primero le encargaron trabajos de oficina, largas listas de nombres y domicilios de españoles para poder dar información si preguntaban por ellos. Después trabajó en un economato donde se recibían donativos para los refugiados, ropas, muebles, mantas.

contemplação do céu cinzento que deixava uma luz prateada nas águas da baía... Noites ardentes, dias ternos em que passeávamos sonolentos pelas ruas, ladeiras e jardins da bela cidade, de mãos dadas com nossas filhas, que desfrutavam de sua aventura, alheias à transformação de nossas vidas (ALDECOA, 2013. p, 22-24, tradução nossa).²³⁶

Essa lembrança que Gabriela faz já em sua velhice nos mostra como aquela relação de início a fez feliz, além de mostrar uma professora mais apaixonada, por isso, no terceiro romance ela diz que seu casamento foi por amor, sendo, então, Émile e Octavio os seus dois verdadeiros amores. Já Ezequiel, era seu amigo e companheiro de sonhos, de profissão e de luta pela educação espanhola.

Enquanto Gabriela se sente bem em partir para o exílio, Juana estranha essa decisão de sua mãe, pois não sabia o motivo dessa radicalidade tomada por ela, já que as duas haviam se mudado de casa com o início da Guerra, e também por saber que o conflito já havia terminado, pensou que sua mãe poderia conseguir dar aulas novamente: “Não posso dizer que estava triste, mas também não estava feliz (...) Naquela viagem, só conversamos sobre os detalhes da fuga, porque para nós foi uma fuga” (ALDECOA, 1994, p. 23, tradução nossa).²³⁷ Podemos atribuir esses sentimentos devido à sua idade, a menina estava com 8/9 anos e não entendia os perigos que tanto ela como sua mãe corriam em seu país, “Aproveitei para dizer a ela: “Do que estamos fugindo? Você tem medo por causa daquele amigo do meu pai?” E ela respondeu: “Não. Tenho medo de não poder viver em uma prisão, porque tudo já é uma prisão...”” (ALDECOA, 1994, p. 23, tradução nossa).²³⁸

²³⁶ La aparición de Octavio alteró por completo mi presente. A los pocos días de conocernos me dejó en casa una nota en un sobre: Gabriela, me gustaría tanto volver a verla. ¿Qué le parece el jueves a las seis en la puerta principal de la Catedral? Me pareció una carta de adolescente, poco seria. O quizás era yo la excesivamente seria y aquella propuesta encerraba una afirmación de juventud. A mis treinta y siete años no me había detenido a pensar que era una mujer joven todavía. Octavio me hizo recuperar mi verdadera edad. A aquella primera cita siguieron otras.

(...)

Si Octavio no hubiera muerto, yo nunca me habría movido de la Hacienda. Los que vivimos juntos fueron unos años gloriosos. De puertas afuera no sé si se veía. No sé si mi hija pudo adivinar alguna vez el fuego, la pasión, la violencia de nuestro amor. Ya desde que nos conocimos en España, desde que decidí seguirle a su país, actué impulsada por la fascinación que Octavio ejercía sobre mí. Durante el mes que pasamos en Lisboa a la espera de arreglar papeles y pasajes, las noches se volvieron días. Vivíamos la noche los dos, entregados uno al otro, mientras las niñas dormían juntas en el mismo cuarto del hotel, agotadas de las visitas y excursiones diarias. Pasaba yo al cuarto de Octavio o él al mío, y en el arrebató de nuestro amor nos descubríamos y nos transfigurábamos uno en el otro y los dos en el mismo delirio interminable. Amanecía y nos despedíamos lentamente, adormecidos y absortos en la contemplación del cielo gris que dejaba una luz plateada sobre las aguas de la bahía... Noches ardorosas, días tiernos en los que divagábamos somnolientos por calles, cuevas y jardines de la ciudad bellísima, de la mano de nuestras hijas, que disfrutaban su aventura ajenas a la transformación de nuestras vidas.

²³⁷ “No puedo decir que yo estuviera triste y tampoco alegre. (...) En aquel viaje no se hablaba más que de los detalles de la huida, porque para nosotras era una huida”.

²³⁸ “Yo aproveché para decirle: «¿De qué huimos? ¿Tienes miedo por aquel amigo de mi padre?» Y ella contestó: «No. Tengo miedo de no poder vivir en una cárcel, porque ya todo es una cárcel...»”

A menina sabia o que era viver em constante medo e aflição com a guerra, mas se caso ficassem na Espanha poderia ver sua mãe ser presa, ter seus cabelos raspados, ser torturada ou até mesmo fuzilada. Outro cenário poderia vir através da fome, com a política de *Autarquia*, receber pouca comida para sobreviver, além de anos sem trabalho e esperança para a população. À medida que cresce, Juana passa a entender como seria a sua vida se não tivessem se exilado: “Eu não entendia muito bem, embora agora eu entenda, depois de algum tempo morando aqui, com tantos refugiados espanhóis e tantas notícias tristes vindas da Espanha” (ALDECOA, 1994, p. 23, tradução nossa).²³⁹ A menina também demonstra que não queria ficar longe de sua terra, quando passa um tempo em Lisboa, até que Octavio conseguiu os papéis para viajar, tanto para Gabriela quanto para sua filha.

Gostava de Lisboa e gostava das pessoas: gostava daquele sotaque doce e arrastado. “Por que não ficamos em Lisboa?”, perguntei uma vez. “É muito perto da Espanha, não é preciso pegar um barco para voltar”. Minha mãe não respondeu. Octavio respondeu: “Você não pode viver aqui, mas pode no México” (ALDECOA, 1994, p. 23-24, tradução nossa).²⁴⁰

É no exílio que Juana passa a conviver com outros tipos de mulheres, que vão influenciá-la ao longo de sua vida. Primeiro temos sua mãe, de quem Juana começa a se sentir mais dependente depois do casamento. No início ela sente um grande medo por estar sendo deixada ou excluída das conversas que tinha ou não tinha com Gabriela.

O casamento de minha mãe significou não apenas uma nova residência, um modo de vida diferente e mais agradável, mas também uma nova forma em nosso relacionamento. Eu estava acostumada a viver perto de minha mãe, tanto que não havia me separado dela um único dia em meus dez anos. O casamento já havia sido uma breve ausência, e agora essa viagem parecia um prelúdio de uma série de distâncias que se interporiam entre nós (ALDECOA, 1994, p. 28, tradução nossa).²⁴¹

A visão de Gabriela era outra sobre essa “distância” que sua filha dizia: “No México, eu nunca a deixei sozinha. Santa Remedios, como cuidava dela” (ALDECOA, 2013, p. 47, tradução nossa).²⁴² É certo que vemos o ponto de vista da filha sobre sua mãe e vice-versa, contudo, o que se pode dizer ao certo é que em nenhum momento as duas se afastaram. Até

²³⁹ “No lo entendí muy bien, aunque ahora sí lo entiendo después de un tiempo viviendo aquí, con tantos españoles refugiados y tanta noticia triste que nos llega de España”.

²⁴⁰ Me gustaba Lisboa y me gustaba la gente: me gustaba aquel acento dulce y arrastrado. «¿Por qué no nos quedamos en Lisboa?», pregunté una vez. «Está muy cerca de España, no hace falta barco para volver.» Mi madre no contestó. Contestó Octavio: «Aquí ustedes no pueden vivir y en México sí.»

²⁴¹ El matrimonio de mi madre no significaba sólo una nueva residencia, una forma de vida diferente y más grata, sino una forma nueva en nuestra relación. Yo estaba acostumbrada a vivir pegada a mi madre, hasta el punto de no haberme separado de ella ni un solo día en mis diez años. La boda ya supuso una breve ausencia, y ahora este viaje parecía el preludio de una serie de distancias que se interpondrían entre las dos.

²⁴² “En México jamás la dejé sola. Santa Remedios, cómo la cuidaba”.

mesmo no regresso de Juana para a Espanha, havia cartas escritas, telefonemas e lembranças de sua mãe que a acompanhava sempre. Assim como no regresso de Gabriela à sua pátria, depois da morte do ditador Franco, a mãe por um tempo fica com sua filha. Em diversas reuniões em que estavam presentes seu genro e membros do partido, ao discutirem sobre a Transição Democrática em 1975, mãe e filha estão juntas, rememorando suas vidas, suas dores e perdas e seu amor.

Remedios era a governanta na fazenda de Octavio no México, tinha a confiança da família desde sempre, como também, sangue espanhol: “Como ela disse, “meu Fernández é de lá, de vocês, ao contrário de outros que não sei de onde tiraram o sobrenome”” (ALDECOA, 1994, p. 27, tradução nossa).²⁴³ Desde sempre ela cuidou da filha de Octavio, também passa a cuidar de Juana, de quem não faz distinção nenhuma, dando toda atenção e carinho para as duas meninas. Remedios foi mais uma mulher-irmã para Gabriela, assim como Regina e Marcelina, ajudando-a na criação de Juana. Embora fosse uma importante mulher para a Gabriela, Remedios representa naquela fazenda o povo originário mexicano que sofreu com a colonização espanhola, tanto com o genocídio, como a catequização, pois a governanta demonstra imenso respeito pelos dogmas católicos. Diferentes dos outros empregados da fazenda que são descendentes dos povos indígenas, a governanta tem acesso livre à família de Octavio, ao contrário de outros empregados que temem seu patrão e subordinados.

Sobre os trabalhadores daquela fazenda, Gabriela volta a fazer aquilo que mais gostava, ensinar as crianças. Com a ajuda de seu marido, ele reforma um casebre que existia em sua fazenda e lá Gabriela recomeça a lecionar, depois cuidava da educação de Juana e Merceditas. Edward Said, em Reflexões sobre o exílio e outros ensaios, afirma que:

Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientada, criando um novo mundo para governar. Não surpreende que tantos exilados sejam romancistas, jogadores de xadrez, ativistas políticos e intelectuais. Essas ocupações exigem um investimento mínimo em objetos e dão um grande valor à mobilidade e à peripécia. (SAID, 2003, p. 54)

No caso, o mundo de Gabriela é a escola, cuja influência reverbera muito para a vida de sua filha ao nunca deixá-la esquecer suas origens e, mais adiante no romance, a matricula em uma escola em que boa parte dos alunos são filhos de espanhóis exilados. Ainda sobre os trabalhadores da fazenda, Remedios conta para Juana que aquelas mães e pais não sabiam demonstrar em palavras toda a sua gratidão para com a professora.

²⁴³ “Como ella decía, «mi Fernández es de allá, de ustedes, no como otros que no sé de dónde sacan el apellido»”.

No início, pensei que fosse por nossa causa, porque eles não nos conheciam, mas, de acordo com Remedios, "eles são quietos por natureza, o índio não é muito comunicativo, mas você pode ver imediatamente se ele está feliz ou não, e eles estão felizes com você, Juanita, estou lhe dizendo. E o que sua mãe faz na escola, eles agradecem, mesmo que não saibam como dizer ou não queiram dizer, porque o índio é calado, mas também orgulhoso" (ALDECOA, 1994, p. 31, tradução nossa).²⁴⁴

Juana narra que diversas mães apareceram um dia na porta da escola e quiseram agradecê-la. Gabriela se sentia mais viva naquele lugar. Todavia, os problemas relacionados ao ensino de minorias fizeram com que a professora enfrentasse problemas com os capatazes daquela fazenda, como também outros subordinados que não estavam gostando que os indígenas agora aprendessem a ler, compreender, contar e interpretar. Com isso, aparece uma emblemática e misteriosa mulher que ajudará Gabriela na escola e fará grandes mudanças na vida daquela família.

A educadora Soledad, vivia na Cidade do México, foi indicação de Nuria, espanhola também exilada junto ao seu marido alemão Gustav. Os dois ensinavam Juana, ele, matemática e Nuria, literatura e língua espanhola. Soledad queria sair da capital e decide ajudar Gabriela na escola, por isso, logo se adapta aos costumes da fazenda e se insere aos poucos naquela família. Juana a via como uma mulher despojada em seus costumes e características, a via como uma mulher livre dos preceitos ditados pela sociedade. Era uma mulher culta e também politizada. A narradora mostra uma passagem em que a professora mandava muitas cartas, porém ninguém sabia para quem. Ela era culta, falava de tudo e entretinha a todos os presentes naquela casa. Remedios e Dona Adela, a irmã de Octavio, não gostavam daquela mulher, por verem-na com um olhar mais conservador.

Mais de uma vez, Juana me perguntou: Você era feliz no México ou era feliz com Octavio? Que resposta difícil. Nunca fui tão feliz assim, eu deveria ter respondido a ela. Mas também: E eu estava terrivelmente infeliz, naquela época, naquele longo período em que Soledad entrou em nossa casa e perturbou tudo, enlouqueceu Octavio e me deixou arrasada por dentro (ALDECOA, 2013, p. 39, tradução nossa).²⁴⁵

²⁴⁴ Al principio yo creía que era por nosotras, porque no nos conocían, pero según Remedios «son callados de por sí, el indio es poco comunicativo, pero se ve enseguida si está contento o no, y ellos están contentos con ustedes, Juanita, te lo digo yo. Y eso que hace tu madre de la escuela, eso se lo agradecen aunque no lo sepan decir o no lo quieran decir, que el indio es callado pero también orgulloso».

²⁴⁵ Más de un vez me preguntó Juana: ¿Fuiste feliz en México?, o ¿Fuiste feliz con Octavio? Qué difícil respuesta. Nunca fui tan feliz, tenía que haberle contestado. Pero también: Y fui terriblemente desgraciada, aquel tiempo, aquella larga etapa en que Soledad entró en nuestra casa y lo trastornó todo, enloqueció a Octavio y a mí me destrozó por dentro.

Essa passagem narrada por Gabriela ao lembrar sua vida com seu marido no terceiro romance nos faz observar dois pontos: o primeiro é sua felicidade com aquele casamento, um casamento que ela teve por amor e o segundo ponto, foi a sua ruína, a traição de seu marido Octavio. Assim como Ezequiel que também a traiu com Inés.

Com cuidado, tirei a jaqueta marrom que ele usava, suja por dias de chuva e poeira. Dobrei-a e um pedaço de papel caiu de um bolso. Desdobrei-o e li: Sempre na luta, juntos, mesmo que um de nós morra. E um martelo e uma foice e um I, com um traço torcido. Um I forte e agressivo, com um traço que se curvava na coluna vertical da letra. Fiquei paralisada (ALDECOA, 2013, p. 54, tradução nossa).²⁴⁶

Inés e Soledad foram duas mulheres que lutaram contra o pensamento patriarcal imposto pela sociedade em diferentes anos e países, contudo, o que chama a atenção é a traição praticada por Ezequiel e Octavio. Engels chamava a atenção sobre a prática poligâmica entre os homens ser mais aceita do que entre as mulheres: “O direito à infidelidade conjugal também lhe permanece assegurado, pelo menos pelo costume (o Code Napoléon o concede expressamente ao homem, desde que não traga a amante para dentro da casa matrimonial)” (ENGELS, 2005, p. 72). Ou seja, não importa o ano ou o momento praticado, para a sociedade a mulher deve seguir seu verdadeiro estereótipo de ser única para seu marido e, caso realize seus desejos, sofrerá as consequências.

Certamente que a traição dos dois não foi aceita pela família, a primeira traição Gabriela não contou a ninguém, mas a de Octavio, que fugiu com Soledad, fez com que toda a sua família o julgasse. No fim, ele volta para sua esposa arrependido, porém o casamento não era mais o mesmo. Antes mesmo de Juana partir para a Espanha, ela observa a sua mãe voltar a se esconder em seu luto, a observa mais séria e triste e com os mesmos sentimentos que a via quando estavam em sua pátria.

No terceiro romance, *La Fuerza del Destino*, Gabriela lembra esse fato de sua vida, fazendo a seguinte reflexão:

E o que Ezequiel teria pensado de Otávio? Jovem, senhor de esquerda, pensando uma coisa e fazendo outra. Que simples, que fácil, Ezequiel. Octavio era produto do meio em que nasceu e cresceu, de uma casta especial em um país especial. Mas não diminua suas ideias. Ele era inteligente e sensível e aceitava todas as minhas críticas sobre as situações ambíguas em que às vezes se encontrava. Octavio não teria traído você. Ele me traiu, mas não por causa das ideias. Por causa da paixão, do deslumbramento, da

²⁴⁶ Le despojé cuidadosamente de la chaquetilla parda que llevaba, sucia de días de lluvia y polvo. Se la doblé y de un bolsillo saltó un papel. Lo desdoblé y leí: Siempre en la lucha, juntos, aunque se muera uno de los dos. Y una hoz y un martillo y una I, con un trazo retorcido. Una I fuerte, agresiva, con un rasgo que se enroscaba en la columna vertical de la letra. Me quedé paralizada.

admiração que ele sentia por aquela jovem brilhante e atraente. Octavio me traiu com Soledad. E você com Inés. Eu entendo vocês dois, agora, com o tempo, quando tudo se tornou um borrão, os sentimentos, as frustrações, a dor da descoberta. Tudo o que resta é a linha da história. Como em um romance que não tivesse acontecido comigo e, conseqüentemente, não tivesse me afetado... (ALDECOA, 2013, p. 42, tradução nossa).²⁴⁷

Essa passagem demonstra que a traição de Octavio foi a que mais a machucou, pois os motivos não foram políticos, porém, foi uma traição daquele sentimento que seu marido provocou desde o primeiro momento, que fez Gabriela sentir-se livre em todos os sentidos. Segundo a psicóloga e pesquisadora, Milena Neri Guarnieri, a traição se torna algo ambivalente e ambíguo, o que faz com que a relação do casal não seja mais a mesma. Quando Gabriela diz que agora “os entende”, ela faz essa reflexão já em sua velhice, depois de ter passado por tanta dor e frustração, que agora consegue ver sua vida como um romance, onde seus sentimentos do passado passam a não mais afetá-la.

Por fim, temos Merceditas, a quem Juana fantasiou ao seu lado e a viu como irmã desde o momento em que conheceu Octavio. A jovem menina era três anos mais nova que Juana, perdeu sua mãe cedo e passou a ser cuidada por Remedios, seu pai e sua tia Dona Adela. Era descrita como uma menina meiga, tímida que fazia tudo o que seu pai queria, assim como sua tia. Seu futuro já estava decidido, depois de seus estudos ela se casaria, seguiria a fé católica, como já seguia, e seria uma perfeita mãe e esposa. Em nenhum momento a menina questiona seu futuro, mesmo em sua adolescência, depois que Juana parte para a Cidade do México para continuar seus estudos no ensino secundário. A filha de Octavio, ao terminar o ensino primário, estudará em um colégio católico, na mesma cidade em que reside sua tia. Quando Juana está na Espanha, já na universidade, recebe uma carta de sua mãe informando sobre o casamento de Merceditas: “Merceditas vai se casar. Ele é um bom rapaz, tem dinheiro e pertence a uma família conhecida em *Puebla*. Foi sua tia que a levou a esse rapaz e a essa decisão um tanto precipitada de se casar por medo, ao que me parece, de que seu pai não pudesse comparecer” (ALDECOA, 1994, p. 74, tradução nossa).²⁴⁸

²⁴⁷ ¿Y qué hubiera pensado Ezequiel de Octavio? Señorito, señorito de izquierdas, pensando una cosa y haciendo otra. Qué simple todo, qué fácil, Ezequiel. Octavio era el producto de un medio en que nació y creció, de una casta especial en un país especial. Pero no quites mérito a sus ideas. Era inteligente y sensible y aceptaba todas mis críticas a las situaciones ambiguas en que a veces se debatía. Octavio no te hubiera traicionado. Me traicionó a mí, pero no por las ideas. Por la pasión, por el deslumbramiento, por la admiración que le producía aquella mujer, brillante, atractiva, joven. Octavio me traicionó con Soledad. Y tú con Inés. Os entiendo a los dos, ahora, al cabo del tiempo, cuando todo se ha vuelto borroso, los sentimientos, las frustraciones, el dolor de los descubrimientos. Sólo queda la línea argumental. Como en una novela que no me hubiera sucedido a mí y, en consecuencia, no me hubiera afectado...

²⁴⁸ «Merceditas se va a casar. Él es un buen chico, tiene dinero y pertenece a una familia conocida de Puebla. Ha sido la tía quien la ha conducido hacia ese chico y a esa decisión de la boda un poco precipitada por miedo, me parece, a que su padre no pueda asistir.»

Com essa informação, o futuro de Merceditas se concretiza, podemos comparar a sua vida com a vivida por muitas mulheres no século XIX, seguindo o mandato biológico, além da função de “bela, recatada e do lar”.

Juana a reconhecia como sua irmã, sabia que sua mãe nunca ocuparia o lugar da mãe de Merceditas, assim como Octavio não ocuparia o lugar de seu pai. De fato, aquela sua fantasia ao ver o viúvo mexicano com sua filha pequena se tornou realidade, parte de sua infância e sua juventude no México a fizeram muito feliz, entretanto, a menina sentia falta de sua pátria, sentia que não pertencia àquela nação que a acolhera tão bem, na qual via o novo, a liberdade e a felicidade de sua mãe. Assim que parte para o ensino secundário na Cidade do México, Juana sente o desejo de se reconectar ao seu país, não só através dos diferentes sotaques que ouvia, mas queria fazer parte novamente de uma nação.

A língua espanhola tem em seu idioma uma palavra para definir o exílio, a palavra *destierro*, em tradução literal significa “sem terra”, porém, segundo a pesquisadora, Andrea Luquin Calvo, esse termo não só nomeia um fato político, como também faz entender a dor e perda de seu espaço, lugar e nome na história. É assim que é nomeado a segunda parte do romance *Mujeres de Negro*, no momento em que Juana inicia seus estudos na capital mexicana, ela se sente um pouco em seu país.

Minha mãe nunca perdeu o sotaque, mas sua voz era tão minha que eu não conseguia parar para analisar a diferença com outras vozes ao meu redor. Quando cheguei à Academia, voltei à Espanha, à minha avó e aos meus amigos. Os alunos eram, em sua maioria, filhos de espanhóis exilados. Muitos já falavam com sotaque mexicano, mas os mais velhos ainda tinham o tom antigo. Aprendi a distinguir os diferentes ecos do espanhol: catalão, andaluz, basco, galego. Quando voltei ao idioma, voltei ao país e ao desejo de conhecê-lo um dia. Não sei se minha mãe pensou nessa minha reação. Não sei se ela buscou isso ao me mandar para uma escola de espanhol para continuar meus estudos. Talvez ela estivesse inconscientemente tentando me aproximar da terra abandonada. Naquela época, um professor de idiomas nos disse um dia, depois de ler um poema: “Esta é a única coisa que não puderam nos tirar, a palavra” (ALDECOA, 1994, p. 48, tradução nossa).²⁴⁹

²⁴⁹ Mi madre nunca perdió su acento, pero su voz era tan mía que no podía detenerme a analizar la diferencia con otras voces que me rodeaban. Al llegar a la Academia regresé a España, a la abuela, a mis amigos. Los alumnos eran en buena parte hijos de españoles exiliados. Muchos hablaban ya con acento mexicano pero los mayores todavía conservaban el viejo tono. Aprendí a distinguir ecos distintos del castellano: catalán, andaluz, vasco, gallego. Al regresar al lenguaje, regresé al país y al deseo de conocerlo algún día. No sé si mi madre pensó en esta reacción mía. No sé si la buscó al enviarme a un centro español para seguir mis estudios. Quizás inconscientemente trataba de acercarme a la tierra abandonada. Por entonces un profesor de lengua nos dijo un día, después de leer un poema: «Esto es lo único que no pudieron quitarnos, la palabra.»

Conforme a garota estudava e fazia amizades se reencontrava com seu passado na Espanha e cada vez mais o sentimento ao entender e compreender seu país ganha forma em seus pensamentos.

Enquanto a Espanha começava a tomar forma em meus devaneios, a presença real do México continuava a se afirmar em minha experiência diária. O México era a terra maravilhosa que havia mudado minha vida. Era a terra fértil, a variedade exuberante da América; o sol, a poderosa pedra esculpida pelos índios, os vulcões, a prata, o oceano, a águia. O esplendor policromático das igrejas; a cor explosiva das frutas e flores, a cor inventada dos trajes, as fitas, os papéis trançados. O México era o amor profundo pela vida e a aceitação irônica da morte. E era também o que restava da presença da Espanha, a arquitetura e os costumes, mas, acima de tudo, a língua, aquela língua capaz de nos fazer vibrar ao mesmo tempo com a mesma palavra. A língua, minha única, minha verdadeira pátria (ALDECOA, 1994, p. 49, tradução nossa).²⁵⁰

Aos poucos, Juana começa a se ver deslocada, a sentir que não pertence aquele lugar e busca em suas memórias o cheiro, as sensações, sabores, vozes e imagens dos povoados que morou. Para Luquin, “O exílio intensifica a relação sutil entre linguagem e realidade, porque a vida no exílio é, em muitos casos, uma vida de ficção” (LUQUIN, 2012, p. 387, tradução nossa),²⁵¹ por isso, vemos na citação acima a reflexão que a protagonista faz daquele país tão acolhedor, que estava presente em sua vida, no entanto, observar por meio de suas amigas o passado deixado às pressas, começava a fazer falta.

“Então, mexicana?”, perguntou um garoto baixo, com cara de rato, que era particularmente barulhento.

“Não é mexicana, é espanhola”, esclareceu Luis. “Espanhola transplantada acidentalmente para o México, mas espanhola” (ALDECOA, 1994, p. 56, tradução nossa).²⁵²

Assim inicia-se a terceira parte do romance *Mujeres de Negro*, Juana regressa para seu país já nos anos 1950. A política econômica da *Autarquía* já fora extinguida, a Segunda Guerra Mundial já havia acabado, muitos países estavam se recuperando

²⁵⁰ Mientras España empezaba a tomar cuerpo en mis ensoñaciones, la presencia real de México continuaba afirmándose en mi experiencia diaria. México era la tierra maravillosa que había cambiado mi vida. Era la tierra fértil, la exuberante variedad de América; el sol, la piedra poderosa tallada por los indios, los volcanes, la plata, el océano, el águila. El esplendor policromado de las iglesias; el color explosivo de las frutas y las flores, el color inventado de los trajes, las cintas, los papeles trenzados. México era el amor profundo a la vida y la irónica aceptación de la muerte. Y era también lo que quedaba de la presencia de España, la arquitectura y las costumbres pero sobre todo el idioma, ese idioma capaz de hacernos vibrar al mismo tiempo con la misma palabra. El idioma, mi única, mi verdadera patria.

²⁵¹ “El exilio intensifica la sutil relación entre el lenguaje y la realidad, porque la vida en el exilio es, en muchos casos, una vida de ficción”.

²⁵² «Así que mexicana», preguntó un chico bajito, de cara ratonil, que se mostraba especialmente ruidoso. «Mexicana no, española», aclaró Luis. «Española trasplantada accidentalmente a México, pero española.»

socioeconomicamente depois do conflito. O governo espanhol aos poucos começava uma abertura em sua economia para o mercado internacional, assim como planejava e buscava a modernização de suas indústrias. Muitos espanhóis saíam das zonas rurais para fugir da fome e da falta de trabalho, buscando refúgio nas grandes cidades, Madri, Barcelona, Bilbao, Sevilha e outros centros urbanos, já que o governo implantava essa política de desenvolvimento. Essas famílias se instalaram nas periferias dessas cidades e, devido a essa situação de extrema miséria e pobreza, criou-se o estigma da pobreza econômica, social, política e cultural. Com esse crescimento do país, aos poucos durante os anos de 1950, o governo passa a promulgar leis em favor das mulheres, tendo como principal mudança o Código Civil espanhol que colocava por lei o respeito jurídico, e civil das mulheres. Leis foram promulgadas para que as mulheres casadas passassem a trabalhar fora de casa, porém, ainda deveriam ter o aceite de seus maridos por escrito. As mulheres solteiras poderiam pedir emancipação dos pais aos 21 anos de idade, ano que passa a ser considerado a maioridade no país.

A personagem não se dá conta desses feitos da sociedade espanhola durante aquele período. Com ajuda de Octavio, Juana vai morar em pensionato para mulheres na capital espanhola. Dona Lola, a dona do lugar, é descrita como uma mulher conservadora, que perdeu seu irmão republicano, enquanto este esteve no exílio.

Em sua ânsia de me dar um sermão e me proteger, ela me sobrecarregou com argumentos conhecidos: “A polícia está pegando no seu pé? Não. De verdade? Eles só pegam aqueles que são desordeiros”. Em seguida, ela falava sobre um irmão republicano que havia morrido no exílio. “Olhe para o meu irmão. Que necessidade ele teria de entrar no país e colocar o mundo em ordem? E como ele conseguiu acertar as contas com o mundo para ele... Ele partiu com as roupas do corpo, gastou o que ninguém sabe na França, apenas para acabar doente e sem sorte na América” (ALDECOA, 1994, p. 59, tradução nossa).²⁵³

Não só a governanta interroga a garota. Antes de partir, Gabriela aconselha sua filha a não participar de organizações políticas e sociais do país, pois as consequências seriam negativas, podendo até ser banida da Espanha e proibida de retornar. Até então, o grupo de amigos que ela faz parte não está envolvido com a política, mas sim com as questões culturais. Luis e Emilio eram seus amigos mais próximos, sendo Luis amigo do irmão mais

²⁵³ En su afán de aleccionarme y protegerme me abrumaba con argumentos consabidos: «¿Se mete contigo la policía? No, ¿verdad? Sólo se mete con los que son unos revoltosos.» Luego se ponía a hablar de un hermano republicano que había muerto en el exilio. «Mira mi hermano. Qué necesidad tendría él de haberse metido a arreglar el mundo... Y qué bien le arregló el mundo a él... Salió con lo puesto, pasó en esas Francias lo que nadie sabe, para acabar enfermo y sin fortuna en América».

velho de Amelia, sua antiga amiga nos tempos de infância. Ele aos poucos começa a ingressar na militância estudantil, mas Juana até então seguia as ordens de sua mãe, “Cuidado com as pessoas que se aproximam de você. Seja cautelosa. Você está marcada por sua situação. Exilada voluntária, filha de seus pais, tenha cuidado” (ALDECOA, 1994, p. 59, tradução nossa).²⁵⁴

Assim, ela se aproxima de Margarita, uma jovem que preferiu não seguir os passos de suas irmãs, todas casadas, e que demonstra muito bem os anos de apagamento e a completa submissão causada pela ditadura franquista sobre as mulheres, “Sou a caçula e uma espécie de ovelha negra. Ninguém em casa queria que eu estudasse. Minha mãe diz que as meninas que estudam não encontram namorados formais...” (ALDECOA, 1994, p. 60, tradução nossa).²⁵⁵ Essa citação nos mostra como a condição da mulher espanhola volta a ser igual à do início do século XX, a completa submissão das mulheres em seguir sua função de esposa e a maternidade. Observa-se até mesmo um pouco do que foi escrito nos manuais de costumes durante a década de 1920, em que se dizia que os homens temiam as mulheres sábias. Pois bem, Margarita se torna uma influência para Juana, que aos poucos se envolve com Luis e passa a militar contra o regime franquista.

Outro personagem que influencia Juana é o estudante de economia, Sergio. Seu pai era amigo de Octavio, o rapaz era marxista e defendia as lutas contra o franquismo, já sua mãe era conservadora e exercia grande influência no jovem. A protagonista se apaixona por ele e passa a viver um intenso romance, “Meu relacionamento com Sergio estava se encaminhando naturalmente para uma experiência sexual plena. Sozinhos, exaltados pela consciência de nossa liberdade, vivíamos nosso amor com intensidade, desvinculados de qualquer norma hipócrita” (ALDECOA, 1994, p. 78, tradução nossa).²⁵⁶ Para a sociedade conservadora da época, ter relações sexuais antes do casamento era um delito moral, todavia, ainda assim, para o homem era visto como seu instinto natural, suas necessidades saciadas. Já para a mulher, era visto como algo desonroso, fugia dos princípios católicos, tanto que o julgamento da sociedade para essas mulheres era tão explícito, que muitas não conseguiam sair às ruas sem ouvir comentários sobre si. Juana acreditava que tanto dona Lola como sua mãe a puniriam por causa dessa relação com Sergio, mas Gabriela, no terceiro romance, diz que nunca

²⁵⁴ “Cuidado con la gente que se acerque a ti. Desconfía. Tú estás marcada por tu situación. Exiliada voluntaria, hija de tus padres, ten cuidado”.

²⁵⁵ “Yo soy la pequeña y una especie de oveja negra. Nadie en casa quería que estudiara. Mi madre dice que las chicas que estudian no encuentran luego novio formal...”

²⁵⁶ “Mi relación con Sergio había ido derivando de modo natural a una experiencia sexual plena. Solos, exaltados por la conciencia de nuestra libertad, vivimos nuestro amor con intensidad, desvinculados de toda norma hipócrita”.

julgaria sua filha, assim como nunca pensou algo dela, pois mesmo em tempos diferentes ela sabia da condição de ser mulher, pois voltemos a frase que a professora diz quando vai para a Guiné: “um homem é livre”. Após um episódio envolvendo Juana, Sérgio e a mãe dele, que os flagrou no ato sexual, a vida de Juana passa a mudar.

Eu fui a primeira a vê-la. Me afastei violentamente de Sergio e fiquei longe dele. A porta do escritório havia se aberto silenciosamente e ali, na soleira, estava sua mãe, a esposa de Don Lucas, amigo de Octavio.

Sergio ficou sem palavras. Eu permaneci sentada, incapaz de me mover. Ela foi capaz de agir. Nos ameaçou com sua mão enluvada e avançou em nossa direção. Eu esperava um ataque físico, mas ela não nos tocou.

Ela parecia mais alta, maior do que em casa. Usava um terno preto com gola de pele. Seus saltos finos a deixavam mais magra. Era jovem, mas seu rosto contraído envelheceu subitamente. De seus lábios saíram palavras que me atingiram com uma força incomum.

“Era verdade”, gritou ela. “Eu nunca teria esperado isso de você”. A princípio, ela se dirigiu a mim como se não visse seu filho ou como se o considerasse vítima de minha perversão. Depois, falou no plural: “Vocês estão loucos.... Vocês não têm vergonha... Vocês não pensam nas consequências de suas ações. Você é um lixo...” (ALDECOA, 1994, p. 81, tradução nossa).²⁵⁷

Sergio não procura Juana por um tempo e isso faz com que ela desista da militância, assim como desiste de permanecer em seu país. É no final do ano de 1954, que a protagonista, já formada em Letras pela *Universidad de Madrid*, decide deixar a Espanha de vez, pois mesmo com os cinco anos vivendo em sua terra, ela ainda se sentia presa e censurada por causa do conservadorismo instaurado pelo ditador Franco, uma ideologia que não dava abertura para as mulheres em nenhum sentido.

A experiência na Espanha foi proveitosa. Durante alguns anos, estive em contato com meu país, descobri as chaves de uma cultura que, à distância, eu nunca teria entendido completamente. Entrei em contato com jovens que não se resignavam a viver para sempre diminuídos pela ditadura. Eu tentei participar, experimentar a tensão da rebelião com meus companheiros. As pessoas que conheci em diferentes circunstâncias pareciam generosas, resignadas e, ao mesmo tempo, altivas. Pensei em meu pai e na luta que lhe custou a vida. Identifiquei meu pai com a Espanha, com o que eu estava

²⁵⁷ Yo fui la primera en verla. Me desasí violentamente de Sergio y me alejé de él. La puerta del estudio se había abierto sin ruido y allí, en el umbral, estaba su madre, la mujer de don Lucas, el amigo de Octavio.

Sergio se quedó mudo. Yo permanecí sentada, incapaz de moverme. Ella sí fue capaz de actuar. Nos amenazó con la mano enguantada y avanzó hacia nosotros. Yo esperé un ataque físico, pero no nos tocó.

Me pareció más alta, más grande que en su casa. Llevaba un traje negro con el cuello de piel. Sus tacones finísimos la hacían más esbelta. Era joven, pero su rostro crispado había envejecido repentinamente. De sus labios surgieron palabras que me golpearon con fuerza inusitada.

«Era verdad», gritó. «Nunca lo hubiera esperado de ti.» Se dirigió a mí en un principio como si no viera a su hijo o como si le considerara víctima de mi perversión. Luego habló en plural: «Estáis locos... No tenéis vergüenza... No pensáis en las consecuencias de vuestros actos. Sois basura...»

procurando desde que cheguei. A Espanha era a terra de meu pai morto, de minha mãe privada de sua escola e, conseqüentemente, de seu lar; forçada a mendigar trabalho no ambiente hostil de uma cidade pequena e degradada pela maldade de alguns e pelo medo de outros. Mas na Espanha estavam as minhas origens, as minhas raízes afundadas nos túmulos daqueles que me precederam, a Espanha fechada e ainda viva (ALDECOA, 1994, p. 85, tradução nossa).²⁵⁸

A jovem, já com seus 23 anos de idade, não sabe se retorna para o México, “O México fazia parte de minha vida. Eu havia passado metade da minha infância lá, toda a minha adolescência. O México pertencia a mim e eu pertencia ao México” (ALDECOA, 1994, p. 85, tradução nossa),²⁵⁹ ou se escolhia a terceira via, França, que estava livre e se modernizava culturalmente, economicamente e socialmente. Por fim, ela escolhe o México e por lá forma uma família, mas retorna novamente para a Espanha no ano de 1970, antes da morte de Franco. A través de Juana temos esse reconhecimento de uma geração que viveu longe de seu país e sonhava em retornar, o papel dessa personagem como uma testemunha ocular e, ao mesmo tempo, uma filha da guerra. Mostra-nos a importância da permanência da memória no seio familiar, pois foram essas memórias proibidas que fizeram com que a Espanha promulgasse, em 2007, durante o mandato do Primeiro-Ministro José Luís Rodríguez Zapatero, do PSOE, a *Ley 52/2007 de la Memoria Histórica* que, em conjunto com as políticas de memória da Associação para a Recuperação da Memória Histórica (ARMH), lança mão de um discurso de democracia que condena os crimes cometidos durante os períodos da Guerra Civil (1936-1939) e da Ditadura Franquista (1939-1975): “Desde 2000 até à aprovação da lei, foram exumados 973 cadáveres, de acordo com um estudo do médico forense Francisco Etxeberria. Depois da lei e até 2011 — ano em que o Governo de Mariano Rajoy alterou a lei e começou a reduzir o seu financiamento —, o número subiu para 4.768”.²⁶⁰

²⁵⁸ La experiencia española había sido fecunda. Durante unos años había estado en contacto con mi país, había descubierto claves de una cultura que, a distancia, nunca hubiera comprendido del todo. Me había acercado a jóvenes que no se resignaban a vivir para siempre disminuidos por la dictadura. Había tratado de participar, de vivir con mis compañeros la tensión de la rebeldía. La gente que había ido conociendo en distintas circunstancias me parecía generosa, resignada y, a la vez, altiva. Pensaba en mi padre y en la lucha que le costó la vida. Identificaba a mi padre con España, con lo que yo andaba buscando desde que llegué. España era la tierra de mi padre muerto, de mi madre despojada de su escuela y en consecuencia de su hogar; obligada a mendigar trabajo en el ambiente hostil de una ciudad pequeña y envilecida por la mezquindad de unos y el miedo de otros. Pero en España estaban mis orígenes, las raíces de los míos hundidas en las tumbas de los que me precedieron, España clausurada y sin embargo viva.

²⁵⁹ “México era parte de mi vida. Allí había quedado la mitad de mi infancia, toda mi adolescencia. México me pertenecía y yo pertenecía a México”.

²⁶⁰ DIAS, João de Almeida. 80 anos depois, os espanhóis não esquecem a guerra civil. Observador, 2016. Disponível em: <http://www.observador.pt/especiais/80-anos-depois-os-espanhois-nao-esquecem-a-guerra-civil/> Acesso em: 20 dez. 2020.

Em seu último romance, *La fuerza del destino*, a história transcorre após a morte de Franco, quando a Espanha passa pela Transição Democrática, e Gabriela volta a nos contar sobre a sua vida, já de volta a sua pátria, até então desconhecida por ela.

Para mim, a guerra terminou naquele dia de novembro, quando minha filha ligou. Eu estava na Fazenda. Juana ligou. Fiquei mais surpresa do que nunca ao ouvi-la, tão longe e tão claramente. Nós havíamos nos falado apenas alguns dias antes, então fiquei ainda mais chocada. Mamãe, disse ela. Franco acabou de morrer. Faça suas malas. Estamos esperando por você... (ALDECOA, 2013, p. 7, tradução nossa).²⁶¹

Gabriela se questiona na primeira parte do romance diversas vezes se deveria ter voltado para essa nova Espanha que ela não conhecia mais.

Com a insegurança de um exilado, muitas vezes me pergunto: onde está o núcleo da minha vida: nos trinta e oito anos na Espanha ou nos trinta e três no México? Pertencço a este ou àquele lugar? Devo estar passando por um dos dois lugares, mas ainda não consegui descobrir qual deles. O espaço que ocupei no México, a lacuna que preenchi naturalmente, se fechou em si mesma. Tudo voltou a ser como era antes de eu aparecer em cena. E, ao voltar para cá, a lacuna que deixei ao sair também desapareceu. Os limites que davam forma ao meu corpo, à minha presença, foram apagados. E o vazio de mim se diluiu no vazio geral. Voltei para um país irreal. Por que voltei? Nenhuma das experiências que vivi tem nada a ver com o que vivo agora. Aqueles vilarejos, aquelas escolas, a República, a Revolução de Outubro e a guerra civil desapareceram. A história seguiu seu curso e trinta e tantos anos mudaram a face desta terra (ALDECOA, 2013, p. 59, tradução nossa).²⁶²

Além desse questionamento feito pela protagonista, Aldecoa apresenta em sua trilogia o encontro de gerações, com Gabriela, sua filha e seu neto; três gerações que viveram períodos diferentes da história espanhola: Gabriela, a ditadura de Primo de Rivera, a Segunda República, a Guerra Civil; Juana, nasce na Segunda República, mas seu entendimento passa a ser durante a Guerra Civil, vive o exílio, o regresso e a Transição Democrática e por último, Miguel, neto de Gabriela, o jovem de pai mexicano que gosta de conhecer os países do mundo, vê seu país voltar a ser democrático, assim como vê a efervescência da cultura

²⁶¹ Para mí acabó la guerra aquel día de noviembre en que llamó mi hija. Yo estaba en la Hacienda. Llamó Juana. Me sobresaltó como siempre oírta, tan lejos y con tanta claridad. Habíamos hablado hacía pocos días, por eso me chocó más. Mamá, me dijo. Franco acaba de morir. Haz las maletas. Te esperamos...

²⁶² Con la inseguridad del exiliado me pregunto con frecuencia: ¿Dónde está el núcleo de mi vida? ¿En los treinta y ocho años de España o en los treinta y tres de México? ¿Pertenezco a aquí o a allí? En uno de los dos sitios debo de estar de paso, pero no he logrado averiguar en cuál de los dos. El espacio que yo ocupaba en México, el hueco que yo llenaba de modo natural, se ha cerrado sobre sí mismo. Todo ha vuelto a quedar como antes de aparecer yo en escena. Y, al regresar aquí, el hueco que dejé al irme también se ha desvanecido. Se han borrado los límites que daban forma a mi cuerpo, a mi presencia. Y el vacío de mí se ha diluido en el vacío general. He regresado a un país irreal. ¿Por qué he vuelto? Ni una sola de las experiencias que viví tiene que ver con lo que ahora vivo. Aquellos pueblos, aquellas escuelas, la República, la revolución de octubre, la guerra civil, han desaparecido. La historia ha seguido su curso y treinta y tantos años han cambiado la faz de esta tierra”.

madrilena com o movimento *La Movida Madrileña*.²⁶³ Juana, após seu retorno para o México, conhece Alejandro, indigenista por quem se apaixona, com quem se casa, e com quem tem Miguel e depois se separa, com sua volta à Espanha, ela se reencontra com Sergio e os dois voltam a se relacionar e se casam no fim. Quando Gabriela volta à Espanha, ela é vista por sua filha e seu genro como a voz da sabedoria. Said comenta sobre essa condição do exilado quando regressa depois de anos a seu país: “É mais comum a pressão sobre o exilado para entrar – em partidos, movimentos nacionais ou no Estado. O exilado recebe a oferta de um novo conjunto de aflições e estabelece novas lealdades” (SAID, 2003, p. 57). Essa condição é demonstrada claramente por Juana, que está à frente das informações sobre o período da Transição.

Eles, Juana e seu marido, têm de participar de tudo o que acontece. Eles precisam estar informados, atentos, esperar a ocasião para agir, receber e interpretar slogans, aceitá-los, rejeitá-los, discutir... Mamãe, estamos no centro dessa grande mudança histórica. Temos que colaborar. É muito fácil criticar sem fazer nada. Temos que nos envolver (ALDECOA, 2013, p. 8, tradução nossa).²⁶⁴

Por fim, Aldecoa escreve sobre o exílio e o sentimento de alguém que se viu obrigado a sair de seu país, sem ao menos ser uma escritora exilada, já que passou boa parte de sua vida na Espanha, tanto nos anos do conflito armado, como na ditadura franquista. “Grande parte do interesse contemporâneo pelo exílio pode ser remontado à noção um tanto descorada de que os não exilados podem partilhar dos benefícios do exílio como um motivo redentor” (SAID, 2003, p. 56.). Sobre essa redenção que Said comenta, Aldecoa expressa que, para ela, ter escrito esses três romances foi de certa forma uma análise do contexto histórico, contando a história de uma personagem anônima na ficção, mas que corrobora com o contexto vivido pela sociedade espanhola. Acontecimentos que foram narrados e criados a partir de relatos que Josefina Aldecoa pôde conhecer e pôde vivenciar.

²⁶³ Movimento de contracultura em que se pautava ideais de rebeldia e liberação na estética artísticas e na moda. Surgiu durante o ano de 1975 após a morte do ditador Franco, os jovens passaram a viver uma liberdade sexual e artística, onde a homossexualidade, o sexo e as drogas deixam de ser tabu. O movimento teve destaque na música com bandas de variados estilos, exemplos como, Radio Futura, Mecano, Hombres G, Duncan Dhu, Gabinete Caligari. Com a pintura e ilustração de estilo de arte urbana, nomes conhecidos como, o pintor e ilustrador Carlos Sánchez Pérez, o Ceesepe, e o pintor José Alfonso Morera Ortiz, conhecido como *El Hortelano*. E no cinema com o premiado cineasta Pedro Almodóvar. VARGAS, Sofia. *La Movida Madrileña: el movimiento contracultural que liberó a la juventud española*. 22 mar. 2021. Historia. Disponível em: <<https://mymodernmet.com/es/movida-madrilena/>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

²⁶⁴ Ellos, Juana y su marido, tienen que tomar parte en todo lo que sucede. Tienen que estar informados, atentos, esperar la ocasión para actuar, recibir e interpretar consignas, aceptarlas, rechazarlas, argumentar... Mamá, estamos en el corazón de este gran cambio histórico. Tenemos que colaborar. Es muy fácil criticar sin hacer nada. Hay que comprometerse.

2.5. O EXÍLIO INTERNO DE JOSEFINA ALDECOA

Como mencionado antes, Josefina Aldecoa passou sua infância, adolescência e sua vida adulta na Espanha. Em seu livro autobiográfico, *En la distancia*, lançado em 2004, Aldecoa relata momentos de sua vida que a marcaram profundamente. Há relatos de como suas viagens para fora da Espanha a faziam se sentir mais livre.

Ibiza era branca, verde e azul. “Havia um brilho de porcelana na cal das fachadas”, escreveu Ignacio mais tarde. “As casas brancas, o verde dos zimbros, as alfarrobeiras, e as amendoeiras. O cinza argentino das oliveiras. O azul radiante do céu e do mar”. Ibiza era outro mundo, não podia ser a Espanha, a Espanha do planalto de onde viemos. Ibiza era alegria, liberdade, juventude e estética. Ibiza era “o estrangeiro”, aquela palavra mágica que nos anos 50 soava como paraíso. Pela segunda vez em minha vida, a primeira foi em Paris, eu me senti como uma cidadã do mundo, de um mundo ao qual ainda não tínhamos chegado oficialmente (ALDECOA, 2004, p. 52-53, tradução nossa).²⁶⁵

Maria José de Queiroz, em seu livro *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*, apresenta um ponto importante sobre a relação dos poetas romanos ao se sentirem melhor e mais inspirados em cantar e recitar em outros lugares do que em sua própria pátria.

As viagens que demandam as terras vizinhas já se estimam como exílio. E há quem declare, nos venturosos tempos de paz de Augusto, quando as ilhas gregas e a Ásia Menor faziam sonhar os poetas, que bem melhor era cantar, em Roma, as belezas de Quinos, Samos e Rodes do que se submeter aos dissabores da vida fora de casa (QUEIROZ, 1998, p. 58).

A primeira viagem de Aldecoa foi a Londres, onde ficou por cinco meses para aprimorar seu inglês. Em suas outras viagens (França, Estados Unidos e Polônia), ela transmite o mesmo sentimento de liberdade que sentia fora de seu país, porém sempre que retornava para a Espanha ela sentia uma atmosfera de prisão intelectual e pessoal.

A bandeira do partido comunista hasteada em um prédio, as livrarias exibindo títulos tentadores, os casais se beijando sob um poste de luz à beira do Sena, tudo isso me causou um choque de cortar o coração. A liberdade estava lá. Ela existia. Era a liberdade sonhada, idealizada, angustiantemente ausente em nossa adolescência e início da juventude. Eu estava tocando o paraíso (ALDECOA, 2004, p. 26, tradução nossa).²⁶⁶

²⁶⁵ Ibiza era blanca y verde y azul. «Había un resplandor de porcelana en la cal de las fachadas», escribió Ignacio más tarde. «Las casas blancas, el verdor de las sabinas, los algarrobos, los almendros. El gris argentino de los olivos. El azul radiante del cielo y el mar». Ibiza era otro mundo, no podía ser España, la España mesetera de la que procedíamos. Ibiza era la alegría, la libertad, la juventud, la estética. Ibiza era «el extranjero», esa palabra mágica que en los años cincuenta sonaba a paraíso. Por segunda vez en mi vida, la primera fue en París, me sentí ciudadana del mundo, de un mundo al que todavía no habíamos llegado oficialmente.

²⁶⁶ La bandera del partido comunista que ondeaba en un edificio, las librerías que exhibían títulos tentadores, las parejas que se besaban bajo una farola junto al Sena, todo me producía una conmoción acongojante. La libertad

Em Londres, a autora teve contato com as duas representações da Espanha, a oficial, franquista, e a republicana. Ela explica que, como havia poucos espanhóis com o passaporte em Londres, o *Instituto de España* (Espanha oficial) a convidava para eventos e algumas festas, assim como o *Instituto Español* (Espanha Republicana), onde também participou de eventos e pôde conhecer muitos exilados que residiam em Londres.

Eu tinha alguns conhecidos na cidade, exilados para os quais eu havia recebido cartões de amigos em Madri, como, por exemplo, o folclorista Eduardo Torner, que morava em Londres com sua família. Ou Francisco Mateos, um pintor. No Instituto Espanhol, conheci vários radialistas da BBC que me convidaram para visitar o Palácio de Cristal, onde trabalhavam em programas de rádio para a Espanha (ALDECOA, 2004, p. 29-30, tradução nossa).²⁶⁷

Durante seu casamento com o também escritor Ignacio Aldecoa, ambos gostavam de viajar, seja de férias com os amigos, ou a trabalho. Em uma dessas viagens em que Aldecoa acompanhava seu marido, foram para a Polônia, onde o livro *Con el viento solano* fora traduzido para o polonês. O casal teve que burlar a burocracia de visto de seu país para chegar à Polônia, pois a Espanha proibiu que seus cidadãos fossem para países da antiga URSS. Com vistos para a França e a Alemanha Ocidental, os Aldecoa conseguem chegar ao seu destino final. Um dos lugares que o casal mais amava passar seu tempo era em Ibiza; mesmo sendo território espanhol, para ela, a ilha era considerada um território alegre e de liberdade. Antes da viagem que fariam para os Estados Unidos, por causa de uma bolsa de estudos que os dois ganharam, passaram em 1958 uma longa estadia na ilha. Ao regressar para Madri, onde residiam, o humor do casal mudava. Devido à intensa censura e repressão intelectual que o país sofria por causa do franquismo, Josefina Aldecoa se sentia deprimida toda vez que retornava para a sua residência.

O retorno a Madri após o longo verão - julho, agosto e setembro - foi deprimente. Estávamos voltando de um mundo aberto, luminoso e caloroso. Um mundo de estrangeiros e emigrantes espanhóis em busca do Éden. E encontramos a mesma realidade que havíamos deixado para trás: repressão intelectual, censura, notícias vindas de estações de rádio estrangeiras. E sempre a mesma mensagem repetida várias vezes: Espanha, o melhor dos mundos, a salvação do Ocidente, o castigo dos infiéis. Estávamos voltando

estaba allí. Existía. Era la libertad soñada, idealizada, angustiosamente ausente en nuestra adolescencia y nuestra primera juventud. Estaba tocando el paraíso.

²⁶⁷ Tenía algunos conocidos en la ciudad, exiliados para los cuales me habían dado tarjetas amigos de Madrid, como, por ejemplo, el folclorista Eduardo Torner, que vivía en Londres con su familia. O Francisco Mateos, pintor. En el Instituto Español conocí a varios locutores de la BBC que me invitaron a visitar el Cristal Palace, donde trabajaban en los programas de radio para España.

de um mundo feliz, jovem e frívolo, de um mar civilizado, o "nosso mar", que compartilhávamos com a França, com a Itália, com a Grécia. O mar que os europeus do norte, os americanos rebeldes, estavam olhando. Foi difícil recuperar o ritmo esquecido da capital de uma Espanha áspera, cinzenta e sonolenta. As regras, as chaves, as dificuldades, os avisos permanentes sobre o que era permitido e o que não era permitido, o que era bom e o que era ruim. De Madri, a Europa continuava sendo um lugar inalcançável (ALDECOA, 2004, p. 54, tradução nossa).²⁶⁸

Durante a sua temporada nos Estados Unidos, um período curto de um ano, o casal Aldecoa pôde conhecer muitos outros exilados espanhóis que viviam por lá, dentre eles o famoso pintor Salvador Dalí e sua esposa. Esse encontro de gerações, entre o casal exilado e o casal que vivia naquela Espanha de forte censura e repressão, representava a cultura perdida, a cultura que eles só conheciam através de livros proibidos, de diálogos e longas conversas escondidas do forte olhar repressor, “todos cordiais, cativantes e comoventes para nós, porque representavam o que sempre desejamos, a cultura perdida, o mundo desconhecido e mitificado dos espanhóis no exílio” (ALDECOA, 2004, p. 58, tradução nossa).²⁶⁹ Nessa viagem, o casal também conheceu o escritor Francisco Ayala, que após a queda da Segunda República se exilara primeiramente em Buenos Aires. Josefina Aldecoa, durante seu período de estudos na universidade, teve contato com as obras de Francisco Ayala e de outros escritores que eram proibidos na Espanha franquista. Tais obras entravam no país de forma clandestina, adquiridas através de amigos e de seus familiares que estavam no exílio.

Mas tivemos a grande sorte de conhecer Francisco Ayala, que nos convidou para ir à sua casa mais de uma vez e se mostrou o homem brilhante e generoso e o escritor autêntico que havíamos imaginado por seus livros. Encontrá-lo novamente em Madri, em seu retorno depois de tantos anos, foi para mim uma grande alegria e uma profunda nostalgia de Nova York (ALDECOA, 2004, p. 59, tradução nossa).²⁷⁰

²⁶⁸ El regreso a Madrid después del largo verano – julio, agosto y septiembre – era deprimente. Volvíamos de un mundo abierto, luminoso, cálido. Un mundo de extranjeros y españoles emigrados en busca del Edén. Y encontrábamos la misma realidad que habíamos abandonado: la represión intelectual, la censura, las noticias que llegaban de las radios extranjeras. Y siempre el mismo mensaje machaconamente repetido: España, el mejor de los mundos, la salvación de Occidente, el castigo de infieles. Volvíamos de un mundo feliz, joven y frívolo, de un mar civilizado, el «mar nuestro», que compartíamos con Francia, con Italia, con Grecia. El mar al que se asomaban los europeos del norte, los americanos rebeldes. Era difícil recuperar el ritmo olvidado de la capital de una España áspera, gris y somnolienta. Las normas, las claves, las dificultades, las permanentes advertencias sobre lo permitido y lo no permitido, lo bueno y lo malo. Desde Madrid, Europa seguía siendo un lugar inalcanzable.

²⁶⁹ “todos cordiales, entrañables, emocionantes para nosotros porque representaban lo que siempre habíamos añorado, la cultura perdida, el mundo desconocido y mitificado de los españoles en el exilio”.

²⁷⁰ Pero tuvimos la gran suerte de conocer a Francisco Ayala, que nos invitó a su casa más de una vez y se nos mostró como el hombre brillante y generoso y el escritor auténtico que habíamos adivinado en sus libros. Reencontrarlo en Madrid, a su regreso al cabo de tantos años, significó para mí una gran alegría y una profunda nostalgia neoyorquina.

Em um episódio traumático de sua vida, ela relata que seu marido havia recebido um convite para participar de um encontro de exilados espanhóis em Munique, na Alemanha, o *IV Congreso del Movimiento Europeo*, em 1962. Esse congresso tinha o propósito de promover o contato dos exilados com aqueles que continuavam morando na Espanha, a fim de retornar a uma convivência pacífica e democrática entre todos. Ignacio Aldecoa participou como observador, porém ao regressar para a Espanha ele foi preso pela polícia para prestar esclarecimentos sobre o congresso. O governo acusou os participantes de traição, e os apoiadores do regime franquista queriam que os organizadores sofressem repressão por parte do governo espanhol. Josefina relata que seu marido teve de prestar mais esclarecimentos sobre sua participação, de forma que o casal recebeu muitas ameaças de morte e vários insultos.

Com a morte de Ignacio Aldecoa, em 1969, a escritora decide adotar o sobrenome do marido. Dois anos mais tarde, em um novo convite para viver nos Estados Unidos, para lecionar na Universidade de Bloomington, decide aproveitar essa oportunidade. Ela considera esse período como “exílio dourado”.

Nada poderia ter sido mais reconfortante para Susana e eu do que aqueles meses de exílio dourado, longe e momentaneamente separados do que havia sido nossa vida durante o último ano em Madri, onde a memória viva e dilacerante de Ignacio nos assombrava a todo momento. Os quatro meses em Bloomington foram um remédio temporário, mas ajudaram a nos acalmar, a nos distrair e a seguir em frente (ALDECOA, 2004, p. 89, tradução nossa).²⁷¹

Sua volta para a Espanha agora era mais desoladora, pois além de retornar para aquela Espanha “cinza”, ela retornava com a dor de não ter mais seu marido presente em sua vida. “O retorno, como esperado, foi desolador. Nossa casa em *Blasco de Garay* ainda estava lá, vazia, desabitada, angustiada” (ALDECOA, 2004, p. 85, tradução nossa).²⁷² Esse regresso é marcado em sua vida pelo apego ao seu trabalho de pedagoga no *Colegio Estilo*, fundado por ela e por sua irmã, que tinha como base fundamental o sistema da *ILE*. Como Josefina Aldecoa não era tão reconhecida por suas obras literárias como o seu marido, ela decide ficar dez anos sem escrever nada. No entanto, edita e escreve o prefácio do livro *Cuentos Completos* com a seleção dos melhores contos de seu marido, publicado em 1980. Nesse período também lança o livro *Los niños de la guerra* (1983), em que organiza contos de seus

²⁷¹ Nada hubiera podido ser más reconfortante para Susana y para mí que aquellos meses de exilio dorado, lejos y momentáneamente separadas de lo que había sido nuestra vida en el último año en Madrid, donde el recuerdo vivo y lacerante de Ignacio nos acechaba a cada momento. Los cuatro meses de Bloomington fueron una medicina pasajera, pero que contribuyó a serenarnos, a distraernos, a ayudarnos a seguir adelante.

²⁷² “El regreso, como era de esperar, fue desolador. Nuestra casa en Blasco de Garay seguía allí, vacía, deshabitada, angustiada”.

amigos que viveram sua infância durante o período da Guerra Civil Espanhola. Sobre a morte de Franco, em 1975, ela comenta que foi um final de capítulo, contudo, “tarde demais para aqueles que eram crianças em 1936” (ALDECOA, 2004, p. 91, tradução nossa).²⁷³ Durante a Transição Democrática, a partir de 1975, a saída que os políticos espanhóis encontraram foi também a de esquecer o passado, uma vez que a Guerra Civil havia sido inevitável (na visão dos falangistas, dos franquistas e dos monarquistas, que não aceitavam o governo republicano sendo comandado pelos socialistas espanhóis) naquele momento conturbado em que o mundo se encontrava, por isso a Espanha deveria recomeçar do zero. Porém, muitos não queriam esquecer, queriam, na verdade, se lembrar daqueles tempos que foram apagados da história. Essas recordações já estavam presentes na literatura, nas artes e no cinema. Portanto, a necessidade de recordar era de extrema importância naquele momento, para, assim, questionar a memória oficial do país, fazendo com que as gerações mais novas tivessem conhecimento do passado.

Não podemos fazer um pacto com o esquecimento. Devemos recuperar a memória do que vivemos para deixar um testemunho para aqueles que virão depois de nós da verdadeira, profunda e humana história da Espanha. Aquela história que não é mostrada nos livros didáticos de História com letras maiúsculas. A pequena história do povo, do que o povo sentiu, viveu e sofreu naqueles anos inesquecíveis (ALDECOA, 2004, p. 112, tradução nossa).²⁷⁴

Sob essa afirmação de Josefina Aldecoa, das lembranças de sua infância, dos relatos que sua mãe fazia no tempo que fora professora durante a Segunda República, a autora começa a escrever sobre as dificuldades de uma jovem professora recém-formada, seus anseios e desejos em lecionar em uma Espanha que vivia nos anos 1920 um período de dificuldades em relação à educação, terminando com o início do conflito que ficaria marcado na história espanhola. Assim como decide continuar contando a história dessas protagonistas, em que suas vidas se mesclam com a de tantas outras espanholas e espanhóis que tiveram que fugir para o exílio e regressar em um novo país, diferente daquele que haviam deixado há quase quarenta anos. A Trilogia da Memória se encerra com a morte de Gabriela, que aos poucos começa a confundir o passado com o presente, a realidade com sonhos.

²⁷³ “demasiado tarde para los que éramos niños en 1936”.

²⁷⁴ No se puede pactar con el olvido. Hay que recuperar la memoria de lo que hemos vivido para dejar testimonio a los que vienen después, de la verdadera, profunda, humana historia de España. Esa historia que no se ve en los libros de texto de la Historia con mayúsculas. La historia pequeña de la gente, de lo que la gente sentía y vivía y sufría en aquellos años inolvidables.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar, através dos fatos históricos e da recuperação da memória familiar da autora, os romances *Historia de una maestra* (1990), *Mujeres de negro* (1994) e *La fuerza del destino* (1997), buscando identificar por meio do ponto de vista das personagens femininas, principalmente da protagonista do primeiro romance, a imagem da luta pela libertação das mulheres espanholas em um contexto de intensas transformações de país. Juntamente com os pontos traumáticos que compõem a vida das protagonistas, o sentimento de desterro, a vontade de pertencer a uma nação e a recuperação de um passado até então esquecido.

Em um primeiro momento, a pesquisa se concentraria nos estudos da memória relacionada aos fatos históricos, todavia, a complexidade do processo de construção da personagem Gabriela, que sonha em levar a educação para todos os lugares esquecidos da Espanha e que parte para um país do continente africano a fim de colocar seu sonho em prática em uma nação que vivia controlada pela metrópole europeia, me levou a outros temas. Nesse sentido, foi necessário aprofundar um pouco a análise psicanalítica acerca do casamento, da maternidade, da velhice e da culpa sentida pela personagem Gabriela por não colaborar ativamente na militância durante o ano de 1934, sentimento que ela supera ao longo da Guerra Civil e, principalmente, no período do exílio, quando ela ajuda famílias que chegam ao México.

Trabalhar com a *Trilogia da memória*, de Josefina Aldecoa, me permitiu refletir sobre temas que até hoje se fazem presentes na sociedade espanhola, pois desde que se instituiu a *Ley de la memoria histórica*,²⁷⁵ associações e famílias têm conseguido recuperar os restos mortais de seus entes queridos. Dessa forma, os descendentes das vítimas buscam contar suas histórias para que assim saiam do anonimato e do esquecimento e, finalmente, possam ter um enterro digno. Juntam-se a esse processo de recuperação do passado traumático escritores, escritoras e artistas que produzem romances, obras teatrais, filmes e documentários não ficcionais e tantas outras produções artísticas que colaboram para a inserção dessas memórias nos espaços públicos e culturais da sociedade espanhola atual.

Os romances de Josefina Aldecoa se mostram como um documento testemunhal capaz de suscitar uma reflexão histórica, através da representação de fatos que até então eram pouco conhecidos pela sociedade. Desta maneira, destaca-se a importância dessas memórias

²⁷⁵ Aprovada em 2007 pelo Parlamento espanhol, essa lei reconhece e estabelece medidas em favor dos que padeceram pela violência durante a Guerra Civil e o franquismo.

preservadas pela família da autora, pois foi graças ao relato de sua mãe e também de suas recordações que tivemos o conhecimento das transformações que estavam acontecendo ao longo dos anos, desde a perda nas urnas do partido monárquico, a proclamação da Segunda República e as consequências de eventos que desencadearam o começo da Guerra Civil. Da mesma forma, através do relato das circunstâncias da vida da própria autora no pós-guerra civil, pude compreender o processo de dominação ideológica do governo de Franco, seu sentimento de enclausuramento e o desejo de liberdade expresso na necessidade de conhecer novas nações, assim como sua amizade com diferentes espanhóis exilados, desde os mais conhecidos até os mais anônimos. Aldecoa consegue, ainda, expor em seus romances os sentimentos de muitos integrantes de sua geração que sonhava em retornar para o seu país, após um longo exílio.

Soma-se a tudo isso, a pesquisa histórica realizada sobre as questões de gênero, tema em que o passado ainda se faz presente. Foi possível perceber que sempre fomos julgadas em todos os sentidos, desde a nossa percepção intelectual até a nossa honra. Além disso, o estudo da luta das mulheres em diferentes movimentos feministas, seja na primeira onda pelo sufrágio feminino, seja na segunda onda pela liberdade sexual, ajudou-me a compreender o pensamento da sociedade patriarcal que teme a libertação por completo das mulheres.

No processo da pesquisa sobre o contexto espanhol, em que conheci as leis que foram decretadas no período republicano em favor da melhoria socioeconômica e da cidadania das mulheres, me surpreendeu como todas essas medidas foram extintas ao longo da ditadura fascista do general Francisco Franco. Do mesmo modo, durante a pesquisa, deparei-me com manuais de costumes feitos para as mulheres conviverem em sociedade no século XX, muitos dos quais foram modernizados e atualizados nos dias atuais. Por mais que a República trouxesse a modernização da educação, assim como no âmbito político, na reforma agrária, no trabalho nas fábricas e em medidas contra a Igreja Católica, devemos criticá-la por não ter feito mudanças profundas com respeito às reivindicações de todas as mulheres, o que colaborou para o rápido retrocesso das conquistas a partir da vitória dos franquistas no ano de 1939, e para a conduta de muitas mulheres que oprimiam, através da moral católica e do pensamento fascista, outras tantas mulheres.

Também foi possível ver como a mão amiga da nação mexicana acolheu os republicanos espanhóis, porém, ao mesmo tempo, percebe-se que os mesmos preceitos de submissão da mulher na sociedade patriarcal estavam presentes no país hispânico. O olhar de uma personagem, jovem e exilada que traz o trauma da Guerra começa a se deparar com a nostalgia da sua terra. Com a volta para a Espanha nos anos 1950, encontra um país marcado

pelo medo e pela censura, mas, ao mesmo tempo, encontra um novo grupo de jovens artistas buscando retratar a vida cotidiana daquele povo e, aos poucos, mostrar na literatura o passado esquecido. O regresso de Gabriela depois de quase quarenta anos para seu país e não encontrá-lo da mesma forma que o deixou, nos faz refletir sobre o exílio, em como ele pode ser bom por um lado, mas por outro, o sentimento de não pertencimento pode causar diferentes sensações para quem o viveu.

Particularmente, escrever esta pesquisa foi difícil, visto que o processo no qual me encontrava me levou a me questionar diversas vezes se deveria continuar a entender os fatos históricos, os pontos de vistas das personagens e a luta das mulheres. Entretanto, esta pesquisa também me salvou ao entender que hoje devemos mostrar sim a luta do passado, pois a nossa sociedade, nesse aspecto, não mudou, somos o país que a cada dia uma mulher é estuprada, dados do censo de 2020 realizado pelo IBGE em 2022 e 2023, mostra que são cometidos em média 205 estupros por dia. Os casos de feminicídio aumentaram nos últimos anos, por mais que a pesquisa tenha sido sobre a Espanha, a luta das mulheres é mundial. Enquanto o primeiro país a declarar o sufrágio feminino, em 1893, foi a Nova Zelândia, até o ano de 2011, na Arábia Saudita, as mulheres não podiam votar, a Guiné Equatorial ainda não tem leis de proteção às mulheres em caso de estupro, além de outros tantos países que estão retrocedendo nos direitos já garantidos.

A pesquisa foi importante, no contexto atual, pois a luta das mulheres é diária. Lutamos contra o retrocesso, contra o patriarcado e o machismo. Sendo assim, defendo que cada vez mais haja pesquisas que envolvam a literatura com a história e que se firme o papel da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKELSBERG, Martha A. *Mulheres Livres: a luta pela emancipação feminina e a Guerra Civil Espanhola*. Trad. Júlia Rabahie. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- ALDECOA, Josefina. *Historia de una maestra*. 17 ed. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2015.
- ALDECOA, Josefina. *Mujeres de negro*. Barcelona: Anagrama, 1994.
- ALDECOA, Josefina. *La fuerza del destino*. ed: Epublibre, 2013. (PDF).
- ALDECOA, Josefina. *En la distancia*. ed. Epublibre, 2014. (PDF).
- ALMEIDA, Talita Oliveira. *O Exílio e o regresso em Mujeres de Negro e La fuerza del destino: O resgate da memória espanhola através das obras de Josefina Aldecoa*. 2012, p. 45. In: JAECKEL, Volker; POENARU, Lara; ALMEIDA, Marina; BITENCOURT, Viviane. (Org). *Literatura do Exílio*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2021.
- ARESTI ESTEBAN, Nerea. *El ángel del hogar y sus demonios: Ciencia, religión y género en la España del siglo XIX*. 2000.
- BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALLARÍN DOMINGO, Pilar. *La educación de las mujeres en la España contemporánea (siglos XIX-XX)*. Editorial Síntesis, 2010.
- BALLARÍN DOMINGO, Pilar. *La educación de la mujer española en el siglo XIX*. In: *Historia de la educación*. 1989, Vol. 8. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10366/79490>> Acesso em: 22 ago. 2018.
- BEEVOR, Antony. *La Guerra Civil Española*. Trad. Gonzalo Pontón Gómez. Barcelona: Ocio Ltd., 2005.
- BEEVOR, Antony. *A Batalha pela Espanha*. Trad. Maria Beatriz de Medina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA DE JERUSALÉM. Provérbios. Liturgia das horas online. Disponível em: <<https://liturgiadas horas.online/biblia/biblia-jerusalem/proverbiorum/31-2/>>. Acesso em 16 jan. 2024.
- BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA. HEMEROTECA DIGITAL. *Bandeira Social*. Colección Anarquismo. Periódicos. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bne.es/hd/card?oid=0004928038>>. Acesso em 31 mar 2023.
- BORREGO, Lucía Prieto. *El desafío a la escasez: Estrategias de supervivencia de las mujeres en la posguerra*. In: ah: ANDALUCIA en la Historia: Centro de Estudios Andaluces.

Heroínas invisibles, mujeres entre la represión y la resistencia. Sevilla, volumen 25, Año VII, p. (30-35), julho de 2009. Disponível em: <<https://www.centrodeestudiosandaluces.es/publicaciones/cat/revista-andalucia-en-la-historia>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

BRASIL TEM CERCA DE 822 MIL CASOS DE ESTUPRO A CADA ANO, DOIS POR MINUTO. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>>. Acesso em: 30 out. 2023.

BURGOS, Carmen de. *El arte de la elegancia*. Valencia: F. Sempere y Compañía, Editores, 1918. Disponível em: <<https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1066652>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BURGOS, Carmen de. *El arte de ser amada*. Valencia: Prometeo, [año de publicación no identificado]. Disponível em: <<https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1066616>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BUSTILLO, Josefina Cuesta. *Las Capas De La Memoria*. Contemporaneidad, Sucesión y Transmisión Generacionales En España (1931-2006). Separata: Nº 7, 2007. (PDF). Disponível em: <<http://hispanianova.rediris.es/>> Acesso em 01 nov. 2018.

CABALLERO, Vicente García. *La Educación en la España de Finales Del Siglo XIX*. Iberian. Revista digital de Historia. Nº 7.1 Especial II Aniversario ISSN 2174-5633. 2013.

CAIMI, Claudia. *Literatura e história: a mimese como mediação*. ITINERÁRIOS–Revista de Literatura, 2004.

CANO, José Luis. *Una aventura española: la generación de 1927*. Boletín Aepe, v. 15, p. 23-31, 1976.

CASTELLANOS, Rosario. *La mujer que sabe latín...* México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

CHIAPPINI, Ligia. *Literatura e História*. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. Literatura e sociedade, v. 5, n. 5, p. 18-28, 2000.

CLÍNICA GINECOLÓGICA GINELEVEL. *Ley del aborto*. Alicante. Abortar. Disponível em: <<https://www.ginelevel.es/abortar-en-alicante/ley-del-aborto>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. *Análise psicológica*, v. 16, n. 3, p. 365-371, 1998.

CORDERO, Francisco Javier Rodillo. *Educación Popular en la 2ª República: Las Misiones Pedagógicas en Extremadura 1932-1936*. España. Createspace Independent. 2015.

CYTRNOWICZ, Roney. *O silêncio do sobrevivente: Diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto*. In: SELIGMANN-SILVA (Org). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

DE OLIVEIRA COELHO, Christian Victor et al. *Memória, escrita e exílio em Bartolomeu Campos de Queirós*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022, p. 95. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/48227>>. Acesso em: 04 ago. 2023.

DE SOUZA, Sandra Duarte. *Religião e silenciamento do sofrimento: reflexões sobre morte e vida de mulheres em situação de violência*. Estudos de religião, v. 34, n. 3, p. 337-351, 2020.

DELGADO, Miguel Á. *Ley Moyano, cuando España apostó por su educación*. El Español. Disponível em: <https://www.elespanol.com/cultura/historia/20170303/197980510_0.html>. Acessado em 20 mar. 2023.

DIAS, João de Almeida. *80 anos depois, os espanhóis não esquecem a guerra civil*. Observador, 2016. Disponível em: <http://www.observador.pt/especiais/80-anos-depois-os-espanhois-nao-esquecem-a-guerra-civil> / Acesso em: 20 dez. 2020.

DÍAZ FERNÁNDEZ, P. *La dictadura de Primo de Rivera: una oportunidad para la mujer*. Espacio Tiempo y Forma. Serie V, Historia Contemporánea, [S. l.], n. 17, 2005. DOI: 10.5944/etfv.17.2005.3118. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/view/3118>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DÍEZ FUENTES, José María. *República y Primer Franquismo: La Mujer Española entre el esplendor y la miseria 1930-1950*. Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social 3 (1995): 23-40.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres en Occidente: El siglo XX*. Tomo V. Trad. de Marco Aurelio Galmarini, Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A., 2000.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Trad. Ciro Mioranza. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2005.

ESPAÑA. Decreto 3096/1973, de 14 de septiembre, por el que se publica el Código Penal, texto refundido conforme a la Ley 44/1971, de 15 de noviembre. Ministério de Justicia. Boletín Oficial del Estado. Madrid, Comunidad de Madrid, «BOE» núm. 297, de 12 de diciembre de 1973, páginas 24004 a 24018 (15 págs.). Disponível em: <<https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-1973-1715>>. Acesso em 31 mar. 2023.

- ESPIGADO TOCINO, María de la Gloria et al. *El analfabetismo en España*. Un estudio a través del censo de población de 1877. 1990.
- EVANS, Richard J. *Las feministas: los movimientos de emancipación de la mujer en Europa, América y Australasia, 1840-1920*. Trad. Bárbara Mcshane; Javier Alfaya. Madrid: Siglo Veintiuno, 1980.
- FALANGE ESPAÑOLA DE LAS JONS. Disponível em: <<https://falange.es/>>. Acesso em 25 jul. 2023.
- FERREIRA, Antonio Sérgio. *Relações entre literatura x história*. Rio de Janeiro: Semar, 2010.
- FERRER, Alejandro Tiana. *Maestros, misioneros y militantes*. La educación de la clase obrera madrileña, 1898-1917, Madrid, CIDE, 1992.
- FERRER, Alejandro Tiana. *Las Misiones Pedagógicas - Educación popular en la Segunda República*. Madrid: Catarata. 2016.
- FESP-UGT. *La Institución Libre de Enseñanza*. La Escuela de la República. Disponível em: <<http://laescueladelarepublica.es/antecedentes/la-institucion-libre-de-ensenanza/>>. Acesso em 21 ago. 2018.
- FIGUEIREDO, A. C. C. *Os lutos da mulher diante da infidelidade conjugal*. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Programa de Estudos em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 146. 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15321>>. Acesso em 02 agos. 2023.
- FIN, Thais Caroline; PORTELLA, Marilene Rodrigues; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. *Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 20, p. 74-84, 2017.
- GABRIEL FERNÁNDEZ, Narciso de et al. *Alfabetización y escolarización en España (1887-1950)*. Revista de educación, 1997.
- GIOVANNI, C. et al. *Cultura obrera y prensa anarquista: radiografía de Guerra di Classe, plataforma de los anarquistas italianos durante la Guerra Civil en Catalunya, 1936-1938*. Cercles: revista d'història cultural, p. 150-185, 2005.
- GUARNIERI, Milena Neri et al. *Um estudo sobre a traição amorosa e a resiliência na perspectiva da psicologia analítica*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Programa de Estudos em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 100. 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19171>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

GUTIÉRREZ, Fernando Collantes. *Las disparidades educativas en la España rural contemporánea, 1860-2000: un análisis comparado de las comarcas montañosas*. Revista de Demografía Histórica-Journal of Iberoamerican Population Studies, v. 22, n. 2, p. 15-52, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter, São Paulo: Vértice, 1990.

HANCOCK, Jaime Rubio. *Quando os refugiados eram os espanhóis fugindo da Guerra Civil*. Muitas pessoas estão comparando nas redes sociais a atual situação dos refugiados sírios com a vivida pelos espanhóis durante a Guerra Civil. El País. Espanha, 05 set. 2015. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/25/internacional/1440511017_879100.html>. Acesso em 01 ago. 2023.

JACKSON, Gabriel. *A República Espanhola e a Guerra Civil 1931-1939*. VI. Trad. Luís Ardisson Pereira. 3ª ed. Editora: Europa-América, 1973.

KIRKPATRICK, Susan. *Mujer, modernismo y vanguardia en España: 1898-1931*. Universitat de València, 2003.

LA GENERACIÓN DEL 27: CARACTERÍSTICAS, AUTORES Y OBRAS ESENCIALES. Gobierno de Canarias, 2015. Disponível em: <<https://www3.gobiernodecanarias.org/medusa/ecoblog/oaloper/files/2015/11/Generacion-del-27.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2023.

LACAN, J. *O estágio do espelho como formador da função do eu (1949)*. In: Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 96-103.

LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. 2º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LUENGO, Ana. *La encrucijada de la memoria*. Berlin: Edition Tranvía, 2012. p. 14.

LUQUIN CALVO, Andrea. *El espacio, la palabra, el nombre: identidad y destierro en el exilio español de 1939*. In: RODRÍGUEZ, Beatriz C.; FERNÁNDEZ, Laura L.; BOWRON, Tim. *Exilio e identidad en el mundo hispánico: reflexiones y representaciones*, 2012, p. 373-399. Biblioteca virtual Miguel de Cervantes, 2012.

MÍNGUEZ BLASCO, Raúl. *La paradoja católica ante la modernidad: modelos de feminidad y mujeres católicas en España (1851-1874)*. 2014. Tese (Doutorado em História Contemporânea) – Facultad de Geografía e Historia Departamento de Historia Contemporânea, Valencia, 2014.

- MORAIS, Sandra Cristina Fernandes. *Perspectivas femininas da guerra em Mujeres de Negro, de Josefina Aldecoa, e as Taças da Ira, de Helena Rainha Coelho*. Dissertação (Mestrado) - Estudos Ibéricos, Universidade da Beira Interior Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010. Disponível em: <https://catalogo.ubi.pt/cgi-bin/koha/opac-search.pl?idx=&q=Perspectivas+Femininas+da+Guerra+em+Mujeres+de+Negro%2C+de+Josefina+Aldecoa%2C+e+As+Ta%C3%A7as+da+Ira%2C+de+Helena+Rainha+Coelho&limit=&weight_search=1>. Acesso em 20 jul. 2023.
- MORAIS, Fernando. *Olga - A Vida De Olga Benario Prestes, Judia Comunista Entregue A Hitler Pelo Governo Vargas*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.
- NASCIMENTO, Andréa. *Espelho - Reflexo, Contemplação, Percepção e Reconhecimento*. Quando a mulher negra descobre a beleza de sua existência. CPDEL UFRJ. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <<https://cpdel.ifcs.ufrj.br/espelho-reflexo-contemplacao-percepcao-e-reconhecimento-quando-a-mulher-negra-descobre-a-beleza-de-sua-existencia/>>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- NASH, Mary. *Rojas: Las mujeres republicanas en la guerra civil*. Trad. Irene Cifuentes, 2ª ed., Madrid: Taurus, 1999.
- NETO, Eugênio Fachini. *Code civil francês: gênese e difusão de um modelo*. Revista de Informação Legislativa, 2013.
- NIGRO, C. M. C.; CHATAGNIER, J.; LARANJA, M. R. da R. *O estupro sob a ótica feminina: violência de gênero na literatura*. Afluentes: Revista de Letras e Linguística, São Luís, p. 141–159, 2017. Disponível em: <<https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/7027>>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- NÚÑEZ, María Gloria. *Políticas de igualdad entre varones y mujeres en la segunda república española*. Espacio, Tiempo y Forma, Serie V, H. Contemporánea, t. 11, 1998, págs. 393-445. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/view/2957>> Acesso em: 20 ago. 2018.
- OLIVEIRA, João. *Grupo de ONG expone la situación de las mujeres de Guinea Ecuatorial*. Notícias. Disponível em: <<https://aprofort.transparencia.pt/es/grupo-de-ong-expone-la-situacion-de-las-mujeres-de-guinea-ecuatorial/>>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- PEREIRA, Maria do Rosário Alves; ARRUDA, Aline Alves. *O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea*. Revista Criação & Crítica, n. 29, p. 145-160, 2021.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

- PIMENTEL, Irene; TAMZALI, Wassyla. *As mulheres na história e nas histórias*. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, n. 32, p. 125-132, 2014.
- PLAZA, Ana Martín. *Las leyes del aborto en España: de la ley de supuestos de 1985 a la de plazos de 2010*. RTVE. 18 de febrero 2015. Notícias. Disponível em: <<https://www.rtve.es/noticias/20150218/leyes-del-aborto-espana-ley-supuestos-1985-plazos-210/828240.shtml>>. Acesso em 27 jul. 2023.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: Acesso: 29/out/2018.
- PRADAS BAENA, María Amalia. *Teresa Claramunt: la virgen roja barcelonesa: biografía y escritos*. Barcelona: LA LLEVIR-VIRUS. 2006.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- REVISTA REAL EQUATORIAL GUINEA. *Guinea Ecuatorial ya cuenta con su primer Código Penal propio*. 2022. Disponível em: <<https://realequatorialguinea.com/destacado/politica/guinea-ecuatorial-ya-cuenta-con-su-prim-er-codigo-penal-propio/>>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- RUBIO, Gloria A. Franco et al. *Los orígenes del sufragismo en España*. Espacio Tiempo y Forma. Serie V, Historia Contemporánea, n. 16, 2004.
- SAID, *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SALOMÓN CHÉLIZ, María Pilar. *Beatas sojuzgadas por el clero: la imagen de las mujeres en el discurso anticlerical en la España del primer tercio del siglo XX*. Feminismo/s, n. 2 (dic. 2003); pp. 41-58, 2003.
- SÁNCHEZ, Enrique Martínez-Salanova. *Francisco Ferrer i Guardia - Cine y educación*. Acesso em 21 ago. 2018.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psicologia clínica 20.1, 2008 (PDF).
- SIMÓN, Ana Iris. *La dictadura franquista rapaba y daba laxantes a las mujeres para pasearlas en público*. La humillación pública como castigo ejemplarizante fue una constante. 29 oct. 2019. Article. Disponível em: <<https://www.vice.com/es/article/gyz3kw/mujeres-rapadas-franquismo-guerra-civil-historia>>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- SOUZA, Danuza Effegem de; KOSOVSKI, Giselle Falbo. *Mulheres e Espelhos: a Devastação e o irrepresentável no corpo feminino*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 30, p. 166-172, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Buenos Aires: Paidós. 2000.

VAGGIONE, Juan Marco. *A religião e a política no tempo dos direitos sexuais e reprodutivos*. In.: ROSADO, Maria José (ORG). *Gênero, feminismo e religião: sobre um campo em constituição*. Rio de Janeiro : Garamond, 2015.

VARGAS, Sofia. *La Movida Madrileña: el movimiento contracultural que liberó a la juventud española*. 22 mar. 2021. Historia. Disponível em: <<https://mymodernmet.com/es/movida-madrilena/>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

VÁZQUEZ DE PRADA, Mercedes. *Para una historia de la familia española en el siglo XX*. *Memoria y civilización* 8, 115-170. 2005. ISSN : 1139-0107. Editorial: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra. Disponível em: <<https://dadun.unav.edu/handle/10171/17678>>. Acesso em 20 mai. 2023.